

Mário Pazcheco

10.000
dias de rock

Brasília-DF, 1980-2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

10 mil dias de rock : tipo .

– Brasília : Do Próprio Bol\$, 2014.

111 p. : il.

1. Tipo. I. Título: 10 mil dias de rock II.

CDU 82-1(81)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Mono Mono CRB1 - 0000

Direitos exclusivos desta edição reservados a Do Próprio Bol\$

www.dopropriobolso.com.br

Revisão do texto Luís E. da Silva

Projeto Gráfico Diagramação Hugo Pereira

© **Fotos da capa**

Ivaldo Cavalcante

Produtora

Zanza Meneses

Fellipe CDC – E a ideia de “Do Próprio Bol\$o”, quando nasceu? Como está o site?

Pazcheco – Um dia eu saquei que tudo vinha Do Próprio Bol\$o! Agora o editor sênior do site é o Celso Barbieri (afamado mestre do rock paulista). Outro colaborador porreta é o Paulão de Varadero (Rádio Câmara). O site é considerado, consultado e vistoriado. É tudo que eu faço, é a minha vida, e não vou ficar nessa sempre.

Jornalistas

- Alex Luiz
- Aloysio Reis
- Ana Maria Bahian
- Anand Rao
- Anita M. Walters
- Bernardo Scartezini
- Carlos MarceloÉzio Pires
- Carlos Tavares
- Fernando Molina
- Gabriel de Sá
- Harry Laus
- Irlam Rocha Lima
- Ivany Neiva
- J. Caribé
- Júlio Barroso
- José Carlos Vieira
- Karl Dallas
- Luiz Carlos Mansur
- Manel Henriques
- Márcia Lins
- Mário Eugênio
- Mário Quintana
- Nahima Maciel
- Okki de Sousa
- Oscar Musibay
- Otávio Rodrigues
- Paulo Pestana
- Pedro Brandt
- Rodrigo Leitão
- Rogério Menezes
- Tiago Faria
- Walter Sebastião
- Wanderley Lopes

© Fotografias

- Ana Luíza Meneses
- Daniel Ferreira
- Edilson Rodrigues
- Grace Lagôa
- Itagiba Macedo
- Ivaldo Cavalcante
- Jefferson Rudy
- Júlio Fernandes
- Léo Saraiva
- Luís Alves
- Lya Lilith
- Marcelo Dischinger
- Márcio Di Pietro
- Marcus Ottony
- Marcus Valdetaro
- Maria Cristina
- Marta Benévolo
- Mino Pedrosa
- Nice Pontes
- Renato Araújo
- Renato Costa
- Révero Frank
- Sandro Alves Silveira
- Sueli Saraiva
- Tânia Maria de Paula Lopes
- Virgílio Stefanin
- Welber Lume
- Wilson Pedro
- Zeca Ribeiro

Arquivos consultados

Eliane • Joani • Léo Saraiva • Lincon Lacerda • Mônica Sebba • Ricardo Lima Rolando Castello Jr. • Sandro Alves Silveira • Sindicato do Reggae de Brasília Marcão “Isca de Polícia”

Sumário

Tristeval de Brasília do mau cinema brasileiro.....	
Fanzine, a revista do fã.....	9
1. “No Cruzeiro, meu primeiro contato com o som pesado” (1980).....	15
O livro inédito do Mel da Terra é o verdadeiro achado sobre o rock Brasília...24	
2. <i>Rock Cerrado</i> , o festival de rock do Centro-Oeste (1981).....	34
3. Os 32 anos de luta do Sindicato do Reggae de Brasília (1982).....	44
Os 32 anos da Legião Urbana.....	60
A origem não tão secreta do movimento invisível.....	77
4. Cazuza não mostrou o pau, mas nós vimos seus bagos (1983).....	95
Ozzy Osbourne: o feiticeiro vodú do ritmo do diabo.....	97
5. UVA: memórias de 30 anos atrás (1984).....	105
Entre extremos e extrema-unção.....	114
Conhecendo, o guitarrista Feijão.....	128
Aloísio Batata: o transe de um ator do 3.º Mundo.....	140
Relembrando Robson Graia.....	147
6. Quando a sorte te solta Marco Antônio Araújo na noite! (1985).....	153
7. Dez anos sem Keith Relf (1986).....	178
Promoção New-rock premia felizardos	188
8. Cássia Eller: do Bom Demais, à Concha e à Sala Funarte (1987).....	190
9. Akneton e Marciano Sodomita: Conexões com a estratosfera de Brasília (1988).....	204
10. Conic, casa dos mártires e dos boêmios errantes.....	230
Wanderley Lopes por ele mesmo.....	242
11. Arnaldo & Patrulha do Espaço e Raul Seixas: o pesadelo múltiplo e a	

lucidez da loucura (1989-1992).....	244
Entrevista com Arnaldo Baptista.....	249
Livro <i>Balada do Louco</i> – Arnaldo Baptista do desengano em direção à vida.....	264
No estúdio com a Patrulha do Espaço.....	276
Patrulha do Espaço: uma banda que senega a ser enterrada!.....	287
12. Contos do Canil (1993-1995).....	293
Esclarecendo a Festa da Banana.....	308
Contos de Jorge Vigarista.....	323
<i>Aventura sem Dublê</i>	330
Antônio Peticov, capitão da nave espacial do Arnaldo (1996).....	333
Banda Nata Violeta grava CD.....	335
<i>Lapso</i> (1997).....	345
<i>Revista Psicodélica</i> (1998).....	352
CD <i>Onde é que está o meu rock'n'roll?</i> (1999).....	361
13. Paulo Iolovitch, O Primeiro Pintor pop do Brasil! (2000-2012).....	382
Renato Matos – qualquer coisa pós-geração moderna.....	390
Pranto para Vandrê, Glauber e Manduka.....	393
Cécé guitarrista beat.....	397
Algumas... insurgências culturais do Guará.....	416
Ary Pára-raios – O Palhaço.....	448
Acauã cantou para Pezão.....	451
Poetas se foram: Mangueira Diniz e Paulo Tovar.....	459
Blues para Wilson Brother e Jesus Pingo.....	471
A pauta do Movimento Invisível.....	479

TRISTEVAL DE BRASÍLIA DO MAU CINEMA BRASILEIRO

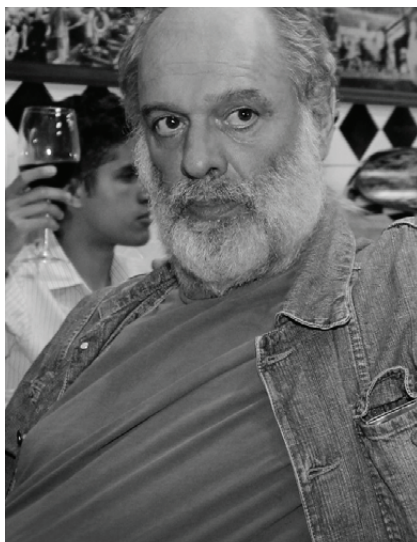


Foto Marcelo Dischinger

Depoimento de Jota Pingo.

Jornalista e ator, Jota Pingo escreveu um artigo com este título, convidado por Glauber para fazer um papel em *A Idade da Terra*. Jota Pingo foi internado para tratamento psiquiátrico, e o filme rolou enquanto ele estava em cana na clínica. A sua não-participação deixou-o na época bastante frustrado, “porque era interessante ter na biografia da gente feito um filme com o Glauber, mas não aconteceu comigo”...

Eu tive pouco contato com Glauber, fui amigo dele no Rio de Janeiro. A gente saía junto na época em que a irmã dele teve aquele acidente, e ele estava muito indignado, e então fazia uns discursos bastante rancorosos, até em relação à vida e às pessoas.

Era um negócio pessoal, de um amor muito grande por uma pessoa que ele adorava; aliás, não era só ele, a Anecyr era uma pessoa adorável, todo mundo a amava profundamente. Ela era um amor de pessoa. A dor dele era pessoal, assim de amor, de paixão, inclusive no discurso dele eu achei até que ele foi um pouco injusto, pois ele achava que o Walter Lima Júnior tinha algum tipo de influência nesse negócio, e realmente o Walter não tinha nada a ver com isso, mas na época ele estava muito perturbado.

Depois nós voltamos a nos encontrar, aqui em Brasília, naquele festival (25 de setembro de 1979) em que ele veio e fez aquela bagunça toda, e eu dei uma ajuda para ele, baguncei junto com ele. Meu contato com ele foi só esse.

Fui ao Hotel Nacional encontrá-lo, e aí ele começou a fazer o discurso, lá dentro do saguão do hotel, e começou a gritar e a esbravejar, e eu fiquei ao lado dele. O pessoal se afastou, a maioria dos cineastas que estavam lá deixaram-no sozinho, gritando, porque todo mundo estava lá de certa maneira se aproveitando das benesses de estar participando de um festival de cinema, com a mordomia toda que Brasília oferecia.

Eu fiquei do lado dele porque eu sempre gostei de bagunça, então fiquei junto. Enquanto ele esbravejava, esbravejei junto; ele falava uma coisa, eu dava força, e falávamos outras coisas juntos.

Aquilo era uma indignação política, uma indignação ética, estética, contra os rumos que a cultura brasileira tomava, e em particular o cinema, do qual ele era o grande inovador.

Glauber apareceu para dar porrada em Brasília: justiceiro maluco. Ele estava maravilhoso, cheio de vida, ele estava doido como sempre foi, ele estava cheio de vitalidade, gritava e falava alto.

Depois do Hotel Nacional, nós saímos de lá e fomos juntos para o Festival de Cinema, e lá ele fez outro escândalo...

Só participei por gosto pessoal, era a volúpia da transgressão e da bagunça, que sempre fez parte do meu prazer, da minha necessidade vital mesmo.

FANZINE, A REVISTA DO FÃ

Os fanzines são os órgãos oficiais da comunicação e divulgação dos fãs-clubes, ligados intimamente a grupos ou artistas. Fanzine é um neologismo criado da contração de fan's magazine, ou fanatical spectator's. Significa “revista do fã”, e rapidamente se populariza na redução zine.

É um canal de comunicação que nasceu da necessidade de abrir caminho para a troca imediata de informações específicas, as que não são veiculadas pela tradicional imprensa, mas que interessam a um grupo de pessoas, pois cultuam a paixão por um esporte, o skate, uma banda, ou os quadrinhos. Também temas importantes são veiculados, a ecologia, manifestos apresentados através de colagens, poesias que influenciam a mídia - com suas informações apaixonadas e bem informadas. Antigamente, o grande barato era a Revista do Rádio, e os fãs-clubes dos ídolos da rádio. Com a chegada de Elvis Presley e os Beatles, os roqueiros começaram a debater entre si e a trocar correspondência.

As dificuldades de manter uma publicação são inúmeras, e começam a partir da necessidade de um bom troco, para comprar os selos e acompanhar as revistas e livros importados, mas o principal de tudo continua sendo tempo e dedicação. A tiragem varia de edição para edição, pode aumentar ou originar uma segunda edição (para um número esgotado). A tendência é de aumentar de número para número, pois com a rápida divulgação torna-se necessária uma maior, e aí começam os problemas financeiros – para custear a tiragem. Ainda assim, pode mudar de nome e formato, ou quem sabe vir na forma tabloide, chegar mensalmente às bancas, como revista, ou mesmo quem sabe ficar apenas no primeiro exemplar. A certeza é que sempre haverá um novo número, e que a cada dia nascem novas publicações no planeta que preenchem o vazio das mídias e quebram a monotonia das já tradicionais folhas.

A distribuição é gratuita, ou é cobrado um preço simbólico, que não custeia as despesas de impressão. Geralmente são impressas em off set, mais baratas, ou fotocópias, e seguem despachados pelos Correios, na postagem “impresso”.



Fanzine Rock'n'Roll News n.º 18 – fev. / 1989 – Edição Especial Arnaldo Baptista, a colaboração psicodélica do letrero de Edvar Ribeiro

No Brasil, com a morte de Lennon, em 1980, surgiram vários fanzines dedicados aos Beatles, que dominavam a cena, e com o advento do “faça você mesmo” e o boom das bandas brasileiras proliferaram novos zines, com cada vez maior penetração e, acima de tudo, o menor custo de divulgar a própria ideia. Em Brasília, um pioneiro dos fanzines nasceu nas ruas do Guará. Chamava-se Jornal do Rock. Hoje existem os tabloides Delêcto Crudélis, Subskatezine, e, dedicados ao metal, o Metal Blood e o novato Hemorragia Cerebral. E mais outros há.

Nem só de rock vivem os zines. Em suas páginas, podemos encontrar quadrinhos, charges, mail-arts, e recursos gráficos incrementados em computadores, que evoluem para os chamados graphizines.

O fanzine serve de escola, e muita gente boa começou neles. Ali se desenvolvem projetos futuros, como livros, divulgação de desenhos, que acabam em revistas ou jornais, que encurtam o caminho entre a idealização e a obra impressa.

Fellipe CDC entrevista Pazcheco para o Zine Oficial

Várias perguntas em uma. Vamos lá! Por que começou a editar fanzine? Quando editou o seu primeiro impresso marginal, e qual o nome dele? Ainda tem uma cópia?

Tenho originais de tudo que realizei! Toneladas de arquivos! Guardei tudo o que toquei e guardei, absolutamente tudo que vi, li, ganhei. O primeiro zine (The Beatles Oldies but Goldies) saiu em abril de 1982. Já o número três, como Jornal do Rock, chamou a atenção do programa de TV Som Pop, dos jornais locais e do Renato Manfredini.



Quantos fanzines editou em sua vida, antes de chegar aos seus livros? Quanto tempo, em média, durou cada fanzine seu?

Fiz zines entre 1982-87, foram dezenove edições. A onda era trimestral. Quando tudo amargava, eu soltava uma edição, em meio ao show do Barão Vermelho, por exemplo, ou dava uma festa. Dei muita festa por aí. Pegava a Kombi do senhor Ivan (meu pai, e maior incentivador, e que me comprou muito disco). Ia na casa do JR e levava o som pra rolar na casa do Edvar. Divulguei discos do Motorhead, *A Nice Pair*, do Pink Floyd, Júpiter Maçã, Mopho... Todas essas bandas os caras ouviram lá em casa. Daniel Mattos (produtor) me passava os discos de heavy metal. Todo mundo, quando comprava um disco que não gostava, e queria trocá-lo, me procurava! Eu, Luís "Punk" (†), Ricardo Lima... Barbudos com carteira fichada, correndo atrás de vinis, e as mães dos garotões...

– Vocês não trabalham?

– Tamô de férias, dona Maria!

Olha, sei que o Rolldão Rock Halen o ajudou em um zine sobre o Black Sabbath. Foi um grande trabalho. Sei porque tenho um exemplar guardado, mas não lembro o nome, e não vou perder tempo procurando. Vou ser rápido como um bom gancho de direita: como era mesmo o nome do abençoada publicação, como descolavam as matérias e decidiam quais iam entrar?

Sleeping Village Sabbath Rock Club! Rolldão, além de patrocinador, era o impressor da parada, garantia uma excelente qualidade. Guilherme "Iommi", um grande colecionador de São Paulo, mandava as matérias, que eram traduzidas pelo Antônio Carlos e editadas, ou datilografadas, pelo Maurício Melo. Nas capas, vinham artistas fenomenais, tipo Rogério "Punk", William "Mancha", Pedro "Balla", Diogo. Esses se revezavam. Eu tinha mais amigos... Outro sócio que não pode ser esquecido é o Révero Frank: trabalhou nos fanzines desde o início, e me ajudou a trazer a Patrulha do Espaço! Até hoje ele e o Rogério "Punk" participam. 30 anos juntos! Mais tempo do que o meu casamento!!

O poeta Nicolas Behr era zineiro e lançou livros, você era zineiro e também lançou livros. O futuro de todo zineiro persistente é lançar livros?

Eu nunca fui da geração mimeógrafo, e sim da geração coca-cola. Nicolas Behr (que eu tenho um livrinho) não é parâmetro de produção alternativa. É mais um que se locupletou com essa onda de ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional, assim como filho de diplomata. Só é capaz de realizar um livro tendo sido zineiro. O cara mais absurdamente generoso e surreal é o Kleber da Da Anta Casa Editora do Antarquismo. O único anarquista que eu pus os olhos.

226-7351. C. 470 até 20 hs.

Motos

714 alq.
300 alq.
na Chác
(30).
is faze
12 F. 2

ristalina
/12. F: 2

-60, c/1
a 12, F: 2

orm. sé
de arren

MPRI

rocurar

erece se

ur de cria

to, de b
lote 08 sa

EÍCU

wage

one: 568

a gasoli

64, Migu

1 79, mo

563-4189

reço: 1.2

ito carro

asollna,

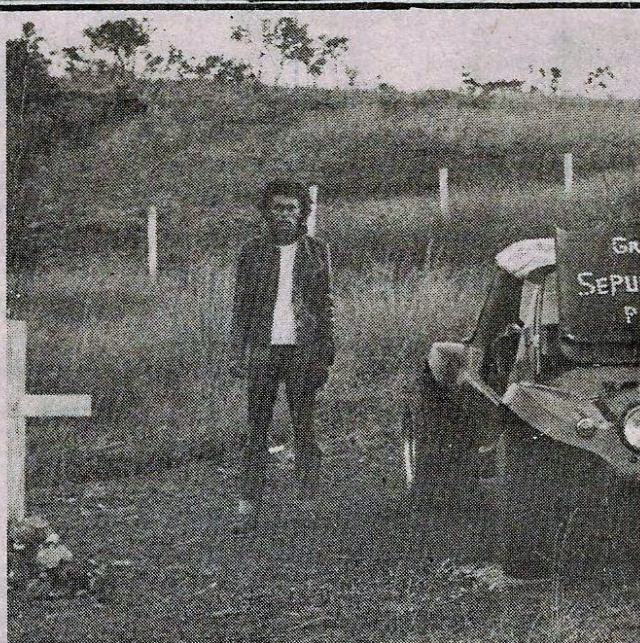
ol, ano 11

bom e

rd

966, cor

uatinga-



Pra lá de punk Nicolas Behr

Dia desses adentra à redação do CB um grupo de estranhos rapazes. Vêm à minha procura. Falam coisas (poucas) meio desconexas e batem em retirada, deixando algumas coisas escritas. Ai que fui perceber do que se tratava: o pessoal era integrante de um grupo punk.

Eis o recado deles: Sepultura. Um grupo punk, destrutivo, rituais dos mortos. Capaz de ameaçar o silêncio dos que dormem em suas sepulturas. Mas, tudo acabou. Era barra pesada, os pesadelos vinham ao

loucos. Demos um tempo, cada um foi para um lado. E com o tempo curamos a nossa paranóia. O grupo voltou, trouxemos o nome, porque não há como fugir dessa Sepultura e o símbolo da cruz. Tudo mais bonito, encontramos a pá. O grupo est^a formado, entra um novo vocal, louco, livre, espiritual, punk. Viemos para enterrar o ódio e o mal. Legal Nicolas. Não queremos mais seguir. Seremos o modelo a ser seguido. Esperem e fiquem por perto.

Ah! sim, quem manda o recado são: Izamar (vocal), Edmundo (guitarra). A dar

1

1980

**“NO CRUZEIRO, MEU PRIMEIRO CON-
TATO COM O SOM PESADO”**

1978. De Taguatinga para o Guará, no Distrito Federal, entre os amigos, eu divulgava os discos do Kiss.

1979. A eletricidade do Aborto Elétrico abre caminho e inspiração para várias bandas, que surgem nos colégios. Até então, grupo de rock com guitarra, só em revista e clipe de televisão.

1980. O rock estava morto. A ordem das gravadoras era tocar banjo, gaita e rabeca.

A Patrulha do Espaço (SP) e Tellah (DF) foram os primeiros grupos a lançar um LP independente de rock. Isto quer dizer que os discos não foram muito longe...

Em matéria de rock, remanescentes do meio musical dos anos 70, em atividade: Ligação Direta, Marciano Sodomita, Mel da Terra. Da música brasiliense popular: Rênio Quintas, Renato Matos, Toninho Maia, Beirão, Tonicesa Badu, Liga Tripa. Tudo, entre outros, claro.

Porque poderia ser injusto: as banda dos 70s – A Brisa, A Margem, A Nata, Biscoito Celeste, Carênciefativa, Grupo Saga (onde participou o falecido e glorioso ator Aloísio Batata), O Bueiro, O Portal, Sol Noturno – que não conseguiram passar para a década de 80!

Entre as poucas pessoas deste cenário, Serginho Pinheiro, vocalista do Mel da Terra, foi quem me trouxe informação importante sobre o rock dos anos 70, na cidade.

Da década de 70, somente o excelente progressivo Tellah e o jovial folk Mel da Terra conseguiram lançar discos, no início dos anos 80, e fizeram apresentações esporádicas.

Em 1980-81, eu tinha 16 anos. Estava no 2.º Grau Escolar. Nessa época, no Guará, a única tentativa de banda de rock que eu conheci foi o Rocha do Planalto. Era um grupo que ensaiava na garagem da casa do Zezé, na QE 36. O engraçado é que o vendedor de algodão doce, um carioca, às vezes sentava

no banquinho da bateria e tocava com eles. Na guitarra verde estava o Zezé; no contrabaixo, o Zenas de Oliveira (†); e de vez em quando, na guitarra solo, ou o Amarildo, ou o “Soneca”. Eles tinham algumas canções próprias, como “Muros de Sal” e “Formiguinha” – este um rock clássico, cuja autoria até hoje é disputada. – De repente, surgiu a grande chance de o Rocha do Planalto mostrar o rock’n’roll guaraense. Na quadra da Aruc - Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro, a popular e conhecidíssima escola de samba da cidade vizinha.

Na minha cabeça, o Rocha do Planalto era um grupo de roqueiros da pesada, em todos os sentidos: eles me mostraram a capa do disco *Meddle*, apontaram os braços do Roger Waters, e me disseram: Ele se aplica! – Eu menino cresci com medo da capa do disco. O trio Zenas, Zézé e Betinho ia tocando com quem pintasse, quem tivesse aparelhagem. Nessa época, tentaram ficar com a guitarra Giannini Stratocaster novinha do Sidney. A encrenca estourou lá em casa.

Ainda no Guará, vizinho do Rocha do Planalto, existia um grupamento roqueiro-ecológico chamado UVA, criado no início dos anos 1970. Uma variante das mais conhecidas do significado do acróstico foi “União dos Vagabundos Alcoólatras”, enquanto os seus integrantes preferiam “Única Visão do Amor”.

As tardes de domingos eram um tédio no Guará. Praticamente tudo na cidade era distante, e carro próprio era artigo de luxo, para poucos. Foi quando testemunhei um fenômeno de sinestesia: além de o Rocha do Planalto ir tocar na Aruc, o coletivo da UVA ia na cola!

Não sei como chegamos ao Cruzeiro, se de ônibus ou de carro. Mas o “Billy” pilotou sua Yamaha Tt 125 branca zerada.

Na Quadra da Aruc, a apresentação do Rocha do Planalto foi de mal a pior. A corda da guitarra do Zezé arrebentou. O Zenas, que não era baterista, atravessou..., e ninguém se entendeu. Cada um tocava para si. – De repente, o zumbido da Tt do “Billy”, que insistia em atrapalhar o som, ainda mais, silenciou: o motociclista não viu um poste de concreto tombado no solo, coberto pelo mato. Espetacularmente capotou, e foi atirado da moto! Seu irmão Pedro “Balla”, que assistia à apresentação do Rocha, gritou desesperado: Meu irmão!! – Corremos e pulamos o alambrado de tela verde em socorro ao nosso amigo. “Billy”, com o orgulho ferido, levantou-se, cheio de dores. Desempenou o guidon da moto e foi embora para o Guará. Mais tarde, ele nos disse: – Duro, duro mesmo, foi ficar debaixo do chuveiro. Todo esfolado.

Quando voltamos à Quadra da Aruc, encontramos o Sepultura, que apresentava a música “Paranoia”. Fiquei impressionado com a performance da plateia, e com Izamar, o vocalista. Ele usava uma blusa de crochê preta, com uma cruz branca, na altura do peito. E se impulsionava, saltava para o alto e caía ajoelhado, enquanto gritava ao microfone. – Um bêbado dançava, deixou a garrafa cair. Izamar cortou-se, enquanto recolhiam os cacos. – O desempenho do baterista era impressionante. Ivo, conhecido como “Vôvô”. Ele agitava e tocava rapidamente, e pesado. Usava um boné e se parecia com o vocalista do AC/DC. – No contrabaixo estava Robson, de longas botas. – Na guitarra com pedal, Eduardo. – Essa foi a única vez que vi o Sepultura ao vivo, apesar de anos depois conhecer melhor os integrantes. Esta apresentação me marcou para sempre, pois foi o meu primeiro encontro com o rock pesado, além dos discos. – Fomos para casa nos sentindo meio tristes, humilhados por causa da performance furiosa dos caras. Mas muito em breve o rock pesado de Brasília conheceria sua trinca de ouro: Fusão, Extremo e Nirvana. Desta feita, voltaríamos à Quadra da Aruc em melhores condições de apresentar um rock feito no Guará!

1980

- Abbie Hoffman entrega-se ao FBI, imaginando que o ódio nutrido pelo Sistema contra ele já haveria arrefecido. Foi preso pela última vez em 1987, por liderar um protesto contra a CIA.

17

16 janeiro

- O consumo de drogas de McCartney é tema de manchetes mundiais, quando ele é preso por dez dias, durante uma turnê pelo Japão, após encontrarem 225 gramas de maconha em sua bagagem.

29 março

- B. B. King – Ginásio Ibirapuera – São Paulo.

10 abril

- Registrava-se uma década sem os Beatles. Paul McCartney fazia sucesso com “Coming Up”, compacto extraído de seu solo *McCartney II*, música intimista, híbrida em nuances e ritmos. John Lennon vive no Dakota. Os jornais especulam sobre uma iminente reunião dos Beatles.

24 abr.

- Peter Tosh – Palácio das Convenções Anhembi – São Paulo.

Junho

- Carlos Vergara participa, ao lado de Antônio Dias, Anna Bella Geiger e

Paulo Roberto Leal, da 39.^a *Bienal de Veneza*. Apresenta um desenho de 20m de comprimento e 2 de altura; para o artista “uma espécie de catarse de desenho”, no qual parece encerrar seu trabalho de documentação do carnaval. O catálogo que acompanha sua participação traz texto de Hélio Oiticica.

- Pedro Escosteguy participa de exposição, na Galeria Jean Borghici – Rio de Janeiro, com Objeto Popular. Retorna a Porto Alegre. Encerra suas atividades médicas.

7 julho

- O Led Zeppelin apresenta-se no Eissporthalle, em Berlim, Alemanha. É a última apresentação ao vivo da banda. Com a morte de John Bonham, baterista pouco mais de dois meses depois.

22 outubro

- Peter Frampton – Ginásio do Ibirapuera – São Paulo.

Música

- *O polirrítmico Rogério Duprat*
- Arrigo Barnabé lança *Clara Crocodilo*.
- Patrulha do Espaço e Killing Joke lançam seus primeiros LPs.

2.º julho

- Bob Weir, Mickey Hart e o “*manager*” Danny Rifken, do Grateful Dead, são detidos por incitarem tumulto durante uma apresentação no San Diego Sports Arena, em San Diego, Califórnia, Estados Unidos; segundo a polícia, o objetivo teria sido obstruir a ação dos policiais, que procuravam drogas na plateia.
- O Grateful Dead faz, no final de 1980, oito concertos no New York’s Radio City Music Hall. As apresentações foram um grande sucesso de público, mas quase lhe valeram um processo de 1,2 milhões de dólares, movido pela gerência do Teatro. O processo foi arquivado graças à não-utilização de um videotape, onde apareciam comentários, a exemplo de: “Cuidado! A cocaína que está sendo vendida na sala de espera é uma mistura de naftalina com vidro!”.

Literatura

- José Paulo Paes lança *Resíduo*.

Teatro

- Luiz Carlos Maciel ganha *Jango, Uma Tragédia*, a única peça de Glauber Rocha, que o autor deu-lhe de presente – com uma típica justificativa: – Tu

és gaúcho, como Jango, e gostas de churrasco, como ele gostava; então pega e faz.

- *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Em dezembro. Sob o impacto do assassinato do ex-beatle John Lennon, com a direção musical de Renato Matos e o Grupo de Teatro Cabeças. De todos os seus espetáculos, o que Aloísio Batata mais gostava era esta peça. Ele interpretou o porco Napoleão, tirano, que dominava os bichos de uma granja. O espetáculo mostrou a todos o talento histriônico de Batata. Ele passou a ser para nós, espectadores brasileiros, o nosso Oscarito.

Artes

- Museu de Arte Moderna de Nova York, retrospectiva de Picasso.
- São Paulo. Diagnosticado como um agudo caso de esquizofrenia, o escritor e artista multimídia José Agrippino de Paula é encontrado a vagar pela Av. Angélica.

Filmes

- *A Idade da Terra* (Glauber Rocha. Originalmente deveria ser filmado na África, Ásia, América e Europa. Depois, apenas na América do Norte, em Nova Orleans, Califórnia, Chicago e Nova York. Longo filme barroco não-comercial, proposto junto com a Estética da Fome. Desdobra-se entre negros, camponeses, operários, políticos, revolucionários – os filhos do Terceiro Mundo. Novidade Barroco-épica, novo em enquadramento, som, interpretação e montagem – o épico de Brecht, no brabo barroco de Jorge Amado. Segue o romance da Bíblia – mas não Cristo mortis).
- Na Estrada da Vida (Nelson Pereira dos Santos).
- *Where The Buffalo Roam*. 100 min. Violentíssima crítica de Art Linson em cima do american way of life. A legenda engraçada é de Hunter S. Thompson, jornalista radical e famoso consumidor de álcool e drogas. Faz uma vista nostálgica dos anos 60 e início dos 70, e usufrui dos trabalhos deste famoso cult hero. Temas musicais originais de Neil Young, ao lado de desempenhos históricos de Hendrix (†) (“Purple Haze”, “All Along The Watchtower”), Bob Dylan (“Highway 61”), Creedence Clearwater (“Keep On Chooglin”) e Temptations (“Papa Was A Rolling Stone”).

Obituário

18 janeiro

- Cecil Beaton ficou solitário, semiparalítico e perdeu a memória. Greta Garbo foi visitá-lo pela última vez e, ao sair, deixou a assinatura no “Livro de Visitantes”. Um dos espectadores privilegiados do glamour do século XX.

19 março

- Hélio Oiticica viveu solitário seus últimos dias. Na última noite em que foi visto, o artista bebia cerveja sozinho na boate Dancing Day's, no Morro da Mangueira. Ao chegar ao seu apartamento, teve um derrame cerebral, que o paralisou. Durante três dias, ele tentou se arrastar pelos poucos metros que o separavam do telefone. Sua amiga Lygia Pape, estranhando a ausência prolongada do artista, foi ao apartamento e bateu na porta – sem obter qualquer resposta. Pela janela do vizinho, ela entrou na sala de Oiticica, que estava enrolado em suas próprias obras. Um projetor de slides iluminava seu rosto. Levado para fora do prédio, Hélio Oiticica pareceu recuperar-se. “Seu rosto iluminou-se quando ele viu a rua”, lembra Lygia Pape. No hospital, o artista ainda tentou falar com a amiga, mas não conseguiu. Entrou em coma, e morreu no dia seguinte, 19 de março de 1980. Oiticica foi enterrado no Cemitério de São João Batista. A bandeira da Mangueira cobria o caixão, e um surdo da Escola entoava o canto fúnebre em homenagem ao passista, companheiro de tantos carnavais.

O Hélio Oiticica morou um ano comigo em Nova Iorque. Em 1969, ou 70, veio de Londres e não tinha onde morar, aí ficou lá. No Brasil, a gente já tinha feito capas de parangolés, porque ele tinha assim uma profunda admiração por mim. Ele me abriu a cabeça para muitas possibilidades da participação do espectador. Então não era um artista ligado nessa coisa: ainda era um pintor, um artista gráfico. (...) Ele participou de uma importante exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York, a Information. Mas nunca conseguiu realizar nada além disso. Vivia das traduções que fazia. Nos seus últimos tempos lá, todo mundo sabe disso, fazia tráfico. Tanto que seu atelier foi invadido por um bando. Destruíram e arrasaram tudo. Ele foi se esconder noutra parte de Manhattan, virou um foragido. Sempre genial, mas quando o Hélio voltou de Nova Iorque, ninguém mais deu bola pra ele. O Hélio, coitadinho, vivia aqui meio doente, sempre dizendo: – Agora estou purificando meu nariz, pego ar puro da praia, estou até nadando. Mas a saúde já não era boa, e ninguém ia às suas manifestações, como a do Caju e a do Buraco Quente na Mangueira. Sempre fui a todas elas, mas e os outros? Sua morte foi um exemplo desse abandono. Depois de entrar pela janela da cozinha, Lygia Pape, amiga da vida inteira, encontrou-o desacordado atrás de um sofá. Ele teve um aneurisma e ficou dois dias desmaiado no chão. Como não teve

socorro imediato, acabou morrendo pouco depois. *Rubens Gerchman, em depoimento à revista Interview, dezembro 1994*

19 abril

- Bon Scott é encontrado morto dentro de um carro, em um estacionamento. Ele havia bebido muito, e não tinha comido nada. A bÍlis subiu pelo estô-mago e bloqueou a traqueia. Morreu com apenas 33 anos de idade.

18 maio

- Aos 23 anos, Ian Curtis é encontrado morto em sua casa, enforcado por uma corda utilizada como varal. O motivo provável para o suicídio é sua epilepsia, e convulsões cada vez mais constantes. Curtis falava obsessivamente da morte, a ponto de antecipar o próprio suicídio, em letras como “In A Lonely Place” (Um lugar de paz).

6 junho

- Morre seu Adamastor Bráulio Silva Rocha, pai de Glauber.
- Morre o escritor americano Henry Miller, nascido em 1891.

25 setembro

- John Bonham morre na casa de Jimmy Page. John tinha bebido cerca de 40 doses de vodka, em doze horas. Morreu sufocado pelo próprio vômito.

27 outubro

- John Graz, pintor ilustrador, decorador, escultor e artista gráfico; 1891 (Genebra, Suíça) – 12 de abril 1980 (São Paulo, SP).

7 dezembro

- Darby Crash, o vocalista punk dos The Germs, se mata aos 22 anos, com uma overdose intencional de heroína, mas sua morte ficou em segundo plano diante do assassinato de John Lennon, ocorrido no dia seguinte.

8 dez.

- *A música perde John Lennon*

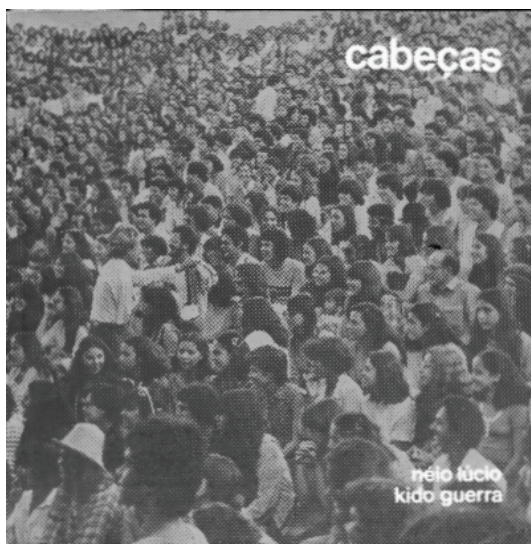
11 dez.

- *Psiquiatra acha que é caso de paranoia*

31 dez.

- Marshall McLuhan, teórico da comunicação que defendia a noção da “aldeia global”, (1911-1980).

O LIVRO INÉDITO DO MEL DA TERRA É O VERDADEIRO ACHADO SOBRE O ROCK BRASÍLIA



Livro Cabeças, de Néio Lúcio e Kido Guerra

“Isso só foi pra deixar a peteca cair um só segundo, O Mel mesclou baladas, rocks, frevos, deixando a mocidade com água na boca, com os pés em bolhas, com o coração em brasa. Um alô: O Mel começou a tocar nos concertos da 311, e foi crescendo, principalmente pela prática de shows nos mais diversos pontos da capital, e adjacências. Essa é uma receita boa para todos os grupos de música, teatro, dança, que querem ser mais que um tijolinho na página de serviço dos jornais do pedaço. O Mel malhou um rock esperto, com arranjos simples e originais. O mel do melhor. Vida longa a essa tropa, que encanta e seus males espanta!”

Pra falta de grana
Um concerto beleza
Cabeças não me
sai da cabeça

“Dando prosseguimento à solenidade, entrou um andarilho cantando *Quampérios*; entraram os poetas cantando suas musas; entrou o Renato cantando uma música. Renato e a toda-poderosa Banda Grande Circular, em traje de gala. Vai tocar bem assim em Liverpool, em Cuba, no Gama. Absolutamente soberba, com seu naipe de metais, digno das melhores orquestras do Caribe.

Aristides derretendo a guitarra torta fez a plateia uivar em ‘Taba’ e ‘Um Telefone é Muito Pouco’. Enfim, uma tremenda banda profissional numa terra de amadores. Dar seguimento é fundamental, marujada!”

Chacal – Correio Braziliense 9 dez. / 1980 – quando o Brasil acordou de um pesadelo, John Lennon havia sido assassinado há poucas horas.

Mel da Terra: a coragem de crescer

Fim da década de 70, aurora dos anos 80. Espalham-se festivais de música por colégios particulares e públicos pelas satélites de Brasília.

No Guará, na praça comunitária da QE 4, acontece o *Primeiro Encontro de Músicos do Guará*. A sigla EMG inspira a óbvia paródia fascista: “encontro de maconheiros”. Sucesso de público, o festival foi expandido para o Teatro de Arena do Cave.

Fazia parte da essência do festival a participação de músicos amadores da cidade satélite. Lincoln, violonista do Grupo Essência, produzia o som de palco, onde o Mel da Terra pisou, e foi nosso primeiro contato. O primeiro EMG era acústico.

Em realizações posteriores, ficará mais pesado, com a participação de bandas de hard rock cantando em português, material próprio. Fusão, Extremo.

Nossa Geração, nascida em 64, é personagem do livro *Mel da Terra/Diário de uma banda de rock de Brasília*.

Uma excelente reportagem de memória musical, que cobre o período de 1978 a 1982.

Novos caminhos e horizontes são apresentados pelo pessoal da UVA, e quase sempre aconteciam com as apresentações do quinteto Mel da Terra.

– Hoje tem show do Mel!! Avisa!!!

Narcisa Oliveira. E lá seguia nosso séquito... – É incrível saber hoje que assistimos à banda nas mágicas apresentações de 1981, no *Rock Cerrado* e no *Ginga Brasil*, e inclusive o efusivo batismo do guitarrista Haroldinho Mattos, que pisava no palco para tocar com a banda pela primeira vez.

Aconteciam festivais diferentes, como o Hare Krishna, com suporte musical variado de percussão e muita gente colorida. Ao dichavar, impregnava-se o ar com o aroma doce da erva.

Esses são retratos que vão perdurar pela nossa vida toda, como aconteceu em “Penny Lane”.

O som ao vivo do Mel da Terra fluía em corrente. Ligava os cérebros em comumhão. Consagrava o estilo jovem de pegar carona e ir para longe, para se pegar à natureza.

Nossa índole era para longos rolés alternativos de ‘camelo’ (bicicleta), ou em motos, para acampamentos, igual às visitas que fazíamos à maravilhosa queda do Poço Azul



Guitarra in concert, só no Ginga Brasil – com o 14 Bis e o instrumental do Ponte Aérea

Os deveres civis estavam no pacote, jurar a bandeira, começar o terceiro grau – a eterna dívida aos nossos esforçados formadores e educadores, que entenderam a nossa necessidade de expressão.

Escrever sobre a Música Popular de Brasília é desafiador. Este tema cai dos ares no original inédito *Mel da Terra/Diário de uma banda de rock de Brasília*, escrito por Paulo Maciel Tôrres, que nos faz mergulhar naquela vida que vivemos e em seguida correr atrás de velhos manuais, recortes de jornal, as parcas fotos pessoais, queridas lembranças...

Na Escola Parque 308 Sul – 1982

“Tocamos as três primeiras músicas e o teatro parecia que ia desabar. Todo

mundo dançando e cantando com a gente. Quando começamos a tocar 'Estrela Cadente', me bateu um sentimento muito forte, algo me dizia que dali em diante seria tudo diferente, algo mudaria para sempre a minha vida e da banda. O público cantou em coro a música inteira, eu mal conseguia colocar os dedos nas notas certas; comecei a chorar muito no palco. O Sérgio olhava para mim com uma cara espantada, tentando descobrir o que o se passava. Pedia para eu segurar a barra, mas não dava, era uma emoção muito grande ver todas aquelas pessoas cantando minha música. Eu realizava um sonho, e ele estava bem ali a minha frente."

Mel da Terra/Diário de uma banda de rock de Brasília, livro inédito de Paulo Maciel Tôrres, baixista da banda

É um relato corajoso, e necessário. Quem sabe o livro defina o rumo de novas publicações sobre arte e cultura em Brasília nos últimos 30 anos!

A inocência é o fio condutor da narrativa, espelhada na tensão familiar da nossa geração. O corte epistemológico é um feliz retrato da multidão – num período cronológico mágico, 1978 a 1982!

A maioria dos livros de rock escritos no Brasil versam sobre interesses narrados por vários pares de olhos e mãos. Nessa literatura rock, feita de coragem e excessos, o termo tour de force pode ser corretamente utilizado.

Hoje, aos 50 anos, vejo com outros olhos, novos olhos, o problema das drogas – que dizimou boa parte dos talentos da nossa geração – e, também da que a antecedeu, dos ídolos dos anos 60.

Por atualidade e necessidade, destaca-se o último capítulo, que aborda livremente a questão das drogas – sem o circunloquialismo e a caretice conservadora, tão frequentes quando se a trata, mas de modo a relatar a lenta agonia que rola, em que a luz interior do artista brilha... e revela... justo em cima do palco... que ele tem que partir, que deve tomar outros desafios, que será finalmente bem-sucedido.

Paulo Maciel participou de toda a história do Mel da Terra, do começo ao fim, até 1984. O livro cobre a trajetória até a banda ir para São Paulo gravar o disco.

Som do Mel
na Funarte

Depois de amarrar sucesso em seu primeiro show-solo, no Teatro Garagem (julho último) e mais recentemente, no Teatro Galpão, com o Arvore Frutífera, o grupo Mel da Terra volta a se apresentar, de sexta-feira a domingo próximos, na Sala Funarte. Excelente oportunidade para ver/ouvir novamente, Paulinho, Paulo, Sérgio, Remy e Beto, na minha opinião, responsáveis pelo que de melhor surgiu, em 80, na música candonga: o Som do Mel.

CBS que o Mel da

Comêça a repercutir, além-fronteiras, o sucesso obtido pelo grupo Mel da Terra, em seu recente show, realizado no Teatro Garagem. Convites para apresentação fora de Brasília começam a pinar e é muito provável que no segundo semestre outras cidades venham a curtir o som da garotada.

O sinal mais evidente da repercussão do trabalho do

Foto: Ilagiba Macedo



MEL DA TERRA - Um
novos conjuntos da nova safra musical da cidade, com u buldas jovens e líricas. No pto, às 21 horas. Último d

fluyente executivo dessa gravadora, Paulinho (guitarra/ flauta/ violão/vocal), Paulo (baixo), Remy (teclados), Beto (bateria). Sérgio (vocal) entraram ontem no estúdio da Gravassom, para transar uma fita que será enviada imediatamente à CBS. Pra quem está iniciando carreira, o Mel da Terra vai indo de vento em popa.

Som do Mel no Galpão

Um trabalho mais amadurecido, mais armônico, mas sem perder a força, o impacto e o colorido inicial é o que está mostrando o Mel da Terra, desde ontem, no Teatro Galpão. É o show Arvore Frutífera, que fica em cartaz até amanhã, no horário das 9 da noite.

«Sem se aterem a ritmos ou fórmulas, Paulo Mactel (aíxo), Sérgio Pl-nheiro (guitarra/vocal), Paulo Mat-tos (flauta/vocal), Remy Ramos (te-clados) e Beto Escalante (bateria) fa-zem um som em que podem ser detec-tados elementos diversos que os in-fluenciaram - do jazz ao baião, dos Beatles à Cor do Som.



Em 2011-2012, a formação original do Mel da Terra, com uma vertente progressista, abrilhantou o Ferroco e O Cabeças Especial, e também gravou novo disco

Rênio Quintas pelo Facebook

A esclarecedora entrevista do maestro Rênio Quintas pode gerar polêmicas, mas também jogar luzes, após 30 anos da formação do fenômeno rock Brasília. Todos podemos nos contaminar com os termos da mídia, e nos esquecermos das referências iniciais.

Você vendeu algum instrumento para o Mel da Terra, no início da carreira deles?

Sim. Um baixo Diamond preto; meu xodó!

80 dólares?

Na verdade, nem me lembro, “véia”; acho que tinha uma gambira no meio...

Você tocava nele?

Toquei nele, claro. Eu era baixista, violonista e pianista de todas as bandas em que toquei! Época anterior à Banda Porão, antes do Cafofo.

Gianinni?

Era.

Já no início da carreira do Renato Matos, ele era conhecido como cantor de reggae?

Sim, já tinha uma veia reggueira, sim. Mas não era exclusivamente reggae, não! Viajava com uma levada meio funk, já uma mistura. Na verdade, era um garoto compositor da Bahia, que chegou na city. Na época, tinha um guitarrista da pesada, você se lembra dele, o Ari Mendes? Eles se juntaram e fizeram a Banda Grande Circular!

Ari Mendes = Ney Matogrosso?

Exato, depois ele foi com o Ney...

Um recorte: nós mais novos, que não conhecíamos os punks na intimidade, nos referíamos a eles como “punks do Lago”; o pessoal do Plano Piloto chamava os punks de “punks de boutique”?

A gente na real não chamava de punks de nada, não tínhamos esse olhar de rótulos, a gente era muito livre.

Punks da capital?

Na boa, “véia”, eram os garotos do rock’n’roll pra nós. Nossa sala no Edifício Rádio Center era a central. Passaram por lá Legião, Plebe, Capital, aqueles negões do Vida é alegria vida é prazer vida é a luz do dia... Obina Shock! Nós fizemos som pra XXX, Escola de Escândalo e Finis Africae.



Aristides Marques Mendes

Mesmo no Plano Piloto, os músicos não tinham como comprar roupas em butiques, e as roupas dos punks eram compradas em butiques e massacradas, por isto, músicos de Brasília da sua geração se referiam a eles como “punks de butique”...

Que tchurma! Eu me lembro disso, mas quem viajava nessa não eram músicos, eram jornalistas de moda. Pra nós, eram os meninos do rock’n’roll; não eram nem do Ska nem do Punk nem do Reggae. A gente era uma tribo só naquela nau artimanhosa.

Tocaram juntos punks mpbsb e heavies?

Sim todos juntos nas festas, Legião Urbana e Artimanha e Renato Matos na casa do Marcelo Mexicano, nas quebradas do Marcão Adrenalina e nos clubes da cidade. Com exceção dos milicos Cresspom e Pandiá, a gente dividia com os grupos de baile. Tocávamos de segunda a segunda.



O grupo de jazz Artimanha ensaia no Rádio Center Rênio nos teclados, Toninho Maia na guitarra

Me lembro que em 1982 já era assim, shows punks e shows heavies...

Instrumental com rock'n'roll – reggae. Heavy Metal é uma tribo muito fechada, era eles que não se misturavam.

29

Os punks tinham a cultura do reggae...

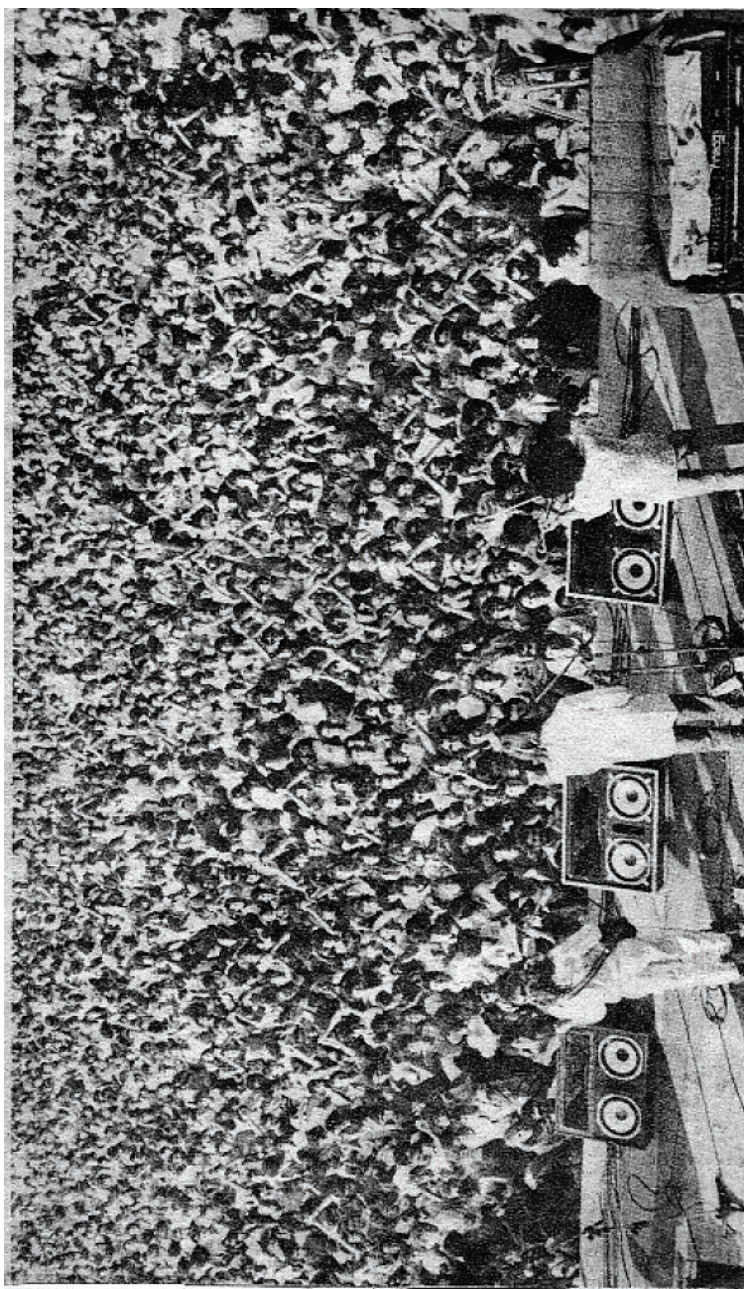
Mas tinha alguns componentes que tocavam com a gente. Punks passavam pelo Ska. Eram mais nervosos pro reggae puro.

Como era o À-Tentativa?

Era espetacular. Música À-Tentativa: Gato, Nonato Veras, Zé Miguel, vixe, era tanta gente. Acho que além do Nonato tinha mais gente do Liga Tripa na música da cidade...

Pode ter algumas impropriedades de memória, mas dá esse desconto...!

Quebra tudo pero sin perder la ternura jamás!: –) e manda NOTA; de Bala, estamos cheios...



Eram esperadas 50 mil pessoas – mais de 20 mil foram. No Peleção, o primeiro grande concerto de rock do DF

2

1981

**ROCK CERRADO, O FESTIVAL DE
ROCK DO CENTRO-OESTE**

Mel da Terra • Baby Consuelo • Pepeu Gomes •
Raul Seixas • Robertinho de Recife • Walter Franco • Roupas Nova

Domingo, 23 de agosto de 1981 – A propaganda do *Rock Cerrado* passava na tevê, e o cartaz azul do festival estava colado pela cidade. “Todo!” o contingente jovem, basicamente formado por estudantes, correu pra assistir ao festival, das mais variadas formas. Incrível! Ainda hoje, muitos acreditam que Rita Lee participou do *Rock Cerrado*... Na mesa de edição das memórias pessoais, nós colamos cenas de festivais passados, e aumentamos o cast.

O festival era pra ter começado às 16 h, e começou... Mas não começou para mim, apesar de eu ter chegado cedo, e de ser o primeiro na fila. No corredor de acesso em que eu estava, a roleta travou, e... depois de um bom tempo, o bilheteiro permitiu que eu a pulasse, e que assim me deparasse com a frente do palco lotada.

Naquele tempo, o jornal impresso era fechado mais cedo; por isso, a capa do dia seguinte estampou a foto do Mel da Terra, que abriu o festival, com a sua competência natural. Desde o início, a sorte estava do lado dos garotos.

Hoje, apesar do fenômeno da internet, é praticamente impossível colher informações ou imagens do festival, tão importante. Sobreviveram apenas em nossas memórias, além de poucos registros fotográficos.

Raul Seixas retomava de modo ascendente a sua carreira, e abriu sua apresentação com o fogo incandescente de “Aluga-se”. Passados 30 anos, Edson (do Sindicato do Reggae) se lembra da forte presença cênica de Raul Seixas, e ainda, com uma ponta de espanto, comenta: Foi o dia em que Raul Seixas liberou a maconha pra todo mundo. Ele disse que todos podiam fumar, e usar colírio...

Para mim, sem dúvida, a melhor apresentação foi Raul Seixas, que tocou talvez com Tony Osanah, não me lembro direito, na guitarra; Edu Rocha, bateria; Olmair Raposo nos teclados; e Pedrão, contrabaixo.

Da participação de Raul Seixas no *Rock Cerrado* sobreviveram uma fita cassete, com 40% do show, cortado abruptamente em “Maluco Beleza”, e quatro fotos,

que compõem o espólio de Kika Seixas. Inexplicavelmente, esta grande atuação do rocker baiano passa despercebida em suas biografias, documentários e comentários em jornais.

Apesar da conclamação do Maluco Beleza, acho que poucos malucos aderiram à ideia que ele propôs, devido à faixa etária dos estudantes, em final de segundo grau. Mas houve muita gente que aderiu, sim.

Chocante: se o guitarrista de Raul Seixas era a lenda Tony Osanah, Walter Franco também mostrou que tinha guitarrista à altura, ainda que infelizmente não conseguimos obter o seu nome. Ele debulhou!

Um jovial Walter Franco de cabelo curto e jaqueta de couro negro mais óculos rayban escuros fez muito barulho na nossas cabeças... com a sua “Cabeça”...

Polícia no Rock do Embalo Bebida e “erva”

Mário Eugênio, Correio Braziliense 24 ago. / 1981

32

Para não marcar bobeira, os roqueiros que chegaram ao Pelezão no final da tarde fizeram a cabeça com bebida. Garrações de vinho, cachaça e caipira foram consumidos, de qualquer maneira. Todo mundo à vontade, descontração total, até o escurecer. Tipo esperto, a rapaziada que queria arejar as ideias só entrou no embalo mesmo do gererê depois das 21 horas. O pouco frio reinante no local não chegou a incomodar a moçada: rebolando, batendo palmas ou cantando, os roqueiros não deixaram de curtir o som dos artistas, que atuavam estrategicamente em cima do palco improvisado. Nos bastidores, era visível a presença de policiais-militares prontos para entrar em ação, “grampear” o primeiro cabeludo que entrasse “numa de otário”.

“Foi no clima paranoico dos bastidores que o Serginho do Mel da Terra de Brasília encontrou o seu grande ídolo Raul Seixas.” (Pazcheco).

Uma droga sobre a qual nunca tinham ouvido falar

No início de 1981 – a imprensa americana comentou muito o discurso de Timothy Leary no palco do Keystone Club, de Berkeley, Califórnia. As notas foram unânimes em afirmar que, apesar de sua aparência sóbria, Leary devia estar doidão, com visto de entrada para o Planeta Claire ainda válido. Entre outras coisas, os jornalistas ficaram chocados, quando Timothy declarou que a economia americana estava combalida não pelo preço do petróleo, mas pelos altos preços da cannabis importada. Além disso, Leary defendeu a teoria de que os meios de comunicação propalam uma alta da criminalidade para terem desculpa para colocarem mais polícia nas ruas. Outra afirmação polêmica foi

que “o LSD é para o ser humano o mesmo que o cálcio é para as amebas”. Leary ilustrou sua conferência com um show de slides supercoloridos dos últimos lançamentos químico-recreacionais. Entre eles, um tablete cor de laranja, em forma de coração, ainda sem nome, à ocasião, que segundo o professor apura o sentido da audição, sendo por isso muito recomendado para amantes da música, em geral. Ao finalizar sua conferência, espanta a imprensa ainda mais, pois Leary aconselhou os desbundados presentes a descobrirem uma droga sobre a qual nunca tinham ouvido falar.

A galera da QE 34 que encontramos no Rock Cerrado

Havia uma reunião constante das pessoas na casa da inebriante “Lalinha”, Kadu (cabelo oxigenado) e Edilson (bigodinho de cigano), seus irmãos boas-pintas.

Era divertido, estavam sempre lá Nardelli, Hugney Geraldo e seu cunhado Erlânio (que morreu cedo demais, por afogamento). Também estavam Zelito Passos e seu parceiro Juraildes, que fariam parte da música popular brasileira.

“Morei nesta casa de muro azul com rosa onde está a árvore.” (Fátima Sueli Saraiva [que foi de carona, na moto do Ronaldo]: “*Rock Cerrado*. Eu estava lá.”).

“Meu primeiro show de rock, como esquecer, caracas! Eu tinha de 11 pra 12 aninhos. Essa emocional!” (Angélica O. S. Cabral).

“*Rock Cerrado* – saudoso Pelezão –, também estava lá – saindo da ‘aborrecência’, ‘putz’, essa é do fundo do baú!” (Marcelo Vasques).



Foto: Arquivo Mônica Sebba

Marilac, João "Medonha", Omar, Mônica Sebba, Alexandre e Kadu (no conjunto D da QE 34)

3 fevereiro

- Glauber Rocha encontra-se com o presidente João Figueiredo em Sintra, Portugal.



14-15 fev.

- De volta a São Paulo, Arnaldo Baptista é procurado pela Brajet Promoções para fazer novos shows. Arnaldo responde que iria pedir emprestada a garagem da sua tia, e pergunta se poderia tocar músicas do Lôki?. Num passe de mágica, a garagem se transformou no Teatro Tuca, e o espetáculo foi

batizado de *Shining Alone*, uma das poucas ocasiões em que Arnaldo foi o frontman. No repertório dos shows *Shining Alone*, temas instrumentais de “Honk Tonk” e “O A e o Z” (um dos desempenhos ao vivo preferidos de Arnaldo, ao órgão). Também as baladas inéditas “Ah! Garupa, deixa eu gostar de você” e “Tacape”, e fechando a trilogia romântica a clássica “Te Amo Podes Crer”. Em seguida, a não menos antológica “Ovelha Negra” (numa vinheta), mais “Raio de Sol”, rock vigoroso da Patrulha do Espaço, um frenesi, ao órgão. No violão-de-fogueira, ele dedilha “Don’t Twice, It’s All right” e “Onda da Morte” – nome correto de “Bomba H sobre São Paulo”. Ainda nos teclados, Arnaldo apresenta vigorosa versão para “Love Is Just Around The Corner”, retirada do baú sonoro do filme *Aqui está o meu coração*, de 1934, cujo tema era cantado por Bing Crosby, e encerra o apoteótico show cantando “Cry Me A River”, 10 anos antes de ela ser inserida no disco bossa’n’roll da ex-parceira.

8 março

- Auditório Augusta, durante a 1.^a *Mostra Musical dos Beatles!* Membros originais da Patrulha do Espaço, se reencontram. Rolando, no canto esquerdo, opera a mesa de som, e Arnaldo aparece à direita, com a cabeça cortada. “Nesse dia, Arnaldo tocou umas canções dos Beatles ao piano, e eu montei e operei o som. Na ocasião, a Patrulha tinha uma pequena firma de locação de som.” (Rolando Castello Jr.)

11 mar.

- *Carta-testamento de Glauber Rocha*

14 mar.

- Eric Clapton dá entrada no United Hospital em St. Paul, Minnesota, após um sério ataque de úlcera. Com isso, o músico é forçado a cancelar uma turnê de 60 datas nos Estados Unidos.

Abril

- No casamento de Ringo e Barbara Bach, George e Olívia, Paul e Linda McCartney aparecem na foto do bolo – ao lado dos recém-casados. Eles também cantarolaram.
- No LP *Somewhere In England*, George Harrison retorna com êxito, numa homenagem a John Lennon: “All Those Years Ago”. Participaram Paul McCartney e Ringo Starr.
- Isaías e Seus Chorões, um dos mais respeitados conjuntos regionais brasileiros, faz uma música diferente no LP *O Regional Brasileiro na Música dos Beatles*, da Bandeirantes. O grupo retemperou algumas das mais famosas composições dos Beatles e as apresentou com nova roupagem, o balanço

brasileiro.

Junho

- Inglaterra. Pink Floyd apresenta *The Wall* na Earls Court.

Julho

- Passados 10 anos da morte de Jim Morrison, os sobreviventes dos Doors voaram para Paris e, diante de pequena multidão, Ray Manzarek brindou à morte, derrubando uma garrafa de vinho sobre o túmulo de Morrison, num estranho ritual, que terminou na pergunta: “Vocês acreditam que ele realmente esteja aqui???”!!!”

Agosto

22 ago.

- No Brasil, a Embrafilme e a Alhambra publicam *Revolução do Cinema Novo*, coletânea de artigos e entrevistas de Glauber, organizada por ele. Doente desde março, Glauber é internado no início de agosto, num hospital próximo a Lisboa, para tratamento de problemas broncopulmonares. Em 21 de agosto, é trazido de volta ao Rio. Morre 24 horas depois de ser internado.

24 ago.

- Rogério Sganzerla escreve *Necrológio de um gênio*
- Londres, começa a Semana de Glauber Rocha no National Film Theatre, com *Barravento*, às 18h30, e *Deus e o diabo na terra do sol*, às 20h45. Na plateia, poucos ingleses, mas muitos brasileiros – a maioria estudantes. Num clima triste, Malcolm Coad, crítico de cinema, especializado nas produções da América Latina, compreende logo que a apresentação não é tanto para seus patrícios, e, em “portunhol”, traça um pequeno perfil da obra de Glauber Rocha: – Para Glauber Rocha, a atual geração escreve a pré-história do cinema brasileiro, e foi assim que tanto ele quanto os outros membros do Cinema Novo, um dos movimentos do Novo Cinema, que se desenvolveu em toda a América Latina, naquele tempo, viam sua missão: a regeneração do cinema de seus países, e além disso, da própria cultura, como um todo.
- *Rock Cerrado*, casa cheia.

Dezembro

- Espanha, o VII Festival de Cinema Iberoamericano, em Huelva, homenageia postumamente Glauber Rocha. O organizador do evento, José Luís Ruiz, disse: – A homenagem consistirá na exibição e reexame dos filmes principais do cineasta morto, e a publicação de um livro, a ser escrito por

Augusto Martinez Torres, sobre diversos aspectos da obra de Rocha.

27 dez.

- Completadas as gravações de seu segundo álbum-solo *Singin' Alone*, Arnaldo Baptista visita Rita Lee. Nesse dia, começa o pesadelo de Arnaldo Baptista, que é internado no Hospital do Servidor Público, em São Paulo.

31 dez.

- No último dia do ano, Arnaldo atira-se do 3.º andar de uma clínica psiquiátrica, igual à letra de “O Suicida”, primeiro compacto que ele gravou com Rita e Sérgio. Fala de um cara que se joga do viaduto do Chá. E mais uma vez a vida imita a arte.

Música

- Serguei volta da América.
- O surpreendente *Influências*, um extraordinário disco de estreia rompe as barreiras das alfândegas culturais e regionais. Sem shows de lançamento fora de Minas, apenas com uma resenha na revista Veja, assinada por Okki de Sousa, ultrapassa as dez mil cópias.
- Walter Franco participa de outro festival, o MPB-Shell, com a canção “Serra do Luar”, arranjada por Rogério Duprat. Essa versão foi registrada apenas no disco do festival, e a música fez grande sucesso posteriormente, em uma gravação de Leila Pinheiro. São desta canção alguns dos versos mais conhecidos de Walter: “Viver é afinar o instrumento / De dentro pra fora / De fora pra dentro.”
- Badfinger lança um novo LP, só que desta vez eles montam uma nova banda: Joey Molland, guitarra base; Tom Evans, contrabaixo; Tony Kaye, teclados; Richard Bryans, bateria; e Glenn Sherba, guitarra-solo. Então, pela Warner, eles lançam mais um disco.
- O ao vivo dos Doors, *Alive She Cried*, consegue bater todos os recordes de venda nos Estados Unidos, e derruba o LP *Tattoo You*, lançado pelos Rolling Stones, das paradas!

Literatura

Maio

- O livro *Do Grapefruit* de Yoko Ono é traduzido por Mônica Costa e Régis Bonvicino, que o editam.

Dezembro

- *Beatles Documento*, revista especial da Somtrês.

Filmes

- *Sintra Is A Beautiful Place To Die* (Patrick Bauchau). Vídeo-documentário caseiro, 90 minutos, as últimas imagens de Glauber Rocha, em abril ou maio de 1981, tomadas durante um almoço em sua casa.



Obituário

9 fevereiro

- Morreu Bill Haley (6 jul. / 1925–William John Clifton Haley Jr.), de ataque cardíaco, em Harlingen, Texas.

5 abril

- Morre Bob Bear Hite, vocalista líder do Canned Heat.

22 agosto

- Sábado, 24 horas depois de chegar ao Rio de Janeiro, vindo de Lisboa, Portugal, Glauber Rocha aos 42 anos falece em Botafogo. Os últimos carinhos são pela porta entreaberta. No relógio, 9h20.

5 novembro

- Morre de câncer o crítico Mário Pedrosa.

Polícia interrompeu homenagem a Bob Marley

Uma programação cultural organizada com o objetivo de homenagear o cantor Bob Marley e que seria complementada com projeção de filmes e com uma sessão em homenagem às mães do Guará II - foi reprimida pela polícia no último sábado, sob alegação de que os organizadores não tinham autorização para fazê-la. A festa transformou-se num tumulto que envolveu parte da comunidade da Quadra 32 e os organizadores, inclusive um menor - só foram voltos no dia seguinte, recebendo do delegado o conselho de que devem promover jogos de futebol, porque "música e cinema não são lazer".

Para algumas pessoas da comunidade a festa dedicada ao cantor jamaicano e às mães só foi interrompida pela polícia porque os organizadores consideraram ser suficiente a autorização verbal da Administração Regional. Mas a carta branca da Administração não foi suficiente para evitar que três dos organizadores e um membro do Cineclube, que

A partir daquele momento a praça da QE 32 transformou-se num local de muita tensão, segundo um morador que estava presente ao evento. "O pessoal foi posto no camburão e levado para conversar com o delegado. Ele alegou que não havia autorização da delegacia e advertiu que não é permitida aglomeração em lugar público", diz ele.

O morador disse que pouco depois foi comprovada a prisão de pessoas e a revolta cresceu entre pessoas da comunidade, fato que serviu para aumentar ainda mais a repressão policial. "Ai a coisa ficou feia, com a polícia cercando as ruas e revistando todo mundo, de metralhadora em punho", revela o morador.

Pra quem presenciava uma programação de lazer tão fundamental para um bairro desprovido de qualquer atividade desta natureza - conforme observa ele - foi lamentável que houvesse uma interrupção de maneira tão violenta. "Havia uma adesão total da comunidade, com jovens,

crianças e velhos sentados ao chão, felizes com o acontecimento, sabendo que ao final haveria uma sessão para as mães. Havia faixas alusivas à data pelas ruas, existia um clima de festa". Ele explica que mais de mil pessoas disputavam um pedaço de chão para sentar, na expectativa de assistirem a todas as atividades da noite. "Houve um protesto gerado pela interrupção", lembra ele.

Uma das pessoas presas informou que apenas um dos organizadores foi liberado na mesma noite, por ser militar. Os outros permaneceram presos até a manhã de domingo com o único objetivo de impedir que a programação fosse realizada, uma vez que não foram sequer identificados pela polícia. Na saída, foram aconselhados pelo delegado a organizar como fazer para a comunidade jogos de futebol e outras atividades esportivas, porque, na opinião do delegado, "cinema e música não são considerados lazer".



programou a exibição de três filmes sobre cultura africana, foram postos no camburão e levados para a delegacia. Quando a programação musical foi interrompida para a projeção, conforme estava previsto, o público só assistiu a uns dez minutos de filme antes que a polícia chegasse.

3

1982

**OS 32 ANOS DE LUTA DO
SINDICATO DO REGGAE DE BRASÍLIA!****Taxados de subversivos**

“Pela polícia, pelos moradores... Na época, policiais à paisana do exército conversaram com meu pai a respeito disso. Estavam nos investigando para informar se tínhamos ideais revolucionários. Os policiais preenchiam relatórios com muitas, muitas fotos da gente na praça, em lazeres, festas e jogando capoeira. Depois viram que o nosso movimento não tinha nada a ver com política, e nos deixaram quietos. (...) “Volta e meia surgiam pessoas diferentes na praça, querendo enturmar com a gente, depois percebemos que esses caras estavam querendo saber mais coisas, e viram que nós só queríamos divulgar a música rebelde de Bob Marley. Que até então era desconhecida por muitos...” (Nardelli Gifone, “perigoso” agitador cultural, fundador e presidente do Sindicato do Reggae.)

Da costa do Maranhão para a praça da QE 32

No início dos anos 70, o reggae invadiu a costa do Maranhão. Sete anos depois, o ritmo jamaicano ressurgiu no Guarã II, e o Sindicato do Reggae estava à frente do movimento. Compunham o patriarcado do culto à personalidade, à necrofilia dos astros da música.

Divulgávamos assuntos censurados e filosofias e estéticas que despertavam suspeitas e aglutinavam centenas de seguidores, pois tinham óbvio potencial político, que souberam e sabem explorar.

Onde quer que fosse, Nardelli Gifone carregava o sorriso maroto e agitava seus compridos dreadlocks. Extremamente popular, e exímio capoeirista, sofreu um atentado, assim como aconteceu com Bob Marley.

O otimista Nardelli Gifone mantém vivo aqueles “bons tempos”. Dias de sol, lazer, reggae e lama. A magia estava presente, sem preocupações com o futuro.

Apesar do pouco apoio, ou nenhum, de alguma maneira, o Sindicato do Reggae conseguia cartazes impressos, com arte de qualidade, e assim inspirava o surgimento de outros grupos culturais.

Aqueles que tinham alguma pretensão de “fazer cultura” se aliavam ao Sindicato do Reggae, que oferecia a opção de resistência.

“O passado é indestrutível” (Borges)

In Memoriam

“Johnny B. Good”, um dos maiores divulgadores do reggae no Brasil. Fundador desta famosa loja, na Galeria do Rock, em São Paulo.

Dedicada também ao saudoso jornalista Júlio Barroso, pioneiro na divulgação do ritmo jamaicano no Brasil, naquela memorável resenha da coletânea *The Front Line*

Pequeno Dicionário de Reggae & Rasta

Karl Dallas e Aloysio Reis

África Jamaica Brasil, Jornal de Música n.º 28 – 26 de dezembro de 1976. Publicada no Brasil poucas semanas depois do atentado político a Bob Marley, em Kingston, onde o ídolo quase morreu.

42

Rockers – Um ritmo mais lento e mais pesado que o reggae, no qual uma simples guitarra (sempre a wah wah) marca o contratempo. Os Mighty Diamonds são um conjunto de rock. Firmado no ano passado, o rockers representa a mais séria ameaça ao reggae. – O reggae reflete o entusiasmo dos anos seguintes à independência, e o rockers relata o atual momento de desespero da Jamaica.

Rude Boy, Rudie – Rebeldes de rua, surgiram no final dos anos 60. *Rude* é uma palavra jamaicana, que significa ‘desafio à autoridade’. Em alguns aspectos semelhantes aos Mods ingleses da década de sessenta, são agitados, sempre vestidos à sua maneira secular. Ao contrário dos rastas.

Jah, Jahwn – Assim eram chamados Ras Tafari e Haile Selassie. Atualmente é uma denominação para “Jehovah”, usada na Bíblia inglesa, entre 1539 e 1758.

Ganja – Palavra hindu que significa maconha. Ela foi introduzida na Jamaica, há mais ou menos um século, pelos indianos do leste. Agora está sendo substituída por herb, e também pela expressão coli and ilie.

Negus – Um título de Haile Selassie.

Grun(d)ations – Encontros de rastafarianos, onde fuma-se maconha, enquanto a filosofia rasta é recitada.

Ital – Comida rastafariana, geralmente vegetariana.

Natty – Outra forma de natural, como em natty dreadlocks, ou uma derivação de nappy.

Dread – Diferente de bad, na gíria soul, significa ‘bom’. Quando usada em relação à sociedade branca, significa a ‘mão da lei’, como em Judge Dread. Quando aplicada à música, é o mesmo que ‘poderoso’, ‘solene’, ‘majestoso’.

Eu e eu – Há duas interpretações. A primeira refere especificamente a própria pessoa, e a segunda, à unidade do homem sob os olhos de Jah.

Fundado em 1980, somente 18 anos depois, o Sindicato do Reggae começaria a levantar a sua sede definitiva, na Colônia Agrícola Bernardo Sayão, Chácara n.º 2, lote 4 – Condomínio Andorinhas – Guará II.



Foto: Arquivo do Sindicato do Reggae

Os filiados do Sindicato do Reggae na primavera de 2005

Catch a Fire (1973) é o primeiro LP de Marley lançado fora da Jamaica, que projeta o reggae internacionalmente. Na formação dos Wailers, está o tecladista Earl Lindo (Kingston/Jamaica, 7 Jan. 1953). Ainda neste ano, Livingstone e Peter Tosh deixam o grupo. O último registro dessa formação está em *Burnin'* (1973), que traz o hit “I Shot The Sheriff”.

O diretor da Island Chris Blackwell lança *Catch a Fire* com uma remixagem “exótica”, para agradar o público roqueiro. Nos Estados Unidos, a banda abre um show de Bruce Springsteen.

Anita M. Walters – O que te levou ao rastafari?

Trecho da última entrevista de Bob Marley, setembro de 1980 – Revista Bizz, maio 2006

Bob Marley: Bem, a Bíblia, sabe? A Bíblia e Haile Selassie. Nunca houve influência nesse mesmo sentido. Você conhece um membro da Igreja da Irmandade chamado Dago? Bem, ele morava na América, era um escrivão. Minha mãe queria muito que eu viesse para cá. Falei muito com Dago antes de vir. Ele me mostrou muita coisa. Pedi para que ele me mostrasse muito disso na Bíblia, e ele o fez. Pensei: “Ah, isso não é errado, então.”



Haile Selassie

Revista Somtrês, coluna *Negra Melodia*, por Otávio Rodrigues. Em 21 de abril de 1966, o imperador etíope Haile Selassie visitava a Jamaica. Aos olhos do governo deste país, a presença de um antigo colaborador, sempre pronto a dispor de alguns milhões em ouro para este ou aquele fim. Para grande parte do povo jamaicano, entretanto, Selassie era Jah, o messias, conforme rezavam as escrituras. Cerca de 100 mil pessoas, entre rastas e membros de sociedades afro-jamaicanas, esperavam ruidosamente no aeroporto. Quando Selassie surgiu na porta do avião, e viu a singular recepção (cânticos, tambores, gente de joelhos), rodou nos calcanhares, e disse que não descia. A situação foi contornada, e ele cumpriu o restante do protocolo. A data hoje faz parte do calendário de comemorações da fé rastafari.

“Dois dias depois da morte de Bob Marley, o papa João Paulo II sofreu um atentado em Roma. Este ato escondeu as notícias da morte de Bob Marley dos jornais, que havia morrido no dia 11 de maio de 1981.” (Cryoulo)

“Somos acompanhados pelos olhos de Bob Marley o tempo todo.” (Bastos)

Pastas abastecidas por recortes, reportagens e livros, fruto do intercâmbio mantido pelo Sindicato do Reggae mundo afora. Itens esgotados de colecionador e edições da Mojo compõem a biblioteca do maior acervo de reggae da América do Sul! Discografia completa em vinil de Bob Marley e vários LPs raros e esgotados do ritmo jamaicano.

Reggae, o novo som da América

Jornal Hit Pop da Revista Pop

Talvez janeiro de 1977. Através do recente LP de Bob Marley, chega ao Brasil o ritmo do momento nos Estados Unidos e Europa: o reggae. Um ritmo que tem muito do samba. Finalmente, com o lançamento do mais recente LP de Bob Marley, *Rastaman Vibration*, o público brasileiro pode tomar contato com um dos mais importantes gêneros musicais da música pop moderna: o reggae jamaicano. Até agora, por motivos vários, as gravadoras brasileiras têm deixado passar em branco esse ritmo que, hoje em dia, é a grande sensação dos Estados Unidos. (...) O maior nome do reggae é Bob Marley, que na Jamaica, segundo a Revista Time, chega a ser uma força política que compete com o governo. O lançamento de um LP de Marley no Brasil, portanto, é um acontecimento que se deve comemorar. Pelo menos, ouvindo o disco...

45

Júlio Barroso, coluna Mundo Black

Revista Pop/Jornal das Coisas

Abril de 1978. Bob Marley, rei absoluto do reggae e um dos músicos mais influentes do pop atual, acaba de voltar às paradas com seu novo LP Kaya. Nesse disco, Marley aprofunda o trabalho iniciado em Exodus, seu LP anterior. Ao lado de canções políticas, algum material romântico – em seu estilo sexy-naturalista – e louvações rastafarianas a Jah, entidade suprema dos rastas, seguidores da principal religião jamaicana. Enquanto Kaya sobe nas paradas, a nova banda de Marley se prepara para assolar a Europa. E, por falar em rastas, outras maravilhas jamaicanas chegam à luz do dia: acabam de ser lançados nos Estados Unidos os novos LPs dos grupos Third World (96 Degrees In The Shade) e Burning Spear (Dry & Heavy), duas bandas lendárias que, infelizmente, ainda não mereceram a atenção das gravadoras brasileiras.

Revista Pop/Jornal das coisas

Júlio Barroso

Setembro de 1978. Depois de bastante tempo dentro das gavetas, rotulado de anticomercial, o cantor e compositor jamaicano Bob Marley atinge posição de destaque nas paradas de execução das rádios FM, com a canção “Is This Love?”.



Foto: Ana Luiza Meneses

Nardelli e sua companheira Zuzu

Zuzu é a escudeira do Sindicato do Reggae!

Uma visita ao Sindicato do Reggae é um bom teste para a memória e para a febre dos colecionadores.

Dois televisores exibem DVDs de reggae ao mesmo tempo, um na entrada; outro, internamente.

A conservação e a disposição dos materiais chama a atenção. A responsável é Vânia Maria, a Zuzu, escudeira e companheira de Nardelli.

São necessários poucos minutos para perceber como Zuzu é cativante na recepção aos visitantes do acervo.

Um dos segredos do sucesso do Sindicato junto aos músicos jamaicanos é a presença de Zuzu na organização das iguarias, que ela oferece aos músicos.

Nardelli e Zuzu, casal simples e simpático, já visitaram a Jamaica, Panamá, Chile e Argentina atrás de raridades para o acervo.



Rastas do Sindicato do Reggae jogam capoeira na Praça da QE 32 (Guará – 1984). Pintamos de branco, à noite, as marcas da quadra



Foto: Arquivo do Sindicato de Reggae

O jogador de futebol Alan Skill Cole: uma lenda em seu tempo

Artistas internacionais e nacionais do ritmo jamaicano pisaram no Sindicato, nos últimos 15 anos

– A Jamaica é aqui! É o que eles dizem!

Julian Marley foi o primeiro astro jamaicano a visitar o Sindicato. Na sequência: Israel Vibration, The Gladiators, Andrew Tosh, Steel Pulse, Pablo Moses, The Original Wailers, The Wailers Band, Skatalites, Bambu Station (Ilhas Virgens), Ky-Mani Marley, Eek A Mouse, Midnight (Ilhas Virgens), Zema (Estados Unidos), Clinton Fearon, Peter Tosh Band, Apple Gabriel, Groundation (Estados Unidos), Adrian Sherwood, produtor inglês, Keith Sterling, tecladista de Peter Tosh, cantor Don Carlos.

Brasileiros: Leões de Israel, Ponto de Equilíbrio, Mato Seco, Tribo de Jah, Kamaféu, Ras Bernardo.



A atual direção do Sindicato do Reggae está nas mãos de Edson (Mergulhão), Nardelli, fundador e presidente, Cryoulo (Fábio) e Bastos, pioneiros do movimento Reggae em Brasília! Foto: Ana Luíza Meneses

Acreditávamos que mudaríamos o mundo... Sindicato do Reggae de Brasília: disposição e dedicação na divulgação do Reggae

Entrevista: Nardelli Gifone Gomes

Transcrição de áudio: Ana Luíza Meneses e Virgílio Stefanin

Qual foi o disco que você teve que lutar mais para conseguir?

No início, eram todos raríssimos, difíceis mesmo. Entendeu? Tratando-se de reggae, um ritmo daquela época, dos anos 70, que até então o Brasil conhecia pouco...

Aquele disco que você teve que nadar num mar de piranhas e andar no deserto para conseguir? Que foi mais longe para tê-lo, que deu mais trabalho?

No final dos anos 70, *Babylon by Bus* deu muito trabalho para conseguir. Tive que sair daqui de Brasília para ir ao Rio, uma loja especializada em discos importados.

Pode dizer o nome da loja?

Modern Sound, famosa.

Qual foi o momento em que você se sentiu mais próximo de Bob Marley?

Bom, ele veio aqui no Brasil, né? O jatinho dele veio da Jamaica. Em Manaus, o jatinho abasteceu; também receberam o visto no passaporte do Bob Marley, porque ele não tinha visto para trabalhar como músico, para cantar no Brasil, e também abasteceu aqui em Brasília, e seguiu então para o Rio de Janeiro.

Neste espaço, estiveram várias estrelas do reggae; qual foi a que mais brilhou no Sindicato do Reggae, pela simpatia?

Em minha opinião, foram o Andrew Tosh, os The Gladiators e o Junior Marvin – Zuzu ajuda a lembrar! –, que foi guitarrista oficial do Bob Marley. Esses foram os mais simpáticos.

Historicamente, qual figura veio aqui?

Junior Marvin também!

Quem é essa pessoa?

Junior Marvin foi guitarrista do Bob Marley.

Os filhos de Bob Marley já pisaram aqui, no Sindicato?

Já! Dois filhos do Bob Marley. Um foi o Julian Marley, foi o primeiro músico jamaicano a pisar no solo do Sindicato.

Sabemos que o movimento original do Reggae em Brasília começou no conjunto B da QE 32. Você poderia nos falar como foi que esse movimento começou, e na pessoa de quem?

Na época do movimento, eu ouvia muito rock, soul, esse tipo de música. Até então, o reggae era pouco falado, muito pouco conhecido. Eu só conheci o reggae em 1977, através de um programa que passava nos dias de sábado, Rock Concert. Vi Bob Marley pela primeira vez cantando “No Woman, No Cry”, e a música, o seu jeito, o visual, a roupa, até então desconhecidos, me fascinaram.

Você foi rastafári?

Fui o primeiro rasta a usar dreadlocks em Brasília, nos anos 70.

Você foi discriminado pelos cabelos grandes?

Muito. Muito. Éramos perseguidos não só pela aparência, mas pelo próprio reggae.

O reggae tem a sua hóstia, que é a Cannabis Sativa, a maconha. Eu posso dar o testemunho que vocês jamais estiveram ligados à folha; podem comentar essa diferença no movimento do reggae de vocês? Como você explica?

O reggae é um só! As pessoas é que deturpam as coisas. Quando falam de reggae e Bob Marley, elas ligam o reggae à maconha, mas Bob Marley é muito mais que isso! É mais musical, ele foi um músico que lutou muito para levar sua música adiante, e sua filosofia de vida, seu ponto de vista: a paz e a união. É isto que o Bob Marley pregava. Poucas pessoas sabem da força política, social e religiosa de Bob Marley!

Futuro do Sindicato?

O futuro – risos!! – é sempre adiante!! Levar adiante a música de Bob Marley, isso é universal, e não acaba nunca!!

Jimmy Cliff veio a Brasília?

Não, não, não. Anunciou, mas ele não veio... (Risos...)

Descreva para nós o acervo do Sindicato do Reggae...

O acervo é desde 1977, que nós viemos angariando e correndo atrás, não só de materiais aqui em Brasília ou no Brasil, mas fora também. Eu e a Zuzu viajamos sempre atrás de material: Jamaica, Panamá, Chile, Argentina, entre outros locais.

Lá existe mais material de reggae do que no Brasil?

Lá fora tem muita coisa de reggae, mas no Brasil e na América do Sul o Sindicato é o maior acervo de Bob Marley; isso é fato!

Maior até que aquele navio-museu que está atracado em Miami?

Não, eu falei da América do Sul.

Você sabe aquele navio que eu tô falando...

Sim, sim, eu sei. O chinês milionário comprou esse acervo.

Gravações inéditas de Bob Marley, que você conhece?

Hoje em dia, tem uma infinidade, com essa onda da internet. Tem tanta coisa, que até então o mundo desconhecia. A partir da internet, abriram-se vários leques para acesso ao trabalho de Bob Marley, muito que até então era inédito.

Você é repleto de histórias engraçadas, qual é a que vem a sua mente... agora?

Na época, no início dos anos 80, para ouvir reggae, em lazer, ou em alguma festinha, tínhamos que impor à força bruta, mesmo. Chegávamos pro DJ com o vinil, ou com a fita cassete, e falávamos: – Toca essa fita aí! Se eles se recusassem, a gente acabava com a festa. Tinha que utilizar da força bruta mesmo. Anos e anos depois, a gente veio a saber que os músicos jamaicanos faziam as mesmas coisas com os DJs de rádio, mas isso foi uma coincidência. Até então, a gente não sabia.

Quem te ajudou na construção do Acervo do Sindicato?

Primeiramente, Bastos, Cryoulo e “Mergulhão”, os pilares, e com o tempo veio a dona Zuzu, que dá a maior força, e sustenta também.

Você pode me falar do rapaz, do Sérgio, da loja Johnny B. Good?

Johnny B. Good era um divulgador, comerciante do reggae. Ele era fanático pelos blues e rock, conheceu o reggae e ficou fascinado pelo ritmo. Então abriu a loja *Johnny B. Good* em São Paulo, e virou referência, não só no Brasil, mas no exterior também. Infelizmente, Johnny B. Good não está mais entre nós.

Você tinha uma ligação emocional com ele? Como você sentiu a morte dele?

Muito, ‘muuuuito’... Ele era um amigo...

Ficou órfão o movimento?

Sim, ficou até que, agora, depois de sua morte, a loja não teve mais aquela essência do Reggae; ficou uma loja muito comercial.

O que está escondido é importante?

Eu acho que não tem mais nada escondido, no mundo, sobre quem é Bob Marley, as suas lutas, derrotas e vitórias. Então, Bob Marley foi um cara que trabalhou muito. As pessoas pensam que ele era um cara que “só tocava violão em cima de um banquinho e fumava maconha”... Não... Bob Marley lutou muito: pela sua música, sua filosofia, seu trabalho e sua arte, para adiante. Ele pagou muito caro por isso. Sofreu atentado na sua casa e foi perseguido politicamente. A CIA estava por trás disso, e ele nunca se esqueceu de seus ideais, do seu passado pobre e operário. Sempre chamou o povo para dar um passo adiante, para lutar pelos seus direitos: Paz, União e Igualdade.

“Bob Marley conquistou a vida através da morte. Para nós, ele é tudo, uma referência da vida, da música, e de igualdade”. (Acrescentam “Mergulhão”, Cryoulo e Zuzu!)



32 ANOS DA LEGIÃO URBANA

Na gênese da formação social da UVA (aparato cultural do Guará II-BsB-DF), estavam os casais Edinho e Luciene Saldanha, Joel e Narcisa Oliveira, Zé Otávio e Lilian, e Mima e Eliane. A estudante secundarista Eliane foi a primeira fã a nos falar de Renato Russo e Aborto Elétrico.

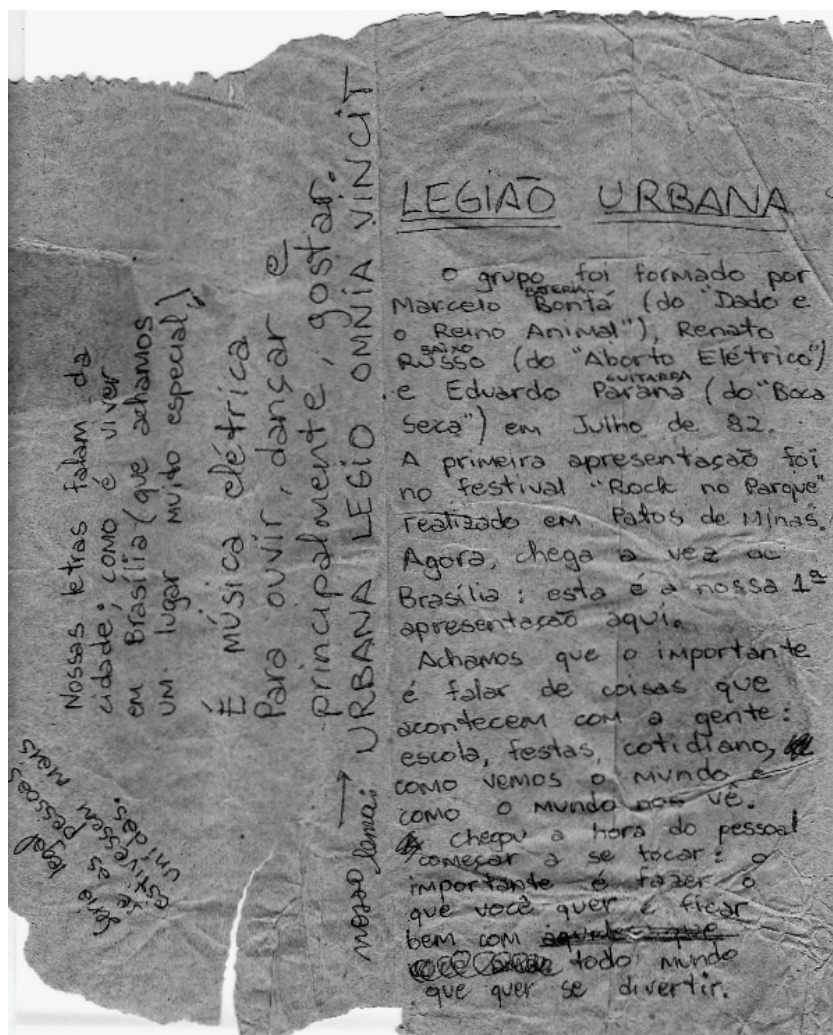
A 19 de setembro de 1981 – após um campeonato de futebol de salão e voleibol organizado pela Umesb (*Encontro de Estudantes Secundaristas*), Blitz64 e AE (Aborto Elétrico) se apresentaram na quadra de esportes do Mini-Laser. Pode ter sido a última apresentação do Aborto Elétrico...

Eu nunca fui próximo a Renato Russo, apesar de anunciar a sua presença em festas como *Rock Baby*, o que nunca aconteceu. Não vi *O Último Rango*, teatro de Peterson Diesel e Jota Pingo. Quando da participação do Aborto Elétrico, alguém detonou o extintor de incêndio. Aquela noite e o rango foram memoráveis. Nunca pisei no Bar Cafofo, na 407 Norte, onde o Aborto Elétrico descobriu a lâmpada. E também nunca estive no Ateliê do Departamento de Arquitetura da UnB, ou no show do Sesc na 913 Sul, quando a Plebe Rude e a Blitz64 inspiraram as novas bandas, e a própria Legião Urbana. Eu fui o primeiro cara da imprensa underground a colher o depoimento do líder da Legião Urbana! Há três décadas, de olhar atento, capturei o depoimento de Renato Russo, e as nuances que poderiam ser encobertas pela intimidade.

Delírio

A primeira entrevista com Renato Russo é minha

- Meu nome é Mário, sou do fanzine Jornal do Rock, e estou cobrindo o show.
- Tem papel?
- Tenho. Este papel de pão.



Tão marcante quanto o Rock Cerrado foi a primeira apresentação em Brasília da Legião Urbana, que foi no Guarã II. Proposital e pequenamente apagada dos livros sobre a banda. Só por que caótica, será?!

– Renato, é melhor você escrever...

– Sai na próxima edição...

(Nunca saiu!)

Eu estava no segundo ano do Segundo Grau, e era um dos bobos-daquele-buraco gentilmente conhecido como Guará II, que ajudava a colocar no mapa do rock Brasília – sim! Naquele buraco, tivemos – e temos – muitos conjuntos-de-rock, e músicos excepcionais tocando na noite – até hoje, no Guará II, há grandes bares para o rock.

Essa cultura se conectava às organizadoras do show no Guará. Elas eram fãs desde os tempos do Aborto Elétrico e estudavam no Colégio Elefante Branco.

– A Legião Urbana então fez o seu primeiro show em Brasília, no Guará III! – Tati (Tatiana) e Tânia estavam na organização, eram estudantes. A pífia aparelhagem pertencia ao Extremo, trio de hard rock da cidade. O guitarrista, Eduardo Paraná desta apresentação da Legião Urbana sairia meses depois (de brigar com Renato Russo).

Do show...

Naquela noite, Renato Russo improvisou rimas ao contrabaixo – que evocavam o nome da cidade “Guará! Guará!”. Tinha muita gente para aquelas condições, sem muita divulgação. Depois em outras satélites, ele as homenageava daquela mesma forma, gritando o nome da cidade. – Eu gostava do abuso messiânico do Renato Russo corrigindo nomes, pronúncias, e dissertando sobre a Geração beat, em particular, William Burroughs: “É muita loucura, é viagem.”

E lá fui eu todo corajoso. Renato Russo sacou na hora a minha incipiência jornalística, e perguntou: – Cadê o bloco de anotações?” Peguei um saquinho de pão, e ele tascou seu primitivo e definitivo press-release sobre a Legião Urbana. Também disse que saíra muitas vezes no jornal, antes, e eu respondi que leio o jornal todos os dias: “Qual é o jornal que você sai?” Então, pesquisadores do roque brasileiro, consigam as matérias que saíram sobre Renato Russo antes de 1982!

Renato Russo não assinou, sua caligrafia vigorosa e delineada envergonhou os meus garranchos. Após esse encontro, a minha cruzada passou pro lado do rock Brasil.

O depoimento nunca foi usado de maneira pessoal. Essa história me veio à mente, e finalmente foi contada. Eu entrevistei Renato Russo seis meses antes do Correio Braziliense. E também fiquei conhecido como “Renato Russo” por um tempo!

Discos & LPs

No ano seguinte, em fevereiro de 1983 – embalado pelas leituras de *O que é punk* e *O que é rock*, voltei a encontrar Renato Russo durante audiência pública do Maharishi Mahesh Yogi, o guru dos Beatles, no Centro de Convenções. Existiam vários banners em inglês (com gráficos sobre o processo químico da meditação transcendental). – Pedimos a Renato Russo que traduzisse os painéis, o que ele fez prontamente. Mas sempre arredo.

Dois meses depois, aconteceu a 1.^a Temporada de *Rock da ABO*. Nesta eu não estava presente.

Retornamos ao papo dos discos. Renato Russo era o único cara que eu conhecia que possuía o *Wedding Album*, de John Lennon & Yoko Ono: – Dentro vem um pedaço de bolo! Passei um bom tempo quebrando a cabeça: Pedaço de bolo? Depois descobri. O bolo era uma foto impressa em papel...

Acredito que somente eu e Renato Russo possuíamos o primeiro *Killing Joke*, de 1980. Minha edição era francesa. Com certeza, Renato Russo ouviu muito aquele clássico.



Renato Russo no coração de Brasília Foto: Ivaldo Cavalcante

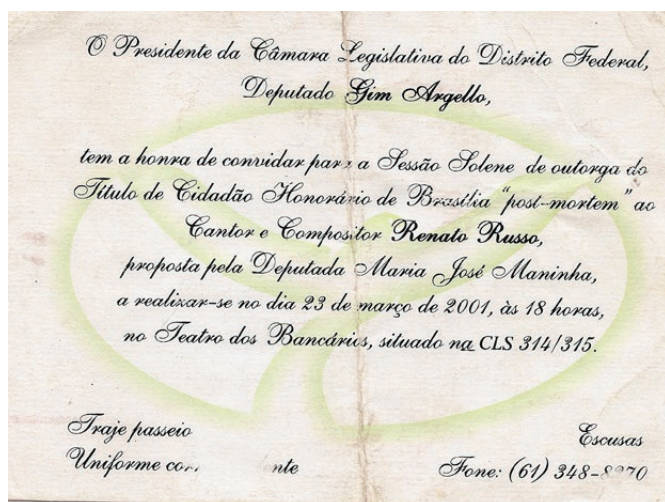
Dois anos depois, em março de 1985, voltando do Rio de Janeiro, para fazer o show de lançamento do primeiro disco – no *Verão Cultural*, onde dividia as apresentações com Cida Moreyra –, Renato Russo foi o terceiro a chegar. O primeiro fora o porteiro. A camiseta branca, e sempre o casaco amarelo. Arredio, incrivelmente branco. Como um fantasma noturno.

Entre o nosso olhar próximo, estava toda uma distância. Seu comportamento explosivo beirava a intolerância. Megalomaníaco, irado e desrespeitoso. Naquela noite, Renato Russo no mínimo foi árido com Cida Moreyra, durante o ensaio de “Summertime”.

Sua condição de popstar, de mandar todo mundo à merda, chocou-se com o establishment concreto da cidade. Que aparentemente o havia ignorado. – O público daquela noite seria diferente. O som da Legião também. Tudo bem tocado e ensaiado. (Quem eram aqueles caras no palco?) Atendendo um pedido, ele me dedicou “Baader-Meinhof Blues” – “Essa! Que o carinha pediu...” Trinta e dois anos depois, muitos se lembram daquele como um dos melhores shows da Legião Urbana.

O colecionador, Fernando “Camufloyd” gravou esta apresentação e, por décadas, pensamos que tínhamos uma verdadeira raridade. Até que a Cida Moreyra doou um cassete gravado no mesmo show para o selo Discobertas...

Um mês depois, na primeira semana de abril de 1985, eu e Maurício de Melo fomos a pé para a Praça Central do Núcleo Bandeirante. O projeto *A Cidade Se Vê* apresentaria a Legião Urbana e Renato Matos. Seria gratuito e ao ar livre. Mas foi cancelado. Naquela hora, jurei nunca mais ir a um show deles. A inocência acabara.



Sessão Solene outorga título post-mortem a Renato Russo

23 mar. / 2001 – “Boa tarde. O nome Legião Urbana foi criado por Renato Russo depois de ler um livro sobre uma brigada que ajudava traficantes e prostitutas na França... E aproveito para agradecer aos fãs que vieram de longe, do Entorno, sem o dinheiro de volta da passagem, aos fãs que nunca viram o seu ídolo, e àquele garoto com a jaqueta com a insígnia do Aborto Elétrico, e ao senhor Manfredini também.”

Por fim:

Não estatize meus sentimentos

Pra seu governo,

O meu estado é independente

A mesa orientou a ser breve. Depois da explosão dos fãs, o responsável pelo cerimonial me pediu para repetir o fragmento de “Baader-Meinhof Blues”, que foi anotado no Livro da Sessão.

O discurso rápido da pílula de destruição levantou os fãs... e foi aprovado pelo pai de Renato Russo, senhor Manfredini! Curiosamente, como em outras oportunidades da vida de Renato Russo, seu pai estava na primeira fila, mesmo com um braço engessado.

Ensaiaando... foi produzido pelo site poraoweb (com apoio do acervo Do Próprio Bol\$o).

Eu nunca vi a minha participação neste documentário. Resumidamente, falo: “Vá trabalhar, vagabundo. Componha suas próprias canções, deixe de viver de Renato Russo...” Depois perguntaram: – Quem é esse cara?

A Faculdade Jesus
Maria José e a
Turma L5N
apresentam

Ensaio

Renato Manfredini Júnior.

URBANA LEGIO OMNIA VINCIT

PATROCÍNIO

KACO
Gráfica & Editora
R. 100, 100 - 100
Fone: 011 3060-0101 - 011 3060-0102
www.kaco.com.br

ROCKweb
www.rockweb.com.br

APOIO

FAJESU

CULT 22
R. 100, 100 - 100
www.cult22.com

REALIZAÇÃO
Turma L5N

SHOW

CONTRA OS MUROS DA FOME

UNIVERSO PARALELO DO ROCK

MURILO LIMA (EX-CAPITAL INICIAL)

GIULIANO MANFREDINI

ROGÉRIO D. SOUZA

PRODUÇÃO: RICARDO BOTELHO
CLIPOLAGEM: MÁRIO PACHECO
DIREÇÃO MUSICAL: ROGÉRIO D. SOUZA
DIREÇÃO DE IMAGENS: PAO CHAGAS

17/ NOV. SEXTA 20H30

TEATRO DOS BANDEIRAS 31.9 / 31.5 39L

ENTRADA MEDIANTE CONVITE FONE: 011 3060-0101

REALIZAÇÃO:

Sindicato dos Bancários de Brasília UP-ROCK	APÓIO: STUDIOS MUSEU DO DISCO BRISTOL HOTEL ERIKKA 3381 7160
---	--



Rogério 'Águas' é guitarrista e produtor solidário às causas sociais. Ele me permitiu abrir, com um vídeo-colagem, o show da banda Universo Paralelo, que a cada apresentação convida um expoente do rock Brasília para se apresentar. Parceiro fundador do fanzine Oldies but Goldies, no Guará II, em 1982, é um dos produtores mais próximos à família Manfredini

AL INICIAL -

E - BATERA VOCAL
O - GUITANA VOCAL
O - BAITO
A - GUITARRISTA
S - GURU

COM O TÉRMINO DO
JÁ LENDÁRIO ABORTO
ELÉTRICO, É O FIM DO
BLITX ORIGINAL, LORO
FLÁVIO E FELIPE RESOLVE-
RAM LEVAR UM SOM. ~~JÁ~~

POIS DE TRÊS MESES JUNTOS, ENCONTRARAM
A ~~ESTRELA PERDIDA DO~~ ROCK 'N' ROLL.
HOS DE ABRIR UM BAR, VIAGENS, GRANDES
~~DE~~ REPENTE SURTE UM NOME: CAPITAL.
AGORA, É APENAS O NOME DO CONJUNTO.
NTE, O QUE VÓS QUEREMOS É APENAS SERMOS
'E QUE AS PESSOAS GOSTEM!). E TODA FORÇA
ITROS CONJUNTOS.

Observe que Loro Jones corrigiu o seu nome, suprimindo a vogal u a mais

Capital Inicial: Felipe, bateria/vocal; Loro, guitarra/vocal; Flávio, baixo; Heloísa, guitarrista; e Inês: guru

Com o término do já lendário Aborto Elétrico, e o fim do Blitz Original, Loro, Flávio e Felipe resolveram levar um som.

Depois de três meses juntos, encontraram Heloísa, a estrela perdida do rock'n'roll. Dos sonhos de abrir um bar, viagens, grandes shows, de repente surge um nome: Capital Inicial. Agora, é apenas o nome do conjunto. Musicalmente, o que nós queremos é apenas sermos ouvidos (e que as pessoas gostem!). E toda força pros outros conjuntos!

Aborto Elétrico pelo Capital Inicial

Jamari França – Globo Online

26 out. / 2005 – Rio – “Love Song One”, o novo single do Capital Inicial, chegou às rádios nesta quinta-feira. Precede o CD dedicado à obra do Aborto Elétrico, o pioneiro grupo punk de Brasília, formado em 1978 por Renato Russo, pelo guitarrista André Pretorius e por dois integrantes atuais do Capital, os irmãos Lemos: Fê, bateria e Flávio, baixo. “Love Song One” foi feita em 1981, era a única música romântica do repertório do Aborto. Mas com uma levada bem agressiva, como está neste registro do Capital, que usou os arranjos originais.

– É um disco sem convidados, sem firulas, está muito próximo do som do Aborto. O Rafael conseguiu fazer um excelente trabalho – diz ao Globo Online Fê Lemos, que também está lançando seu primeiro CD solo, *Hotel Básico*.

– Em 2005, estou completando 30 anos de bateria. O Capital está resgatando o meu baú do punk rock, quando comecei a trabalhar e a ter uma banda. É a minha primeira banda, e a mais importante do rock de Brasília, porque deu o começo da história, e de onde veio o Renato Russo, um ícone da nossa geração e do Brasil inteiro. Ao mesmo tempo, lanço meu trabalho solo, que aponta para o futuro. Se não tivesse feito este disco solo, não estaria me sentindo tão bem – acrescenta Fê.

O disco do Capital, que chega às lojas no dia 28 de outubro, tem dezoito faixas. Nove delas inéditas. As demais, já gravadas pelos Paralamas do Sucesso (“Química”), Legião Urbana (“Tédio”; “Que País é Este”; “Geração Coca-Cola”; “Conexão Amazônica”) e Capital Inicial (“Fátima”; “Veraneio Vascaína”; “Música Urbana”; “Ficção Científica”). As inéditas são “Love Song One”; “Helicópteros do Céu”; “Submissa”; “Construção Civil”; “Anúncio de Refrigerante”; “Heroína”; “Benzina”; “O Despertar dos Mortos” e “Baader-Meinhof Blues n.º 1”.

O Aborto Elétrico foi fundado em 1978 por Renato, André e Fê, mas os ensaios só começaram no ano seguinte, quando Fê descolou uma bateria. Os ensaios aconteciam no apartamento do Fê, na Colina, um grupo de quatro prédios onde moravam muitos professores da Universidade de Brasília, e que acabou dando o nome de “Turma da Colina” ao núcleo inicial do que viria a ser a Geração 80 do rock de Brasília.

A primeira música ensaiada foi “Now I Wanna Sniff Some Glue”, dos Ramones, e músicas próprias surgiram aos poucos, mas só instrumentais, porque Renato ainda não fazia letras. O primeiro show só aconteceu em 11 de janeiro de 1980 – numa calçada, ao lado do boteco Só Cana, que emprestou uma tomada para ligar os instrumentos.

André Pretorius deixou a banda e entrou Flávio Lemos, que passou a tocar baixo, enquanto Renato ficava com guitarra e vocais. Depois do Aborto, vieram outras bandas, como Blitz64, Metralhaz, Caos Construtivo, Os Vigaristas de Istambul. Por volta de 1982, quando nomes como Blitz, Lulu Santos e Gang 90 e Absurdetes já despontavam no Sul, as primeiras bandas já não existiam. Nasciam as que vieram a ser conhecidas nacionalmente: Capital Inicial, Plebe Rude, Legião Urbana e Escola de Escândalo.

O disco do Capital Inicial resgata um capítulo muito importante da história do rock Brasil anos 80, registrado no disco e num Especial da MTV, que será lançado no formato DVD, em novembro.

A seguir, a letra de “Love Song One”, de Renato Russo e Flávio Lemos.

*Você me faz / Pensar demais / Sempre quando / Quero tentar / Ser só mais um /
Que quer você / Eu não consigo entender / Porque eu quero você / Você me faz
/ Deixar pra trás / Tudo que faz lembrar / Como é viver sem ter você / Eu não
consigo entender / Porque eu quero você / Eu já não sei voltar atrás / Nunca
pensei / Quero parar / De ser mais um que quer você / Eu não consigo entender
/ Porque eu quero você*

Dinho Ouro Preto, vocal; Fê Lemos, bateria; Flávio Lemos, baixo e Yves Passarel, guitarra

Produção: Rafael Ramos – Texto sobre a história do Aborto no single: Paulo Marquetti

Nº

12

LUZES DA CIDADE

M U Z A K
PLEBE RUDE

Teatro Bandeirantes
Av. Brig. Luiz Antonio, 1411

CNPJ 8 342 378 8
CGC 60 509 239/0003 85

DIA 29/8 SEXTA 21:00 HS

Cz\$ 80,00



RÁDIO CIDADE

REALIZAÇÃO
RÁDIO CIDADE

PLEBE RUDE

plebe rude: a banda que inspirou
 (e ainda inspira) a maioria das
 outras que tocam aqui. graças
 a tatiana (grande plebette) e
 que o show saiu. plebe rude:
 o ~~produto~~^{fruto} da cabeça de
 um homem, e várias pernas
 e braços de outros! plebe
 rude não é só uma banda
 musical, é um estilo de
 vida. com andré x no baixo,
 ameoba o morto/vivo vocais, felipe
 porra-~~o~~ louca (o dono do maior
 topete do mundo) na guitarra,
 guto duracel na bateria e
 marta e ana nos vocais!
 (as duas não vão cantar hoje
 por falta de microfone).

Plebe Rude: A banda que inspirou (e ainda inspira) a maioria das que tocam aqui. Graças a Tatiana (grande plebette), é que o show saiu.

Plebe Rude: O fruto da cabeça de um homem, e várias pernas e braços de outros! Plebe Rude não é só uma banda musical, é um estilo de vida. Com André X no baixo, Ameoba o morto/vivo vocais, Felipe 'Porra-Louca' (o dono do maior topete do mundo) na guitarra, Guto Duracel na bateria e Marta e Ana nos vocais! (As duas não vão cantar hoje por falta de microfone.)

Bonfá proíbe Plebe Rude de tocar música da Legião

Mauro Ferreira – O Dia

Em impasse com os herdeiros de Renato Russo, por discordâncias quanto ao uso da obra da Legião Urbana, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos - respectivamente baterista e guitarrista da banda - vetaram a inclusão de músicas sobre as quais têm direitos legais no recente tributo a Russo, produzido e gravado este mês pelo canal Multishow para virar DVD, CD e programa de TV, em 2006.

31 dez. / 2005 – Mas a proibição de uma música em especial acabou descontentando a Plebe Rude, banda conterrânea da Legião Urbana na cena pop de Brasília da década de 80. Bonfá vetou a recriação, pelo grupo de Philippe Seabra, de “Soldados”.

A faixa é uma parceria de Bonfá com Renato Russo, gravada pela Legião Urbana em seu primeiro disco, em 1985. Magoado, Philippe lembra que a Plebe chegou a lançar “Soldados” na companhia de Russo e do próprio Bonfá, em show no Teatro Rolla Pedra, em Taguatinga, DF, no início dos anos 80. Diante da proibição, o quarteto optou por regravar “Química” no tributo. Assinada apenas por Renato Russo, “Química” é música feita ainda na época do Aborto Elétrico, o primeiro grupo de Russo. Foi lançada em disco pelos Paralamas do Sucesso, em 1983, no primeiro LP do trio carioca, *Cinema Mudo*. Em 1987, a Legião relançou a música no álbum *Que País é Este*, que reunia material inédito do Aborto Elétrico e de outras bandas da chamada “Turma da Colina”.

Lado

Era uma vez um Bambino Italiano (de "boa" família) que se envolveu com amiguiinhos marginalizados de Brasília. Tentaram levar um nome com um tamborinho de marca de uma amiga, um triângulo de 3 cordas de sua uimã. Robert deu-lhe seu pai ~~C. [illegible]~~ e junto com os cavalheiros comprou tudo que lhes era necessário. O nome ficou naõ e Rock naõ o Punk e sim primitivo Bambino!

Bambino e os Marginais

Era uma vez um bambino italiano (de "boa" família), que se envolveu com amiguiinhos marginalizados de Brasília.

Tentaram levar um som com um tamborzinho de criança de uma amiga, e um violão de 3 cordas de sua irmã. Roubou dinheiro de seu pai e, junto com os canalhas, comprou tudo que lhes era necessário. O som feito não é rock não, é punk, e sim primitivo. Bambinos!

A origem não tão secreta do Movimento Invisível

Consegui uma coletiva no gramado do jardim do Jornal de Brasília. Debaixo das árvores retorcidas, fizemos fotos, e Manel Henriques perguntou quem carbura um? Os três amigos apontaram na minha direção. Assim, o fã-clubê dos Beatles e o jornalzinho encerraram suas atividades. Minha carreira solo já começava em 1982. Aos sábados, na hora do almoço, no Som Pop, falavam do fanzine, na televisão.

John

Enquanto a guitarra, gentilmente... chora

Manel Henriques – Jornal de Brasília, 8 dez. / 1982

Os filhos de Lennon (QE 34)

70

Eles atendem por codinomes roqueiros – o líder é Mário “LenMac”, que conta com Ismael “Lennon”, Sidney “McCartney”, Sales “Harrison”, e Rogério “Punk” para balançar a noite do que chamam, em seu jornalzinho mimeografado, de Guará “Rock City”. Uma rapaziada que não tinha completado 10 anos de idade quando John, Paul, George e Ringo acharam que estava na hora de os Beatles partirem para outra. São estudantes, sem maiores conflitos com a família, que vivem a Beatlemania, desde a hora em que vão para a escola até o momento em que partem para a cama.

“Vivemos as 24 horas do dia juntos”, sintetiza Mário “LenMac”. “E, no domingo, o encontro é lá em casa, o toca-discos ligado, todo mundo com a tesoura na mão tira dos jornais qualquer coisa que fala do rock and roll dos anos 60, e especialmente as matérias que mostram o que os Beatles andam fazendo.”

“Lá em casa, só não entra funk, soul, reggae e discoteca. O resto é liberado”, adverte “LenMac”.

Lennon: ainda vivo e consumido

Correio Braziliense,
9 dez. / 1982

BEATLEMANIA

Jovens de 16 anos, 18, de todas as idades, de diversos países, têm os seus fã-clubes dos Beatles. Também em Brasília existem os seus seguidores.

No Guarã existe um jovem de 18 anos, Mário, que coleciona desde 1976, tudo que encontra sobre os Beatles. Foi nesta época que escutou uma música dos Beatles. Ele se lembra da sua infância, quando sua mãe ficava arrumando a casa, escutando os Beatles. Mário diz "que as músicas da sua infância foram paixão à primeira vista". Depois disso passou a colecionar tudo o que aparecia e que existia sobre eles.

Mário também começou a se corresponder com os fã-clubes dos Beatles de São Paulo e Rio de Janeiro. Como em Brasília não existia nenhum fã-club, Mário resolveu dar destaque a sua mania e criou junto com amigos um jornalzinho chamado **Jornal do Rock**.

A equipe do jornal se compõe de 5 jovens, dos quais 4 são fãs incondicionais dos Beatles. Cada um põe o nome dos Beatles que mais lhe agrada. Mário é conhecido como Mário LenMac, combinação de Lennon e McCartney —, há o Ismael Lennon, o Sidney McCartney e só escapa Rogério, que é **Punk**.

O jornal já editou três números, dois foram sobre os Beatles. O último número é um especial em homenagem a John Lennon. Mário diz "que esta paixão pelos Beatles, mesmo que muitos de nós não tenham nascido na época deles, sentimos saudades, pois o nosso sonho era vê-los juntos novamente, além de ser uma paixão que passa de pai para filho".

Os jovens são bem incoerentes. Ainda bem. Vivem contestando os valores de seus pais, mas vivem curtindo os ídolos das pessoas de 40 anos. Mas, de acordo com os jovens do **Jornal do Rock**, eles não contestam nada, apenas ironizam qualquer situação. Para eles, "se explodir uma bomba atômica, se Reagan morrer, isto não importa. Apenas o presente, mulheres, rock e bebida que são coisas importantes".

Para os garotos, "rock com política não dá pé". Eles acreditam que se contestassem alguma coisa, as pessoas não lhes dariam importância. Há apenas um partido para eles, o Partido do Rock (PR). E como só o rock é importante, fundaram o jor-

nal, para unir os roqueiros e difundir a Beatlecultura. Entretanto, com a morte de Lennon, o sonho realmente acabou, pois não há mais possibilidade de unir os Beatles.

Rogério Costa diz que "estes jovens estão sendo dirigidos pelo sistema e não olharam atentamente o que está acontecendo a sua volta. São saudosistas e saudosistas de um tempo que não viveram, o que representa uma atitude cômoda e sem qualquer perspectiva individual e coletiva".

"Não quer dizer que as pessoas devem deixar de gostar dos Beatles, devem é ficar atentas para os que estão vivos e mexendo conosco", declarou Rogério. Não são só os jovens que lembram os Beatles e sentem a morte de Lennon. Os que viveram naquela época sentem muito mais a morte de John e gostam de ver a sua época sendo seguida pelos jovens.

SAUDOSISTAS

Ary Pararralos tem hoje 43 anos, mas na época dos Beatles tinha os seus 25 e diz que "a morte de Lennon e de Glauber Rocha foi um choque muito grande". Também conta que quando os Beatles apareceram, ele estava engajado numa luta política e custou muito a aceitá-los. Estava preocupado nesta época com a mensagem textual e as músicas dos Beatles possuíam letras muito leves. Ele ainda não sabia que podia ser revolucionário no conteúdo musical.

Para Ary, os Beatles não eram ídolos, mas sim pessoas especiais: "Só quem viveu na minha geração e viu a grande revolução que eles trouxeram, pode falar dessa experiência. Dessa transição de um mundo acadêmico repressivo, para um mundo contemporâneo e mais solto. Lennon era o filósofo, e que foi sacrificado, um sábio que morreu aos 40 anos".

Também para Eurípedes Gomes da Silva, 34 anos, "quando os Beatles apareceram foi aquele rebulício, uma coisa extremamente importante. Na minha adolescência, festinha que se prezasse tinha que ter os Beatles, senão era considerada careta". Eurípedes diz que sentiu muito a morte de Lennon: "Ele faz uma falta incrível, pois era um cara de visão".

Tanto Ary quanto Eurípedes concordam plenamente com os jovens que vivem cultuando os Beatles, pois eles foram muito especiais, além de acharem perfeitamente normal que eles sintam a falta de um ex-Beatle.

gentilmente... chora

8 dez. / 1982



No Guarã, a árvore dos 60 dá seus galhos e flores

desenho muito louco, como o Criador do Universo."

Loucuras e tietagens. "transar a cultura beatle, já que em todo canto tem um forró, uma rodinha de samba, mas ninguém se reunindo pra escutar o rock dos anos 60. Então, o que a gente quer é mostrar pra todo o mundo essesom."

Esse som tem respingos de nostalgia. Fala Mário: "Desde 1970, quando eles se separaram, esperava a volta dos Beatles, fosse num grande concerto, fosse num LP. Eu me lembro que em 1976 o papo sobre a reunião de John, Paul, George e Ringo correu solto. Li que a Playboy ia lançar um artigo sobre a volta do conjunto. Demorei para arrumar dinheiro para

comprar a revista, quando consegui a grana descobri que era um conto, ficção, mas muito bem escrito, falando da magnífica e impossível aventura do pessoal tocando junto de novo. Mas meu sonho acabou há exatamente 2 anos atrás, no dia 8 de dezembro, quando deram aqueles tiros em John Lennon."

Adolescentes nostálgicos. Um perímetro marcado por Niemeyer e batizado Guarã, onde transitam os adeptos de Bob Marley, os companheiros de Lennon, o pessoal do sambão, a garotada do punk em coquetel de receita muito específica, arcos-iris muito adjetivo, intransferível, pessoal. Os filhos, filhotes e netos de Lennon fazem parte dessa coisa toda que é o voador circo de uma guitarra, balão iluminado e amplificado. "Eu curtis Beaties desde os 17 anos. Eles eram os Maís Melhores, o Lennon deu o ritmo, era o cara que equilibrava os graves e agudos", acrescenta Sidney, alias "McCartney-Presley".

Ismael "Lennon": "Mesmo quem não viveu o tempo de pique dos Beaties, como eu, sente saudade". faz questão de reforçar. É como uma magia, fantasia que passa de pai para filho. Pinta um sentimento.

Essa garotada vale uma matéria. Vale duas, vale três, vale todas. Na QE 34, rolam todas as tranças rastafaris, todas as gingas do sambão, todo o rock dos anos 60. Acontecem, nesse perímetro, todos os alfinetes que machucam, de uma forma talvez doente, quem sabe ingênua, o status que.

Aí a gente pega o John Lennon, o Bob Marley, junta na mesma nuvem com o Bob Dylan e o Mick Jagger, e pede para uma lente desfocar um ou outro, só pelo prazer da melhor pose. No Guarã seria de amargar qualquer lente normal. Quando o calendário marca 2 anos do assassinato idiota de Lennon, o dono de casa que só queria curtir seu filho em paz, e ter somente aquelas briguinhas de família tão naturais, sem intelectuais — essa a impressão geral, tirada das horas e horas de gravação que Davis Scheff conseguiu com John & Yoko para a Playboy, transformada em livro em 1981. Um jeito de comer numa boa o café da manhã, uma maneira de levar adiante, sem demonstrações baseadas no who's who de um almanaque, que todo mundo tem uma obrigação básica, que a mulher pode ser a figura ideal para firmar contratos, é que o homem pode ir para o fogão e sair de lá com um pão que mamãe jamais pensou em realizar no forno do lar.

Rogério "Punk" e Pazcheco mostram as línguas numa sátira ao Kiss. Ismael "Lennon" recria o vestuário, e Sidney "Presley", o bom mocismo

E como esse pessoal partiu para formar um grupo que reverencia a memória e o som dos Fab Four? “Um trauma de infância”, salienta Mário. “Minha mãe ficava lavando louça, e o rádio tocava, em cima da pia, um certo conjunto que, para mim, eram os “Beátles”. Entrei numa loja de discos, o dono corrigiu minha pronúncia – era “bitous”. Comprei “A Hard Day’s Night”, e o sonho começou”.

Ismael “Lennon” foi iniciado no som dos Beatles através de Mário, já no final da década de 70. Coisa parecida aconteceu com Sidney “McCartney”: “estava sentado na porta de minha casa, o Mário apareceu dizendo que Elvis Presley era um barato, mas que os Beatles estavam falando de coisas mais próximas da gente. Na minha visita posterior a uma loja de discos, pedi pra escutar *Rock’n’Roll Music*, achei legal, levei pra casa, e não parei de escutar.”

Rogério “Punk”, à primeira vista, poderia dar a impressão de não pertencer à trupe beatlemaníaca da QE 34 do Guará. Mas não é bem assim: “Antigamente”, diz, do alto de seus 16 anos o desenhista do grupo, “e mesmo hoje, curto mais o punk rock. Um dia, chegou o Mário. Eu mostrei as camisetas que pintava, ele me mostrou alguma coisa dos Beatles. A gente se entendeu. A capa do último jornalzinho é minha, registro o Lennon num desenho muito louco, como o Criador do Universo.”



Rogério ‘Punk’ pintava gandas militares com os rostos dos novos roqueiros, como do AC/DC etc. Ele desenhava John Lennon, em harmonia com o universo, na edição especial ‘Give Peace A Chance’. – Finalmente a edição impressa ganhava uma tiragem maior.

Loucuras e tietagens: “transar a cultura beatle, já que em todo canto tem um forró, uma rodinha de samba, mas ninguém se reunindo pra escutar o rock dos anos 60. Então, o que a gente quer é mostrar pra todo mundo este som.”

Ele tem respingos de nostalgia. Fala Mário: “Desde 1970, quando eles se separaram, esperava a volta dos Beatles; fosse num grande concerto, fosse num LP.

Eu me lembro que em 1976 o papo sobre a reunião de John, Paul, George e Ringo correu solto. Li que a Playboy ia lançar um artigo sobre a volta da banda. Demorei para arrumar dinheiro para comprar a revista, quando consegui a grana descobri que era um conto, ficção, mas muito bem escrito, falando da magnífica e impossível aventura do pessoal tocando junto de novo. Mas meu sonho acabou há exatamente 2 anos, no dia 8 de dezembro, quando deram aqueles tiros em John Lennon.”

Adolescentes nostálgicos. Um perímetro marcado por Niemeyer e batizado Guará, onde transitam os adeptos de Bob Marley, os companheiros de Lennon, o pessoal do sambão, a garotada do punk em coquetel de receita muito específica, o arco-íris muito adjetivo, intransferível, pessoal. Os filhos, filhotes e netos de Lennon, fazem parte dessa coisa toda, que é o voador circo de uma guitarra, baião iluminado e amplificado. “Eu curti os Beatles desde os 17 anos. Eles eram os “Melhores do Mundo”. O Lennon deu o ritmo, era o cara que equilibrava os graves e agudos”, acrescenta Sidney, aliás “McCartney Presley”.

Ismael “Lennon”: “Mesmo quem não viveu o tempo de pique dos Beatles, como eu, sente saudade”, faz questão de reforçar. É como uma magia, fantasia que passa de pai pra filho. Pinta um sentimento.”

Essa garotada vale uma matéria. Vale duas, vale três, vale todas. Na QE 34, rolam todas as tranças rastafáris, todas as gingas do sambão, todo o rock dos anos 60. Acontecem, nesse perímetro, todos os alfinetes que machucam, de uma forma talvez dolente, quem sabe ingênua, o status quo.

Aí a gente pega o John Lennon, o Bob Marley, junta na mesma nuvem com o Bob Dylan e o Mick Jagger, e pede para uma lente desfocar um ou outro, só pelo prazer da melhor a pose. No Guará, seria de amargar qualquer lente normal. O calendário marca dois anos do assassinato idiota de Lennon, o dono de casa que queria curtir seu filho em paz, e ter somente aquelas briguinhas de família tão naturais, sem intelectualices – essa a impressão geral, tirada das horas e horas de gravação que David Sheff conseguiu com John & Yoko para a Playboy, transformada em livro em 1981 –: um jeito de comer numa boa o café da manhã, uma maneira de levar adiante, sem demonstrações baseadas no who's who de um almanaque, que todo mundo tem uma obrigação básica, que a mulher pode ser a figura ideal para firmar contratos, e que o homem pode ir para o fogão e sair de lá com um pão que mamãe jamais pensou em realizar no forno do lar.

Lennon: ainda vivo e consumido

Correio Braziliense, 9 dez. / 1982

Beatlemania

Jovens de 16 anos, 18, de todas as idades, de diversos países, têm os seus fãs-clubes dos Beatles. Também em Brasília existem os seus seguidores.

No Guará, existe um jovem de 18 anos, Mário, que coleciona desde 1976 tudo que encontra sobre os Beatles. Foi nesta época que escutou uma música dos Beatles. Ele se lembra da sua infância, quando sua mãe ficava arrumando a casa, escutando os Beatles. Mário diz “que as músicas da sua infância foram paixão à primeira vista”. Depois disso, passou a colecionar tudo o que aparecia e que existia sobre eles.

Mário também começou a se corresponder com os fãs-clubes dos Beatles de São Paulo (Cavern Club, Revolution e Beatles 4 Ever), Rio de Janeiro (Live! Yellow Submarine, Sgt. Pepper's Club, Jornal Gente Beatle, Please Please Me, All Together Now e Hello Goodbye) e Rio Grande do Sul (A Day In The Life). Como em Brasília não existia nenhum fã-club, Mário resolveu dar destaque a sua mania, e criou junto com amigos um jornalzinho chamado Jornal do Rock.

A equipe do jornal se compõe de cinco jovens, dos quais quatro são fãs incondicionais dos Beatles. Cada um põe o nome do Beatle que mais lhe agrada. Mário é conhecido como Mário “LenMac”, combinação de Lennon e McCartney – há o Ismael “Lennon”, o Sidney “McCartney”, e só escapa Rogério, que é “Punk”.

O jornal já editou três números, dois foram sobre os Beatles. O último é “especial”, em homenagem a John Lennon. Mário diz “que esta paixão pelos Beatles – mesmo que muitos de nós não tenhamos nascido na época deles, criamos saudades, pois o nosso sonho era vê-los juntos novamente –, além de ser uma paixão, passa de pai para filho”.

Os jovens são bem incoerentes. Ainda bem. Vivem contestando os valores de seus pais, mas também vivem curtindo os ídolos das pessoas de 40 anos. De acordo com os jovens do Jornal do Rock, no entanto, eles não contestam nada, apenas ironizam qualquer situação. Para eles, “se explodir uma bomba atômica, se Reagan morrer, isto não importa. Apenas o presente, mulheres, rock e bebida é que são coisas importantes.”

Para os garotos, “rock com política não dá pé”. Eles acreditam que, se contestassem alguma coisa, as pessoas não lhes dariam importância. Há apenas um partido para eles, o Partido do Rock (PR). E como só o rock é importante,

fundaram o jornal para unir os roqueiros e difundir a Beatlecultura. Entretanto, com a morte de Lennon, o sonho realmente acabou, pois não há mais possibilidade de unirem os Beatles.

Rogério Costa diz que “estes jovens estão sendo dirigidos pelo sistema e não olharam atentamente o que está acontecendo a sua volta. São saudosistas e saudosistas de um tempo que não viveram, o que representa uma atitude cômoda e sem qualquer perspectiva individual e coletiva.”

“Não quer dizer que as pessoas devem deixar de gostar dos Beatles, devem é ficar atentas para os que estão vivos e mexendo conosco”, declarou Rogério. Não só os jovens se lembram dos Beatles e sentem a morte de Lennon. Os que viveram naquela época sentem muito mais a morte de John, e gostam de ver a sua época sendo seguida pelos jovens.

Saudosistas

Ary Pára-raios tem hoje 43 anos, mas na época dos Beatles tinha os seus 25, e diz que “a morte de Lennon e de Glauber Rocha foi um choque muito grande”. Também conta que quando os Beatles apareceram ele andava engajado numa luta política, e custou muito a aceitá-los. Estava preocupado nesta época com a mensagem textual, e as músicas dos Beatles possuíam letras muito leves. Ele ainda não sabia que podia ser revolucionário no conteúdo musical.

76

Para Ary, os Beatles não eram ídolos, mas sim pessoas especiais: “Só quem viveu na minha geração e viu a grande revolução que eles trouxeram pode falar dessa experiência. Dessa transição de um mundo repressivo para o mundo contemporâneo, mais solto. Lennon era o filósofo, que foi sacrificado, um sábio, que morreu aos 40 anos.”

Também para Eurípedes Gomes da Silva, 34 anos, “quando os Beatles apareceram, foi aquele rebuliço, uma coisa extremamente importante. Na minha adolescência, festinha que se prezasse tinha que ter os Beatles, senão era considerada careta.” Eurípedes diz que sentiu muito a morte de Lennon: “Ele fazia uma falta incrível, pois era um cara de visão.” Tanto Ary quanto Eurípedes concordam plenamente com os jovens que vivem cultuando os Beatles, pois eles foram muito especiais, além de acharem perfeitamente normal que sintam a falta de um ex-beatle.

1982

- Aids, a doença do fim do século, é identificada. Em 1982, ocorrem os massacres de Sabra e Chatila, os campos de refugiados palestinos. Argentinos e

ingleses fazem guerra pelas Malvinas, e os argentinos perdem a batalha. No mesmo ano morre, aos 75 anos, o líder soviético Leonid Brezhnev.

- Franco Montoro e Leonel Brizola são eleitos governadores de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente. Mas do lado carioca se descobre tentativa de fraude nas apurações. E a música perde Elis Regina, encontrada morta, após overdose. Enquanto isso, João Havelange é reeleito presidente da Fifa.
- Dentro de campo, a seleção brasileira com Falcão, Zico e Sócrates deu show, mas acabou eliminada pela Itália. Com isso, os italianos ficaram com o caminho livre para conquistar o tricampeonato mundial, ao vencerem a Alemanha na final.

16 janeiro



77

- Para quem não pôde estar lá, ou para quem quer se lembrar, eis o set list das músicas daquele show do The Police: “Voices Inside My Head”, “Message In A Bottle”, “Every Little Thing She Does Is Magic”, “Spirits In The Material World”, “Hungry For You”, “When The World Is Running Down”, “The Bed’s Too Big Without You”, “De do do do de da da da”, “Demolition Man”, “Shadows In The Rain”, “Walking On The Moon”, “Bring On The Night”, “One World”, “Invisible Sun”, “Roxanne”, “Don’t Stand So Close To Me”, “Can’t Stand Losing You / Be My Girl” e “So Lonely”.

20 fevereiro

- *Brasília: A Cidade da Era da Iluminação.* Maharishi Mahesh se encontra com Figueiredo.

Julho

- *O Barão Vermelho, o do rock carnívoro* (matéria na revista Somtrês).

4 jul.

- Ozzy Osbourne, do Black Sabbath, casa-se com sua empresária, Sharon Arden.

Agosto

- *O Barão Vermelho Demencial* (revista Somtrês).

28 novembro

- “Não me arrependi. Tudo tem seu tempo, mas acho que curto mais o lado de cá. Não pretendo voltar, mas não posso dizer que seja definitivo. Hoje em dia, com os filhos crescidos, trabalho como voluntária para instituições de caridade, e aprendo a pintar.” Celly Campello, em entrevista a Ligia Sanches, na Folha de S. Paulo.

Dia de Natal

- Brasília-Planaltina. Mané Garrincha disputa sua última partida de futebol, no Estádio Adonir Guimarães. Morre dezoito dias depois, a grande lenda do futebol.

Música

- “Quanto a escrever sobre o movimento progressivo, tudo começou em 1982. Naquela época, tive a oportunidade de comandar o programa radiofônico Sinergia, específico sobre o assunto, que ia ao ar pela extinta Excelsior FM de São Paulo (atual CBN). Com base em inúmeras cartas e vários telefonemas recebidos no programa, percebi que havia carência de informações precisas a respeito do movimento. Tal sensação já havia aparecido antes, em menor escala, quando eu colaborava no programa radiofônico *Rock Show*, pela extinta Excelsior AM.” (Valdir Montanari)
- Turnê de despedida oficial do The Who. Lançamento do último LP de estúdio do grupo, *It's Hard*. “Eu acho que as relações com o The Who eram movidas mais pela necessidade do que pelo desejo. Nós não gostaríamos de depender um do outro, mas era assim que funcionava.” (Pete Townshend, 1982)
- Lanny Gordin, ao lado de Aguiar e a Banda Performática, grava um disco.
- Sérgio Sampaio lança o LP *Sinceramente*, independente.
- A Baratos Afins lança *Singin' Alone*, o segundo álbum-solo de Arnaldo Baptista.
- Itamar Assumpção e Banda Isca de Polícia lançam o ao vivo *Às Próprias Custas S.A.*

- “Em 1982, eu não tinha autodisciplina. Eu precisava de ajuda. A terapia tradicional tinha fracassado comigo, repetidas vezes, durante mais de 15 anos. (...) Agora estou na melhor forma emocional, física e financeira. A melhor em muitos anos, talvez a melhor em toda a minha vida. E tenho a carreira solo que desejo há tanto tempo.” Sobre a “parceria”, Brian diz: “Nunca ninguém me perguntou por que compus com Roger Christian, que era publicitário, ou com Mike Love, cujo único crédito era ser meu primo, ou Carl e Dennis, que eram meus irmãos. E, entretanto, muita das minhas melhores coisas foram feitas com essas pessoas. (...) Dizem que o Dr. Landy governa minha vida, mas a verdade é que eu a controlo. Ele é meu parceiro porque essa era uma progressão natural no nosso relacionamento.” (Brian Wilson).
- O famoso disco pirata ***Shout*** é resenhado na revista Veja como uma seção histórica dos Stones/Beatles juntos em “Shades of Orange”, onde “a guitarra de John Lennon e a voz de Mick Jagger travavam um delirante diálogo”, e em “Loving Sacred Loving” a bateria de Charlie Watts “apoiava uma vocalização de toda a turma”. – Nunca conseguimos comparar estas gravações com as do compacto simples, lançadas pelo grupo The End, realizadas em Nova Iorque, 1969, sob a produção de Bill Wyman.

Outubro

- Discos-entrevista em inglês ou em português nunca foram populares no Brasil, talvez pela barreira do idioma. E um fato importante, ocorrido a 4 de fevereiro de 1968, transformou-se em um disco-entrevista brasileiro, *The Beatles Tudo Começou Há 20 anos Atrás*, edição comemorativa com tiragem limitada promocional da EMI-ODEON. Apresenta em minúcia os detalhes da gravação de “Across The Universe”, com a participação da brasileira Lizzie Bravo e sua amiga europeia Gayleen. O disco começa com “She Loves You”, ao vivo, e seguem depoimentos de John e Paul. A voz de Lizzie narra a sua própria história em seguida, e, pela entonação, você capta o desenrolar dos fatos e da aventura. Bravo, bravíssimo!

Filmes

2 setembro

- *Câncer*. É lançado no Brasil. Filmado em quatro dias de agosto de 1968. Ficção, longa-metragem, 16 mm, preto e branco. Rio de Janeiro/Roma, 1972, 950 metros, 86 minutos. Companhia Produtora: Mapa Filmes (Brasil); distribuição: Embrafilme; lançamento: São Paulo, Centro Cultural São Paulo; coprodutores: Gianni Barcelloni, RAI-Radiotelevisione Italiana; diretor: Glauber Rocha; diretor de fotografia e câmera: Luís Carlos Saldanha; som direto: José Antônio Ventura; sincronização: Paulo Garcia; monta-

dores: Tineca e Mireta; laboratório de imagem: Líder Cine Laboratórios. Elenco: Odette Lara – a mulher; Hugo Carvana – o marginal branco; Antônio Pitanga – o marginal negro; Eduardo Coutinho – o ativista; Rogério Duarte, Hélio Oiticica, José Medeiros, Luís Carlos Saldanha, Zelito Viana e o pessoal do morro da Mangueira (Rio de Janeiro).

- *A Missa do Galo* (Nelson Pereira dos Santos).
- Fassbinder, como ator, *Kamikaze 1989*. De Wolf Gremm, um policial autotôrnico, traz Rainer Werner Fassbinder em seu último trabalho no cinema.

Literatura

- É lançado *A Balada de John & Yoko*. Edição da Rolling Stone/edição brasileira Círculo do Livro/ Livros Abril.

Abril

- O jornalzinho Revolution publica a primeira parte da tradução de Marco Antônio Mallagoli para o livro *All You Need Is Ears (Tudo Que Você Precisa São Ouvidos)*, escrito pelo quinto beatle, George Martin.



Agosto

- Lançamento do livro *The Beatles*. Texto de Geoffrey Stokes/Planejamento Visual: Bea Feitler. Círculo do Livro e Editora Melhoramentos.

Setembro

- É lançado *John Lennon*, livro de Lúcia Villares. Brasiliense.

Outubro

- É lançado o livro com a peça teatral *Lennon Lives*, de J. C. Souza e Clovis Moreno.
- *The Making of The Madcap Laughs* – Malcon Jones, Edição do Autor, 1982.
- Alemanha, no final de 1982, Andy Warhol lança o livro *Andy Warhol Das Graphische Werk 1962-1980*, que dá uma geral na sua carreira, e inclui retratos de Mick Jagger, Pelé, Mao-Tsé-Tung. Um livro em três dimensões, mais incontáveis loucuras visuais

Obituário

19 janeiro



- Terça-feira. 11h45 – Elis Regina morre, em São Paulo, por intoxicação exógena aguda. O corpo de Elis é levado para o Teatro Bandeirantes, onde é velado até o dia seguinte. Elis veste a camiseta que não pôde ser usada no show *Saudade do Brasil*, dois anos antes: a bandeira brasileira, com seu nome no lugar de “Ordem e Progresso”. O Teatro Bandeirantes fica cheio durante a noite e a madrugada. Vários artistas no velório: Rita Lee, Roberto de Carvalho, Raul Seixas, Jair Rodrigues, Ronald Golias, Martinha, Lélia Abramo, Ronaldo Bôscoli, Luiz Carlos Miele, César Mariano, Henfil, Tônia Carrero, Hebe Camargo, Ângela Maria, Fafá de Belém. Gilberto Gil, dos Estados Unidos, manda uma coroa de flores: “Sua voz será de todas as canções, sua alma de todos os corações.” A morte é manchete em jornais: *Perdemos nossa melhor cantora* – Jornal da Tarde – SP – 20/1. *Suspeita de suicídio na morte de Elis Regina* – O Estado – SC – 20/1. *Causa da morte de Elis só vai ser confirmada amanhã* – Jornal do Brasil – RJ – 20/1. *Brasil chora morte de Elis* – A Notícia – Joinville – SC – 20/1. *Coração mata Elis* – O Estado do Paraná

– 20/1. *Elis* – Folha da Tarde – RS – 20/1. *O Brasil sem Elis Regina* – Folha de S. Paulo – 20/1. Algumas agências de propaganda fazem circular mensagens a respeito de Elis em todos os jornais: “Choram Marias e Clarices... Chora a nossa pátria mãe gentil. Em busca de um sol maior, Elis Regina embarcou num brilhante trem azul, deixando conosco a eternidade de seu canto pelas coisas e pela gente de nossa terra. E uma imensa saudade.” (Age Propaganda – SP) “A verdade não rima, a verdade não rima, a verdade não rima...” (Visão Publicidade – PR – tirada da letra da música “Onze fitas”, de Fátima Guedes.) *Nada será como antes. Elis Regina Carvalho Costa* (Signo Comunicação – RJ).

20 jan.

- O Departamento de Trânsito de São Paulo cria um esquema especial para o cortejo, do Teatro Bandeirantes ao Cemitério do Morumbi. A pé, de carro ou moto, milhares de pessoas acompanham o carro do Corpo de Bombeiros que leva o caixão. Elis é sepultada por volta de uma hora da tarde no túmulo 2.199, quadra 7, setor 5 do Cemitério do Morumbi. 21 de janeiro: O delegado do 4.º Distrito Policial de São Paulo, Geraldo Branco de Camargo, divulga os resultados da autópsia e dos exames toxicológicos realizados em Elis. O laudo número 415/82 do Laboratório de Toxicologia do Instituto Médico-Legal revela “resultado positivo para cocaína e álcool etílico, este na quantidade de um grama e seiscentos miligramas de álcool etílico por litro de sangue; a quantidade de álcool etílico encontrada em nível sanguíneo revelou estar a vítima sob estado de embriaguez, e a presença de cocaína caracterizou o estado tóxico, que em somatória pode responder pelo evento letal”.

22 jan.

- A TV Cultura e a TV Globo apresentam especiais com Elis Regina. O da TV Cultura é a reapresentação de um programa feito em 1972, onde Elis fala de sua carreira e canta por duas horas. Direção de Fernando Faro. O da Globo é uma colagem das várias fases da carreira de Elis. A Sudwestsunk, emissora de televisão alemã, com sede em Baden Baden, apresenta um especial de quarenta e cinco minutos com teipes de Elis ,gravados quando ela esteve na Alemanha.

26 jan.

- Missas de sétimo dia são rezadas em São Paulo, Rio de Janeiro e várias cidades do Brasil. Em São Paulo, a missa é às 18 h, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Dentro da Igreja, mais de mil pessoas, entre elas Rita Lee, César Mariano, Samuel MacDowell, Walter Silva, Teotônio Vilela, Audálio Dantas, Lula, Cauby Peixoto, Hebe Camargo, Henfil, Renato Consorte, Lélia

Abramo. Os textos litúrgicos são lidos por Rita Lee e Rogério, irmão de Elis. No Rio, a missa é celebrada na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, com as presenças de Gal Costa, Nana Caymmi, Fafá de Belém, Zezé Motta, Betty Faria, Hermínio Bello de Carvalho, entre outros. Em 29 de janeiro é divulgado o resultado dos exames realizados pelo Laboratório de Toxicologia do Instituto Médico-Legal, que determinam a quantidade de cocaína que teria sido ingerida por Elis antes de morrer: Exame complementar n.º 00415. Exame toxicológico: a análise quantitativa de cocaína efetuada em fígado e urina forneceram os seguintes resultados. Urina: 23 mg/100 ml (23 miligramas de cocaína por 100 mililitros de urina). Fígado: 2,4 mg/100 g de tecido (2,4 miligramas de cocaína por cem gramas de fígado). Observações: As dosagens acima foram efetuadas em cromatografia líquidogás, utilizando-se padrão de cocaína extrapura cristalizada de procedência alemã (Merck). O laudo é assinado por Maria E. M. da Costa Amaral, Vera Elisa Reihardt, Maria Isahel Garcia e Evilin Mansur.

30 jan.

- No show *Festa do Interior*, no Maracanãzinho, RJ, Gal Costa dedica a música “Força Estranha”, de Caetano Veloso, a Elis, “uma estrela que luz eternamente”. Essa homenagem seria repetida durante toda a temporada do show pelo país.

83

7 fevereiro

- Mais uma homenagem, e monumental. No estádio do Morumbi, SP, cem mil pessoas assistem ao show *Canta Brasil*. As atrações: Simone, Fagner, Toquinho, Chico Buarque, Milton Nascimento, Baby Consuelo, Pepeu Gomes, Gonzaguinha, Elba Ramalho, Paulinho da Viola, Djavan, Nara Leão, Clara Nunes e João Bosco. Sob um enorme painel com o rosto de Elis, todos os artistas e público, cem mil vozes, cantam “O Bêbado e A Equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc.

16 fev.

- O promotor Pedro Franco de Campos, da 1.ª Vara Auxiliar do Júri, requer o arquivamento do inquérito sobre a morte de Elis ao juiz Antônio Filiardi Luiz, alegando “não haver crime a punir. Não houve o delito de induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio, mesmo porque não se pode falar com segurança em suicídio”.

23 fev.

- O juiz Antônio Filiardi Luiz manda arquivar o inquérito instaurado para apurar a morte de Elis.

24 abril

- Sérgio Buarque de Holanda, historiador, morre.

2 março

- O escritor-visionário Philip K. Dick morreu depois de muitas experiências com drogas, e uma absoluta confusão mental, que o transformou num paranoico.

10 junho

- Rainer Werner Fassbinder (31 mai. / 1945), diretor do Novo Cinema Alemão, morre. Depois de responder a um processo por consumo de cocaína, Fassbinder é encontrado morto, no quarto do seu apartamento, aos 37 anos e 43 filmes. Ele é vitimado por uma overdose provocada pela mistura de álcool, cocaína e barbitúricos. Partiu sem ver a estreia de seus últimos trabalhos. Em *Kamikaze 89*, trabalhou como ator, e com *Querelle*, que dirigiu, Fassbinder sonhava ganhar os três mais importantes festivais de cinema do mundo – Berlim – Cannes – Veneza – e o Oscar de melhor diretor. Tudo no mesmo ano em que seria capa da Revista Time. Só não contava com o precoce fim, que seus amigos íntimos temiam.

4

1983

**CAZUZA NÃO MOSTROU O PAU, MAS
NÓS VIMOS SEUS BAGOS!**

85

Corria o ano de 1983, e eu já conhecia o Barão Vermelho de parágrafos elogiosos na Somtrês. Eles acabavam de lançar o seu primeiro disco, com resenha na Veja, e vieram para um show no Autódromo de Brasília.

O local era inusitadamente apropriado, talvez o primeiro acontecimento do gênero naquele recinto. Uma redemocratização de espaços. Era domingo, e a cidade estava incrivelmente vazia. O ônibus fez a curva do Palácio do Buriti, e descemos.

Seguimos pelo gramado até a bilheteria. O clima era: vai ter show? Poucos gatos pingados, que aumentaram consideravelmente no final, formando um bloco diante do palco. A maioria das pessoas se reconhecia de 'vista'.

Eu não conhecia a formação do Barão Vermelho, mas hoje sei que o Sérgio Serra (futuro Ultraje a Rigor) estava numa guitarra, e Frejat, na outra. Para mim, este quase não participaria do show, pois estava febril demais.

“Na verdade, quem estava mal era o próprio Cazuzza, que alegava uma forte dor de garganta, e que por isso tenha sido um set tão curto. Lembro-me bem que no começo do show ele estava com um cachecol, e daí explicou o motivo.

“Fui atraído por ‘Down Em Mim’, que tocava na Transamérica. Fiquei curioso pela banda. Cazuzza, rouco, se desculpou, e pensei que a voz dele era muito ruim. Depois vi que era o estilo da sua entonação. Tenho certeza deste detalhe. Na segunda música, tirou o cachecol. Parecia uma bandinha sem futuro.” (Félix Amorim)

No meio do show, pediram silêncio, para que ouvissem o teclado, na introdução de “Down Em Mim”.

Quando me dei conta, o show tinha acabado. Foi um curto set, e Cazuzza, de camiseta bicolor e short sem cuecas, no centro do palco baixo, se agachava a todo instante, balançando o escroto. Na hora, eu não achei divertido, e até antipatizei com o crooner. Estava acostumado a ouvir a Blitz, Rádio Táxi e Gang 90. Fui na esperança de testemunhar o que o Ezequiel Neves descrevia como uma experiência chapante. Não achei nada demais no som deles, pensava que seria semelhante ao Made in Brazil!

Foi um show marcante, na verdade, em nossas vidas. Na sequência das canções, dores de cotovelo, pois acontecia a despedida da minha namorada, que iniciava um relacionamento com o meu melhor amigo. Na hora da saída, como eu não havia vendido nenhum fanzine, joguei os exemplares para os céus.

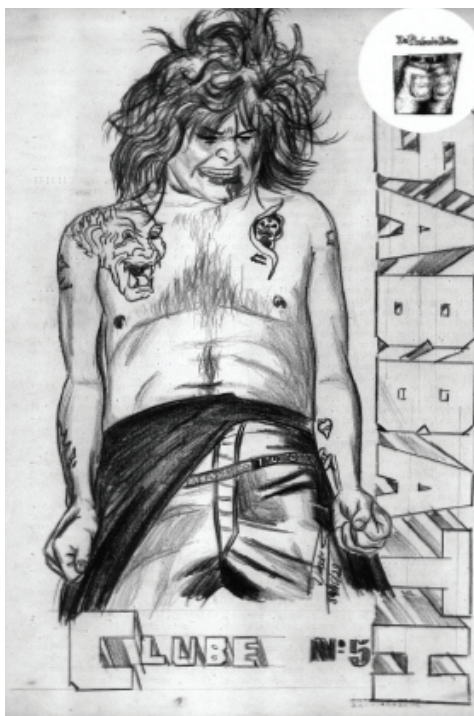
10 anos depois

Eu estava em São Paulo. Na casa da fotógrafa Grace Lagôa, vi uma foto colorida de Cazuzza, neste primeiro show sob o céu de Brasília. Na hora, eu disse: – Vi este show, foi em Brasília!

Nice Pontes

Autora da fotografia, nessa época, morava em Brasília. Tempos depois, ela se mudou para a Austrália, mas sempre trocou correspondência com sua amiga Grace Lagôa, e mandou-lhe a foto.

Infelizmente, Nice Pontes e Cazuzza não estão mais conosco. Sobreviveram os diversos olhares e ouvidos atentos ao nascimento de um mito, que naquele momento não usava cueca...!



Ozzy Osbourne: o feiticeiro vodu do ritmo do diabo

Existem pessoas que não sossegam, Ozzy Osbourne é dessas pessoas. Depois de ter sido vocalista do Black Sabbath, por dez anos, ele resolveu investir em carreira solo.

Qual o segredo ou a força oculta que Ozzy usa para enlouquecer as exigentes plateias europeias e americanas?

Nem tudo foi sempre sucesso na vida de John Osbourne, nascido a 3 de dezembro de 1948, na industrial Birmingham. Na adolescência, pensou em ser cantor, e a música, sua maior paixão, o tirou do bairro de Aston.

Trinta anos depois, em 1978, Ozzy Osbourne foi expulso do Sabbath. Além das divergências musicais, ele bebia muito, e havia falado mal dos outros membros da banda na imprensa. Abandonou as libras, evitou os fãs satanistas, e foi viver uma vida doméstica, no campo, com a família

Quando tudo indicava que Ozzy teria deixado a vida artística, ele resolve voltar. Não aguentou ficar muito tempo longe dos holofotes e do calor do público. Formou um grupo de apoio. Mas suas preocupações estavam voltadas para a

recepção do público, vendas do novo disco, e também tinha um certo medo de cair na estrada. Com certeza, o público preferiria o Sabbath...

Com a volta, montou-se um verdadeiro circo de horrores e boatos sobre a sua possível morte. Tudo isso de fato foi divulgado em jornalecos, que disseram ter Ozzy arrancado a dentadas a cabeça de um morcego, que havia sido jogado por um fã. Detalhe: o morcego estaria vivo! E depois desse ritual Ozzy teria ainda devolvido à plateia o animal. Em consequência da atitude, Ozzy teria falecido vítima de hidrofobia...?

Rolou confirmação do “fato” em Brasília, numa FM. Descobri a verdade seis meses depois. Como o cara teria mordido o simpático animal e ficado com hidrofobia? Não teria sido o caso o inverso, gente boa? Por precaução, Ozzy deve ter tomado as dolorosamente inusitadas antirrábicas.

Com a farta divulgação do episódio esquisito, *Blizzard of Ozz*, o primeiro LP, vendeu muito bem. Nesse disco, a música de mais sucesso foi “Crazy Train”. Ozzy nos vocais, Lee Kerslake na bateria, Bob Daisley no baixo, e o grande guitarrista Randy Rhoads.

Eleitos a melhor banda ao vivo de 1981, o destaque era Randy Rhoads, guitarrista exímio, de 24 anos. Ex-professor de música, solava rápido como um beija-flor, com sua técnica flamenca. Aceitos de imediato pela crítica e público, lançam o LP *Diary of Madman*, quando Kerslake e Daisley partiram para compor uma formação do Uriah Heep. Assim, abriram vagas para Rudy Sarzo, contrabaixo e Tommy Aldridge, bateria. Novas excursões pela Europa, onde bisam o sucesso anterior na Alemanha, especialmente, e chega a vez dos Estados Unidos, que percorrem costa a costa, num ônibus. No controle, Sharon Arden.

Dentro do ônibus, uma geladeira cheia de sodas, cervejas e sucos naturais. Também uma tevê e vídeo-cassete, e logicamente os filmes de terror. Doze, exatamente.

Nas apresentações, Ozzy está de novo visual, com sombra nos olhos e apenas a calça de malha. Podem-se ver as suas tatuagens nos antebraços e no peito. Para quem não sabe, Ozzy tem seu próprio nome tatuado nos quatro dedos da mão esquerda.

Anteriormente ele teve problemas com a “Associação Protetora dos Animais”, por causa de sacrificados em shows, e em seguida com “A Liga Familiar”. Assim como a polícia, tentam impedir novas apresentações de Osbourne. Mas, depois

de tudo justificado às autoridades, tim-tim por tim-tim, ele prossegue com seus demonismos. Mas o diabo é impaciente. Em troca do sucesso, algo teria que ser entregue. De preferência, claro, a alma não-vendida. Mas... “they sold their souls to rock’n’roll”? A polêmica não foi resolvida ainda, parece.

No dia 19 de março de 1982, Randy Rhoads, guitarrista e amigo de Ozzy, “bate as botas”. Foi um acidente estúpido, onde morreram também o piloto e uma arrumadeira: Randy saiu para um passeio de Bonanza, e na aterrissagem a pequena nave foi diretamente de encontro à casa onde estava a Blizzard of Ozz. O pessoal escapou a tempo, mas o avião explodiu. Aos 25 anos, o talento e a rapidez de Randy sucumbiram, junto com a vontade que havia confessado de deixar o business. O inconformado Ozzy declarou: “Nunca haverá outro igual!” E no mundo dos boatos rolou um papo de que a mãe de Randy estaria processando a companhia aérea a que o piloto pertencia. Porque o brevê dele estava vencido. Ele não poderia, portanto, pilotar.

Ozzy ficou muito deprimido com a morte de Randy, e cancelou várias apresentações. Mas cumpriu algumas, com o guitarrista Bernie Tormé (ex-Gillan Band), que não aprovou.

Em julho de 1982, Ozzy se casou com Sharon Arden, sua empresária, passaram a lua de mel no Havaí.

Para 1983, havia a expectativa de um álbum-duplo, “ao vivo”, *Speak Of The Devil*, que reuniria músicas do Sabbath e dele. Randy Rhoads não teve tempo de participar do projeto, o guitarrista foi Brad Gills.

Atualmente Ozzy muda de músicos de apresentação em apresentação. E a “A Liga das Igrejas Cristãs” o combate...

1983

Música



90

21-22 e 23 janeiro

- Patrulha do Espaço no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Abrem para o Van Halen, e são ovacionados pelo público.
- Joelho de Porco reaparece novamente, com Próspero Albanese nos vocais, Tico Terpins no contrabaixo, e a adesão de Zé Rodrix nos teclados. Assim lançam o primeiro e hilariante álbum-duplo de rock brasileiro, *Saqueando A Cidade*, que vende poucas cópias.

2 fevereiro

- “Acho uma experiência fantástica, totalmente rock’n’roll. Brizola dá uma segurança prá gente, tem uma filha que é mais louca do que todo mundo que está aqui. Ele é um cara socialista, um cara Mitterrand, me sinto muito feliz de viver nessa cidade, que elegeu o PDT, que foi execrado no Brasil inteiro. Aqui vai nascer uma coisa nova, que é rock’n’roll, uma coisa alternativa. O PDT é igual àquele sanduíche que vendem na praia: alternativo.” *Cazuza, sobre a eleição de Leonel Brizola, Jornal do Brasil, Jamari França*

29-30 dezembro

- Final de ano. O Made in Brazil reúne-se à Patrulha do Espaço em dois espetáculos, no Tuca, em São Paulo.
- O trio carioca Paralamas do Sucesso lança o primeiro LP, *Cinema Mudo*.
- Stevie Ray Vaughan, segundo a revista Guitar Player, tem sido o melhor guitarrista de blues de 1983 e 1984.

Literatura

- *Flashbacks* – Em janeiro de 1983, época em que os gurus dançavam – vide Moons e Rajneeshs –, mas em que se falava (e muito) em neopsicodelismo e afins, Timothy Leary lança nos Estados Unidos *Flashbacks – LSD: A Experiência Que Abalou O Sistema*, livro que explicita sua visão iconoclasta sobre o uso social das drogas: “Em aparições públicas, oponho-me vigorosamente às leis que proíbem os cidadãos americanos de alterarem seus sistemas nervosos. Ainda 100% favorável ao uso inteligente e moderado de drogas, estou cada vez mais convencido de que o direito de cada indivíduo de ter acesso ao seu próprio cérebro se tornou o fato político, econômico e cultural mais significativo nos Estados Unidos, hoje. Nossos estados jamais serão unidos ou prósperos enquanto o conflito de gerações relativo a drogas não acabar. Os mais de 50 milhões de nós que ocasionalmente usam drogas com moderação, para intensificar nossa estética, sensualidade, emotividade, intelectualidade e espiritualidade, não parecem se incomodar muito com a legislação antidrogas. Graças a nosso número, a tentativa de proibir nossas alterações neurológicas se mostrarão fúteis.”
- *Rock A Música do Século XX* – 2 Volumes. Editora Rio Gráfica.
- José Paulo Paes lança *Calendário Perplexo*.

Artes

91

Maio

- É inaugurada a Galeria Thomas Cohn (Rio de Janeiro), com individual de pinturas de Carlos Vergara. Em 10 de dezembro, ele expõe pinturas no Gabinete de Arte Raquel Arnaud (São Paulo).

Obituário

- Morre o historiador Clarival Valladares, atuante teórico da arte brasileira, autor de *Arte e Sociedade nos Cemitérios*, elogiado pelo canadense Marshall McLuhan.

17 abril

- Nova York. Felix Pappalardi, produtor do Cream e baixista do Mountain, é morto a tiros por sua mulher e parceira musical.

29 outubro

- Ana Cristina César nasceu em 1952, no Rio de Janeiro. Criou-se entre Niterói, Copacabana e os jardins do velho Bennet. Depois de 68, um ano em Londres, primeiras viagens pelo mundo, e na volta deu aulas, traduziu, fez letras. Escreveu para revistas e jornais alternativos, saiu na antologia *Poetas Hoje*, de Heloísa Buarque. Publicou, pela Funarte pesquisa sobre

literatura e cinema. Fez mestrado em comunicação, lançou seus primeiros livros em edições independentes: *Cenas de Abril* e *Correspondência Completa*. dez anos depois, outra vez a Inglaterra, onde às voltas com um M.A. em tradução literária. Escreveu muitas cartas e editou *Luvas de Pelica*. Ao retornar, descobriu São Paulo, e fixou residência no Rio. Trabalhou em jornalismo, televisão, e escreveu *A Teus Pés*. Suicidou-se.

5 novembro

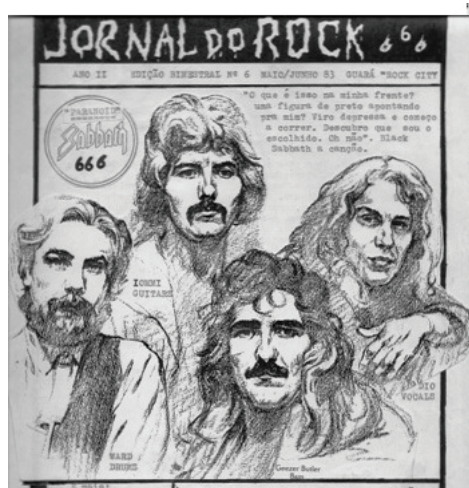
- Humberto Mauro, “o mais novo dos cineastas brasileiros”, morre aos 86 anos.

25 dezembro

- Joan Miró (1893, Barcelona, Espanha – 1983, Maiorca, Espanha).

28 dez.

- O baterista Dennis Wilson (Beach Boys), aos 39 anos, um dos pais da música de surfe, e único surfista da banda, afoga-se no dia 28 de dezembro de 1983, à noite, no Pacífico, perto da costa californiana de Marina Del Rey. “Wilson e alguns amigos estavam num barco, quando ele escorregou e caiu no mar. Tentou nadar até a embarcação, mas não conseguiu. Seu corpo foi encontrado uma hora mais tarde”, disse o delegado de Marina Del Rey, subúrbio de Los Angeles. Agora um dos cinco garotos da praia pegou o tubo final.



Fanzine Jornal do Rock n.º 6 – mai./jun. 1983 – Guará 'Rock City'



A UVA, reunida nas paredes da padaria da QE 34. Acima: Bodão, Pedrão, Mancha, ? e Ricardinho.
Agachados: ?, Carlito, Elias, ?

No início, ficávamos em pé e encostados na parede de tijolos vermelhos da padaria da QE 34. À noite, éramos revistados pelo Estado – de armas em punho. Depois, comíamos frango assado com Velho Barreiro. No roteiro, vários filmes e concertos de rock: as primeiras viagens para outros estados e galáxias.

Em seus caminhos, tudo: bicicletas, Super-8, skate, e acampamentos, motos, rock, garotas, noites, pôsteres, camisetas, mocassins, macacões jeans, guitarras, bandas de rock e viagens ao Nordeste... Era a nossa vitrine, uma espécie de “quartel general”. Celeiro de artistas e craques de futebol.

5

1984

UVA: MEMÓRIAS DE TRINTA ANOS ATRÁS

UVA, um grupo, da QE 34, ligado à cultura. A casa de ideias, que começou em 1973, e se espalhou pelo Brasil.

Fama?

Experimentávamos uma certa fama, porque a UVA aparecera em 1973! Aglutinávamos estudantes das asas e viajávamos pelos eixos. Éramos conhecidos.

Chaguinhas tinha filmado um Super-8. Mancha imprimiu a primeira camiseta com estampa que eu vi, de Led Zeppelin e Jesus Cristo. Pedro Veras tinha um traço próprio, e Joel de Oliveira era artesão; Gaspar era professor de matemática, Zé Otávio cuidava da horta, e da orientação política; Eli Soares pilotava sua Tt branca.

Guará “Rock City”

Vim de Osasco (SP) para Taguatinga Sul. Vila Dimas, Vila Matias, e Sapolândia, na Shis Sul. Morei próximo à Praça do DI. Estudei na Escola Classe 23 e no CTN. Morei também na QNJ 5 (Shis Norte).

Taguatinga era mais urbana, gostava de bailes blacks, curtia Gérson King Combo. O rock era cultuado por uns caras mais velhos, ligados em Black Sabbath.

Em 1978, cheguei ao conjunto C, QE 34. No dia do velório do pai do Ricardo Muniz, futuro amigo. Sem saber do ocorrido, eu ouvia o *Superstars do Rock*, a faixa “Whole Lotta Love”. Ela explodia pelas caixas. Nasciam as minhas amizades mais duradouras.

Minha chegada ao Guará fora marcada pelo início da falência do meu processo educacional. Neste ano, eu “tomaria pau”.

A diferença entre Taguatinga e Guará estava nas pessoas. No Guará, o pessoal era mais receptivo, e não tinha protocolo para entrar nas casas dos demais. O mais estranho para mim era aquelas pessoas (os pais e as mães) serem receptivos às nossas loucuras. Além de apoiarem, participavam. Nossas loucuras eram divididas entre os conjuntos C e O da QE 34. Dona Luci (†) e dona

Catarina eram dispostas a participar, e ainda liberavam as suas casas para as nossas festas, que atravessavam noite adentro.

– Conhece aqueles dois? – Não... “Zé Boguinha” e Sérgio “Zulu”, um negão atarracado, que costumava fechar a mão em concha e, com os dedos duros, cutucava o ombro dos outros, perguntava: – E aí, figurinha?!



Praça da QE 34. Da esquerda: ‘Peixe’ (dono da banca de HQs), Pedro Veras, Mancha e Antônio ‘Padeiro’.
Detalhe: ‘Led Zeppelin III’ era o que estampávamos em nossas camiseta

Diariamente curtíamos o entardecer, um chá das 5, numa parada de ônibus (deserta).

Uma tarde, “Zulu” apareceu pra pegar a bola emprestada. Nem preciso dizer que o meu mundo caiu. (Pelo portão de casa entravam os convites para as grandes encrencas.)

– Por que aquelas bermudas pintadas a caneta?

Houve uma moicana – que queria usar o banheiro, usou, e comentaram: – Olha o cabelo daquela coitada!

Rock Baby

Eu estava “largado”, sem trabalhar ou estudar: qualquer festa começava pelas minhas mãos.

Era sábado, eu de bobeira na Vidraçaria da 32. Joel e Eli apareceram: – Precisamos de uns pés de mandioca para um caldo...

Descemos à chácara e pedimos ao caseiro que nos apanhasse os pés de mandioca para o caldo.

Nesta noite especial, vários presentes vieram de todos os cantos da cidade para Isabela! O berço ficou cheio.

As engrenagens daquela festa compartilhavam momentos intransferíveis. Históricos!

Andariam juntos por toda a eternidade...

No meio do som, eu levei uma fita gravada ao vivo do Extremo. Quando eles chegaram, os recebemos tocando a fita. Para falar a verdade, era meu aniversário também. Eu completava 20 anos!!

97

Naquele tempo, pelo telefone, em rápidos contatos com Gama, Sobradinho, Taguatinga e Cruzeiro, vários amigos vinham para o rock!!

Jantávamos um mexidão na mesma panela. – Um estranho fenômeno: o –Plano Piloto começava a frequentar as festas no Guará. Um pouco mais tarde ocorreu o *Rock Baby*, uma tentativa de integração roqueira entre o Guará I e o II. Com a presença do Extremo. A festa terminou em baixaria, por causa do tal caldo de mandioca. (Pode?!). – O fato foi que, então, foi formado o Psicose Crônica. E eu preferi curtir as primeiras festas de reggae de Brasília. Houve também o Reação Cultural. Tudo na QE 32. Intercâmbio dos roqueiros, a aurora do Heavy Metal, na cidade.

Hoje isso tudo parece ingenuidade, mas pode procurar qualquer um nas quadras, na redondeza, que contam os detalhes das festas da UVA, regadas a Velho Barreiro, Chapinha e frango assado. Todo mundo sentado no chão, comida mexida na mesma panela, mais pão quente, vodka, show de rock.

No cinema

Exibições de Jimi Hendrix por Sganzerla. *Woodstock. Monterrey Pop. Rock é Rock Mesmo*. No Galpãozinho, Escola Parque, Cine Brasília, Gama.

Na Cultura Inglesa, final de agosto de 1980, eu assisti a *Help!* Nesta mesma sala, uma semana depois do assassinato de John Lennon, em dezembro, *Alucinados do Som e da Guerra*. Em 1981, julho, *Magical Mystery Tour*, Galpãozinho. E no mês seguinte, setembro, o inesquecível *Rock Cerrado!*

Em abril de 1982, na QE 32, na semana em que abri o fã-clube dos Beatles, re-alizamos uma homenagem a Bob Marley. Foi quando passamos nossa primeira noite na cadeia. Saímos então no jornal Correio Braziliense, em duas oportunidades. Cinco meses depois (outubro), ocorreu a apresentação da Legião Urbana. Neste show, a coisa mais marcante é que conheci o trio Extremo, de hard rock. Nos próximos 18 anos, estaríamos juntos.

Neste mesmo 1982, no mesmo Guará, aconteciam aqueles EMGs (*Encontro de Músicos do Guará*). Eu mesmo fui a dois, e conheci o professor e escritor Lincon Lacerda, a pessoa que mais compareceu às apresentações de arte no Guará.

Na 302 Sul, na Livraria Cultura, o livreiro Ivan “Presença” exibia alguns cliques dos Beatles no telão. A gente assistia.

Taguatinga. Uma sexta-feira 13. Fomos assistir uma temporada de rock na Rua do Sorvete Sem Nome. O Fernandez, vestido de “vampiro”, estava de porteiro. Quando entrávamos, o pessoal da banda disse “Estão conosco”. E Fernandez, com cara não-muito-satisfeita, respondeu: “Pô, só tem convidados!...” Assim eram aqueles tempos. Eu também tinha que colar em alguém – para voltar para casa.

No Conic, frequentávamos o Jegue Elétrico. Folheávamos livros americanos da contracultura, que pertenciam à loja do Ary Pára-raios, o nosso anfitrião, e comprávamos discos independentes.

Joel de Oliveira e Narcisa Fonseca foram os primeiros a comprar discos diretamente da Strawberry Fields, a produtora de Belo Horizonte, do Marco Antônio Araújo. Nós o vimos, com Grupo, no Teatro Nacional, Sala Martins Pena, em 1985!

Culturalmente, estes foram os acontecimentos iniciais e mais marcantes desses 29 anos e seis meses de pão, circo & rock

Tellah lançava o *Continente Perdido*.

Plebe Rude – em cima do caminhão – no Chaplin.

Barão Vermelho, no Autódromo.

Robertinho ‘Heavy’ de Recife na Escola Parque.

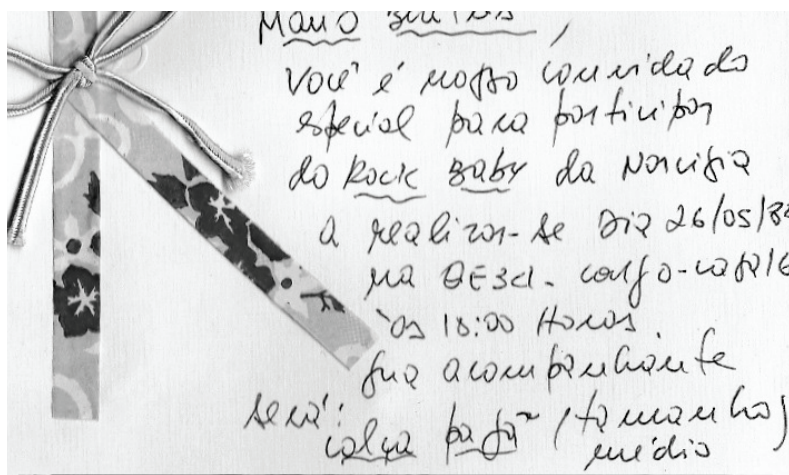
Show do Venom e Exciter!

Concerto do Liberdade Condicional na Concha Acústica.

Akneton no Teatro Nacional.

Vários shows do Marciano Sodomita na cabeça.

Exposições de fotografia nas passagens subterrâneas para as superquadras



Outubro de 1983, conjunto O da QE 34



Sábado, 5 fev. / 2012 – Disfarçados & Mocados. Ou a volta dos que não foram: de óculos escuros, prof. Zé Otávio; Mário Pazcheco; Eli Soares: um triângulo de 36 anos de amizade!!! Da UVA ao ingresso no mercado de trabalho. Colaborações substanciais – desde os tempos memoráveis dos zines! Muita história para contar... Foto: Leonardo Saraiva

50 anos de Joelzinho

“A Feast of Friends” (Uma Festa de Amigos – The Doors/ Jim Morrison) *Prefiro uma festa de amigos / À grande família*

Interação da UVA

“Dizem que amigos verdadeiros podem passar longos períodos sem se falar e jamais questionar essa amizade. Quando eles se encontram, independente do tempo e da distância, parece que se viram ontem, e nunca guardam mágoas ou rancor. Entendem que a vida é corrida, mas que você os amará para sempre.”

Afiado no desossar de frango, peixe, carnes em geral, temperos e legumes cozidos. O mestre-cuca da UVA, como anfitrião, nos ofereceu comida farta e variada. O cardápio foi o da noite especial em que comemorávamos o cinquentenário de Joel.

– Daqui a dois anos, Mário, estaremos no seu cinquentenário. Ele me disse.

UVA é Rock Mesmo!

Para desespero dos vizinhos, Eli Soares promoveu uma lavagem auditiva, ao tocar na íntegra o primeiro Black Sabbath. Depois, Led Zeppelin, ao vivo!! E

como sempre Jimi Hendrix, Raul Seixas. O Zé Otávio apresentou indispensável garrafão de vinho.

Graves Blues Acústicos

O trio de Zezinho Blues, voz e violão, André Ávila, contrabaixo, e Hamilton “Zen”, galão de plástico, foi ovacionado – os músicos abriram com a homenagem a Celso Blues Boy, “Sempre Brilhará”. Choveram cervejas de todos os lados. O negócio da UVA é rock, e forte no improviso. Tipo corre em casa, pega o amplificador, e o Edinho “Bodão” tira a gaita do bolso da jaqueta, velho motoqueiro, e a noite então estrela The Doors, Mutantes. “Pais e Filhos” foi um momento marcante, cantada pelas sobrinhas do Joel.

O trio Graves Blues Acústicos nos fez nos sentirmos em casa. Dançamos a noite toda, escorregamos nos goles. Superamos muitas perdas, seria muito difícil vivermos sem os amigos fraternos de mais de trinta e cinco anos!



UVA, 11 jul. / 2012: Não importa quem esteja na fita... o espírito de camaradagem persiste!!
 Maria Cristina, que na sua câmera Sony registrava a chegada do time. Poses 'engraçadas'...

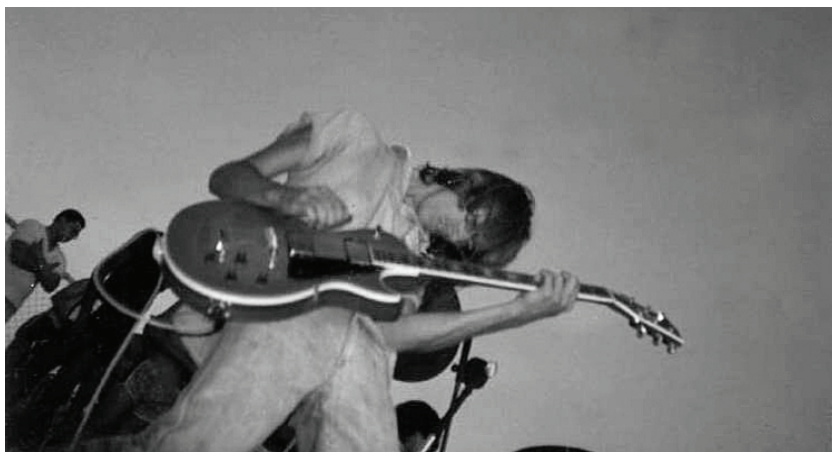


Entre extremos e extrema-unição

Zé Cuspi, ou Zeca Ribeiro

Ontem encontrei Pedro Alex, ele estudou comigo e com o Clevinho. Perguntou-me como conheci o Ricardo Lima, sobre a 'Punkilha', o 'Festival de Águas Claras', e sobre o Natal em minha casa. Em 1981, eu comecei a namorar a Malena Nobre, da QE 1. Passava na casa dela, quando voltava do trabalho, e ouvi alto o som de Sister Disco, do The Who, no 'Concerts For The People of Kampuchea', vindo da primeira casa da rua. Só eu tinha aquele disco, pelo que sabia, e parei para ver quem estava tocando. A música acabou, e a seguinte, 'Behind Blue Eyes', também do Who, começou então a tocar. Bati na porta, e um cabeludo, sem camisa, atendeu. Era o Luís Duarte Feitosa. Logo perguntei: – Onde você arrumou este disco? Ele, rindo, perguntou se eu era o Zé Cuspi, e disse que havia pegado com o Tadeuzinho. Foi dessa forma que conheci o Luís. Ficamos ali, ouvindo o resto do disco; enquanto ele fazia arroz e fritava um ovo. Tinha se mudado fazia pouco tempo para o Guará, e trabalhava na Torre Veículos, no SIA. Falava pra caralho, e pogava, fazendo bico... Foi através do Luís que conheci o Ricardo Lima. O Luís me disse que ele, o Eugênio, o Sérgio e o Berg tinham uma banda, e que precisavam de alguém com presença de palco para cantar. Foi a maior fria da minha vida.

103



Quadra da Aruc Cruzeiro Velho (1983)

Cantei nos ensaios, durante dois meses, para um show que nunca aconteceu. Seria na rua de lazer da QI 1, onde eles tocaram, mas eu, que não cantava nada, fui cuidar do som, que era uma 'merda'. Conheci o Cécé neste dia. Essa banda, a primeira do Ricardo, não tinha nome, pois a imaginação era diversa. Um queria Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, mas agora eram cinco. O outro queria Rádio Patrulha, e eu acabei usando o nome RP para anunciar a banda,

num show no subsolo da Igreja São Paulo Apóstolo, em uma festa que organizei – para tentar levantar uma grana e viajar para o Festival de Águas Claras, Iacanga/São Paulo, em setembro.

A banda sem nome não tocou, mas acho que foi a primeira vez que os Magrellos se reuniram. Estavam lá o Milton, Cécé, Renato, Luís 'Punk', Clevinho, Ricardo, Sérgio e Paulinho 'Magrelo'. Nesse dia, conheci todo mundo. O Cécé estudava com o Ricardo no Elefante Branco, e o Tuca os conhecia. Acho que foi a partir deste dia que pensaram em tocar juntos, e formar o Extremo. Por volta das 21 h, o padre desceu a escadaria para pegar a participação da igreja na bilheteria. Quando ele viu aquele bando de loucos dançando e bebendo vinho, ao som de Black Sabbath, ele gritou que era a visão do inferno. Pegou a grana e me disse para acabar aquilo até as 22 h. O resultado foi que quebramos tudo que foi possível, inclusive minhas caixas de som, e nunca mais fui à igreja. Consegui a grana, e segui para o festival, mas sem o Ricardo, que foi de trem para Cafelândia, cidade dos parentes, perto de Iacanga. Queria ver o Raul Seixas, e acabei conhecendo Papete, Egberto Gismonti, Itamar Assumpção e Banda Isca de Polícia, e tantos outros... Em dezembro do mesmo ano, eu fiz a festa do Natal em casa, mas os vizinhos mandaram a polícia acabar com tudo, pois eu havia colocado o som para fora da casa desde as 18 h, da tarde, todo mundo empoleirado no muro. Ninguém foi preso, mas o astral baixou. Nada para fazer. O ano de 1982 começou com Extremo dando os primeiros passos, e o Lincoln e Renato, da QE 14, apareceram com o Essência, e uma proposta de ensaios no estúdio da SQN 411. Lá era massa, e nos ensaios apareciam muitos amigos, como Mário Pazcheco, os riquinhos do Fusão, o pessoal do Nirvana e do Sepultura, eu também. Tomar vinho barato e comer pão com mortadela vem desta época. Não tínhamos dinheiro, e de vez em quando eu ia na casa da minha irmã, na 405, pegar alguma coisa para matar a fome da rapaziada. Foi lá que conheci o pessoal do Capital Inicial, o Fifi, o Ameba e o Renato Russo, que não dava papo para ninguém, mas rachava um tijolo de maconha numa festa, quando queria companhia. Em junho, por ideia do Luís Punk e do Cécé, enchemos a pracinha da QE 1 de cruzeiros e velas, numa brincadeira que ficou conhecida como 'Punkilha'. A quadrilha dos punks. Éramos cabeludos e rasgados, e nos achavam punks. De 'punk', eu só ouvia o som. Sempre fui roqueiro. Na onda de ensaios, festas e reuniões, a turma do fã clube do Led Zeppelin da SQN 410, e o Sérgio do Mel da Terra, também se juntaram aos Magrellos, e no Natal seguinte eu fiz um peru com vinho em casa. O Renato e o Silvester criaram a marca 'Magrellos Produtos Natalinos', com minha parede toda escrita com frases e desenhos de todos que foram lá.

O Extremo entrou 1983 fazendo shows com o Fusão e o Essência, no Guará I. O

Luís 'Punk' foi atropelado de bike. Conbeci a Mana Gi, a Diacui, e paramos de brigar com os garotos do reggae da QE 32.

Extremo: Rock Feito No Guará

No meio de 1982, a cena mudou. Numa asa, a eletricidade punk, e nas satélites surgiam os primeiros grupos de hard rock: Sepultura, um quarteto do Cruzeiro; Extremo, trio do Guará I; Fusão, com Bahia na bateria, Solano Franco no contrabaixo, Renato na guitarra e Marco Canto no vocal, um quarteto elétrico zeppeliano, com letras em português; e ainda Nirvana, o mais pesado, do saudoso guitarrista Fejão e sua guitarra “Rei”.

Ainda em agosto de 1982, alguns integrantes do Fusão e Extremo embarcaram no fusca branco do Renato. Seguiram para Iacanga, interior de São Paulo, onde assistiram ao Made in Brazil.

Havia disparidades e preconceitos entre os roqueiros das satélites. Esses não se misturavam – quando os Magrellos: Luís “Punk”, mais os irmãos do Cécé (†), Renato e Milton, e Clevinho (†) e Zé Cuspi são anunciados no Food’s como sendo de Taguatinga, rapidamente desmentem, afirmam serem do Guará. Quase todos os grupos novos eram punks, tratamento emprestado pela mídia e usado pelo público. Talvez isso explique porque os grupos acrescentaram o termo rock ao nome: Fusão Rock, Extremo Rock. Demonstrado o estilo, e tocadas umas notas a mais, escapava-se aos rótulos.

O saudoso Luís “Punk”, um cabeludo, tinha o hábito de misturar alguns gorós numa garrafa, e oferecer:

“Dá um gole aí, cara!” Renato Russo fez careta, e engoliu.

No Teatro de Arena do Cave, assisti ao Extremo, com Tuca Maia no contrabaixo e vocais, Cécé na guitarra e Ricardo Lima na bateria. Depois que eles se apresentaram, o guitarrista do Fusão se atirou na plateia. – Esses grupos possuíam mais pique, som e repertório. Definitivamente, o tempo do rock de garagem do Pedra do Planalto havia passado. Naquele dia, nascia uma amizade duradoura, por vezes distante, mas sempre generosa, eterna, e eu passei a acompanhar a sina, a saga, o destino, sempre querendo saber da próxima apresentação.

A cultura musical do Extremo mesclava cabelos grandes e o protopunk dos Stranglers, Suzi 4, MC5, a fúria do Grand Funk e o peso do Black Sabbath, o rock urbano de São Paulo, via Made in Brazil, e a Patrulha do Espaço, que influenciavam suas canções “Rock Nas Veias”, “Onda de Viver”, “Círculo da Ambição”, “Mundo Vazio”, “Medo de Existir”. Elas eram carregadas de apelo e

pegavam na primeira audição. Uma banda formada no Guará, com raça e ardis – tecnologia de quintal com pedais, câmaras de eco e instrumentos “melhorados” eram os seus trunfos.

Em 1984, na faixa dos 19-20 anos, estávamos com o Segundo Grau completo, e as obrigações do serviço militar em dia. Vivíamos um tempo de liberdade. Voos de bicicleta pelas quadras e áreas ecológicas era pouco para a lenda do boêmio errante. O ápice foi em maio, no *Rock Baby*, uma festa no Guará, que reuniu as tribos do asfalto, e o Extremo apareceu. Cécé e uma gatinha, Sandra, Ricardo e sua jaqueta, no momento em que eles caminharam ao fundo do salão, Hamilton “Zen”, o discotecário, sacou uma fita-pirata, com o show mais recente deles, e mandou ver “Viciado”, o grande hit do grupo. Foi colossal ver todos hipnotizados dançando, e Tuca perplexo: “Estão tocando a gente!” O pau rolou a noite toda, e literalmente, até quando o pessoal do forró da casa da frente colocou os roqueiros pra correr, até hoje.

Aquela noite amarrou os laços de várias pessoas, vindas dos arredores, subúrbios e asas, com presentes na mão para aquela criança – que acabara de nascer. Nostálgico 1984 e a banda de um único hit: “Viciado”:

*Têm os olhos vermelhos de tanto fumar / têm os braços furados de tanto aplicar
/ Um olhar assustado de quem vive a fugir / De uma realidade que não quer admitir*

Viciado! Viciado! Viciado! Viciado!

Um blues-rock violento, dedicado a Christiane F. (Felscherinov). Duas apresentações fora de Brasília, e os alicerces da casa foram implodidos. As fitas cassete ao vivo, desaparecidas e apagadas, somente sobreviveram poucas fotos e um CD.

No ano do primeiro *Rock In Rio*, o Extremo fez o seu último show, e foram resolver problemas mais urgentes – a sobrevivência.

A 3 de março de 2001, Cécé, assim como Danny, personagem de *Boêmios Errantes*, de John Steinbeck, termina o capítulo da vida... bebendo vinho.

Na Escola de Música de Brasília, Cécé estudou violoncelo e, mais tarde, formou-se técnico de som.

Cécé personalizava o som da guitarra. Usava afinações múltiplas, solava e fazia

a base em uníssono. A agógica estava presente nas passagens da exposição, do desenvolvimento e da reexposição dos temas.

O guitarrista Messias de Oliveira Júnior (1963-2001) era marido, pai, mas também o nosso amigo mais raro. A morte nos parece uma coisa estúpida, pois ela nos carrega a pessoa querida, e num ritual de sobrevivência nos restam os apegos a fragmentos e fotos.



O baixista Tuca, com o Extremo Foto: Ivaldo Cavalcante

Exposição no Garagem registra o Extremo no Teatro Rolla Pedra

No Teatro Garagem, na primeira década de 2000, ocorreu uma exposição fotográfica sobre o rock Brasília.

Eu desconhecia aquela foto, e não me lembrava do show. Pensei: outra foto perdida, jamais teria coragem de roubá-la da exposição. Passaram-se três anos e, em 2003, o fotógrafo Ivaldo Cavalcante lançou o livro *Taguatinga Duas Décadas de Cultura*, e para nossa surpresa o livro incluía duas fotos do Extremo, de autoria dele!

Show no Rolla Pedra

Sexta-feira 13 jul. / 1984 – participaram Extremo, TNT e Nirvana

Na entrada do teatro, Fernandez vestido de preto, devidamente caracterizado como vampiro com cartola de banqueiro, controlava o acesso, e reclamava: “Só tem convidados...” Fernandez desconhecia a minha dedicação, e que precisávamos de grana para o pão com mortadela e vodka. Essa insensibilidade me acompanharia pelos próximos trinta anos, mas eu já havia decretado que jamais

pagaria ingresso, desde que eu labutasse pela causa do rock'n'roll.

Em conversa com o fotógrafo Ivaldo e o baterista Ricardo Lima, lembramos que o Extremo atuou duas vezes no Teatro Rolla Pedra. Essas duas fotos, em preto e branco, são da apresentação do dia 5 de maio de 1984, um sábado, ao lado do Nirvana, conforme a matéria *Rock pesado, Zezé Motta, MPB etc.*, de Irlam Rocha Lima, que saiu no Correio Braziliense.

Os tempos eram difíceis

Também em Taguatinga ocorreu a apresentação do Extremo, no Teatro Rolla Pedra, em abril de 1985. Foi a despedida do baterista Ricardo Lima, que viajaria para São Paulo.

“Sim! Isto é verdade, os tempos eram muito difíceis, e além disso não tínhamos apoio de ninguém, a não ser que fôssemos atrás. E chorar pelos cantos para conseguir alguma coisa. A Ecad era mais difícil ainda, todavia. Dou graças a Deus por estar vivo, e poder recordar os bons tempos, difíceis.” (Rick Mattos, contrabaixista do Nirvana)

“O fotografo é sem duvida a testemunha ocular da historia. Viva o rock'n'roll!” (Ivaldo Cavalcante)

1982 – Datas, locais – o quê / quem

Março

- Cine Centro São Francisco, em frente ao Janjão. Primeira apresentação do Extremo.



Nos shows em teatros, eu me sentava na última fila. Nesta incrível foto de Ivaldo Cavalcante, eu apareço no fundo, de costas, com a minha gandola verde oliva e tênis, atentamente assistindo ao incêndio do rock Brasília

Setembro

- Lazer QI 22 – Guará I. Primeira apresentação do Extremo no Guará.
- Estúdio do pai do Lincoln – 411 Norte. Formado há seis meses, o hard trio Extremo grava em 8 canais. Zé Cuspi, operador de som nas apresentações, é o técnico do único registro sobrevivente da formação original. Vinte anos depois daquela madrugada, as sete faixas reapareceram.

Podrão

Em que ano e local ocorreu a sua estreia?

A primeira vez, oficialmente, que iniciei a minha “carreira” musical, foi com a banda Antitédio (punk rock), na quadra 413 Sul, num festival comunitário, ano de 1982, para uma irrisória plateia de 48 pessoas.

Tocaram Ramones?

Sim, nós fizemos um cover dos Ramones, também no setlist. A música era “I Don’t Care”.



Tiago Rabelo, baterista do Stoner Babe; Pazcheco, Félix Amorim, guitarrista dos 5 Generais/Stoner Babe e Podrão, vocalista do Detrito Federal, 29 dez. / 2012 – Bar do Paulinho, Taguatinga

Zé Cuspi, roadie do Extremo, se lembra que você invadiu o palco.

Realmente, eu era especialista em invadir e ocupar os palcos de alguns eventos em Brasília!

Por sua vez, você se lembra de que o guitarrista do Extremo estava tão empolgado, que o cabo foi desconectado das caixas, e mesmo assim ele continuou tocando. A banda era o Extremo?

Agora eu não sei se o Zé Cuspi se lembra do show do Extremo na 411 Sul, também no ano de 1982, onde o Cécé fez a tão referida performance, a qual lhe mencionei. Há testemunhas. Abração!

Zé Cuspi ou Zeca Ribeiro, fotógrafo

Puxando pela memória ruim aqui, me lembrei do show da 413 Sul. Estava adormecido, e se misturava ao show da 411 Sul. Na minha mente, era um só show. Aquele LSD caseiro ainda queima meus neurônios, e misturo tudo, numa salada meio bio e meio gráfica.

O Alex Podrão tem toda razão. A estreia deles foi na 413. Estávamos lá, uns poucos gatos pingados, sim. Os Magrellos, o Fernando, o China e outro do fã clube do Led Zeppelin da 410 Sul, as meninas da 411 Sul, uns punks do Elefante Branco, e só. Na 411 Sul, o Cécé tocou literalmente unplugged. A empolgação era tanta que, não sei como, ouvíamos os captadores Humbucking da Gibson vermelha rugindo através do phaser.

1983

- *Primeiro Som Rock do Bar Chaplin*. Primeira apresentação do Extremo no Gama.
- Prefeituras Locais – 413 Sul. Durante a execução de “Viciado”, é rodado um Super-8. Na abertura da fita, o zoom foca o nome Extremo, escrito em fita crepe nas costas da jaqueta preta do guitarrista Cécé. O Extremo estava há seis meses sem se apresentar, e este Super-8 (perdido) atesta que eles aprenderam o ofício do rock no palco.

Julho

- Quadra da Aruc, Cruzeiro Velho. Extremo.
- Colégio Elefante Branco – Dia do Estudante. Extremo, Fusão e 4.º Crescente.
- Colégio Objetivo. Extremo, Fusão e Detrito Federal. Desaparece o microfone da banda.
- Show Estrada Estelar I – Ginásio de Arena do Cave, Guará II. Extremo, Fusão e 4.º Crescente.

1984

- Show Madrugadas – Gilberto Salomão. No palco de madeira da casa de shows Madrugadas. Apresentam-se Extremo, Ligação Direta, Fusão, Nirvana e A Banda do Cachorro Louco.
- Show *Estrada Estelar II* – Cine Itapuã – Gama. Extremo e Essência.

5 maio

- Teatro Rolla Pedra Etc & Tall – Taguatinga. Extremo e Nirvana. Ivaldo documenta esta apresentação.

13 julho

- Teatro Rolla Pedra Etc & Tall – Taguatinga. Sexta-feira 13, Extremo e Nirvana arrepiam! O áudio deste show é apagado. Perderam-se as faixas “Mórbido” (instrumental), “Forças Que Fluem” e “Herdeiros Do Mal”. Três fotos coloridas sobreviveram.
- Apesar da extrema dureza daqueles dias, eu possuía um troco para a passagem, a vodka, o flash manual descartável e o filme. Não sei quantas poses o filme possuía; após usar o flash, era necessário girar manualmente para a próxima foto.
- Essas fotos não foram feitas por mim. Foram pelo Renato (irmão do Cécé), na minha máquina. Eu pedi ao Renato que as fizesse, pois ele sabia os momentos certos de captar a ação. Me lembro que fiquei decepcionado, pois o Renato havia perdido um flash.



Extremo: fãs de Joe Perry Project e MC5

“Este foi um trabalho de arqueologia! Compare com as fotos originais e você perceberá! Levou duas horas, de trabalho para chegar à qualidade.” (Antônio Celso Barbieri)

Fragmentos

Na época, ao revelar as fotos e mostrá-las aos músicos, eles as ganharam de presente. Quando o Cécé morreu, em 2001, localizei os negativos e novamente revelei. O baterista Ricardo não se lembrava delas, e nem que gostara de se lembrar da bateria que havia tocado.

De cabelo curto, o baixista Tuca usa sua calça jeans dragão. Sua estratégia era pedir o contrabaixo emprestado. “Nosso roadie ainda não chegou, poderia usar seu instrumento?” Na primeira vez que ouvi isso, também acreditei; na segunda, entendi a artimanha para fazer rock. Como as coisas eram tênues.

Cécé, o guitarrista, nem se importava em passar para a eternidade, e nunca se preocupou com a fama.

Acho que nem ele sabia que eram apresentações históricas. Bastou uma apresentação dessas para Félix Amorim, guitarrista dos 5 Gerais, ficar com a imagem do guitarrista na mente por quase trinta anos. Em conversa recente com Félix, prometi recuperar esses fragmentos, pela terceira vez.

Essas únicas fotos sempre fizeram parte do processo gráfico de uma hipotética antologia, que foi abortada, acredite, pela falta de grana. Quando mostrei o projeto original, que englobava recortes de jornais, ingressos, fui ridicularizado por um músico, que tira imagens de livros importados para seus CDs. Foram necessários dez anos para o photoshop recuperar esse material.

Como o projeto de edição da antologia tinha que primeiro render grana para direitos autorais, e assim minava a grana da prensagem, desisti de pensar, e passei algumas cópias do CD master para fãs do Guará. O que eu acho difícil é esses fãs terem passado algumas cópias à frente.

A fita dessa apresentação foi propositalmente apagada pelo guitarrista Cécé, e a cópia que existia sumiu.

Apesar da falta de instrumentos e ensaios, nessas apresentações tocaram temas novos, entre eles, “Mórbido”.

1985

7 abril

- *Rock In Prima* – Extremo.

28 abr.

- *III Semana de Arte de Taguatinga*, Teatro Rolla Pedra Etc & Tall. Grande Concerto em frente ao Teatro. Chove torrencialmente. Despedida da formação original do Extremo, pois o baterista Ricardo Lima muda-se para São Paulo.

14 julho

- *Noite Rock de Unaí* – MG. Extremo, Ratos de Brasília, Cogumelo Atômico e 4.º Crescente apresentam-se em Minas Gerais.

Novembro

- Ginásio Coberto do Gama. Extremo, Fungos and Bactérias e Escola de

Escândalo. Tuca convida Lourenço Júnior para o contrabaixo e uma turnê no Gama. Ginásio lotado, com mais de mil pessoas. Na introdução de “Viciado”, o Ginásio vem abaixo. O público conhece as letras e, nesta apresentação, Tuca literalmente decola; vestindo uma capa preta de Bela Lugosi, ele entra correndo, tropeça num fio, e cai de quatro metros em cima da mesa de som, que era operada pelo Herman. Os fãs deliraram!

15 nov.

- *Rock Concert* – Ginásio Coberto do Gama. Liberdade Condicional (apesar do nome no panfleto, esta é a segunda e última apresentação desta formação de quarteto do Extremo com Tuca, vocais; Cécé, guitarra; Lourenço Júnior, baixo; e André Tourinho, bateria), Mel da Terra, Presença, Stuhlzapfchen e Pássaro de Aço.

1987

- Los Angeles. O Fusão gravaria em Los Angeles, quando uma briga entre o vocalista e o guitarrista destrói o estúdio, e eles são deportados...

1991

30 junho

- *Canta Gavião* – Quadra da Aruc, Cruzeiro. Extremo, Liga Tripa e Anima Verba. seis anos depois da última apresentação, essa apresentação do Extremo marca a volta do baterista Ricardo Lima. Pela última vez, Cécé, Ricardo, Tuca e Júnior atuam. Continuam amigos e falando-se. Todos se dedicando às suas famílias, estudos, negócios e, claro, música. Neste show, eles apresentaram um rap em inglês, “Be A Trash”. Sinal dos tempos.

2004

Janeiro

- Brasília-Porto Seguro: viagem sentimental.



Franco (Francisco Solano de Oliveira Rodrigues Netto), contrabaixista original do Fusão, e Pazcheco. Depois de artista plástico, Franco agora é surfista. – Muitas outras ligações nos mantêm unidos. (24 jan. / 2009 – São Luís – Maranhão)

Conhecendo o guitarrista Fejão

115

Lembrança nublada

Testemunhei sua rápida ascensão ao panteão dos heróis das guitarras do cerrado. Acredito que logo na estreia Luiz Eduardo Ferreira “Fejão” fez história como guitarrista, talvez o mais rápido dos palcos brasileiros.

Seu instrumento era uma guitarra “Rei”, com um captador importado. A fivela da correia no último furo deixava a guitarra caída nos joelhos. O que me chocou foi que ele tocava o fantástico solo de “Flying High Again” igualzinho a uma gravação bootleg do Ozzy Osbourne & Blizzard of Ozz. – Aquele guitarrista sabia o que estava fazendo.



Ele mesmo me disse: Feijão sem "i" Foto: Ivaldo Cavalcante

Octogonal. 1996. Ano das mortes de Renato Russo e Feijão. Eu frequentava o Ateliê do programador visual João Del Negro, que fazia os cartazes mais psicodélicos das festas, naquele momento. Ele era o fotógrafo responsável pelas imagens do Dungeon. Elas impressionavam.

O gigante Feijão aguardava escorado do lado de fora, na porta do apartamento.

De um envelope, retirou umas fotos. Ele aparecia na Esplanada dos Ministérios num carrão grande, rodeado por “modelos”!

Eu disse: Muito Hendrix!

Ele riu! E respondeu que estava gravando um disco solo.

Foi a última vez. Morreu de meningite.

O falecido produtor e guitarrista Tom Capone disse que Feijão era o maior guitarrista do mundo! Tom, volta e meia, se lembrava dele



Fejão, Eduardo Espinoza, o popular Balé, bateria; Bernardo Mueller, vocal e Geraldo Ribeiro, contrabaixo. Escola de Escândalo, 21 abr. / 1986 – Correio Braziliense

Dentes Kentes, mordida punk

Luiz Carlos Mansur

Jornal do Brasil / Rock & Toques, 23 jan. / 1987

- O Dead Kennedys acabou, mas os Dentes Kentes estão com a bola cheia. Quem são eles? Ameba (Plebe Rude) na bateria, Negrete (Legião) no baixo, Fejão (Escola de Escândalo) na guitarra, e o roadie da Plebe, Fred, nos vocais. Os Dentes surgiram em 1985 como sátira ao DK, e o seu repertório dura cinco minutos. “Em comprimidos, minutos de hardcore”, diria Jello Biafra. Eles estão gravando uma demotape na Odeon e tocam hoje na Metrópolis, na festa de lançamento do disco *Fresh Fruit For Rotting Vegetables*, dos Kennedys Mortos. Tá esperando o quê, mermão?

“Agora que se desligou definitivamente da Legião Urbana, que opta pelo bucolismo da fazenda que adquiriu, na região de Mauá, Rio de Janeiro, é provável que o baixista Renato Rocha, o Negrete, tenha mais tempo para se dedicar ao tipo de rock que mais curte, o hardcore. Espera-se que com isso venha a ser reativado o Dentes Kentes, grupo que se reúne vez por outra para aplaudidas performances, e que tem em sua formação, além do grande Billy, os guitarristas Ameba (Plebe Rude) e Fejão (Luiz Eduardo) (Escola de Escândalo)”. *Irlam Rocha Lima, Correio Braziliense, 1989*

O humor do guitarrista Fejão

Numa entrevista, para inocentar o heavy metal, tascou: “O Renato Russo tentou suicídio umas duas vezes; eu só não sei se ele estava ouvindo heavy metal ou Joy Division.”

Dungeon

O Dungeon tem uma origem curiosa. O seu líder, vocalista e guitarrista Fejão, em um tempo muito distante, fez parte do rock Brasília, que entre outras bandas revelou Legião Urbana, Capital Inicial, sucesso a partir dos 80s... O tempo passa e, em 1990, e Fejão forma o Dungeon, grupo que praticou um interessante thrash metal, com algumas passagens experimentais. A banda fez seu debut em 1993, pela gravadora de Dado Villa-Lobos, então guitarrista da Legião Urbana, amigo de longa dele.

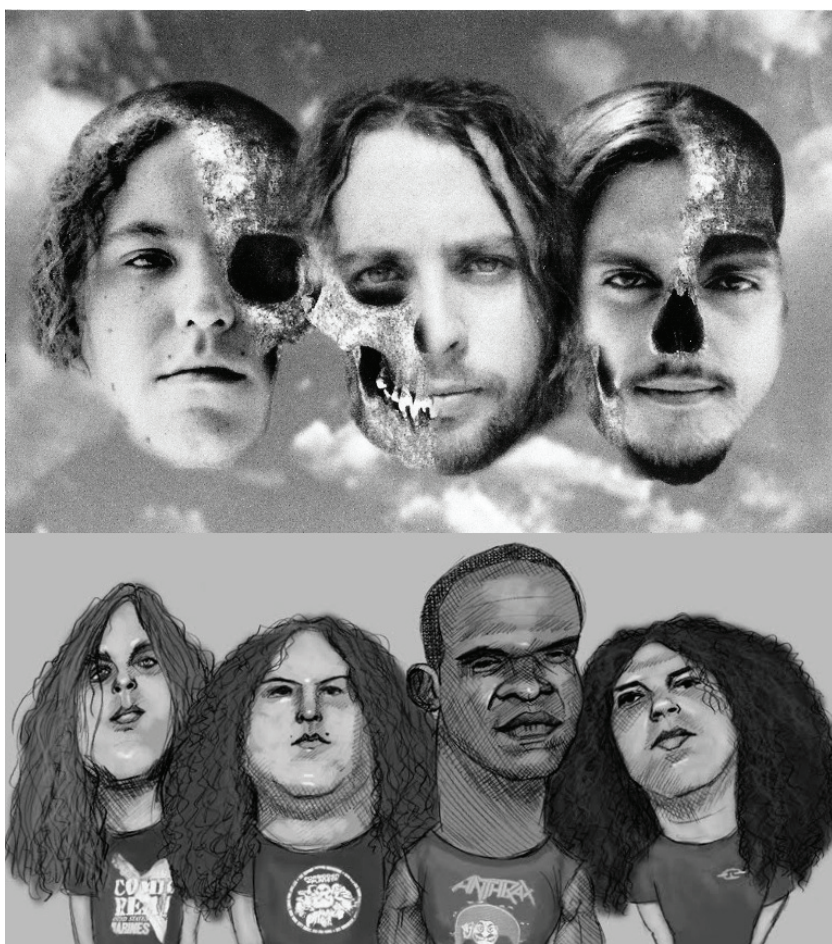
“Só pra lembrar: Fejão foi um grande amigo meu e vivia lá em casa ouvindo música e contando piadas. Saudades desse gênio da guitarra e amigão do peito.” (Luiz Kiss).



Fejão, à direita, com o P.U.S no Conic, 12 mai. / 1991 – Correio Braziliense Foto: Renato Costa

Henrique Behr, “Alemão”, vocalista e parceiro de Fejão no Anjo Caído, depois, Fallen Angel

Era o começo do ano de 1983, quando o Luiz Kiss, que morava na 415 Sul, como eu (ele estava de mudança para a 308 Norte), disse que ia ter um show de rock na 413 Sul, com várias bandas, e ele e uns amigos iriam tocar também (covers instrumentais). A gente já se conhecia, trocávamos uns papos de rock, ele com seu Kiss e eu com o Black Sabbath, que ouvia tanto na época.



Na ilustração de Luiz Kiss, da esquerda para direita: Parente, guitarra; Bulhões, baixo, Fejão (†), guitarra e vocal e Elder, bateria

Chegando à 413 Sul, umas 3 da tarde, vi um pessoal de camisa preta (eu também estava) que eu não conhecia, mas gostavam do mesmo estilo de rock, Heavy Metal. Me senti na minha tribo. Encontrei o Luís (batera), que me apresentou a seus amigos de banda, John, baixo e o Fejão, guitarra), isso num gramadão em frente ao palco.

Enquanto rolavam outras bandas, o papo ia e vinha direto. O Fejão (que tinha uma presença singular) com a guita' (era uma Rei) apoiada na perna conver-

sava conosco. Neste dia, vi que seus dedos no braço da 'guita' pareciam pernas de uma aranha, a tecer muito rápido, o som que queria sair... Não acreditava no que eu estava vendo. Aí me falaram que iam tocar Paranoid (do Sabbath). Fiquei de cara! Eu disse a eles que sabia a letra (cantava junto com o LP do Black Sabbath na vitrola em casa, entre outros heavies).

Ricardo Mattos e Fejão no grupo Nirvana, na 407 Norte

Lembro dessa história de cantar com o LP do Black Sabbath na vitrola. Em casa, era de praxe, pois era o que Fejão sempre fazia. Não era só o Black Sabbath, mas também o Led Zeppelin, e ele afinava a voz e a guitarra juntos. O meu contrabaixo se perdia naquele som e no solo da guitarra, sem conseguir fazer o acompanhamento, pois Fejão era muito veloz. Quando dona Mirian, mãe do Fejão, chegava para reclamar com aquela barulhada, ao abrir a porta, ele olhava para ela, com um sorriso, e pedia a ela para levar banana com iogurte e pimenta. Daí era explosão total, os dois choravam, o Fejão e a guitarra. Aquela foi a melhor época da minha vida.

Eu também estava na 413 Sul, e levava comigo o meu contrabaixo dentro de um estojo, que parecia uma caixaão. Eu usava uma calça e uma jaqueta jeans com a logo do Nirvana. A nossa logo era o símbolo da raiz quadrada, sendo o V nas laterais mais prolongado, como se fosse um 'V' com asas, e abaixo dele o globo terrestre. O V era a letra do Nir V ana. Aquele estojo-caixaão ficou famoso, principalmente quando eu abria e tirava o meu baixo cor verde, e ainda por cima era acústico! Foram bons tempos.

A guitarra vermelha do Fejão era igual, mas igual mesmo, à do Robertinho de Recife. Tanto é que o próprio Robertinho desafiou a ele, e sua resposta foi, palavras que escutei pessoalmente do Fejão: 'Eu não faço competições, não existe bom nem ruim, o que existe são talentos, e o meu talento eu uso para as músicas que eu toco...' Essa foi uma revelação que ele fez a nós, quando estávamos ensaiando no meio da rua, porque não tínhamos dinheiro suficiente para alugar uma sala ou um estúdio..."

Queridos amigos e fãs. Existe uma história que não foi contada, mas aqui estou, vivo e com saúde. Eu, Ricardo Mattos, conhecido na época por Ricardinho, morei na 407 Norte, onde surgiu o Nirvana. Conbeci o pessoal da Blitz64 e do Aborto Elétrico na 408 Norte, quando ensaiavam no apartamento do Geruza, irmão do Marquinhos, ex-guitarrista do Capital Inicial, conhecido como Loro, segundo apelidado pelo Fejão.

Eu seguia o ritmo no meu primeiro contrabaixo Gibson acústico, cor verde,

mesmo modelo dos Beatles; Fejão, guitarrista solo – Renato Rocha, da Legião Urbana, fabricou e vendeu uma guitarra sem similar no mercado para o Dimas, guitarrista base e vocal; e Carlos Mossmann, depois de uma bateria improvisada, comprou uma de verdade. Em 1982, formamos o Nirvana, e conhecemos o Luiz Kiss. Fejão estava presente, com a alma do rock progressivo. Na época, Fejão só tinha 13 anos de idade, e uma guitarrinha, de brinquedo, que o pai dele havia comprado na Alemanha. Ela se transformou em uma guitarra de verdade. Daí surgiu um mito do rock brasileiro, apelidado por uma senhora de Fejão. Seu pai era um grande músico, saxofonista de primeira, que tocava blues e jazz.”

Assim surgia em Brasília o Nirvana, com a música ‘Blues Cidade Louca’. A característica do Nirvana era um rock progressivo, e a nossa maior inspiração foi Led Zeppelin, Black Sabbath e Pink Floyd. Nosso primeiro show foi no Teatro Galpão, ao lado de Renato Russo, depois surgiram várias oportunidades, e tocamos também na 308 Norte, junto com Luiz Kiss, John e outros amigos da Asa Sul etc. Essa foi uma época que marcou a minha vida.

Tenho fotos da época, mas não tenho do Nirvana, pois não nos inspirávamos em fotos. Tenho quatro músicas que foram recuperadas pelo Lelo Nirvana. Se existir alguma foto, o Tadeu, que foi o nosso vocalista, e também do Beta Pictoris, talvez tenha, mas acho muito difícil. Tenho letras, caso necessite para algum trabalho. Penso em regravá-las. Se você entrar no meu Facebook (Rick Mattos ex-Nirvana) e solicitar amizade, poderá entrar nos meus álbuns, com algumas fotos da época. Vai encontrar muitas fotos de muitas bandas, inclusive internacionais. Só posso dizer que a nossa história, apesar de que o Tadeu não concorda com isso, pode-se apagar. O Tadeu vive hoje em dia em Los Angeles, e eu estou no Paraguai, a caminho da África do Sul, onde vou iniciar um projeto Rock Total.

Nosso baterista Carlos Mossmann, segundo informações, abriu uma escola de bateristas em Brasília, em Taguatinga. Infelizmente, o meu irmãozinho querido Fejão faleceu, na década de 90.

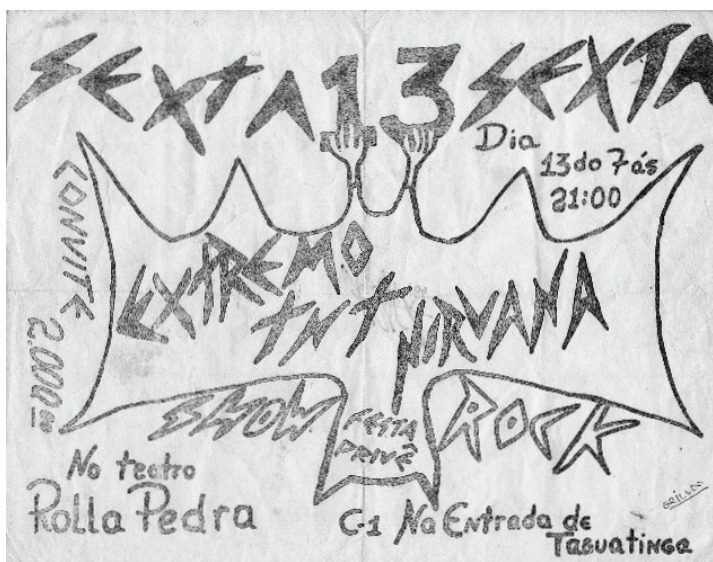
Caso necessite de algum material do Fejão, como os últimos CDs, lançados por ele quando ainda estava preso na Papuda, eu tenho como conseguir para a história, pois conheço e sou amigo da mãe dele, que tenho como uma tia. Ali eu fui o último a estar com ele antes de sua morte. Ele me revelou muitas coisas, inclusive sobre as suas músicas que escreveu ainda na prisão. Para mim, Fejão foi o melhor guitarrista que o Brasil já teve; ele foi o Jimi Hendrix junto com Jimmy Page! Ele fazia tanto a guitarra quanto a bateria gritarem! Isso era rock!

Hoje em dia, eu tenho 46 anos, e para o próximo ano estarei retornando ao rock brasileiro, mas jamais esquecerei o Grande Feijão, guitarrista de todos os tempos, até os dias de hoje.

Vendi meu contrabaixo com muita raiva. Porque o Nirvana ameaçava terminar o caminho, e acabei vendendo. Depois, eu tinha que ficar pedindo emprestado a um e a outro, como por exemplo, num dos shows que fizemos Na Escola de Música de Brasília, junto com o Capital Inicial, que pela primeira vez me emprestaram um Fender. Aquela foi a melhor das melhores vezes que eu pude me apresentar com um Fender de primeira geração. Que época, meu!”

O Tadeu sempre usou a jaqueta preta. Em 2011, eu falei com ele por telefone durante quatro horas, ele em Los Angeles. Eu queria o retorno do Nirvana, mesmo que fosse com outro nome, mas Tadeu não quer. Ele não quer ter lembranças, e me disse que o Nirvana não era nada, e que nunca foi nada. Fiquei triste, pois Feijão sempre foi tudo, não só para a banda, mas para todos que estiveram com ele, e que lutaram por um único propósito na vida, promover a paz através da música. Hoje em dia, eu não estou tocando, mas tenho meu pequeno estúdio, em casa, onde sempre estou compondo e tocando solitariamente. Quem me deu força para reaparecer foi o meu grande irmão de São Paulo, da cidade de Guarulhos, o Aldo di Julho, ex-vocal da banda Chernobil e ex-empresário dos Mamonas Assassinas. Ele inclusive tem a sua própria produtora em São Paulo. E me reconheceu quando eu estava na África do Sul; igualmente, um baterista de uma banda internacional, que agora não me lembro o nome. Eles me deram força para retornar a compor e trabalhar pela música. Meus pensamentos renascerem, por isso comprei um contrabaixo recuperado, da banda do Jimi Hendrix, avaliado em 30.000 dólares. Recuperei de um libanês em Londres, esse é o valor histórico, e não comercial. Depois, comprei um sax alto, um teclado Yamaha 560 X, com 700 efeitos sonoros. Estou solitário, mas com muita fé na música. Ainda levarei um tempo fora do Brasil, e pretendo retornar nos próximos 5 . Meu desejo é reunir a turma no dia 21 de abril, em Brasília, reunir todos para uma grande festa em homenagem ao Feijão. Eu residi, depois do término do Nirvana, no Guarã II, na QE 15.

Aqui o meu e-mail, para quem quiser entrar em contato: pinto_mattos@ig.com.br



Eu estive neste show. Fiquei emocionado ao ver, depois de muitos anos, este convite com o Morcegão, como dizia o Feijão Foto: Ivaldo Cavalcante

FANZINE

Os metaleiros de Brasília já estão esperneando: foi lançada o primeiro fanzine especializado em **heavy metal**, ou melhor, especializado em black Sabbath e tudo o que se refere ao grupo, como os vários desdobramentos, tipo Ozzy Osbourn, Raimbow, Dio e outros. O jornal, xerocado, de 12 páginas, é editado por uma turma do Guará, ligados ao "Sleeping Village Sabbath Rock Club".

O editorial do jornal já dá a tônica da edição, com catacumbas (em Brasília?) e almas penadas povoando a imaginação do editorialis-

ta, como convém a um fã do Sabbath. No mais, são comentários de discos do B.S. e congêneres, invariavelmente louvando os atributos dos grupos e uma entrevista com o vocalista Ian Gillan, que participou do último disco do Sabbath, e que foi publicada originalmente na revista inglesa "Rock Brigade". Além disso, letras de músicas traduzidas, seções para troca de discos e notícias do grupo.

Quem se interessar, pode comprar o exemplar nas lojas do Sebo do Disco, a Cr\$ 1 mil.

Quando o culto se chamava Sleeping Village Sabbath Rock Club, n.º 5 – set. out. nov. 1984, Diogo desenhou um realisticamente sangrento Ozzy

Shows de rock nesse vilarejo adormecido

Sempre pensei que show de rock fosse para encontrar os amigos e se divertir, mas aqui nesse cerrado é ao contrário: show de rock é sinal de violência militar e de vandalismo dos maloqueiros e agitadores, que se dizem rockeiros.

Cena um

Em recente concerto do grupo Malas & Bagagens (*Rock do Balão*, na 405 Sul), só se testemunhou cenas de violência entre espectadores, que jogavam água ou cerveja nos amplificadores. O resultado foi que o amplificador pifou. E o show acabou. Essa violência sempre é um baixo astral, que acontece em qualquer show em Brasília. Foi assim no Estádio do Pelezão, quando Rita Lee se apresentava.

Repetiu-se também nos concertos *Rock Way*, cujo destaque foi a violência dos seguranças ignorantes, mal-nutridos e certamente pouco remunerados, que desabafam seus recalques em cima dos jovens, inclusive das garotas.

Os PMs também contribuem para isso, acostumados que são no trato com os diversos marginais. E com a subversão eles têm certeza de que os jovens são

igualzinhos, e assim mandam ver cassetetes na garotada, que tratam como se fosse uma turba de bandidos agressores, que não são. Então, como resistir a eles, se estão de armas em punho? É desse modo que a repressão se faz presente.

No Teatro de Arena do Cave, a cena se repete

Mel da Terra • Lado A • Guilherme Lassance • Escola de Escândalo • Breakers

9 set. / 1984 – Para o povão, show ao ar livre deveria ser de graça. Como os organizadores podem ter coragem de cobrar 3.000,00 cruzeiros?! Ainda num show com cinco bandas, em que nenhuma se destaca? Sem promoção, sem patrocinador, sem infraestrutura, ninguém consegue nada. O que se viu foram 50 pessoas no Teatro de Arena do Cave. Com certeza, a renda mais baixa de todos os tempos. Contam-se no entanto dez PMs, mais igual número de seguranças, duas dezenas de músicos, fora claro os promotores e seus convidados. A renda total foi de dez pagantes. Os que pularam a cerca não entram nesta conta.

Sempre um inocente vai em cana, ou leva uma garrafada. E nossos pais pagam os impostos, que pagam os PMs, e esses metem a porrada na gente. Os promotores? Ainda escondem esses bastardos.

125

De repente, eles começaram a cobrir um jovem, e uma garota começou a gritar, desesperada! A turma ficou irritada com eles, e começou a jogar garrafas, a pular e depredar as portas e muros. Em 10 segundos, os PMs partiram para cima da massa de rapazes e moças interessados na festa do rock. Uns assim caem, outros vão para o cubículo. Alguns são coagidos, e há os que se safam, pulam a cerca e desaparecem na noite.

Resultado Negativo

Seria melhor que conjuntos como Mel da Terra, Lado A, Guilherme Lassance, Escola de Escândalo e Breakers pegassem um nível maior de profissionalização, ou então que cumprissem a promessa que fizeram de nunca mais tocar no Guarã.

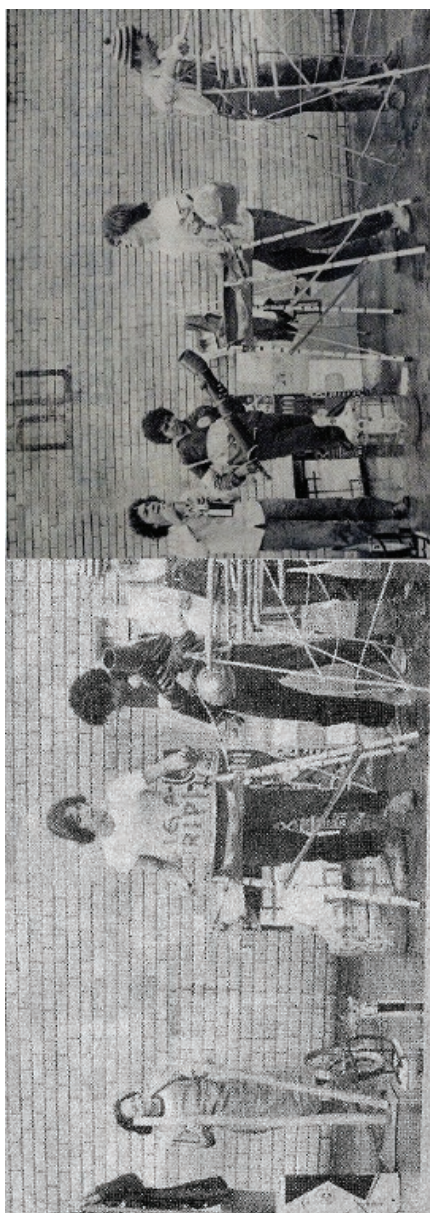
O mais interessante é quando uma banda pequena se apresenta, ou se está na sua primeira apresentação... O som costuma ficar embotado, pouco nítido. Mas quando é a vez de uma mais estruturada, o som fica mixado, equalizado, claro, perfeitamente audível. Será que o operador da mesa de canais e tal banda se mancomunaram? Vocês já perceberam isso nos shows? Para evitar a violência, mas também o prejuízo, não será plausível os concertos serem realizados em teatros fechados, e ainda o concurso de patrocínios?

Nota dissonante: De 3.000,00, o ingresso passou para 1.000,00 cruzeiros!?

Aloísio Batata: o transe de um ator do 3.º Mundo

“Passe o alicate, Batatinha.” Essa singela frase, retirada do desenho animado do Manda-Chuva, acabou por batizar artisticamente Aloísio Batata. Músico, ator, agitador cultural, egresso de Belém do Pará, ele chegou a Brasília em 1974, e nos dez anos seguintes desafiou o coro dos contentes da cidade.

Aloísio Batata conseguiu encenar até mesmo no nosso inconsciente. A sua impressionante presença de palco vive em nossa memória. Eu não tenho certeza se testemunhei/ouvi seu solo de flauta, com os olhos cerrados e a cabeça raspada, e a comovente reação do velho teatro. Talvez eu tenha visto a cena na tevê, ou melhor, talvez a tenha lido. Na memória rodada, Aloísio Batata vive, sobrevive como o palhaço Pipoca, que fazia o programa Carrossel. Ontem, tarde da noite, o vi na tela da Band.



Psiu! / Psiu! Psiu! / Ninguém é besta não! / Tem
pão? / Que tem, tem / Onde é que tem é que
tá: flash de uma letra do Grupo Música-À-Ten-
tativa . Foto: Wilson Pedrosa

Pátio do Correio Braziliense: “Era espetacular. Música-À-Tentativa: Gato, Nonato Veras, Zé Miguel, vixe, era tanta gente. Acho que, além do Nonato, tinha mais gente do Liga Tripa na música da cidade...” (Rênio Quintas) “Nessa foto tem ainda Márcio Vieira, Rosa e Aloísio Batata, de gorro.” (Nonato Veras)

Como músico, Batata passou pelo Grupo Saga, uma banda de rock, mas não era bem isso que queria. Passou pelo Liga Tripa, e foi parar no Música-À-Tentativa. Experiência vanguardista. A ela deu corpo junto dos amigos Gato, Márcio, Miguel, Nonato Veras e Calouro. Estrearam em 1982, na Sala Funarte, no Sesc, no *Projeto Plateia*, e também em concertos ao ar livre: “Nossa música é de época. A gente quer ferir a nossa época, ferrar a época com nossas vidas.”

Sem dúvida, 1982 seria o ano de maior sucesso na curta carreira de Aloísio Batata. Ele foi apontado como “a revelação do ano”, mas é o ano que também marca o aparecimento do nódulo em seu pescoço, e a necessidade urgente de agir/atuar.

Aloísio Batata, uma lembrança viva (Ézio Pires)

Correio Braziliense, 17 jun. / 1984

O falecimento de Aloísio Batata, em Brasília, vítima de um tumor maligno na cabeça, além da tristeza no universo cultural do DF, significa o desaparecimento – em fase de explosão – de um dos mais promissores talentos da linguagem dramática brasileira.

Aloísio, ou simplesmente o Batata, como era carinhosamente conhecido no seu universo, foi sempre um ator de congênita dramaticidade. Seus gestos tinham uma linguagem de homem de palco. Sua voz, mesmo depois da desgraçada moléstia, que não pôde ser esmagada pelo cuidadoso tratamento, era a de um ser translúcido, pois vivia mais pela convicção de viver. De viver de bem com a vida!! Não devemos nos esquecer nunca do Aloísio de bem com a vida!! Mesmo padecendo da cegueira, em consequência da moléstia, Aloísio não fugia da batalha cultural de Brasília. Lembro da sua última aparição como flautista no Teatro Galpão, no mês passado, quando era apresentado o trabalho *Vidas Erradas*. Não devemos esquecer o Aloísio sempre de bem com a vida em todos os seus trabalhos.

– Seu Ézio, tá tudo um breu, mas eu tô joia. Foi assim que me respondeu a uma das nossas últimas saudações. No seu jeito de enfrentar a moléstia, me lembrava às vezes a postura com que Brecht lutava contra a angústia da guerra dos nazistas: – “Não fazer mal a si próprio nem a ninguém / encher de alegria a todos e a si também – eis o bem”.

Aloísio dava essa sugestão aos seus amigos e aos seus amores. E todos aceitavam, para tentar sepultar a sua angústia, que é ainda a angústia de todo mundo, que permanece ainda com medo de dizer até a palavra câncer. Precisamos derrotar a lembrança da morte de Aloísio, essa aranha caranguejeira, que tem a forma de uma tristeza.

Vai Aloísio, vai fisicamente, que a sua lembrança ficará viva entre nós.

Algumas peças teatrais

A Vingança do Carapanã Atômico – Tudo começou em 1979, com esta peça de Pedro Anísio. Inicialmente, Batata seria o flautista da banda que acompanharia a peça. Acabou intérprete do personagem Macunaíma.

A Revolução dos Bichos – Dezembro de 1980. De George Orwell. Sob o impacto do assassinato do ex-beatle John Lennon, e com a direção musical de Renato Matos, mais o Grupo de Teatro Cabeças. De todos esses espetáculos, o que ele mais gostava era esta peça. Onde Batata interpretou o porco Napoleão, tirano que dominava os bichos de uma granja. Este espetáculo mostrou a todos o talento histriônico de Aloísio Batata. Ele passou a ser para nós, espectadores brasileiros, o nosso Oscarito.

Chapeuzinho Amarelo – de Chico Buarque; *Pedro e o Lobo* – de Prokofiev; ambas sob a direção de Guilherme Reis.

A trilogia *A Maior Bandeira*, *A Hora e a Vez do Jumento* e *A Morte do Incrível Hulk*, dirigida por Jota Pingo.

Boa-Noite, General, de João Vianney. Outubro de 1982. O primeiro texto teatral proibido após o início da Abertura: “(...) capaz de provocar incitamento contra o regime vigente, a ordem pública, as autoridades e seus agentes.” O texto inspira-se nos golpes militares, que tanto o Chile quanto a Argentina sofreram. Na peça, o “povo” é uma alegoria, de fora dos acontecimentos farsescos. Aloísio Batata foi o general. Houve a participação de Nielson Menão, Camano, Henrique Rovira, entre vários outros artistas.

Vidas Erradas. Criação coletiva da rapaziada desta chamada *1.ª Geração Brasileira*. A peça é um furacão, revolução de comportamento em palco. Leninha chega bem junto de “Regina Casé”. Rock, brigas, confusões, danças, nudez. Batata, lá. Tem um momento em que a peça alcança solenidade grave, clássica e triste. É quando O Homem está frente às próprias fraquezas, então há choros. Batata pega a flauta e nos oferece uma linda canção, que para Turiba significou a despedida.

A última viagem de um ator do 3.º mundo (Filmografia)

Dívida Paga Com Sangue (Armando Lacerda e César Fonseca). O intérprete constituiu-se em atração especial. O personagem deste curta, que tem nome de filme de bang-bang, é Aloísio Nobre Mendes (1962-1984), o Batata, que morreu durante as filmagens, no início de uma carreira das mais promissoras. Segundo Armando Lacerda, o filme tem um grande valor afetivo. Ele não foi concluído segundo o roteiro, e é claro que encontraram uma situação capaz de concluir o filme. De todo modo, é preciso reafirmarmos, este filme é especial. César Fonseca, o roteirista, sintetiza o filme com o entusiasmo de quem o viu dezena de vezes na moviola, e gosta muito do resultado: *Dívida Paga Com Sangue* é um roteiro do subdesenvolvimento econômico do Terceiro Mundo. O indivíduo, como não poderia deixar de ser, encontra-se em situação semelhante à do seu próprio país, isto é, completamente durango kid.

O desdobramento da história

Do alto de seu pobre apartamento, a fumar um baseado, o personagem de Batata observa a cena lá embaixo. Passeata de trabalhadores. FMI, arrocho salarial, melhores condições de vida, desobediência civil ao status quo, apelo em favor da nacionalização dos bancos, fim da agiotagem.

130

Telefone toca. É o gerente cobrando uma velha dívida. Batata está com um pagão atrasado no Banco. Não tem como pagar. Choro de crianças, mulher gritando. Como pagar? Faca na cintura, Batata veste o paletó e sai pra rua. Pega um ônibus e acompanha, no trajeto, a miséria social: passeata, pedintes, crianças abandonadas, lavadores de carros. Ônibus para atrás do Congresso. Batata entra no Senado. Depoimento de Delfim. Rola o papo de submissão ao FMI. Justificativas oficiais sobre a presença de Ana Maria Jul a vasculhar as finanças nacionais. A tudo, o olhar de desdém do pobre endividado.

Cabeça cheia, humilhado, pensando na penúria familiar, revirando papéis velhos, refazendo contas antigas, Batata retoma o seu roteiro. Brasília passa aos seus olhos: paisagens, jardins, beleza do cerrado.

Setor Comercial. No Banco: o gerente (Jota Pingo) inquieto, autoritário, manda Batata entrar, sem olhá-lo. “Senta aí.” Está dependurado ao telefone, e ameaça Delfim Neto e Ernane Galvêas. “Se não me pagarem, acabo com vocês; eu manipulo os cordéis da política econômica do Brasil.” Corte. Telefone toca. “General!” O gerente tinha um esquema de corrupção com alguns militares. Emprestou, melhor, doou terrenos em Mato Grosso. Fica sabendo que o país honrará a dívida de qualquer jeito, através do sacrifício do povo. “General, o senhor é o máximo.” Batata escuta. Telefone no gancho. Papo do gerente com Batata. Este explica: “Não posso

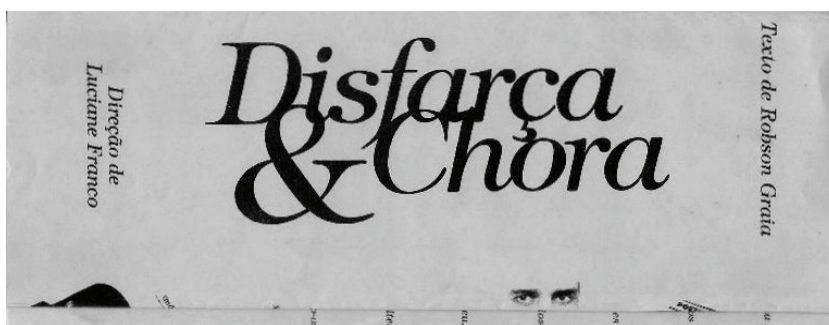
pagar.” “Se vira”, rebate o gerente. “Vocês já levaram tudo que eu tinha, não posso entregar nem pagar mais nada.” “O sacrifício é uma necessidade inevitável.” Bate-boca infernal... por alguns segundos. Batata puxa a faca e desfere violentos golpes. Pingo estrebucha. O sangue escorre. “A dívida está paga.”

- *Conversas Paralelas* (Pedro Anísio). Batata costumava dizer que era um ator que ninguém via no filme, já que seu personagem atuava encapuzado.
- *Progressália – As Ministéricas* (Luís Turiba). Super-8, março de 1980. Seu trabalho mais ousado, poético e radical.
- *O Sonho Não Acabou*. Neste filme longa-metragem, Aloísio Batata rompeu as fronteiras da província, quando fez o papel de destaque. Ele foi intitulado inicialmente *SQS-Salve-se Quem Souber*, e Batata interpretou um adolescente apaixonado por aviões, e que traficava cocaína. Para conseguir dinheiro, seu personagem chegou a envolver a irmã menor de idade num sequestro, e a entregou a um filhinho de papai.
- *Trimiliguís Toda Vez Que Te Vejo*. – *Se você conhecer alguém que possua estas fitas, que tal disponibilizá-las no YouTube para todos nós?!*

Artigos consultados

A última Viagem de um ator irrequieto, Maria do Rosário Caetano, Correio Brasileiro, 14 jul. / 1984 – A Progressália perde seu mestre-sala, Luís Turiba, Jornal de Brasília, 14 jul. / 1984 – sábado.

Relembrando Robson Graia



Texto: Robson Graia

1984

Resolvi que – voltando ao Brasil – queria mesmo é largar as pistas e subir ao palco.

Em pleno deserto do México, rumo ao Texas, ouvia Gilberto Gil cantando “Drão”, e o seu último sucesso “A Linha e o Linho”. Em L.A., conheci o som de Prince.

De volta a BSB, formei a dupla de palhaços Goiaba e Jabuticaba. Que logo se juntou com outros talentos da Geração 64, e um ano depois lançávamos aos palcos novelas e outras peças. Com um humor que seria consagrado anos mais tarde na TV Pirata. Aqui mostramos para as cabeças pensantes que existiam nesta cidade outras cabeças atuantes, no meio das artes. Nestes dez anos, a Palco Cia. De Teatro trabalha com a sua maior qualidade (por muitas vezes a única): o talento de seus atores. Velhos amigos como Goiaba, Skaf, Grossi, Kako, Cristiane, Ana-T, DW etc. levam ao público o enorme prazer do riso. Estes atores e outros estão espalhados pelo mundo.

Hoje, com velhos e jovens de todas as cores e nomes, estamos cada vez mais próximos de ser uma Cia. De Teatro onde é dada a oportunidade de crescimento artístico. Somos o único grupo que realiza há anos testes periódicos, onde podemos descobrir diamantes e pérolas como André Deca, Martha Scardua e Luciane Franco. Esta, diretora guerrilheira, amplificou o meu espetáculo, faz da peça *Disfarça e Chora* um marco na história do grupo. Para o desespero dos puristas e críticos críticos, trabalhamos muito, temos público, somos fortes, heroicos, para enfrentar este país, que tenta bloquear a nossa criação e nos faz mais fortes ainda para criar dança, vídeo, música, foto, ópera, teatro, o que é a nossa revolução. Somos o principado do entretenimento. Hoje, ouvindo Gilberto Gil, Prince, e

Toni Tony Toné, quero levar este grupo para o mundo... Palco Cia. De Teatro – dez anos. Just do it.

1984

7 a 12 fevereiro

- Beatles Expo – *Celebration of Beatles 20th Anniversary* – Miami.

10 março

- Ian Gillan deixa o Black Sabbath.

1.º junho

- Protesto reúne 177 carros pró-diretas em Brasília.

18 julho

- Sarney, depois de romper com o PDS, aceita ser o vice de Tancredo.

Shows

9 a 12 agosto

- Marco Antônio Araújo Grupo se apresenta no Masp.
- Amigos do Gil em ação: o próprio, Raul, Tony Osanah e Sérgio Dias.
- Durante as campanhas pelas Diretas em 1984, Walter Franco ganhou destaque com a música “Seja Feita A Vontade do Povo”.
- The Band reagrupam-se, e após um concerto em Orlando, na Flórida, Richard Manuel, o tecladista e fundador, enforca-se no banheiro de um hotel, enquanto sua esposa atendia a um chamado na recepção. Ele não deixou bilhete, e não havia razão aparente para o ato. Robbie Robertson, o guitarrista, seguiu carreira solo.
- Os Rolling Stones estão devagar, quase parando, e Mick Jagger decide lançar um álbum-solo. Para promover o disco, ele escolhe o Rio de Janeiro como cenário para um filme promocional.
- Steve Hackett grava, aqui no Brasil, *Till We Have Faces*.
- Tom Zé lança o LP *Nave Maria*, pela RGE.
- Estão de volta The Mamas & The Papas, reis e rainhas do mundo, com a clássica “California Dreamin’”, um dos hinos da filosofia do poder da flor, com a participação de Scott MacKenzie (“San Francisco”), MacKenzie Phillips (filha do sobrevivente John Phillips com Michelle) e Spanky McFarlane, ex-integrante de Spanky and Our Gang, que substituem Denny Doherty, Michelle Phillips e Cass Elliott.
- Numa longa entrevista a Scott Isler, da revista *Musician*, John Forgety expõe

que a principal razão de seu afastamento foi uma questão de nove milhões de dólares, dinheiro em que não podia mexer. Contou como os executivos da Fantasy o impediram de receber seus direitos autorais. Livre do problema, John Fogerty temporariamente retomou sua carreira, e realizou um disco, como nos velhos tempos.

- “Quando 1984 chegava aos seus meses finais, e com a aproximação do Rock In Rio, saímos da letargia. Havia uma remotíssima possibilidade de participarmos do megaevento. Apesar de a banda estar no hangar, nossas bases e alguns contatos de maior nível nos instigavam a sair à luta. Novamente pintava uma esperança. E dessa vez um contato feito com um empresário argentino assinalava também a presença no Rio de Janeiro de um velho conhecido e guitar-hero dos pampas, o Pappo, um mito na sua terra, com o qual eu havia tocado em 1977 na Argentina, com o Aeroblus. E que inclusive fez um show com a Patrulha em 1979, em São Caetano/São Paulo. Nesse meio tempo, Pappo tinha estourado mais uma vez na Argentina, com uma banda chamada Riff. Com o fim do Riff, Pappo veio ao Rio de Janeiro montar algo. Depois de um show no Circo Voador com o Celso Blues Boy, uma máfia de editores argentinos, que editavam no Brasil as revistas Roll e Metal, tentava armar para que ele tocasse com o Barão Vermelho no *Rock In Rio*. Eu sabia que tal empreitada era roubada, impossível. Assim que Pappo se ligou da patifaria, pintou a ideia de juntarmos as forças e tentar algo com a Patrulha. A distância Rio/São Paulo era um obstáculo, mas depois de algumas viagens e acertos transferimos a operação para São Paulo. Começamos a ensaiar e a compor rapidamente, e agendamos com o Luiz da Baratos a gravação do novo material no estúdio Vice-Versa.” (Rolando Castello Jr., baterista da Patrulha do Espaço)

Literatura

- W3 Sul. Paulo Leminski, durante visita a Brasília, após o almoço numa pensão, com o Ivan “Presença”, Nicholas Behr e Alice Ruiz, deixa um poema manuscrito com o também poeta Behr.
- O historiador Jonathan Wiener e professor da Universidade da Califórnia publica seu livro *Come Together: John Lennon In His Time* (Vamos juntos: John Lennon em seu tempo).

Agosto

- No vácuo do neopsicodelismo, a primeira seleção de poemas de Allen Ginsberg chega ao Brasil, com vinte e oito anos de atraso, na edição de *Uivo, Kaddish e Outros Poemas*. Felizmente nunca é tarde para se conhecer esse trabalho antológico, que explodiu na famosa leitura feita por seu autor na Galeria Six, em San Francisco, em 1956.

- “Logo após publicar *Uivo, Kaddish e Outros Poemas*, de Allen Ginsberg, fiz o prefácio da edição brasileira de *Os Subterrâneos*, de Kerouac (Editora Brasiliense, tradução de Paulo Henriques de Britto). A intenção era colocar alguns pingos nos ii, diante dos evidentes equívocos na recepção das traduções de autores beat no Brasil. Mas o texto vai além, e dá um perfil de Kerouac. Continua valendo.” (Cláudio Willer)
- O clássico *On The Road* só ganhou a primeira edição brasileira quase três décadas depois, feito do escritor e historiador Eduardo Bueno.
- Chacal lança *Drops de Abril* (Cantadas Literárias, da Editora Brasiliense), um voo de reconhecimento na sua gíria de poeta, dos relatos da sua trip pelo planeta.
- *Signagem da Televisão*, de Décio Pignatari. Editora Brasiliense.
- *Two Serious Ladies*, traduzido como *Duas Damas Bem-comportadas*, Jane Bowles, L&PM. A autora publicou seu romance em 1943. Ela recebeu uma carta de Anais Nin, de oito laudas, que não agradou nada a Jane. Anais Nin achava que era a melhor, e por isso se permitiu dar alguns conselhos a Jane nessa carta, ao fazer uma lista de defeitos do romance, o que deixou Jane furiosa. Infelizmente, a carta não foi guardada.

Artes

- Nasce a Geração 80. O Parque da Lage realiza a coletiva *Como Vai Você, Geração 80?*, coordenada por Marcus Lontra, Paulo Roberto Leal e Sandra Mager. Daniel Senise, Jorginho Guinle, Jorge Duarte, Leonilson, Beatriz Milhazes, entre outros, são as revelações. A pintura é retomada em reação à valorização conceitual da década anterior.
- A obra de Andy Warhol, *Le Gran Passion*, é uma serigrafia, que o artista realizou como parte de uma campanha publicitária da marca de conhaque Passion.

Filmes

- *Memórias do Cárcere* (Nélson Pereira dos Santos).
- Os direitos do filme *Metropolis*, de Fritz Lang, são licenciados para o compositor Giorgio Moroder, que realiza uma versão esdrúxula de *Metropolis*, colorizada por computador e detonada pela trilha sonora, que incluía “Love Kills”, de Fred Mercury; “Here She Comes”, de Bonnie Tyler; e “Cage of Freedom”, de Jon Anderson. Essa versão de 87 minutos, deturpada pelo gosto consumista da música pop e da cor artificial, teve apenas um mérito: ser projetada a vinte e quatro quadros por segundo, o que restituiu às imagens – algumas delas invisíveis nas versões anteriores, e mais ainda mutiladas – o seu ritmo original.
- Na première londrina do filme de Paul McCartney *Give My Regards to*

Broad Street, aconteceu uma reunião espontânea de três primeiras damas do rock: Olivia Trinidad Arias (mulher de George Harrison), Linda Eastman (McCartney) e Barbara Bach (Starr).

Obituário

30 maio

- Salvador. Uma semana antes, Walter Smetak, aos 71 anos, despede-se de todos, monta na sua moto Honda e dá entrada num hospital. Morre de enfisema pulmonar.

29 junho

- Samuel Wainer Filho e Felipe Ruiz, jornalistas, morrem, em acidente de carro, ao voltarem da cobertura do acidente aéreo que matou catorze jornalistas, no dia anterior.

25 agosto

- O escritor Truman Capote morre aos 59 anos, um mês antes de seu 60.º aniversário.

14 setembro

- Richard Brautigan, escritor (1935-1984).

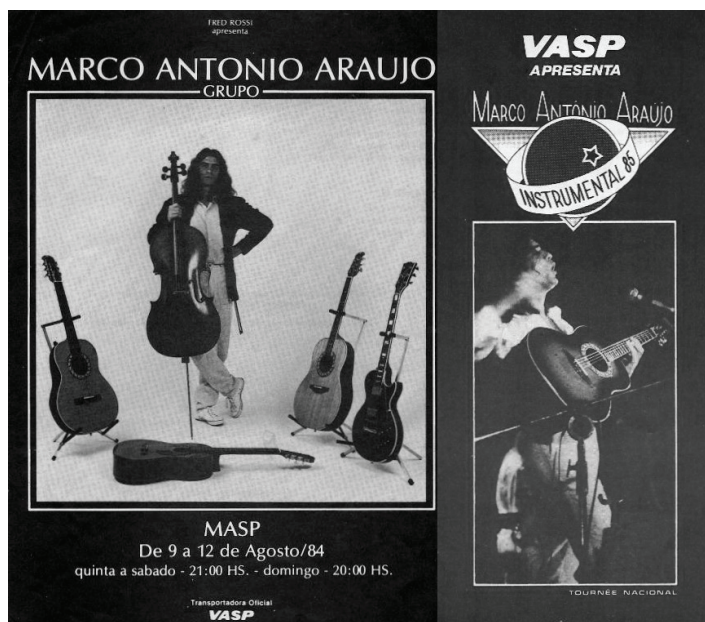
Um fanzine para os adoradores do Black Sabbath

Bastante difundidos em todo o Brasil, os fanzine são os órgãos oficiais dos fãs-clubes de artistas e grupos espalhados por todo o mundo, e um meio de comunicação entre as pessoas que têm uma adoração em comum. Antigamente, o grande lance eram os fãs-clubes dos artistas da rádio Nacional, que não tinham seu jornalzinho, mas agora o que se vê são os roqueiros procurando comunicação com quem pode conversar sobre rock. Aqui em Brasília, o único fanzine com circulação regular é o Sleeping Village do Sabbath Rock Club que, em sua nova fase já atinge o número 5, que está sendo lançado esta semana e já pode ser encontrado nas lojas do Sebo do Disco a Cr\$2 mil cruzeiros.

É uma edição xerocada como as demais, com 34 páginas, recheada com artigos (colaborações de pessoas ligadas a outros fãs-clubes), reportagens traduzidas de revistas inglesas ou alemãs, uma espécie de história em quadrinhos, que saiu numa revista japonesa e que está em sua forma original porque ninguém da turma sabe um caractere sequer de japonês e muitas fotos, algumas críticas, sobrando garra. Neste número, há uma matéria sobre a vida de Ozzy Osbourne, primeiro cantor do Black Sabbath e que hoje tem uma vitoriosa carreira-solo (vai inclusive ser uma das atrações do Rock In Rio, que conta até com citações exaltadas das mães dos responsáveis pela revista (pode-se chamar assim?). Outra atração é a entrevista do baixista do Sabbath (claro!), Terry

"Gezzer" Butler ao jornalista Andy Secher, da revista inglesa "Hit Parader". Além disso, há letras (algumas traduzidas) das canções sabbathanas e duas entrevistas bombásticas e inéditas no Brasil de Ronnie James Dio (antepenúltimo cantor do B.S.) e de Osbourne (de novo) para a revista Circus.

Tudo é organizado incrivelmente por uma só pessoa que sai por aí colhendo informações e colaborações para sua publicação: Mário Sérgio "Lenmac", Pacheco dos Santos, que mora no Guara, e que aceita qualquer contato através do seguinte endereço: QE 32, Bloco A, Loja 15, Guará II, CEP: 71.000 - Sleeping Village Sabbath Rock Club. Mas ao contrário do que se possa esperar, Mário não é um obtuso fã do Sabbath e aceita papos e trocas de ideias e informações sobre qualquer grupo de rock pós-Beatles (de onde vocês acham que vem o "Lenmac"?). Aliás, o fanzine começou falando de tudo sobre rock e teve até um número de despedida, onde ele lamentava a falta de apoio e etc, para justificar a sua extinção. Contudo, ele aproveitou o fãs-clubes do Sabbath para dar seguimento aos seus ideais, já que tinha muitas informações sobre o grupo. Parece que **colou**. Apesar das dificuldades, ele segue em frente e a especialização para ter feito bem ao fanzine, já que os fãs do Sabbath de todo o Brasil escrevem para receber seu exemplar. O preço é baratíssimo, não paga nem as cópias e, em geral, o texto é muito bom.



“Esse Brasil tá um país muito gozado demais. Porque isto tenho falado em todos os lugares em que a gente toca. Sempre tem alguém desse gabarito, e que de repente o espaço para se tocar é pequeno demais. E acontece que muita gente acaba não conhecendo. Então, eu acho que o maior sentimento a cultivar no Brasil hoje é o da curiosidade, porque as coisas óbvias estão estampadas por aí, pra todo mundo ver, até encher o saco... – e coisas como essa só se descobre se a gente for muito curioso –, então, é quando nós tentamos com esse sentimento da curiosidade que não perdemos coisas como essa.” (Frase de Marco Antônio Araújo, em seguida à apresentação do violonista Marco Pereira).

6

1985

**QUANDO A SORTE TE SOLTA MARCO
ANTÔNIO ARAÚJO NA NOITE!**

Ele nos dava a impressão essencialmente de ter muito mais para dar do que nós tivemos a oportunidade de receber.

“A única instituição profissional de Minas é a política. Para ela, não há limite de recursos”, ironizava.

Dono de um talento ímpar, o músico mineiro Marco Antônio Araújo era tratado pela mídia com o conhecido descrédito que dedicam a quem faz arte por amor. Ele não era ligado a nenhuma grande empresa, dessas que ditam o que é bom ou ruim para as pessoas. Seu talento pode ser comprovado nos cinco discos que lançou, com muito sacrifício, em esquema independente. Em sua alquimia musical, destacam-se as mais diversas influências. Sobretudo do rock dos anos 60 e 70, mas também e principalmente do barroco mineiro. As composições “Folk Song” e “Abertura N.º 2” demonstram isso.

139

Quando comenta os seus trabalhos, a parca mídia musical brasileira geralmente cita as influências estelares do rock britânico no trabalho do compositor, diretor musical, violoncelista e guitarrista Marco Antônio Araújo. Isso deve acontecer por causa da sua conhecida estadia na Inglaterra. Naquele instante, boa parte das influências apreciadas pelo músico mineiro e pelos críticos desfalcava o cenário no qual – os seus toques de violão ovation, folk e viola grávida –, com os condimentos do barroco mineiro e do rock, inovavam as orquestrações revolucionando o panorama musical instrumental feito no Brasil.

A simplicidade e consciência artística, incrivelmente raras nos músicos e produtores musicais brasileiros, na atualidade, era a principal qualidade de Marco, que se manteve fiel a suas ideias musicais universais.

Além do amor a Pink Floyd, Jimmy Page, Jethro Tull, Marco Antônio Araújo curti Beatles, Rolling Stones, tocava Verdi, Brahms e Beethoven na Orquestra, e também o mineiro José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. Essas impressões vieram muitas vezes creditadas nos títulos das suas canções: “Floydiana”, “Para Jimmy Page”...

Marco Antônio Araújo dividiu com Randy Rhoads, o mago americano do heavy metal, também precocemente desaparecido, a difícil operação de estender e

redefinir as partituras, sonoridades e horizontes do rock. Essa reavaliação e reestruturação do rock com o erudito, proposta por eles, não atravessaria o meio da década. Os realizadores mais próximos de concretizar essa instigante alquimia desapareceram, e se levou algum tempo para alguém sacar que haviam completado suas participações.

Infelizmente, Araújo veio a falecer em janeiro de 1986, na primeira semana, numa segunda-feira. O ano começou mais pobre musicalmente. Justo no momento em que ele começava a receber a atenção – e o respeito – ao seu trabalho

Voz do povo

Marco Antônio Penna Araújo nasceu a 28 de agosto de 1949, em Belo Horizonte, onde se criou. Ao final da década de 60, conquista fama de mau vizinho, por causa do rock ensurdecedor do seu grupo Vox Populi, que lançou um compacto, em 68, com a música “Dia D”. “Vox Populi tinha uma música aparentemente hermética, mas que, depois de ouvida com atenção, trazia retratos, reflexos. Vivíamos, depois de uma Revolução Cultural que fizeram em cima de nós (...)

Já naquele tempo, sentia-se uma interrogação permanente, com a resposta aflo-rando, dentro do trabalho.” Escreveu Carlos Felipe. Com o fim do Vox Populi, Marco Antônio Araújo segue como músico em gravação do Som Imaginário. Nesse mesmo 1968, ele larga a faculdade em Belo Horizonte, sai da casa dos pais, abandona um emprego sólido, e troca os compêndios de economia pela guitarra... e uma passagem.

Imprevisível e atento, como bom virginiano, abandona as carreiras incipientes. Decidido a aprimorar-se no rock, parte para um exílio voluntário na capital inglesa.

De 1970 a 1972, é visto na imponente e barulhenta Oxford Street, no centro de Londres, arquejante, carregando pesados móveis para uma empresa transportadora. O salário ganho nesse ofício penoso é vertido sem demora na compra de ingressos para temporadas de rock, armadas na lendária sala de espetáculos do Albert Hall ou nos enfumacados pubs e clubes da cidade. Economiza do estritamente necessário para alimentação e aluguel.

Na plateia, curte as piruetas de Robert Plant e Jimmy Page, do Led Zeppelin, os agudos de Ian Gillan, do Deep Purple, além das viagens do Pink Floyd e dos delírios da formação clássica do Jethro Tull. Vislumbra assim imperdíveis oportunidades diariamente, até mesmo duas vezes no mesmo dia. Também convive com alguns brasileiros, que então compartilham politicamente o exílio cultu-

ral (Gilberto Gil, Ângela Ro Ro, Jorge Mautner, Mutantes, Neville D'Almeida, Rogério Sganzerla, Jards Macalé, Antônio Bivar, Caetano Veloso...).

Na volta ao Brasil, o rapaz de cabelos grandes e olhos profundos, de olhar às vezes triste, escolhe uma trilha pouco ortodoxa. Ao invés de montar uma banda de rock, resolve estudar a fundo a música erudita, na Escola Nacional de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lá estuda teoria musical, composição e contraponto, e pratica exaustivamente violoncelo e violão clássico.

Discípulo e aluno de mestres como Esther Scliar (†), Lindembergue Cardoso, Marco Rocha e Eugen Ranevsky, sua dedicação o conduz, com naturalidade, a ocupar uma vaga na Orquestra Sinfônica da Fundação Clóvis Salgado, de Minas Gerais.

Em 1977, passa no concurso e atua por oito anos como violoncelista em Belo Horizonte, uma atividade que lhe exigia três horas diárias de ensaio e frequentes apresentações. Ainda nesse ano, inaugura o projeto *Maravilhosos Músicos Mineiros*.

Com os longos cabelos levemente afastados do rosto, e no olhar um brilho de luta e vitória a acompanhar o semblante visionário, ele delineava as batalhas e preparava os passos. Estrutura a primeira grande vitória para a música instrumental brasileira. A impressão é de ser ungido da Música, e predestinado ao sucesso. Seu trabalho musical está com a preocupação voltada para uma pegada própria, e que, em aparente contradição, não é propriamente sua, mas universal. Assim é a fórmula adotada. Ele quer que sua música seja entendida e amada. Ela é uma síntese de seu rigor consigo mesmo: “Sou perfeccionista, requintado, exigente, rigoroso, doido e lúcido, ambicioso, egoísta, consciente e generoso.”

Em 1981, aos 32 anos, lança o surpreendente *Influências*, uma extraordinária estreia, que rompe as barreiras das alfândegas culturais e regionais. *Influências* é o auspicioso marco inaugural da obra de Marco Antônio Araújo, e mesmo sem shows de lançamento fora de Minas, com uma referência simples na revista Veja, ultrapassa a casa das dez mil cópias.

Estreia eclética

Okki de Sousa – Veja

Em apenas seis faixas instrumentais, destila com grande habilidade nas aventuras pelo rock, modinhas mineiras, música clássica, e até pela música renascentista inglesa. Na explosiva mistura, atinge estilo próprio e bem-acabado. Como na faixa-título, em que o maestro Jaques Morelembaum rege pequeno naipe de metais, ou na inspirada “Abertura N.º 2”, na qual exhibe notável senso de equilíbrio à frente de seu grupo Mantra, acima de tudo planta uma semente de inovação na musicalidade da raízes mineiras.

Bela combinação de fissura e influências

Paulo Klein – revista Somtrês

“A síntese ideal da música de nosso tempo, com lampejos do mais saudável rock mesclado ao conhecimento da Música como fato universalizante, em linguagem compreensiva a todos e para o sempre. Isso tudo está clara e fluidicamente apresentado neste segundo álbum

142

“*Quando a Sorte te Solta um Cisne na Noite* simplifica com grandiosidade as experiências pop e erudita do ‘Cisne’ de Minas. Pra lá de cantochão. (...) ‘Floydiana’, sem ser parecida com nada, lembra os belos momentos do conhecido *Atom Heart Mother*. “A competência é marcante nas execuções e arranjos (tão perfeitos ao vivo quanto em disco), compartilhados com os músicos do Grupo Mantra, que também atuavam com Marco na Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. (...)”

“Sobre a tessitura delicada, que nasce com o piano de Max Magalhães, surge crescente a base sutil do ovation e do violão folk, panorama ideal para uma trip de paisagens mineiras/universais, assopradas na flauta de Eduardo Delgado, no cello de Antônio Viola, na guitarra de Alexandre Araújo, na trompa ‘rosácea’ de Sérgio Gomes. Tudo é metronomicamente ritmado pelo baixo de Ivan Corrêa e pela bateria de Mário Castelo.

“Há picos de culminância estética difíceis de definir e a calmaria dourada de sóis e rios, em ‘Alegria’ e ‘Adágio’, esta canção de câmara, feita para um amigo, ou para muitos, ‘Quando a Sorte te Solta um Cisne Na noite’. Até a lúdica imprevisibilidade da poderosa eclosão pop/rock da faixa ‘Pop Music’. É um cisne, enfim, que não passa em branco.

Suas apresentações: de embrião ao nascimento

Marco Antônio Araújo toca violão ovation e violoncelo, acompanhado por Eduardo Delgado, flauta, Antônio Viola, violoncelo, Alexandre Araújo (seu

irmão), guitarra, José Marcos Teixeira, teclados, Ivan Corrêa, baixo, e Lincon Sheib, bateria. Eles interpretaram músicas que integram seus três discos, e que incluem temas que somente seriam lançados no seu quinto disco, *Lucas*. Na primeira parte do programa, “Grave”, “Folk Song”, “Influências”, “Floydiana” e “Panorâmica”. Na segunda, “Para Jimmy Page”, “Caipira”, “Lembranças” e “Lucas”, todas do ainda inédito *Lucas*, e finaliza com “Abertura N.º 2”.

A celebração ao vivo era desarraigada, o grupo impregnava as salas de concerto com varreduras polifônicas. O mestre do ovation explanava alto as suas ideias, fincadas na oposição ao que estava estabelecido pelos ditames do comércio fonográfico, imposto pelo jogo da indústria cultural, que bancou a glória e também o sepultamento precoce de tanta gente. Ele tinha naturalmente consciência do seu papel e das dificuldades para a glória efêmera, pois queria muito mais.

O primeiro dos cinquenta shows que o Marco Antônio Araújo Grupo realizou pelas capitais brasileiras foi em agosto de 1984, no Masp. Para mim, foi um ano de agonia para que o show *Instrumental 85* chegasse à Capital Federal. Com a lotação esgotada nos três dias, teve a participação de músicos indianos num duelo raro de seus instrumentos com o violão de Alexandre Araújo.

Nos camarins, era impossível se aproximar para conversar. O ponto crítico do espetáculo era o bis. A estrutura e sequência das músicas não mudaram, o que mudou foi a interpretação, de redenção total dos músicos ao musical, que caminhavam na direção do belo horizonte... Testemunhei isso, e tive a felicidade de editar fitas cassetes dos shows de São Paulo-1984 e Brasília-6 jun. / 1985. Acompanhávamos a turnê via tijolinhos nos jornais das outras capitais.

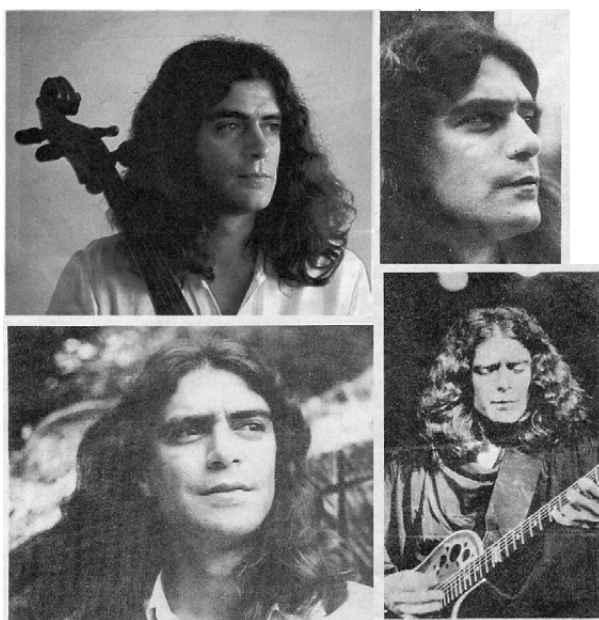
Foi uma experiência familiar, uma vez que minha irmã e a minha namorada também foram comigo ao show. Foi absolutamente marcante, e de alguma forma não permitiu explodir de tristeza o rasgo nas nossas almas, pela rápida partida de Marco Antônio Araújo.

O Rock como um elemento

Entrevista de Marco Antônio Araújo a Irlam Rocha Lima, do Correio Braziliense, em 4 jun. / 1985

A exuberância de seu trabalho instrumental dispensa o explícito do verso, suas rimas estão nas cores dos timbres

Competência musical sobriamente inspirada, doce, criativa, fluindo sem afetações ou experimentalismos desnecessários, já exaustivamente percorridos



Em conversa com o jornalista Irlam Rocha Lima, no final da excursão, em uma sala da Vasp (que patrocinou a excursão, pelo menos as passagens), em meio ao estudo do plano de viagem, ele falou sobre sua carreira, influências e sua alma musical, que não encontra parâmetro entre o que se produz musicalmente no Brasil atual. Expôs a dimensão do trabalho de Marco mostrado nas suas apresentações em Brasília, na excursão do show Instrumental 85

Marco não esconde suas fissuras roqueiras, apesar de condimentar seu rock com elementos da fase áurea do barroco mineiro e da melhor tradição sinfônica. Sua competência é marcante nas execuções e arranjos, tão perfeitos ao vivo como em disco. Na atual olimpíada do banal, Marco Antônio Araújo cintila. Em primeiro lugar, porque ele é músico.

Marco Antônio, como você situa seu trabalho nos estreitos limites entre o erudito e o popular?

Eu, como músico profissional, não faço nenhuma distinção entre o erudito e o popular. Você está falando que a relação é estreita. Eu acho que ela é íntima. A única coisa que conta dentro de um trabalho artístico de altíssimo e de baixíssimo nível, como existe também no campo erudito, é que uma coisa é interligada com a outra, pois todas as tendências vêm de uma mesma raiz popular anônima, a raiz popular do folclore. São tratamentos diferenciados dados aos temas folclóricos do sentimento da região, do povo, da nação, e por aí afora. Então eu acho que a única coisa que existe entre o erudito e o popular, se a gente puder separar essas duas áreas, é uma diferença de acabamento.

Como é que se processa sua alquimia? Com informações, com as influências que você recebeu dos Beatles, do barroco mineiro e da música clássica, o que é que acaba prevalecendo?

Além de não ter preocupação com prevalência desse ou daquele elemento, o meu trabalho não é a estilização de nenhum estilo. Não é a estilização de nenhuma tendência. Eu não procuro por exemplo fazer uma coisa parecida com o que os Beatles fizeram, nem com o barroco mineiro, nem com qualquer outro tipo de tendência. Porque eu acho o seguinte: o artista é um filho das vivências dele. Eu tive essas vivências, e elas são fortes. Sou fortemente influenciado pela época pop. Eu cito os Beatles, porque eles foram os geradores do movimento pop. Cito de vez em quando o barroco mineiro, porque sou de Minas Gerais, e Minas é um Estado muito musical, cheio de folclore, e o barroco mineiro é um tratamento erudito dado aos temas do folclore mineiro. Então, o meu trabalho é simplesmente uma consequência dessa minha vivência musical, de mineiro ambientado em Minas Gerais, e de uma influência pop decorrente de minha geração.

É difícil ser músico em Minas, sem pertencer ao Clube de Esquina, a “turma do Milton Nascimento”?

Eu não me sujeito a nenhum tipo de dependência. E acho que a pessoa tem que se garantir pela sua competência, pela sua qualidade, pela sua proposta. Tem que medir seu tamanho a partir de si próprio, e finalmente, e vitoriosamente, sem estar apoiado a grupos por interesses, ou apadrinhado por ninguém. Acho isso muito importante.

Numa época em que é muito forte a tendência para absorção do chamado som descartável, você vê muita dificuldade para colocar e veicular esse tipo de música que faz, que é uma coisa muito mais elaborada?

Quanto mais material descartável tiver, maior vai ser o meu espaço. Porque a saturação de um certo esquema do material descartável está acontecendo.

Então, quanto mais saturado ficar o público, por isso, ele vai acabar procurando outras opções, e aí está o meu campo de trabalho.

Apesar de possuir quatro LPs gravados, você continua sendo um artista independente. Isso é uma opção sua, ou as gravadoras é que não se entusiasma muito pelo tipo de música que você faz?

Veja bem: eu procuro condições para que meu trabalho aconteça num nível que acho que ele mereça. Qualquer esquema que fosse montado por trás do meu trabalho, e que me desse confiança, essa segurança e conforto, eu abraçaria, numa boa. Eu não tenho preconceito contra gravadora. Não tenho preconceito contra nada, desde que eu tenha condição de trabalhar. Em 1980, por exemplo, antes de gravar meu primeiro disco, tentei fazer meu trabalho através de uma gravadora, mas ele foi taxado burramente de música clássica. Argumentaram também na época que música instrumental não vendia, que o público não tinha sensibilidade para isso. Esse tipo de argumento furado foi o que ouvi por aí afora. Então, hoje, quando já vou lançar meu quinto LP, eu criei um sistema para que isso fosse possível. E esse sistema, atualmente, está muito sólido. Tanto que estou fazendo uma turnê nacional para o lançamento de um disco de música instrumental-independente, no Brasil. Posso provar com isso que meu sistema, que o meu ponto de vista está certo, e que está acontecendo. Pra eu entrar em outro esquema agora, tipo uma gravadora, seria um trabalho com um preço muito alto, porque são dez anos de estrada. Isso ninguém dá de graça pra ninguém, nem faz tratados com gravadoras da maneira que elas querem. Por isso, acho completamente impossível minha integração a uma gravadora, pura e simplesmente.

Mesmo com toda essa bagagem, com esses quatro discos lançados, você, seu trabalho, até há pouco, estava restrito a Minas Gerais. Nos outros estados, a não ser os iniciados, pouca gente conhece sua música. Agora, com o show Instrumental 85, você faz uma excursão de Porto Alegre a Fortaleza. Isso é uma grande ousadia, concorda?

Bom, eu acho que a força motriz de qualquer evolução é a ousadia. Não uma ousadia sem fundamento, uma porralouquice qualquer, mas uma coisa bem-pensada, bem racional. Eu sou uma pessoa muito racional. Nunca dou um passo maior que minhas pernas. Então, como você disse, o meu trabalho é muito conhecido em Minas. Mas acontece que eu já estava sem espaço em Minas para tocar. Já começava a virar repetição. Acho também que uma das motivações para a evolução é o sufoco: você chega num ponto em que tem que tomar uma atitude. E essa atitude só vem da necessidade. Eu senti a necessidade de abrir o meu campo de trabalho. O meu trabalho sustenta uma equipe enorme, que me cobra trabalho, e eu tenho que sobreviver disso, juntamente com outras pessoas. Então, eu tenho que ser ousado, e sei que estou sendo ousado ao fazer

essa excursão – com o imprescindível auxílio da Vasp, e com o apoio de uma empresa igualmente ousada, que investe em música instrumental no Brasil. Esse trabalho estava restrito a Minas e São Paulo, mas agora pode ser ampliado por várias regiões brasileiras.

Com a chegada da “Nova República”, você vislumbra melhores dias para a música, para as artes em geral, para a cultura no Brasil?

Eu torço para que isso aconteça, mas quero deixar claro uma coisa: nunca dependi do sistema anterior, e pretendo não depender desse novo para a sobrevivência do meu trabalho. Mas eu torço para que a situação seja muito melhor do que já foi, não só no campo artístico, mas principalmente no campo social. Acho que a criação do Ministério da Cultura deveria estar muito voltado para a preservação da cultura nacional, para a restauração da cultura, que está sendo comida pelas baratas nos museus. Eu estou falando isso não é figurativamente, não. Estou falando literalmente. Fiz uma pesquisa sobre música mineira para a Companhia Siderúrgica Mineira, com um contrato fechado para a realização de três discos, com músicas inéditas do barroco mineiro, e achei partituras no Museu de Mariana faltando várias notas. Essas notas foram comidas pelas baratas.



Lucas

Lucas está entre os cinco melhores discos do Brasil em 1985, uma espécie de continuidade sintética de toda uma vida. Na faixa “Lucas”, a canção de ninar e o acalanto finalmente chegaram ao sintetizador, e vice-versa. Segundo o jornalista Carlos Felipe, “uma canção de ninar da era eletrônica”.

Inesquecível foi a abertura do show e coquetel de lançamento do disco *Lucas*, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, no dia 26 de novembro de 1985.

Nesse dia, Marco Antônio Araújo lançou o seu quinto LP. Ele entrou no ambiente com Lucas, seu filho, mais a bailarina e professora de dança Déa, mãe também de Ana, nascida nesse mesmo ano. E com aquele jeito seu característico diz que aquele menino é uma das pessoas que mais ama na vida, e por isso tinha dedicado o show e o disco a ele.

Além de produzir os cinco discos de Marco Antônio Araújo, o selo independente Strawberry Fields (outra arrojo do músico) atuou como produtor, trouxe artistas a Belo Horizonte e produziu discos. Para a Belgo – Companhia Siderúrgica Mineira, o selo Strawberry Fields cumpriu dois LPs de um contrato que previa três discos, com músicas inéditas do barroco mineiro. O LP *Concerto*

Barroco N.º 1 saiu em 1984, e o *Concerto Barroco N.º 2*, em 1985. Durante a pesquisa, Marco Antônio Araújo encontrou partituras no Museu de Mariana, em que faltavam várias notas, pois foram comidas pelas traças.

Para o Banco do Brasil, Marco Antônio Araújo produziu o primeiro disco do *Projeto Música da Inconfidência*, que seria concluído em 1989, juntamente com o bicentenário da Inconfidência Mineira. Neste LP, foi apresentada uma obra inédita de Manoel Dias de Oliveira, músico pouco conhecido do barroco mineiro, que viveu no Vale do Rio das Mortes.

Como produtor de shows, o Strawberry Fields realizou um projeto que levou diversos músicos de Minas a dezenas de cidades do Estado. Foi um trabalho que abriu campo para experiências semelhantes, e que serviu para que os artistas da terra percebessem o espaço que tinham para conquistar.

Coda

No piano da casa de seu pai, com a tecla do lá mais grave queimada de cigarro, o principiante Marco Antônio Araújo passava horas a fio em cima das mesmas notas, sem saber que não teria chances de repor a tecla. Quando escrevia partituras, ou praticava violoncelo, ele ficava tão azedo que brigava até com crianças impertinentes, e pedia que encostassem a porta do quarto, ou então que usassem algodão nos ouvidos. Suas explosões temperamentais geralmente ocorriam quando ele cozinhava, e também quando passava horas temperando seus haddocks e bebendo vinho branco gelado, acompanhado de queijo. A 3 de janeiro de 1986, recém-chegado de Nova Iorque, uma segunda-feira triste, depois do almoço, ele dá uma descansadinha... e deixa de retornar algumas ligações. Daquela tarde, não acorda mais, pois o descanso transforma-se em agonia. No Prontocor, se ele escapasse da agonia, disseram, teria de viver o resto de seus dias preso numa cadeira de rodas. Assim, morreu na quinta-feira (6 jan. / 1986), e seu enterro ocorre sete dias depois, outra segunda-feira amarga.

Seus últimos projetos: musicar as novas histórias do musical *Chapeuzinho Vermelho*, com letras de Fernando Limoeiro, cenários de Álvaro Apocalypse e grande elenco, com a participação de Carla Camurati. O espetáculo *John Lennon Remember* também estava nos projetos de Marco Antônio Araújo, para ser apresentado, igualmente ao *Instrumental 85*, por dezessete capitais brasileiras. Já estava com datas reservadas para o mês de dezembro de 1986, em Belo Horizonte.

Frases

“Eu adoro os Beatles, os curto desde os seus primeiros discos.”

“Não existe artista ambientado com o palco. Você está ali no camarim, morrendo de rir, conversando. No palco, é outro papo. É uma coisa que eu não sei definir o que é; não é um lance assim de vaidade, do egocentrismo, de autoafirmação, não é nada disso. É uma coisa diferente que acontece, você fica esquisito, todo mundo esperando o que você faz, é um lance muito louco. Tem uma frase bonita demais de um filósofo hindu, que é uma coisa incrível. Ele fala que a maior forma de expressão que existe é o silêncio, porque do silêncio você pode esperar tudo.”

Estado de Minas: Marco Antônio Araújo, como artista, você se sente um ser especial?

É um lance em que tenho pensado muito, ultimamente. A diferença entre um débil mental e um gênio é mínima. Porque o milagre de existir uma pessoa já está feito. O milagre de você existir já é tão incomensuravelmente maior do que uma pessoa pode fazer que esse tipo de questionamento fica ridículo. A possibilidade da pessoa é tão infinita, a partir do momento em que ela seja concebida e exista, que o questionamento do egocentrismo, da vaidade, não tem sentido. Porque se você pegar, por exemplo, o maior gênio que já existiu, e que é Beethoven, que morreu dizendo que nada sabia de música, que não sabia fazer contraponto, se quem mais soube falou que não sabia direito o que está fazendo, pode falar alguma coisa? Eu acho que essas proporções do sentimentalismo, do egocentrismo, da emoção, são muito variáveis, e dependem da personalidade e da proposta da pessoa. Se vestem Michael Jackson de prateado para ganhar milhões de dólares, não é que ele está fazendo isso, mas uma máquina é que está atrás disso. Então, esse lance de o artista fazer parte da personalidade da pessoa, se é uma pessoa simples ou complicada, como vivemos num sistema capitalista, as pessoas são induzidas a fazer desse jeito, ou a gravadora a manda embora, porque não sabe mais, e assim botam um robô qualquer no lugar dela. Mas a pessoa que tem uma proposta não vai abrir mão dela, porque senão ela vai ficar insatisfeita.

Discografia

Influências – com as músicas “Influências”, “Abertura N.º 2”, “Panorâmica”, “Folk Song”. Esse é o disco debut, marcadamente original, assim como a personalidade de Marco.

Quando a Sorte Te Solta um Cisne na Noite – o “disco do cisne”. O título do LP já reverencia as suas influências, por ser pastoral, e conter “Floydiana”, o disco assume um pressuposto de ser o “disco do cisne”, em contraponto ao “da vaca”. Destacam-se as faixas “Adágio” e “Pop Music”. É o seu disco mais rock e também o mais conhecido dos seus cinco discos.

Entre um Silêncio e Outro – o mais erudito de seus trabalhos, reconfortante. Traz uma linda capa e encarte, que desaparece nas prensagens posteriores. “Acho primoroso este disco, até pelo fato de, em alguns movimentos, se aproximar do clássico, que o Marco Antônio sempre foi.” (Nestor Santana, produtor)

Animal Racional – A capa segue os padrões do disco, uma coletânea com novos arranjos para clássicos, algumas músicas anteriormente gravadas. Foi financiado pela Vasp, tem um texto do crítico Maurício Kubrusly, que inicia o reconhecimento devido ao grande músico.

Concerto Barroco N.º 1.

Concerto Barroco N.º 2.

Projeto Música da Inconfidência.

Lucas - Rock e demais influências elevadas à perfeição. Como não viajar em “Lucas”, música que leva o nome do seu filho? Ainda temos “Lembranças”, e também a transcendental “Para Jimmy Page”.

Barroco progressivo

Walter Sebastião – Estado de Minas, 23 nov. / 1999

“(…) Ainda hoje, existem trabalhos inéditos do músico. São eles: *Fantasia*, (uma sinfonia), *Folhas Noturnas* e *Quatro Condições de Um Pássaro Solitário*, além de peças para violão e instrumentos de câmara. Trata-se de material que pode virar vídeos, songbooks, discos etc., mas para isso é necessário patrocínio. Até pela necessidade de que o trabalho seja realizado com a qualidade necessária, que é a marca de Marco Antônio”, avisa Alexandre Araújo, seu irmão.

151

Participações

Marco Antônio Araújo participa do primeiro LP do Som Imaginário, e também do *Quando Fui Morto em Cuba*, de Marcus Ribas.

Algumas trilhas sonoras produzidas por Marco Antônio Araújo

Rudá, peça de José Wilker.

Cantares, espetáculo do grupo O Corpo.

John Lennon Remember, show campeão de público em toda a história do Palácio das Artes, o maior teatro mineiro. Arranjador requintado, homenageou por diversas vezes os Beatles e os Rolling Stones, o que julgava ser uma “verdadeira música clássica”. Numa dessas homenagens, *John Lennon Remember*, sob

a sua direção, teve a participação da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais e do Corpo de Baile e Coral da Fundação Clóvis Salgado.

Homenagens

Com o acróstico *MAPA* (Marco Antônio Penna Araújo), o grupo Uakti batiza o seu sexto álbum.

1985

22 janeiro a 22 fevereiro

- Carlos Vergara organiza individual no Brazilian Centre Gallery, em Londres, onde expõe pinturas em grandes formatos. É codiretor, com Belisário França e Piero Mancini, do vídeo *Carlos Vergara: Uma Pintura*, que integra a Série RioArte Vídeo/Arte Contemporânea.

24 jan.

- “Eu não posso precisar nem o mês nem qual das passeatas foi filmada, não me lembro. Glauber queria fazer um filme sobre aquele momento, mas ainda não tinha um projeto ficcional. Fizemos apenas um registro documental. A repressão política e a falta de liberdade de expressão impediram a continuidade do projeto. Em fins de 1969, Glauber e eu saímos do país.” (Affonso Beato)

Fevereiro

- “Tudo corria velozmente e, em fevereiro de 1985, entramos no estúdio para gravar o nosso quinto disco. Com a entrada do Pappo, o som ficou mais pesado, e como ele é um soberbo guitarrista, o som ficou como sempre sonhâramos. Mas nosso sangue de roqueiro nos empurrava para o lado oposto do que se supõe que era o rock comercial do momento. Mais uma vez, dissemos ‘foda-se’, e em três dias gravamos três temas: ‘Robot’, ‘Olho Animal’ e ‘Mulher Fácil’. O quarto tema, ‘Deus Devorador’, foi composto e gravado no terceiro dia no estúdio, feito em um take.” (Rolando Castello Jr.)

Abril

- *Fundação, a que começa*, Ary Pára-raios – Editor de Cultura do Correio Braziliense.

4 abr.

- *Escola de Escândalo: uma banda que faz escândalo*

10 abr.

- *Tique-tique*

Nervoso demais

J. Caribé

Não se enganem, o Kid da foto não é o Kid Gatilho, e nunca trabalhou em filme de bang-bang. Posso assegurar também que não faz parte dos quadros da polícia. Este, meus amigos, é o Kid do grupo musical Magazine, que esteve em Brasília apresentando-se no concerto *Rock In Prima*, festa promovida pelo Clube Primavera e produzida por este locutor que vos fala. Vocês perguntarão, porque o Kid aqui neste espaço sem os seus companheiros de grupo? É o seguinte, este sarará de quase dois metros de altura não é só cantor e produtor de discos, ele é também um emérito espancador de crianças, como demonstrou na tarde de sábado, no restaurante do Kingstown Hotel, em Taguatinga. Usando os tradicionais óculos para espantar crianças, o Kid, depois de ouvir de um garoto de mais ou menos 4 anos o tal “Tique-tique Nervoso”, não ficou muito alegre, e gritou com o fedelho. Com jeito meio estranho, o Kid Porrada ouviu do garoto o seguinte: “Você parece gay.” Isso foi o bastante para que Kid Safanão sentasse o cacete no garoto, até postá-lo na “lona”. Marcão Adrenalina, Luizinho Tostes e muitas outras pessoas viram essa demonstração de selvageria, e tentaram reagir em defesa do garoto, mas o agressor partiu em retirada, refugiando-se em sua caverna. Um aviso aos navegantes: “Quando contratarem o Magazine para um show em Brasília, é bom guardar as crianças em casa.”

153

14 abr.

- *Revitalização*

Depois do vazio dos anos 70, veio o punk, os wavers, os experimentalistas, e aqueles que decidiram revitalizar ou transfigurar a pop music. Em um dos aspectos revivalistas, nasceram os neopsicodélicos.

22 abr.

- Sarney assume a Presidência.

Maio

- *A unidade é Bob Dylan*

26 mai.



154

Os Beatles do Brasil

- Celso Fernando vive Paul McCartney; Marcus Ricardo, George Harrison; Ronaldo José é John Lennon; e Vítor Bonesco, Ringo Starr. Eles relembram a história e o mito da Beatlemania, através do show *Beatles Forever In Concert*. Em 1976, Celso, Marcus, Ronaldo e Vítor passaram a estudar a discografia do conjunto. Buscaram executar a obra em detalhes. quatro anos mais tarde, conheceram Edson Madella, professor e diretor de teatro, que assumiu a ideia do espetáculo. O resultado desse sonho pode ser visto no show da Sala Villa-Lobos, Teatro Nacional de Brasília, nos figurinos, maquiagens, perucas e barbas, terninhos sem golas, amplificadores Vox, uniformes do *Sgt. Pepper*, instrumentos coloridos do *Magical Mystery Tour*. Para completar, um computador comanda a bateria de vinte e um projetores de slides. Um show multivisionário ilustra as vinte e cinco músicas apresentadas. *Beatles Forever* é um empreendimento à altura do significado cultural da Beatlemania. Certamente é uma prova de que o sonho está vivo. Principalmente agora, quando voltam a existir grupos que tocam Beatles. Durante o show, os altofalantes anunciam que os arranjos executados não são reprodução dos originais dos Beatles, e sim, gravados pelos Beatles Forever. Destaco o solo de guitarra em “I Need You”, onde o guitarrista Marcus Rampazzo ensina a usar o botão de volume de modo a obter a síncope, o ritmo quebrado. No final, em cima do prédio da Apple, outra

nuance. O guitarrista Rampazzo simula aquecer as mãos, assim como fez Harrison. Detalhes muito próximos da carreira do fabuloso quarteto de Liverpool. Marcus Rampazzo me disse que uma apólice para o seguro da aparelhagem é impagável.

- Dois anos mais tarde, em novembro de 1987, revi o espetáculo duas vezes. No shopping, onde eu trabalhava, sem a sua maquiagem, o reconheci durante a sua folga do show. Indiquei-lhe uma edição alemã do *Álbum Branco*, que ele acabou comprando, com outros importados dos Beatles. Em contrapartida, me convidou a conhecer e a tocar nas guitarras do show. As guitarras, verdadeiras relíquias, não possuíam seguro. Rampazzo é um dos maiores colecionadores mundiais da revista *Guitar Player*, guarda num cofre em sua casa fotos dos Beatles e partituras de George Martin.

Agosto

- *Vandré*, poema de Reynaldo Jardim.

26 ago.

- *Show de lançamento Rumores*

Rock Brasília, 1985

Bernardo Scartezini – *Correio Braziliense*, 16 nov. / 2000

155

“(…) Baterista sem bateria na época do Elite Sofisticada, Rogério Lopes é daqueles que não guardam apenas boas memórias dos anos roqueiros. ‘Chegamos a um ponto que ninguém mais aguentava gastar dinheiro alugando salas de ensaio’, lembra o atual professor de psicologia, que agora tem uma Premier em casa, para quando quiser incomodar os vizinhos. “E a concorrência era feroz. ‘Não dava pra vacilar. Acho que se alguém visse no estúdio a fita master de uma outra banda, não ia pensar duas vezes, se tivesse a chance de jogá-la no lixo’, testemunha Rogério. “Balé também guarda seus rancores. Mas por outro motivo. O Escola de Escândalo chegou a viajar até o Rio, para gravar nos estúdios da EMI o material de seu primeiro disco. Produção de Philippe Seabra, da Plebe Rude. Com o material eternamente engavetado, via bandas com menos tempo de ralação, como o Arte no Escuro, protegido de Renato Russo, lançarem seus discos na praça, pela mesma EMI, ‘Nós lá, na mesma, e outros levando a grande vida...’ “*Rumores* pegou as quatro bandas em fase de transição. Todas perderiam seus vocalistas originais. Marielle, que canta boa parte de ‘Complexos’, seria chutada da Escola de Escândalo em questão de semanas. Rodrigo Leitão sairia do Finis Africae em questão de dias. No show de lançamento do disco, na Concha Acústica, o frontman já era Eduardo de Moraes. No Detrito Federal, Podrão perderia o posto para Cascão, que saiu da bateria para assumir o microfone.

No Elite Sofisticada, Luís Gastão foi trocado por Ricardo Junqueira. Tamanho troca-troca faz de *Rumores* um registro ainda mais arqueológico.”

21 a 28 ago.

- Cine Brasília. Mostra *Glauber por Glauber*, o fato cinematográfico do ano. No quarto aniversário da morte de Glauber Rocha, na abertura de sua retrospectiva mais completa, o presidente Sarney discursa em sua memória.
- É fundado por dona Lúcia Rocha o Tempo Glauber, que vem estimulando a realização de estudos, teses e livros sobre a obra de Glauber Rocha e o Cinema Novo. Também vem produzindo mostras, vídeos, exposições, e investindo na formação de profissionais.

23 setembro

- Sarney, na abertura da Assembleia Geral da ONU, repete frase de Tancredo: “O Brasil não pagará a dívida externa com a fome do povo.”

Outubro

- John Cage na *18.ª Bienal de São Paulo*.

6 out.

- Domingo. Cage e Augusto de Campos se apresentaram no auditório do Museu de Arte Contemporânea, um encontro idealizado pela meio-soprano Ana Maria Kieffer (curadora do setor de música da Bienal) e pelo tenor alemão Theophil Maier, com auxílio de Caio Giarca nos meios visuais. Além da apresentação do *Cage Campos*, aconteceu também o *happening Cage*, uma mostra sonora das obras do compositor, realizadas por vários grupos musicais, num total de 50 músicos espalhados pela Bienal, executadas por justaposição, o que deu oportunidade aos ouvintes de apreciá-las individualmente ou acopladas a outras.

6 novembro

- *McCartney acusa Lennon: Era um porco intrigante*

20 nov.

- *Viagem pesada: dois roqueiros dos Titãs flagrados com heroína*

Dezembro

- *Egum, no dizer africano Alma* (Ary Pára-raios)

16 dez.

- *Rock: fim do culto à droga*

18 dez.

- *Em liberdade – Justiça dá habeas corpus ao líder dos Titãs*

Música

- Bobby Geldof consegue reunir o Status Quo de novo para tocar no *Live Aid*, o que eles fizeram com grande alegria. A recepção à banda foi magnífica, e a volta era inevitável. Contudo, Rossi e Lancaster não concordavam com mais nada, musicalmente falando. Parfitt tomou o partido de Rossi, e Alan saiu da banda.
- Michael Jackson compra o catálogo dos Beatles, por US\$ 47 milhões. Ele deu um lance maior do que o próprio Paul McCartney, que nunca perdoou o que julgou traição.
- John Fogerty. Seu álbum-solo *Centerfield* é primeiro lugar na parada dos Estados Unidos.
- Final do ano: Ronnie Cord é internado com câncer no pulmão.

Artes

- Pedro Escosteguy participa da *Retrospectiva Opinião 65*, na Galeria de Arte do Banerj/RJ, com *Estória e O Circo*. Participa da mostra *Caligrafias e Escrituras*, promovida pelo MinC/Funarte, na Galeria Sergio Milliet e Espaço Alternativo.

Literatura

- Dez anos depois, Robert Crumb voltaria às páginas de uma revista brasileira, nas cinco edições de Porrada (com excelentes textos do ligado Franco de Rosa). Crumb era o carro-chefe, com seus quadrinhos clássicos.
- *Atrapalho no Trabalho* reúne os dois livros de John Lennon *In His Own Write* e *A Spaniard In The Works*, versão para o português pelo poeta Paulo Leminski, que adaptou a viagem e os trocadilhos lisérgicos à realidade brasileira. O mestre com certeza aprovaria. Não afeitos a esta viagem, leiam-na no original. Na página inicial, Leminski diz não ter traduzido, e sim transcriado os livros. Você pode encontrar uma cópia na banca do Sebo itinerante, que acompanha os festivais alternativos pelo Brasil. Custava 35 reais. Editora: Brasiliense.
- É editado *O Século do Cinema*, de Glauber Rocha. Editora Alhambra. Rio, 1985.
- *Acid Dreams: The Complete Social History of LSD*. Martin A. Lee & Bruce Shlain, Grove Press, Nova York. Porém, os casos ligados ao LSD aumentaram continuamente, chegando a 517 nos últimos seis meses de 1985, último período sobre o qual foram divulgados números. As autoridades do INAD acham que essas cifras representam uma fração mínima do consumo atual de LSD no país. Não se dispõe de números para comparar a popularidade da droga nos anos 60 com a de agora, porque o LSD foi reunido com várias outras drogas para uma análise estatística desse período.

- Jerry Garcia é preso por porte de cocaína e heroína. Ele é sentenciado a cumprir uma temporada numa clínica de reabilitação.

Filmes

- *The Look*, Andy Warhol como ator.
- *It's All True*. Foi considerado um filme perdido, até que, em 1985, os negativos de *Quatro Homens e Uma Jangada* foram descobertos num depósito da Paramount, e cuidadosamente recuperados, graças à colaboração de instituições de diversos países. Com a ajuda de Richard Wilson, remanescente da equipe original de Orson Welles, o filme foi montado do modo supostamente mais próximo possível às intenções do diretor.
- *Céu em Transe* (Ricardo Favilla). Aos 18 anos, registrou o funeral de Glauber em sua câmera Super-8. Durante a exibição, em 1985, na competição de filmes em Super-8, no Festival de Gramado: “Algumas pessoas ligadas ao Glauber souberam da projeção e quiseram apreendê-lo. Tiramos o curta de lá às pressas. Ele nunca mais foi exibido”, conta Ricardo Favilla.

Obituário

10 janeiro

- Morre o músico Anton Karas (1906-1985).

16 jan.

- Morre o pintor Arpad Szenes (1897-1985).

28 março

- Marc Chagall (1887, Vitebsk, Rússia – 1985, Saint-Paul-de-Vence, França).

14 setembro

- Julian Beck (1923-1985).

10 outubro

- Orson Welles morre de ataque cardíaco. Tinha 70 anos.

12 dezembro

- Ian Stewart, roadie and pianist with the Stones from very beginning, has been suffering from acute respiratory problems for several days and is visiting a specialist in a West London clinic when he dies of a massive heart attack. He was 47. Stewart was the only person in their entourage who had remained unaffected by the wealth and fame. He still herded them on stage by yelling, “Come on, my little shower of shit. You’re on!”

A resistência do fanzine

E o fanzine resiste. As dificuldades são muitas, afinal, é preciso uma boa grana para comprar papel, revistas, xerox e principalmente tempo. Mas a edição, mesmo sem uma periodicidade muito definida, sempre haverá um novo número. E o caso do *Sleeping Village*, fanzine editado no Guará e dedicado ao grupo inglês de heavy-horror Black Sabbath e às ramificações do conjunto. O *Sleeping*, aliás, está chegando ao fim da linha, ou melhor, está se transformando em uma coisa mais ampla, abrangendo todo o movimento rock.

Mário Sérgio Pacheco dos Santos, o editor, apresenta a nova edição — que tem 36 páginas —, mas também afirma que o fanzine vai mudar de nome e se empenhar em dar mais força aos grupos brasileiros. O projeto é mais ousado: o fanzine pretende mudar o tamanho e aumentar sua tiragem, passando a

ter uma distribuição mais regular a nível nacional. Do rockabilly ao heavy metal, tudo terá espaço no fanzine, mas antes disso, vem aí um informativo dedicado exclusivamente ao metal.

O *Sleeping Village* número 11 e os números atrasados podem ser encontrados nas lojas do Sebo do Disco, em Taguatinga, Venâncio 2000 e Gilberto Salomão.



CORREIO BRAZILIENSE 20.04.85

1986

DEZ ANOS SEM KEITH RELF! DOS YARDBIRDS AO ARMAGEDDON



161

Fanzine Rock'n'Roll News n.º 16. Edição especial dos Yardbirds and all stars, set.– out. – nov. / 1986

Introdução

Texto: Cláudia Barata

Em 1977, um ano após a morte de Keith Relf, Chris Welch – crítico musical e repórter, que havia estado na famosa sessão de gravação de “For Your Love” – escreveu: “A trágica sequência na saga dos Yardbirds veio quando Keith Relf, o cantor do grupo, faleceu, em maio de 1976, aos 33 anos, dez anos após os dias de glória no Marquee, em meio à explosão do blues na Inglaterra. Pobre Keith, que combatia a doença e os efeitos de um colapso no pulmão. Tudo pela música, que tanto amava. Foi eletrocutado por sua guitarra, enquanto tocava em sua banheira. Sua casa ficava em Hounslow, Middlesex. E acrescentaria: Durante os blues, era difícil de acreditar que se tratava de um jovem inglês branco, e não um gigante negro de Chicago.”

Em 1986, completaram-se dez anos de sua trágica morte. No entanto, a despeito da importância dos Yardbirds, e consequentemente de Keith Relf, um dos membros fundadores, nada foi publicado a seu respeito. Nem no Brasil, mais

compreensível, nem lá fora, inexplicável. Mesmo com sua enorme dificuldade em integrar-se ao show business, devido aos problemas de saúde, é inegável a sua contribuição nos Yardbirds. Explica Jim McCarty: “Keith tinha muitos problemas. Ele não possuía uma voz tão poderosa quanto a de Robert Plant. Vivia doente, e só tinha um pulmão. Tinha problemas na garganta, e ainda por cima tocava harmônica e cantava o blues. Mas com os Yardbirds ele foi o pioneiro na improvisação do heavy rock, antes do Cream e do Led Zeppelin, ou mesmo dos grupos da costa-oeste americana.”

Para preencher o vazio desse esquecimento, arriscamos contar a trajetória de Keith Relf. Homenagem merecida, pois ele viveu da música, principalmente, do blues:

“Nós tivemos sorte, realmente. Fomos um dos primeiros a tocar o blues no circuito” – dessa forma, Jim McCarty tenta explicar o sucesso e o reconhecimento alcançados pela banda, quando os mais interessados admiradores do Led Zeppelin, Eric Clapton, Renaissance e Jeff Beck descobriram que tais elementos, tão diferentes, tiveram origem no mesmo grupo, e que esse grupo produziu canções significativas, e muito além da sua época. Deixaram uma herança que poucos grupos da década de sessenta conseguiram. O que todo mundo sabe é que, na verdade, não foi a sorte de terem sido os primeiros a tocar no circuito de clubes que os fez tão importantes, nem o fato de três dos melhores guitarristas de todos os tempos terem passado por lá. Porque, se Jeff Beck tivesse sido o causador da importância dos Yardbirds, os The Tridents também teriam entrado para a história – grupo de onde ele surgiu. Assim, se os Yardbirds marcaram a música, isso se deve a todos os membros do grupo, e não a este ou aquele em particular. Nenhuma banda sobrevive apoiada em um elemento apenas – é necessária uma química especial, uma combinação peculiar entre seus membros. Os Yardbirds nasceram de um encontro entre Paul Samwell-Smith e Keith Relf, num pub, em Kingston, chamado Crow. Paul costumava tocar em companhia de um amigo de escola, Jim McCarty. No entanto, foi após terem gravado com Sonny Boy Williamson que as referências a Keith Relf começaram realmente a aparecer, principalmente graças aos seus vocais, pouco claros e ásperos, perfeitos para o blues. O resto é história.

Keith Relf nasceu em 22 de março de 1943, em Richmond, Surrey. Problemas de saúde lhe eram constantes: além de forte miopia, quase morreu de um ataque de asma, perto de 4 anos. Na época de frequentar a escola, esteve numa ao ar livre, em Gainsborough, durante quatro meses. Logo, viu-se internado às pressas com graves problemas no pulmão.

Quando conhece Paul Samwell-Smith, e logo depois o baterista Jim McCarty, o trio passa a tocar junto, e a apresentar-se no pub Norbiton. Keith Relf está tão entusiasmado que atua durante algum tempo como empresário do grupo – percorre Londres inteira atrás de lugares onde o então Metropolis Blues Quartet possa se apresentar. Passam a tocar num clube chamado Studio 51, que possuía alguma fama. No entanto, quando a banda começa a se tornar conhecida, por causa principalmente das apresentações no Marquee, um pub muito mais importante, da rua Wardour, Keith Relf pede a seu pai Bill que atue como empresário, e ele então desempenha essa função durante algum tempo. Trabalha como motorista, pois é no seu furgão que o grupo viaja, e guarda os instrumentos e a aparelhagem. Keith Relf ainda consegue convencer sua irmã Jane Relf a cuidar do fã-clube da banda. Isso tudo, somado claro a sua força de vontade irredutível, e ao profundo amor pelo blues, é decisivo na estabilização dos Yardbirds no cenário da época.

A reação da plateia finalmente se torna extremamente favorável, até mesmo quando se fazem sentir mudanças no som da banda, na sua chamada fase psicodélica. Keith Relf, assim como os outros dois membros fundadores, Paul Samwell-Smith e Jim McCarty, estavam muito interessados em ampliar seus horizontes musicais, e passaram a interessar-se pela música indiana, e oriental, de uma forma geral. Buscam chegar a uma nova expressão, através dela. Por essa época, declarou: “O termo música psicodélica é nada mais que uma reprodução mecânica das drogas sem o uso delas. Nós não estamos interessados em soar sempre do mesmo modo, e ultimamente temos experimentado novas sonoridades, como em ‘Hot House of Omagarashid’”.

Os Yardbirds foram sem dúvida o elemento principal na carreira de Keith Relf, mas não o único. Ele lançou um disco solo (*Mr. Zero*). No compacto, lançado em 1966, a música do lado A era “Shapes In My Mind”, que introduzia um elemento até então inédito nos Yardbirds – o órgão. Infelizmente, não possuímos

os nomes dos músicos que participaram, mas o importante é dizer que essa música, apesar de não ter feito sucesso extraordinário, não é jamais desprezível. Ela possui um refrão insistente, e surpreendente, pois oscila para um tom mais grave. Assim como o compacto, no entanto, seu álbum-solo foi um fracasso. Difícilimo de ser encontrado, e sem esperança de lançamento nacional.

Nos seus últimos dias como Yardbirds, Keith e Jim McCarty sentiam que a época do grupo já havia passado. O que será que isso significa? O fato é que eles começaram a fazer projetos paralelos, por exemplo, o duo Together, que gravou um solitário compacto, produzido por Paul Samwell-Smith, lançado apenas na Inglaterra. Traz as faixas “Henry’s Coming Home” e “Love Mum and Dad”. Antes de gravarem para a EMI, como Together, Keith Relf e Jim McCarty gravaram a demo acústica “Shining Where The Sun Has Been”. Mais tarde, Jimmy Page diria: “Eles pareciam ter vergonha do nome da banda...” Não se sabe o que se passava na cabeça de Keith Relf, àquela época, o fato é que ele passou a se embriagar antes dos shows, e a pouco ligar para o microfone. Parecia que não estava mais disposto a ser o cantor da banda. Ele queria sempre novas mudanças, e compunha com McCarty canções bem diferentes daquelas que o grupo costumava gravar. Disse, quando o grupo dissolveu-se oficialmente: “Na minha opinião, a banda perdeu-se após a saída de Eric Clapton. Afundamo-nos tentando seguir o mesmo caminho, sem pensarmos nas diversas personalidades que compunham o grupo, e não acertamos. Transformamo-nos somente numa máquina de fazer dinheiro.” Baluartes do psicodelismo, agora se viam a fazer simples pastorais.

Desinteresse (como disse Jimmy Page, uma vez), vontade de seguir novos rumos, ou simplesmente cansaço – ou uma junção dessas três hipóteses, o certo é que, após o fim dos Yardbirds, Keith Relf une-se a Jim McCarty e à sua irmã Jane Relf, e lança o Renaissance, que só dura um ano com essa formação. Depois, Keith enveredou por uma curta carreira como produtor, e desapareceu da cena musical. Reaparece em 1975, com o Armageddon, incrivelmente marcante, apesar da sua efemeridade. No ano seguinte, Keith Relf já fazia planos para uma nova banda, mas a poucas semanas de sua morte. Chamara então o velho amigo Jim McCarty para fazer parte dela. Foi Jim que levou o projeto em frente, mas conservou o nome que Keith Relf havia escolhido: Illusion. Segundo Jim, quando os Yardbirds acabaram, ainda havia uma série de datas a cumprir nos Estados Unidos, e Keith Relf estava firmemente decidido a se desvincular do grupo: “Keith e eu resolvemos ter uma mulher nos vocais e um pianista, isso logo que o grupo acabou; nós ainda tínhamos uma tour nos Estados Unidos, mas Keith decidiu que nós não tínhamos nada com aquilo. Então Jimmy tomou as rédeas do negócio com o New Yardbirds. Quanto a nós, formamos o Renaissance.”

Um ano após a morte de Keith Relf, Jim McCarty declarou: “Nós tínhamos algumas boas canções juntos, e estávamos entrando em contato com algumas gravadoras para gravar um álbum. Eu fui a sua casa uma noite, antes de sua morte, para um drink. Keith costumava colocar os fones de ouvidos ligados no amplificador, tocar guitarra e esquecer do resto do mundo. Nunca me conformarei com o que lhe aconteceu...”

O Illusion foi formado e iniciou carreira nos clubes ingleses, como havia ocorrido com os Yardbirds. Na outra década. Keith Relf certamente sorriu. Um sonho, um blues, uma ânsia de viver de acordo com o ritmo lento e arrastado, às vezes excitante e rápido. A fidelidade de um verdadeiro amante da música o fez viver ligado a ela. É o que merece ser reconhecido e lembrado. O que nós esperamos, Keith, é que esse reconhecimento não demore quinze anos para vir. Você cantou a excitante Nova Iorque de sua época, a noite, a tristeza, a melancolia, o exótico. Você cantou o blues em seu âmago, e deixou para nós um legado que não se pode perder no tempo. Cabe a nós mantê-lo vivo. Nossa homenagem acontece a cada vez que ouvimos os Yardbirds, ou o Renaissance, ou o Armageddon – porque ouvi-lo, sentir sua emoção em cada palavra ou frase, é o que certamente o deixa gratificado e feliz. Onde quer que esteja cantando. Afinal, você sabe o quanto valeu, e vale, a pena. Já, nós, não acreditamos que a morte seja capaz de encerrar um ciclo criativo igual ao seu!!

1986

- Em Brasília, ocorrem manifestações de protesto, como o Badernaço.

Março

- O produtor José Accioly, da gravadora Top Tape, manda um telegrama para o Serguei, só que ninguém sabia ao certo o endereço do cantor. E mais uma vez o prometido e aguardado *Serguei Sings Joplin* ficou nas expectativas.

11 mar.

- Brasília. No Teatro Galpãozinho, na mostra *Glauber Vivo*, promovida pelo Cineclube Glauber Rocha, da Biblioteca do INL, é exibido *Terra em Transe*.

23 abr.

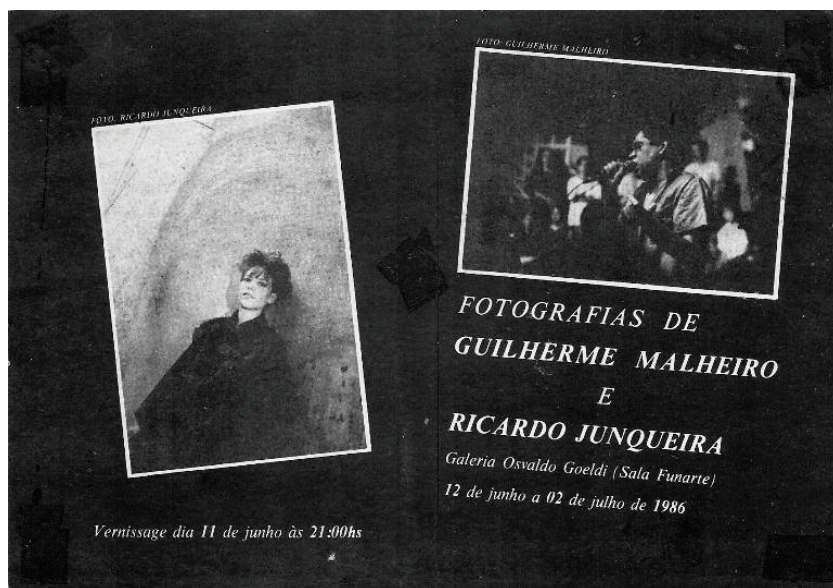
- Festival de Brasília, *Alvorada Segundo Krysto* participa da mostra competitiva de vídeo e tevê.

Junho

- Flávio de Carvalho, *O Homem Que Incomoda*

10 jun.

- Sunab investiga sumiço da carne; 30% dos açougues de SP estão fechados devido à escassez.

11 jun.

Essa foto da Marielle foi feita perto da quitinete dela, na Asa Norte, naquelas passarelas mal cheirosas e que faziam a alegria dos viciados e prostitutas... Bem, mas isso já é outra história (Félix Amorim)

Julho

- Mistura de suíngues. Álbum de Sérgio Dias mescla jazz com música instrumental brasileira.

7 jul.

- O rolling stone Keith Richards produz, até o dia 9, uma versão de "Jumpin' Jack Flash", com Aretha Franklin; a música foi gravada no Detroit's United Sound Studios para o filme *Jumping Jack Flash*, estrelado por Whoopi Goldberg; Keith e Ron Wood fazem pontas no filme.

3 agosto

- Renato Russo: *Um tumultuado poeta do rock*

19 ago.

- Rimbaud: *Um mito e sua obra*

Setembro

- Toda a excursão de Yoko Ono pela América do Sul é cancelada. No Brasil, ela tocaria no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte.

11 set.**Entrevista de Paul McCartney a Kurt Loder, da Rolling Stone**

“Havia uma época em que eu era o avant-garde dos Beatles – mais ou menos no *Sgt. Pepper*. O LP foi basicamente minha influência. Foi minha a ideia de fazermos de conta que éramos outro grupo. John vivia com a mulher e o filho em Weybridge, e eu era o solteiro do grupo – morava sozinho em Londres, ligadíssimo no que estava se passando. Foi um tempo muito rico. Costumava fazer filmes de oito minutos e os projetava quadro a quadro – flick, flick, flick –, então duravam uma hora... quando deveria ser no máximo dez minutos. Lembro-me de ter mostrado os filmes para Keith Richards e Antonioni – ele estava em Londres, pois filmava *Blow Up*. Foram noites boas. Introduzi John a muitas das coisas que estavam acontecendo. Na verdade, muitas pessoas não sabem, mas Yoko veio a minha casa antes de ter conhecido John. Foi para um lance de caridade – um acontecimento meio avant-garde, alguma coisa a ver com John Cage, ou algo assim –, e ela queria letras e manuscritos. É horrível, mas eu não lhe dei nenhuma de minhas letras – egoísmo, sei lá. Mas eu lhe disse: ‘Tem um amigo meu que talvez possa lhe ajudar. Meu camarada, John.’”

167

8 novembro

- *Neal Cassady: O herói de Kerouac*

12 nov.

- Caio Fernando Abreu: *Sexo mais ou menos?*

18 nov.

- Cine Brasília, estreia nacional do documentário *No Tempo de Glauber*, promovida pelo então Partido Comunista Brasileiro. Aconteceu por causa dos esforços do cineasta Vladimir Carvalho, amigo de Roque Araújo Assis, que dirigiu o filme e o cedeu por especial atenção ao autor de *O País de São Saruê*.

25 nov.

- Rio de Janeiro, livro *Ideário de Glauber Rocha*, Philobiblion. Organizado por Sidney Rezende, abre espaço para que os filmes de Glauber cheguem à telinha.

Música

- Chuck Berry e Johnnie Johnson se separaram em 1973, mas se reencontram em 1986, no concerto que marcou o 60.º aniversário de Berry, em St. Louis. Registro no documentário de Taylor Hackford *Hail! Hail! Rock'n'Roll*.
- O single “California Dreamin’”, regravado pelos Beach Boys, ocupa um honroso 11.º lugar na parada de Adult Contemporary Singles, da revista Billboard.
- John Fogerty, depois de acusado de plagiar a si mesmo, respondeu com o picante álbum *Eye of a Zombie*.

6-7-8 e 9 março

- *Verão Funarte 86*. Show de Itamar Assumpção na Funarte, em Brasília! Abertura: Akneton.
- Itamar Assumpção lança *Isso Não Vai Ficar Assim* pela gravadora paulistana Baratos Afins.

Dezembro

- Após quase dez anos de anonimato e independência, o Marciano Sodomita conseguiu alguma projeção após o *Festival de Bandas Eletrônicas*, no extinto Circo-Show do Park Shopping. A postura anárquica, iconoclasta, o som sujo e simples, mais as letras corrosivas e sinceras, garantiram a participação da canção “História” no “disco fantasma” da WEA – *Rock Brasília Explode Brasil* – coletânea com as dez bandas finalistas do festival, que, ao contrário do que sugeria o nome, jamais explodiu qualquer coisa.

Artes

- Uma das telas da série de pinturas de notas de um dólar é vendida num leilão em Nova York por 385 mil dólares. Foi o maior preço já alcançado por um trabalho de Andy Warhol em vida!
- Seu último negócio foram as 47 pinturas de *Cars*, patrocinadas pela Mercedes Benz. Desde setembro de 1986, Andy Warhol cumpria esse contrato.

Literatura

- O saudoso jornalista Robert Shelton, biógrafo oficial de Bob Dylan, lança a biografia *No Direction Home*.
- É publicado o livro *Aspiro Ao Grande Labirinto*, de Hélio Oiticica, Editora Rocco.
- José Paulo Paes lança a coletânea *Um Por Todos*, Editora Brasiliense.
- Chacal lança *Comício de Tudo*.
- *Quampérios* de Chacal é reeditado pelas Edições Guarnicê.

Filmes

- *No Tempo de Glauber* (Roque Araújo). Segundo o diretor, maquinista, eletricista, maquiador e colaborador de Glauber Rocha, o filme: é uma tentativa de preservar a memória do genial diretor brasileiro, através não só de trechos de suas últimas criações, mas também recorrendo ao farto material documental que suas equipes registraram dele durante filmagens, especialmente quando da realização de *A Idade da Terra*.
- *Nem Tudo É Verdade* (Rogério Sganzerla). Arrigo Barnabé é Orson Welles!

Obituário

6 janeiro

- Ronnie Cord, com câncer no pulmão, morre no hospital da Beneficência Portuguesa, zona centro de São Paulo. É o ano em que completaria 43 anos.

21 jan.

- Morre o artista plástico alemão Joseph Beuys, 12 mai. / 1921-1986.

14 abril

- Simone de Beauvoir, 9 jan. / 1908; escritora morre.

13 julho

- Morre o pintor Brion Gysin, 19 jan. / 1916-1986.

9 dezembro

- Nove tiros em Cláudio Barreto, líder do grupo roqueiro-teatral Espírito da Coisa. Quem disparou?

Promoção New-Rock premia felizardos

Postura Anárquica

MARIO SERGIO PACHECO

Voltando no tempo, situamos em Prisco, no Verso do Amor, para ser bem preciso em 1963, perambulando pelas ruas: Haight e Ashbury, uma conexão entre as duas daria origem a uma nova rua a universal e mitológica "Hashbury", foco catalisador do movimento psicodélico dos anos 60.

Hashbury, seria a Meca do Acid-Rock, responsável pela emergência da Contracultura, ponto de encontro dos gênios das artes plásticas. Dos ativistas políticos, paraíso dos hippies, tudo embalado pelo San Francisco Sound. A resposta americana.

Os habitantes da cidade agora conviviam com uma nova tribo: a tribo dos "Sem Deus no", um movimento exótico que agregava escritores itinerantes adeptos da poesia beatnik, gurus que através das barbas e longos cabelos com flores como adorno, começavam a Revolução do Século, que seria responsável pela proliferação de poetas, jornais underground, livros, peças teatrais e filmes que retratavam o novo modo de viver.

Tudo isso duraria apenas dois anos de uma efervescência que culminaria em 14 de Janeiro de 1967, no Golden Gate Park, com a reunião da Comunidade Hippie de San Francisco mais os ativistas políticos de Berkeley, a geração mística e espiritualista da Califórnia e os contingentes da geração revolucionária de toda a América.

Esse foi o último evento em Hashbury, um ato público que uniu todo o amor livre com o ativismo político; um casamento de sangue cherokee, antes separados por dogmas categóricos e que conseguiram um ideal: a união e harmonia dos seres humanos dividindo a consciência do país; quando os cadáveres deformados dos soldados do Vietnã e os horrores da Guerra entravam nos lares americanos através dos jornais e Tvs.

Os protestos, passeatas, queima de reservistas, fuga para o Canadá, começaram em Hashbury, o único país estrangeiro dentro da América. São eternos: Jefferson Airplane, Grateful Dead, Captain Beefheart, Moby Grape, Country Joe and the Fish, The Fugs, Velvet Underground, Zappa, Big Brother and the Holding CO with Janis, Family Dog e tantas outras cabeças que invadiram o mundo através da música ecuada no Fillmore Auditorium.

Mas é bom frisar que foi em Hashbury que surgiu a Borboleta Psicodélica, que com sua grandez e beleza cegaria os olhos dos censores, abrindo as

portas da Percepção, Impregnando as mentes abertas com o lema Paz e Amor, sensibilizando a consciência de milhares de jovens.

No bojo das asas da borboleta, atravessando mares e continentes chegamos ao Velho Mundo, é o ano de Sgt. Pepper's, é a vez e a hora do flower-power inglês, um ano mágico para as artes. Impeparam as boas vibrações.

Power-trios, do you remember "Taste" com Rory Gallagher, "A Nata" do Sr. Clapton e um crioulo muito doido que dançava como um louco, incendiava as platéias com o seu "Jimi Hendrix Experience". Que tal cair na estrada de nata Indiana e tingir a mente de LSD?

Crianças da Paz, flores contra fuzis e a "Swinging London" com o "Who" falando da sua geração, enquanto moda e rockers travavam um duelo mortal nos pubs. Os Beatles estão viajando mágica e misteriosamente, os Stones são os bode-expiatórios de toda uma geração. Mick e Keith queiram pedras na prisão. Os Yardbirds são a primeira banda inglesa a tocar no Femore e Jeff Beck reverencia para ele a criação do Psicodelismo inglês.

Novamente, em uma rápida piscadela, estamos no outro lado do Atlântico. Mandé e América aguarda Monterey Pop e recebe Jimi, seu filho prodígio, de braços abertos, a frágil rainha dos blues cósmicos explode com os amplificadores do Big Brother e, depois do amor, Jimi queima sua alma junto com as seis cordas de seu lúcido instrumento.

Depois, dali vamos curtir a praia da Califórnia, surfar e fazer amor. Esbarrando entre as pessoas encontramos com Jim Morrison.

Poeta, cantor, compositor subterráneo e psiquiatra, o líder de uma banda de garagem chamada The Doors!

Que estrearia e entraria para o mundo do rock em 67, com o memorável álbum The Doors onde se sobressairia a confessional "Light My Fire", compacto de sucesso. Mas outra canção também se destacaria, não pelo ritmo sujo de "Light", mas sim pela maneira ostensiva com que abordaria o complexo de Édipo, num épico de 11 minutos, digna de ser incluída em qualquer antologia musical ou literária. Estava instalada a união do rock com a literatura e inovada a linguagem, fazendo de Jim o maior poeta do Rock de todos os tempos. "Fuck the Mother, Kill the Father" é o mantra de "The End", a incestuosa e violenta canção que na voz massacrada de Jim abalaria os alicerces do

mundo fingido de nossos pais e que escandalizaria a violenta e racista América. Um contraste do sonho de liberdade expresso pelo flower-power e a contestação da contracultura. Um estirado oratório incandescente e próprio para os nossos atuais dias.

Essa música, mostrou e identificou o autor revelando a influência dos poetas malditos como Blaise Cendrars, Rimbaud, Verlaine, Baudelaire, Lafont, Brecht e acima de tudo o francês Céline. Nietzsche e Freud o influenciaram profundamente nas suas concepções filosóficas e estéticas.

Cheques e Pesadelos revelaram em versos desmistificadores, a colagem caleidoscópica dos pesadelos que "Rel Lagarto" vivia e se debatia na sua tumultuada e prévia existência.

Nunca ninguém duvidou da perenidade e consistência de seu trabalho que os três membros dos Doors contribuíram em muito (Robbie, John e Ray), Mas Jim Morrison, com certeza, está muito orgulhoso do renascimento musical e poético em torno dele. Afinal Jim Morrison é os Doors sobreviverá nos cinemas e são apontados como o melhor vídeo, seus discos batem os novos lançamentos em vendagens toda vez que são relançados ou editados em coletâneas e com o ressurgimento do Psicodelismo e do aparecimento do Neo-Rock, as bandas mais influentes lhe prestam tributos como Ian Curtis, do Joy Division, o Echo and the Bunnymen tocam seus temas ao vivo, o U2 repete a mesma fórmula e até os Smith seguem suas pegadas. De novo mesmo, apenas a sua mensagem, mas finalizando lembro suas palavras proféticas:

"Eu já dizia anos atrás, que o rock tinha morrido. O que o rock significava para mim é, por exemplo, há 20 ou 30 anos, o Jazz era o tipo de música que atraía as pessoas, e muita gente se agitava ao som do Jazz, surgiu depois o rock'n'roll e tomou o lugar do jazz, outra geração e chamou a coisa de rock. E, dentro de poucos anos, uma nova geração de garotos se juntará em torno de uma nova música e terá talvez um novo nome para ela. Esta será a música que estará, então, sucedendo as pessoas".

JIM MORRISON à Rolling Stone em 04.01.71.

PS: E, Caro Jim, precisamos lembrar esses garotos que você só se livrou das autoridades, dos fis, das pressões, do álcool e do show-biz, quando o seu coração parou de bater dentro ou não daquela banheira em Paris. Espero que eles não levem e sonho ao extremo.

15 anos sem Jim Morrison



Curtinhas.

Revista Somtrês, nº 81
Setembro 1985

— O Mario Sérgio Santos que já respondia pelos trabalhos do Sleeping Village Sabbath Rock Club, um fã-clube do Black Sabbath, comunica a todos os fãs do extinto Yardbirds que já está funcionando o The Yardbirds Forever All Stars, um outro fã-clube que vai continuar com o mesmo trabalho sério desenvolvido pelo Mario Sérgio. O endereço é o mesmo do Sleeping Village: OE 32, bloco A, loja 15, Guarã II, CEP: 71000, Brasília, DF.

Revista Animal, nº 3
Setembro 1988

O TEMPO É CURTO, o espaço idem e há muito material, por isso vai ser tudo vapt-vupt.

ROCK: o Yardbirds and All Stars parece estar meio parado, mas o Mário pediu uma força e divulgação. Pois bem, recebemos dele uma edição-homenagem ao Keith Relf muito bonita.

YARDBIRDS AND ALL STARS: OE 32, Bloco A, Lj. 15, Guarã II. 71065. BSB, DF.



8

1987

CÁSSIA ELLER: DO BOM DEMAIS À CONCHA E À SALA FUNARTE



173

Concerto Cabeças: Cássia participa de show na rampa do Parque da Cidade

Introdução e fotos de Cássia Eller, Sandro Alves Silveira

“Eu fotografei Cássia Eller em shows antes do sucesso, aqui em Brasília. Por ocasião de uma homenagem, um ano depois de seu falecimento, a Dornellas – amiga dela e organizadora do evento – não encontrou outras fotos da Cássia que fossem desse período e em cena, se apresentando nos palcos. Os fotógrafos faziam imagens tipo foto de moda dela e coisas variadas (em casa com os amigos, em um carrão hippie). Mas nos shows não iam fotografar, não que eu me lembre. Existem, entretanto, vídeos interessantíssimos! “Era uma delícia registrar aquela monstruosidade cênica e de voz. Era toda quinta-feira no Bom Demais (bar de Brasília). Quando ouvi o disco dela, levei um susto. Eram outros arranjos, e eu não estava vendo ao vivo aquele furacão cênico, é claro! Em muitas imagens, a fisionomia ficou distorcida por recursos expressivos da linguagem fotográfica. Ela me sacaneava muito, dizia que não era feia daquele jeito. Eu não fui amigo, não era uma relação pessoal, era só contato de fã mesmo, no gargarejo. “Uma vez disse a ela: ‘Agora eu entendo porque Deus não me deixou viver a adolescência nos anos 1960, para ver os Beatles, Hendrix, Mutantes etc. É porque ele tinha reservado para mim a Cássia Eller.’ Primeiro ela disse que não estava à altura deles. “Eu neguei. Então ela emendou dizendo que ninguém sabia quem era ela. Ao que respondi: Por enquanto! Não precisava ser nenhum vidente, aquela mulher em cena era uma coisa muito fora do comum! Me sinto privilegiado por ter feito essas fotos da Cássia.”

“É graças ao Hiltinho, que fez um pedido, que temos fotos não apenas da Cássia, mas também de toda a banda e do público; foi ele que pediu, insistiu e defendeu essa ideia. Eu não queria... Mas assim temos as fotos dela e também de uma galera enorme, a banda e o público.” (Sandro)



Início da carreira: em 1987, Cássia Eller canta no bar e restaurante Bom Demais, na 706 Norte, palco onde a cantora se apresentou repetidas vezes e conquistou o público brasileiro, antes de começar sua trajetória nacional. Cássia Eller, o percussionista Bani e, ao fundo, Eugênia, Bom Demais, fundado por Cristina César e Cristina Borracha



Na guitarra, o falecido Hiltinho. Acho que ele está com uma guitarra Vantage, que eu emprestava pra ele tocar nos shows que fazia com a Cássia. Hoje esta guitarra está com o 'Frango', do Galinha Preta. RIP Hiltinho! (Felipe Gelbcke Gubert)

Cássia Eller na Sala Funarte

17 set. 1988 – 21 h,

“Cássia respira e vive música 24 horas por dia.” (Renato Russo)

“Eu escolhi ‘Música Urbana 2’ para gravar porque é um blues superdiferente.” (Cássia Eller)

Cássia Eller, uma das mais belas vozes da cidade, é mezzo-soprano. Ela nos últimos meses não saiu de nossas páginas, por conta de shows (*Ondas Tropicais*, com Renato Matos), apresentações em bares (Entrecôte) e concertos.

Na adolescência, dividia os estudos com aulas de canto operístico – era ela quem cuidava dos três irmãos mais novos, mas também tocava surdo num grupo de samba e cantava no Massa Real, um trio elétrico. Isso tudo em Brasília.

Afinada, versátil cantora, ia do blues ao samba e do rock ao soul. Cássia é o que a cidade guarda de melhor, em termos de intérprete. Carioca criada em Brasília, e com pretensões de tornar-se atriz, ela se tornou a cantora, depois de um bem-sucedido teste para o show *Veja Você Brasília*, de Oswaldo Montenegro. Mas se mostrou tão versátil que ganhou mais espaço no palco, de onde finalmente não pretendeu mais sair.

No escurinho da Funarte

Repertório: “Lullaby” e “Labirinto”, parceria com Márcio Faraco, mais canções de João Bosco e Aldir Blanc, Arrigo Barnabé, Ermelindo Neder (“Pô! Amar é Importante”), Paulinho da Viola, Beatles, Nina Simone, The Police, Belchior, Itamar Assumpção, Boccato, Márcio Manga, e algumas surpresas recicladas, sempre novidades no repertório, mais também novos recursos cênicos, acompanhada por Dunga, contrabaixo; Tom Capone, guitarra; Mac William, bateria. Assim Cássia Eller botou o pé no palco da Funarte, para três apresentações, com vontade de botar o pé na estrada. Para essas três apresentações, ela apoiou o repertório no compositor brasileiro Márcio Faraco, de quem canta quatro canções.

Curto fragmento amnésico

Eu não era um estranho no ninho, já tinha visto algumas apresentações de Itamar Assumpção, conhecia o rock feito pela vanguarda paulista, cujo repertório estava nos botecos, só que eu não deglutia o humor do Grupo Rumo, ou do Premeditando o Breque. Acho que a Cássia Eller gostava deles mais pela malandragem, brasilidade, humor, e temas como o da música “Rubens”.

Então, eu odiei a sua apresentação na Funarte. O lugar era exíguo e escuro, e não havia ameaça de “apagão”. No palco, os integrantes se esbarravam uns nos outros, e se desculpavam, na maior educação, aos sorrisos. Enfim, desajeitados, desajustados e apertados, sem nenhum impacto cênico. Pode ser que era pelo Domingo, pode ser que pelo cansaço.

Mac Williams talvez estivesse à frente de seu tempo, pois tirava um timbre mecânico-tecnológico sussurrante, mas meio sem vida, coisa meio industrial.

Talvez os instrumentos estivessem altos. O garoto da guitarra era alto e bem-vestido. Sua guitarra era daquelas de pintura metálica. Talvez Tom Capone tenha recomposto tudo!

Odiei a versão de “Oh! Darling”. O show foi incrivelmente heavy! A apoteose do sinistro ocorreu na lullaby de Lennon & McCartney – simplesmente um solo metaleiro rápido em “Oh! Darling”! Fui nocauteado pela minha insatisfação: a versão em português, “Namorada”, pelo Akneton, era mais solar. Mais o tipo de som que eu ouço, até agora.

Minha crítica ao telefone com o editor do JOSÉ deve tê-lo agradado. “Se soubesse que haveria outro show de Cássia Eller nesse fim de semana, teria publicado a sua crítica!”

Mas, para esvaziar a bola, Irlam Rocha Lima, no Correio Braziliense, Retrospectiva 88, o listou como um dos melhores shows da temporada daquele ano: *O Brilho da Cássia, O Fiasco da Legião*.

Artigo consultado, *Pérolas da vanguarda* – Márcia Lins, JOSÉ – Jornal da Semana Inteira 17 a 23 set. / 1988



Na capital do país, Tom Capone começou a tocar nas bandas que acompanhavam cantoras como Renata Arruda e Cássia Eller

Pseudônimo de Luís Antônio Ferreira Gonçalves (†), Tom Capone surgiu no Canecão, quando, vestido de terno e chapéu para um espetáculo, parecia um mafioso. Tom, na ocasião, empunhava uma guitarra, instrumento que começou a dedilhar ainda adolescente, em Brasília, assistindo aos ensaios da banda Peter Perfeito, na qual seu irmão era músico.



Os integrantes do Vagabundo Sagrado querem seduzir o público carioca fundindo rock com forró. No centro, Hilton Costa, carinhosamente chamado por Cássia de "Formiga", adorava a dupla beat do Guarã, seus amigos Fernando e Firmino. Foto: Júlio Fernandes

9 de maio de 1993 – “(...) A banda surgiu em 1990, com três integrantes, que ensaiavam oito horas diárias, no Edifício Rádio Center. Após um ano experimentando arranjos que misturavam música brega, erudita, sertaneja, rock, e até jazz, o grupo fez o primeiro show no Bom Demais, já com seis integrantes. ‘Não somos um grupo convencional de rock, tocamos até bolero’, explica o tecladista Daniel Baker. A boa receptividade do público se estendeu a outras apresentações. Depois das noitadas em bares, foi a vez de a banda se apresentar nas principais salas de teatro da cidade, como a Martins Pena, do Teatro Nacional. ‘Tocamos para 40 pessoas num boteco, e para 25 mil na rampa do Congresso’, conta Ivan Sérgio, compositor e cantor. O grupo tem 20 músicas ensaiadas. Os maiores sucessos, badalados nas rádios da cidade, são ‘Mulheres’ e ‘A Lenda do Vagabundo Sagrado’, ambas de autoria de Ivan. No grupo, a letra das músicas é o carro-chefe da harmonia, que determina o ritmo de cada composição.”

1987

- Abbie Hoffman é preso, pela última vez, por liderar um protesto contra a CIA. “Naquele tempo, tínhamos cabelos compridos, usávamos roupas hippies, andávamos descalços, fumávamos maconha, ouvíamos rock e mandávamos tudo à

merda. A contestação era clara, tanto que a sociedade reagia brutalmente e mandava a polícia impedir-nos de viver como queríamos. O movimento hippie não tinha nada de político. Os hippies não pretendiam modificar a ordem política do país, queriam apenas ser deixados em paz. Nós, ao contrário, quisemos transformar isso tudo, fundamos o movimento yippie, para politizar a contestação".
Abbie Hoffmann – in Cohn-Bendit, 1987.

10 janeiro

- *O futuro da música: credo!*

23 jan.

- Dentes Kentes tocam hoje na Metrópolis, na festa de lançamento do disco *Fresh Fruit For Rotting Vegetables*, dos Kennedys Mortos.

7 julho

- Affonso Beato, o diretor de fotografia, em *1968* e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* é empossado como diretor cultural da Embrafilme. – Glauber era uma pessoa que amedrontava. Recorda Affonso. – Mas tive com ele o relacionamento mais aberto e fértil possível. Graças ao nosso perfeito entrosamento, avancei um bocado no conhecimento e no uso de cores contrastadas.

Agosto

- A adida cultural da embaixada cubana no Brasil, Trinidad Peres, doa dois bilhetinhos, sem assinatura, de Glauber Rocha, para o acervo Tempo Glauber. Os livros que ele achava que os cubanos deveriam ler: *Memórias do Cárcere*, São Bernardo, *Quarup*, *Gabriela*, *Cravo e Canela*, *Cangaceiros*, de José Lins do Rego, *Travessia*, de Carlos Heitor Cony, *Macunaíma*, *Serafim Ponte Grande*, Oswald de Andrade, e *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, quase todos já foram traduzidos. Trinidad promete enviar para dona Lúcia um exemplar de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, prefaciado por Glauber Rocha em Cuba e publicado em 1972. Depois do encontro, dona Lúcia comenta: – Nunca vi uma cubana loura. Essa cubana parece americana.
- Arte no Escuro segue para o Rio e dão início às gravações do seu primeiro LP. Além de “Beije-me Cowboy” e “Na Noite”, conhecidas do público através de shows e execução em rádio, o Arte no Escuro grava mais seis músicas, com produção do baterista Gutje e Mayrton Bahia (produtor da Legião, Finis e Zero, entre outros).

4 ago.

- *Censura proíbe o adultério em disco*

Setembro

- *LSD, renasce moda dos anos 60*

18 setembro

- “É um problema com o qual temos que lidar se quisermos ter um planeta onde a vida possa existir”, palavras de Jerry Garcia contra a devastação das florestas brasileiras, envolvido em uma campanha pela salvação das florestas tropicais. Com este propósito, o Grateful Dead realiza um concerto no Madison Square Garden.

Outubro

- George Harrison lança o disco *Cloud Nine* e retorna ao topo das paradas. Ganha o disco de platina depois de vender mais de um milhão de cópias nos Estados Unidos.
- Paris. No Centro Pompidou, acontece uma retrospectiva do cinema brasileiro. São exibidas as obras de Glauber Rocha, e é lançado pela revista Cahiers du Cinéma o livro *Glauber Rocha*, de Sylvie Pierre.

Música

- Butthole Surfers lançam *Locust Abortion Technician*.
- A banda Big Brother and The Holding Company é reformada.
- A Legião Urbana relança a música “Soldados” no álbum *Que País é Este*, que reunia material inédito do Aborto Elétrico e de outras bandas da chamada “Turma da Colina”.
- Final da banda Smiths.

Literatura

Julho

- Paulo César de Azevedo e Vladimir Sacchetta, com apoio da Basf, lançam um cassete de 55 minutos, numa antologia sonora do rock brasileiro, com vários depoimentos e músicas recortadas (trechos). Ainda acompanharia esta edição um livreto com ilustrações do desenhista Angeli, com personagens da revista Chiclete com Banana.
- *Os Signos e as Siglas*, de H. Dobal. *Cinema Marginal* (1969/1973) – *A Representação Em Seu Limite*, de Fernão Ramos. Editora Brasiliense, 1987.
- *Anos 60* – Luiz Carlos Maciel. Editora L & PM.
- *I'm With The Band* – de Pamela Des Barres, 1987. Relatório divertido das peripécias sexuais da autora, durante seu reinado como principal groupie de Los Angeles. Pamela destrincha as qualidades e os podres dos popstars que andaram frequentando sua cama d'água: Mick Jagger, Keith Moon, Jim

Morrison, Don Johnson (do Miami Vice), Jimmy Page e Frank Zappa (produtor do disco gravado pelo Girls Together Outrageously, grupo composto exclusivamente por groupies de que Pamela fazia parte.

Timothy Leary em entrevista à David Sheef – Rolling Stone, 1987

“Tenho 67 anos de idade. Eu vivi sete décadas de mudanças rápidas. Pratiquei o surfe em cada uma das ondas do século XX com algum sucesso e diversão. Nos anos 40, passei cinco anos no exército. Nos anos 50, fui um jovem professor, quadrado, com filhos, casa no subúrbio, bebendo martinis. Nos anos 60, fiz tudo o que estava na moda: me liguei, pirei e só Deus sabe – me afastei de tudo. Quais eram as alternativas? Desligar, não pirar, adotar um conformismo cego? Os anos 70 foram a década do prisioneiro político. Nixon colocou os dissidentes na cadeia. Fui o primeiro a ir para a prisão, logo em janeiro de 1970. Mais tarde, depois de Watergate, chegou a vez da gangue de Nixon. Durante os seis anos seguintes, assisti a meus perseguidores federais vindo se juntar a mim, atrás das grades”.

Os inéditos de Jim Morrison

Como Marat, Jim Morrison morreu numa banheira em Paris, em 1971, mas a cotação do roqueiro-poeta continua alta. Que o diga a editora americana Random House, que pagou 200 mil dólares por um pequeno cofre etiquetado 127 *Fascination* contendo poemas, letras de canções, anotações e cartões postais – todos inéditos –, escrito pelo carismático crooner dos Doors. São quase 200 páginas, escritas a lápis sobre papel amarelo, incluindo os últimos textos de Morrison, feitos nos poucos meses de Paris antes de sua morte. Além do manuscrito original do único livro de poesia publicado por Jim, *The Lords and The New Creatures*, há um poema de 43 páginas intitulado *Uma Noite Americana*. O misterioso cofre ficou em mãos da companheira de Morrison, Pamela Courson – que morreu de overdose, em 1974 –, para ressurgir há pouco, em San Francisco. As famílias Morrison, Courson e The Doors, uma década depois da compra, ainda estão na Justiça, brigando pelos direitos. Mesmo morto, Morrison continua aprontando.

Televisão

1.º junho

- O documentário *It Was Twenty Years Ago Today – Faz 20 Anos Hoje*, de 105 minutos, produzido pela Granada Television, é exibido em comemoração ao vigésimo aniversário do oitavo álbum dos Beatles, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*.

Artes

- Carlos Vergara realiza mostra individual no Gabinete de Arte Raquel Arnaud e executa painel para a sede do Banco de Crédito Nacional/BCN, em Barueri (SP). Monta ateliê em Cachoeiras de Macacu, município a 120 km do Rio de Janeiro, às margens do rio de mesmo nome, onde passa a maior parte do tempo. Este novo espaço, de grandes dimensões, lhe permite trabalhar em várias obras simultaneamente.

Cinema

Julho

- Wilsinho das Candongas, Wilsinho das Cocadas, Take One (por jamais precisar filmar a mesma cena) ou Rei da Sinuca, mesmo tendo atuado em 250 curtas e longas-metragens, Wilson Grey, recordista mundial de participações em filmes, no lançamento de *A Dança dos Bonecos*, um dos seus grandes sucessos, ainda era descrito pela imprensa como “um grande ator, pouco conhecido”.
- *Jubiabá* (Nelson Pereira dos Santos).
- *The Doors – Live At Hollywood Bowl*. Direção: Ray Manzarek, Estados Unidos, 1987. Fotografia: Paul Ferrara. Cor, 60 minutos. Registrado no dia da independência americana em 1968. Apesar de ter sido filmado com quatro câmeras, a maior parte do material editado vem de apenas duas (uma colocada no centro e outra no canto direito do palco). A falta de diferentes ângulos não chega a ser uma limitação, e o vídeo não cansa.
- *Alice* (Jan Svankmajer).

Obituário

19 janeiro

- Morre Flávio de Aquino. Arquiteto, professor, jornalista e crítico de arte, foi um dos idealizadores da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), e grande incentivador do design no país.

22 fevereiro

- Domingo. No hospital da Universidade de Nova York, Andy Warhol sofre uma parada respiratória fatal. Tinha sido operado da vesícula, e aparentemente sofreu um ataque cardiopulmonar, enquanto dormia. Tinha 57 anos e não teve tempo de recuperar a imagem polêmica e o poder de chocar, se desgastando com a supercomercialização de seu trabalho.

4 maio

- O gaitista, vocalista e guitarrista Paul Butterfield morre, de overdose.

28 agosto

- Morre John Huston. Ator e diretor, (5 ago. / 1906 – 1987).

16 setembro

- Leon Hirszman, o articulador do Cinema Novo “magro, ágil, histérico, lúcido, visionário, o jovem Eisenstein”, morre aos 49 anos. Diretor de *Eles Não Usam Blacktie*, vencedor de quatro prêmios no Festival de Veneza, o único brasileiro a ganhar o Leão de Ouro, o prêmio máximo do festival.

18 set.

- O general Golbery do Couto e Silva morre aos 76 anos.

28 outubro

- Morre o surrealista André Masson (4 jan. / 1896, Balagny – Paris /1987, França).



Os Invasores - Mário Quintana

Há muito que os marcianos

invadiram o mundo:

são os poetas e como não sabem nada de nada

limitam-se a ter os olhos muito abertos

e a disponibilidade de um marinheiro em terra...

eles não sabem nada de nada

e só por isso é que descobrem tudo

1988

AKNETON E MARCIANO SODOMITA: CONEXÕES COM A ESTRATOSFERA DE BRASÍLIA

MARCIANO SODOMITA E AKNETON		
Conexão com a estratosfera de Brasília		
Próximos de um esgotamento nervoso, uma tropa de marcianos ao lado de mais uma encarnação da banda Akneton, invadem sexta, sábado e domingo o palco do tea-	DATA: 16 a 18 de dezembro HORÁRIO: sexta e sábado às 21:00 horas; domingo, às 18:00 horas LOCAL: Teatro Garagem do SESC (913 Sul) INGRESSOS: Cds 1.000,00	semana apresentam o novo baixista, e Rogério Maldonado, com seu típico mau-humor, ao lado do guitarrista Roberto, que aprendeu mais um acorde.



A Banda Akneton, a partir de amanhã na Funarte

Akneton, rumo ao Sol

Uma formação clássica do Akneton – Haroldinho Mattos, guitarra; Celso Araújo, vocais; Paulo Maciel, baixo e Fernando, bateria –, onde todos tinham funções importantes, a serviço de realçar o brilho e a intensidade das apresentações cênicas, que tinham à frente o líder Celso Araújo, pronto e instigante, com gratas surpresas para a plateia. Sexo oral em estátuas no Foyer do Teatro Nacional são exemplo! Ou a chegada sideral pelo teto do mesmo Teatro, quando ao retirar o esparadrapo que lhe tampava a boca cuspiu depois centenas de pequenas bolas de isopor.

Akneton explorou as portas da percepção para conceber um rock que é manifestação política, estética, sensorial, teatral. Usou o verso concreto apoiado pela música esferial dos acordes de Haroldinho. Um show de rock mediúcnico, com quatro teatrais extraterrestres conectados na estratosfera, na vida do cotidiano de Brasília.

Depois de esquentarem as turbinas por dois anos, romperam as leis da gravidade. Apresentaram ingredientes entre a gênese e o caos. Pegaram do Roberto Carlos e fizeram de arrepiar. Seguiram as instruções da queda, navegaram numa corrente sanguínea, no fundo do coração, pelo gosto do diabo no dial: banquete antropofágico interestelar das antas angustiadas em nós...

Definitivamente eles se aproximaram da galáxia da fama, e inesperadamente o seu primeiro minitrabalho não aconteceu. Foi uma bad-trip, que deixou para a banda só mesmo a barra underground:

Akneton

Prospecto do Verão Funarte 86

recente como o último verão
baterias de música e energia na cidade das pirâmides
brasilá há muito tempo vive incêndios invisíveis
a cidade dança contra o ócio e as políticas do ibope
os garotos se insurgem
o brasil entra em conexão com as formas do futuro
seus tripulantes há algum tempo em órbita
captando o próprio gosto de pop no ar



Isolado em meu próprio vácuo / vagueando no bar dos astronautas / não me situo certo / Nasa, eu não tenho asas / que azar, a escotilha se abriu / diante de um meteoro furioso ("Corrente Sanguínea")

Depois da dobradinha Akneton/Marciano Sodomita, iniciada em *Deus e o diabo na terra do rock*, ainda houve o show *Pseudos Ets*, com as duas bandas revezando seus integrantes e novos nomes no Akneton: Lorenzo no contrabaixo, Dino

Verdade na bateria, e Flávio Teodoro, que também tocava baixo no Marciano Sodomita. No *Rock Para A Senhora de Aparecida*, Paulo Torres reaparecia no contrabaixo, e o show desta feita era dividido com a polêmica Banda Crisma, cujo vocalista Timm seria mais conhecido, anos mais tarde, como Timm Martins, da Banda Casa-Grande.

Em novembro de 1988, no *Vale Tudo*, o Akneton abriu para Nico Rezende, Ed Motta e Conexão Japeri, Egotrip e Barão Vermelho. Como convidada especial, trouxe a bailarina Maura Baiocchi.

No *Verão Cultural*, em fevereiro de 1989, o Akneton lançava “Oh Dollar”, uma marcha-rancho/punk rock, composta especialmente para aquele mês, crítica ao Plano Verão. No contrabaixo estava Alex Zazum. Iniciava-se uma série de exposições da sunga preta, que esvaziaria o foco e a proposta da banda, nas apresentações seguintes.

Final dos anos 80 e início dos anos 90, em sua última fase, o Akneton voltou encenando pequenas óperas, inspiradas nos quadrinhos, como aconteceu no espetáculo *Batman Blues*, com um divertido figurino baseado nos heróis e vilões do cavaleiro da noite. Culminou no bem produzido e montado *Tudo Pro Inferno*, onde futuristamente eles homenageavam o rei Roberto Carlos. Traziam inclusive uma cantora para o papel de Wanderléa. O espetáculo, montado no Cine Ritz, ficou bom tempo em cartaz. Depois foi apresentado em bares.

No primeiro ano do século XXI, com novo repertório, o Akneton de Celso Araújo, voz e letras; Juliano, baixo; e Pablo, guitarra e programação de bateria) voltou, com o anúncio de que mudaria o nome para Múmia Parálitica. Celso Araújo também apresenta monólogos, com material de Qorpo Santo.

Lembranças de um tempo em que a sobrevivência de uma banda dependia acima de tudo da gravação de discos, e da sua eventual divulgação na mídia.

No DVD: *Safra 86*, sobreviveram curtas imagens do Akneton, com Celso e Haroldinho numa marcante homenagem ao poeta Torquato Neto, com “Mamãe Coragem”! Akneton participa com quatro músicas, retiradas do *Verão Funarte 1986*, quando a banda esquentou as turbinas de Itamar Assumpção e Isca de Polícia, que encerra o show histórico com “Fulgás”, hit de Marina Lima! A fita original deste verão foi filmada por Chico Piauí.

Este DVD também registra Roberto Aguiar (†) na guitarra, no seu show de despedida no Marciano Sodomita

ED. BRASÍLIA RÁDIO CENTER - S/1069 - FONE: 223-1691



O esquema de divulgação de cartazes na forma de quadrinhos, que o Marciano Sodomita desenvolveu, traça um painel histórico-visual de boa parte do período de atividade

A Invasão Do Marciano Sodomita

Fanzine Rock'n'Roll News, n.º 17 – 31 mar. / 1987 – 5.º aniversário

Bem perto de um esgotamento nervoso, uma tropa marciana se coloca no combate à mesmice do rock Brasília, com uma invasão de distorções sonoras. Em alguma saleta dividida (com uma outra banda) no Rádio Center. É o Marciano Sodomita, em pleno voo – acima dos neons, entre espelhos, concreto rachado e vitrines das lojas –, que assola a atmosfera do Plano Piloto. (Ficção ou realidade?)

Realidade: deixam em pânico os colegas de profissão e empresários. Conscientes, porém discriminados, respondem com poesia ao fogo cruzado. Suas armas são as palavras afiadas, diretas, curtas. Suas críticas revelam a difícil sobrevivência no cativeiro, ao encontro da charada das portas fechadas.

Ficção: dez anos de garra, dois vídeos autoproduzidos. Desafiaram a lógica e venceram os garotões de topete e gravata, com seus padrinhos. Apresentaram então um esporro sonoro num festival insosso. Era uma chance de invadirem as ondas da FM com o hit “História”. Esperam reconhecimento e as portas abertas, mas não: foram impedidos de aparecer num especial de tevê local, faltou “assinarem com uma agência”... Mal conseguem atuar na cidade, a mídia quer bandas acessíveis. Depois de se apresentarem no Circo Voador, só tocaram uma vez por aqui, na abertura de um concerto do Akneton, que exigiu a presença deles (quando o promotor queria que outra banda mais comportada abrisse).

189

“Bosta”

Letra Rogério Maldonado

Dizem que o que é bom / Todo mundo gosta / Então me diga por que / Todos preferem bosta?

Existe terra / Onde há mais gente / Que não presta / Do que esta?

*Um dia alguém verá / Qualquer dia todos verão / Que sem reclamar / Foram feitos de bestas / Pagando pra ser escravo
Com toda esta merda / Pesando nas costas*

Dizem que o que é bom / Todo mundo gosta / Então me diga por que / Todos preferem bosta?

Agora é tarde / Você deixou / Todos concordaram / Arraste em frente / Sempre de quatro

*Não se meta / Justiça?... / É coisa do capeta / Justiça?...
É coisa do capeta*

No longínquo 1977, deslocados no saudoso vazio do DF, no Guará, sem grandes pretensões, um agrupamento formado por familiares mineiros. Irmãos, primos, e também amigos, partiram para ocupar o tempo ocioso. – Sua primeira canção? “Marciano Sodomita”:

*Janelas azuis / Atrás de estrelas
Uma taça avermelhada de lua
Um rock pro cu
Pintando no horizonte
No papel higiênico branco
Limpando o traseiro banco do carro
Um rock pro cu / Um rock pro cu
Joelhos, calças, sapatos
Vidros ofegantes
Faróis embaçados
E pequenos esfolões de sacanagem
Um rock pro cu / Um rock pro cu
Um, dois, três dedos
Numa má posição
Distendeu-se meu tesão
Numa má posição
Distendeu-se meu tesão
Amando de quatro rodas
Pela madrugada a fora*

*Desceu ele à Terra / Para como os romanos / Levar para outras galáxias
O prazer divino / Um rock pro cu / Pintando em qualquer canto Que você
aporte / Um rock pro cu / Um rock pro cu / Um rock pro cu*

Secretamente com o Marciano Sodomita

Marciano Sodomita sustenta uma situação ímpar entre as bandas de rock de Brasília e do Brasil. São trinta e cinco anos de atividade despojada, crua, minimalista, sincera, agressiva às vezes, necessária. Sem vínculos comerciais. Liberdade. Descompromisso. Sem pactos, a não ser o da sua gênese, da rebel- dia sem vencimento, suas letras deixam ver a ossada, as marcas, e também os entreveros – do produzir música-arte –, a postura não-pasteurizada.

O núcleo inicial possuía instrumentos de fabricação caseira: violão com cristal ligado ao amplificador do toca-discos, bateria com tamboretes e tampas de latas de lixo, uma espécie de marimba improvisada com garrafas d'água desafinadas.

Os ensaios e as experiências aconteciam nos finais de semana – na garagem, na sala, quando a família saía de casa. É desnecessário dizer que a bomba, testada inicialmente em eventos domésticos, deflagra efeitos desastrosos, que agradaram tanto aos músicos, que o trabalho prosseguiu.

Aos poucos, o som definiu-se, com a aquisição de instrumentos, e a dificuldade de continuar as experiências na sala de estar impôs a transferência para um local adequado, sem inconvenientes.

– Como o trabalho manteve-se por tantos anos praticamente sem público? A letra de “Rock’n’Roll” responde:

*Pode dizer que eu estou por fora
Mas agora vai ter que escutar
Tudo tem sua vez e sua hora
Você quer distração
É certo você quer balançar
Espera que eu diga coisas doces
Babaquices pra embalar
Vã pedir pra sua mãe cantar
Vã pedir pra sua mãe lbe dar
De mamar, de mamar, de mamar*

*Você sabe quanto custa ser sincero?
Qual o preço de ser honesto?
Perseguição e processo
É tudo que eu levo
Pra você poder dançar
Dançar, dançar
Diga algo, não me olhe
Vã à luta
Até puta tem que batalhar
Você pensa que dá pra fazer
Rock’n’Roll sem se foder
Você pensa que dá pra fazer
Rock’n’Roll sem se foder
Vã pedir pra sua mãe fazer
Vã pedir pra sua mãe foder
Com você
Foder com você
Foder*

No Marciano, ninguém vive de música, nem de familiares que possam bancar aluguéis, equipamentos importados, ou influências. Todos dependem de um ganha-pão para segurar a barra.

Pouquíssimas vezes, alguém facilitou ou gozou condições favoráveis. Geralmente os integrantes do grupo bancam o transporte, o ensaio e a montagem do espetáculo, contatos, divulgação, cópias, pregar e pichar paredes, tudo, até pagar para tocar.

A proposta musical do Marciano Sodomita parte do princípio de que não é necessário muito aparato técnico. Nem virtuosismo. Qualquer pessoa pode fazer canções, sem talento especial. Só é preciso senso crítico e vontade.

O importante é desmistificar o produzir arte, o criar, manter a verdade, deixar passar tudo, nada a esconder. E não tentar parecer o que não é. – O trabalho é a própria vida, e deve ser colocado além de qualquer limitação comercial ou padrão moral ou estético. – Uma constante evolução com postura realista, atual, sem se deixar alienar, massificar, consumir.

Aproveitar o veículo da música para colocar algo útil, sem concessões, e combater a ignorância, a discriminação, o conformismo. Sobretudo, não competir.

Ser original, em nenhuma hipótese importar modismos, nem para a comercialização imediata. A produção é crítica, econômica e social, da realidade brasileira. Para eles, é mais importante ser honesto e coerente do que transar um trabalho bem-acabado, bonitinho, mas falso, vazio, já visto.

Em dezembro de 1986, após quase dez anos de anonimato independente, o Marciano Sodomita conseguiu alguma projeção após o *Festival de Bandas Eletrônicas*, no extinto Circo-Show do Park Shopping. A postura anárquica, iconoclasta, o som sujo e simples em perfeito casamento com letras corrosivas, sinceras, garantiram a participação de “História” no disco fantasma da WEA – *Rock Brasília Explode Brasil* –, coletânea com as dez bandas finalistas do festival, que ao contrário do que sugeria o nome, jamais explodiu nada.



Os trinta e cinco anos de batalha não foram de trabalho contínuo, pois os mais variados fatores, desde de ordem emocional, familiar, até policial, por vezes, deixaram a banda temporariamente fora de combate. Mas nenhum incidente foi bastante para fazê-los desistir. Destaco a letra de “Lady Maconha”, que é o cotidiano praticado, mas nunca levado tão longe dentro da música. Por isso, de 1990 a 1993, a banda ficou sem tocar ao vivo.

Marciano Sodomita não abre show, apenas faz cover de si mesmo!

Desde 1977, o Marciano Sodomita aprendeu que é fundamental se divertir a barbarizar, tanto na modorrenta e enfadonha capital da corrupção quanto em praças mais agitadas, tal Rio e São Paulo.

Da simples distração de pessoas que gostam de fazer despreziosamente alguma coisa juntas a qualquer outra coisa um pouquinho mais séria – mas nem tanto –, têm procurado manter alguns princípios básicos, ou seja, nenhum princípio e preocupação em agradar este ou aquele. Seu negócio é ser direto no que der vontade, ou se fizer necessário, sem padrões, limites ou pudor. Debochar de tudo, inclusive de si próprios, indo para frente sem pressa, apenas pelo gosto ou desgosto de continuar vivos. Manter-se criativos, sempre, a esquentar mais os outros que a si próprios, e ainda fazer hoje, porque amanhã ninguém sabe. (...) A crítica odeia ou adora, o público geralmente detesta, mas sente a ausência. O Marciano Sodomita, em contínuo delírio, nem se toca:

*Eu ontem resolvi sair de casa
Acompanhado da linda Lady Maconha
Lady Maconha
Tão vistosa, tão gostosa
Tão cheirosa
Vestia seda inglesa
Sabor morango maravilhosa*

*Mas que azar o meu, não me dei bem
Mas que azar o meu, não me dei bem
Pois logo na esquina
Me pararam os homens
Me pararam os homens
Me pararam os homens
Não me prenderam, mas levaram
Levaram minha lady
Não me prenderam, mas levaram
Levaram minha lady*

*Voltei pra casa muito careta
Pra meu consolo, me restava
Lá no fundo da gaveta
A chamuscada prima bagana
A chamuscada prima bagana*

*Fumei e fiquei a imaginar
O quanto a lei
Estaria a passear
Com a minha linda, muito linda
Linda, linda, Lady Maconha
Com a minha linda, muito linda
Linda, linda, Lady Maconha*

*Isto é rock'n'roll?
Isto é rock'n'roll?
Ou é uma vergonha*

*Se minha cabeça
Não cabe na sua boca
Tente um pouco mais, meu bem
Deixe que aconteça
Tente um pouco mais, meu bem
Deixe que aconteça*

*Com um tanto bom de vaselina
Qualquer coisa vai e vem
Fica fácil engolir
Fica fácil engolir*

*Se houver sangue na saída
Se todas as pregas
Estiverem perdidas
É que só importa a vida
É que só importa a vida*

*Deixa eu cantar
Deixa eu forçar
Se minha cabeça não passa
Eu vou rasgar
Se minha cabeça não passa
Eu vou rasgar*

*Tente um pouco mais, meu bem
Qualquer coisa vai e vem
Se houver sangue na saída
É que só importa a vida
Se houver sangue na saída
É que só importa a vida*

“Sangue na Saída”

Extra qualquer geração chocadeira elétrica do rock Brasília, o Marciano Sodomita não se enquadra em nenhum rótulo manjado.

Em 1997, o Marciano Sodomita era integrado por: Roberto Aguiar, guitarra base; Luís Fabiano, contrabaixo; Humberto Sprovieri, bateria; Rodrigo, guitarra; e Rogério Maldonado, vocal, letras, e algum teclado. Este foi o último ano da formação básica, mas o grupo sempre esteve aberto a contribuições e participações. – A letra e o clipe de “Bosta” precipitaram momentos desagradáveis para a banda. Uma resultante dessa provocação foi proibirem os ensaios de bandas de rock no Rádio Center, por parte do Condomínio.

Na década de 80, a infiltração política não se manifestava abertamente a co-

optar os jovens com lazeres de música mecânica ou ao vivo. Hoje trata-se essa questão como dispendiosa, e a população ainda carente não consegue mover o ponto de vista das administrações. Nesses lazeres, orquestrados no Guará, o Marciano Sodomita participava na maioria das vezes. Acredito que ali foram travados nossos primeiros contatos. – Essas apresentações eram estendidas por outras escapadas e participações, que geralmente terminavam em complicações. Certa vez “Boy”, um menor, correndo da cena, esqueceu a cédula de identidade, enquanto começava a pichar uma parede... A polícia foi gentilmente entregá-la ao seu pai!

Nas apresentações do Marciano, havia uma forte conotação erótica. Em shows nos bares Bom Demais, também no Melhor Ainda, pintavam as meninas da faculdade, que desde o começo curtiam a postura sex-symbol de Rogério Maldonado, e os seguiam sem preconceito. Também presenciei gente canadura, na primeira música, “Sangue na Saída”, abandonar o teatro blasfemando: – Deprimente!

Reavivando aqueles dias de Nova República...

Na época dos caras pintadas, eu vi um empolgado Marciano Sodomita correndo para a Rádio Cultura para colocar no ar “Cabeças Vão Rolar”, que acabaram de gravar, e era dedicada a Collor: *Tem que ser agora / Ou será tarde demais / Cabeças poderão rolar / Mas se sentou tem que levar / E se sentou tem que levar.*

Nos anos seguintes, os shows diminuíram, e as letras civilizaram um pouco. Mas não se enganem, o Marciano pode voltar a qualquer momento e homenagear a qualquer um, até mesmo com uma canção chamada “Juro que sou Robert Plant”! Além do clássica “História”, eles participaram de um CD-coletânea.

Em 2003, apareceram no *Ferrockstok*, com Sérgio na guitarra. Sábados ou domingos, na ponta da W3 Sul, num estúdio, religiosamente, o Marciano ensaia. Em outros dias, Rogério Maldonado fotografa a cidade, Fabiano De Marte é técnico de estúdio, e de vez em quando aparece no Conic. Humberto também toca bateria nos Pedras.

Depoimento de Leandro Bentes

Bem, meu nome é Leandro Bentes, sou guitarrista de blues-rock e, no ano de 1988, fui convidado a fazer parte da banda Marciano Sodomita, porém tocando baixo, no lugar do Marcelo. Fiz alguns shows com eles como baixista, durante os anos de 1988-89! Toquei em lugares como Asbac, Sesc, bares em Taguatinga e no Plano Piloto. Porém, em 1989, deixei a banda, com muita saudade, para me dedicar a minha guitarra Telecaster. Depois disso, minha vida

mudou muito. Toquei em algumas bandas, participação em algumas músicas (sempre como guitarrista), e nos ensaios do Marciano Sodomita tocávamos Pink Floyd e David Bowie. Somente no estúdio da 711 Sul. Também as conhecidas da banda, como História, Amor da Minha Vida, Virar Sabão, Sujo, Seus Cus etc... (Leandro Bentes)

O Marciano Sodomita construiu alguns momentos auspiciosos, e também alguns ruins, conforme as contribuições.

1988

14 fevereiro

Entrevista de Tom Wolf a Brant Mewborn

Por que você acha que a sua abordagem da saga de Ken Kesey em *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico* conseguiu despertar a atenção de todo mundo?

Por dois motivos. Em primeiro lugar, Kesey era uma figura literária bastante proeminente, e que se envolveu numa aventura bizarra. Em segundo lugar, era a história certa de todo o hippismo. Todas as mudanças que o movimento trouxe para o país, de uma maneira generalizada, podem ser percebidas na história dele. Afinal de contas, a história de Ken Kesey não é apenas a história de um jovem perturbado qualquer, situado nos arredores, e que se junta a um bandoleiro cheio de ressentimentos para perturbar a sociedade norte-americana. Ele era simplesmente o que podia existir de melhor no estudante-padrão. E é justamente ele que se torna o líder de uma religião baseada em larga escala no LSD. As suas mudanças são de uma escala heroica, num sentido literário, e a versão heroica da mudanças que irão afetar muitos jovens no decorrer dos próximos vinte anos.

197

2 a 20 março

- Salvador. A obra de Glauber Rocha volta à Bahia. Acontece no Foyer do Teatro Castro Alves uma exposição com extratos de sua poesia, de 1967 a 1974, desenhos feitos em 1965, textos jornalísticos e filmes.

22 março

- *Da Viagem de ácido ao pó*
- *Macalé versus a besteira brasileira*

27 mar.

- *Grande Othelo: sem carrão, piscina e big casa, mas feliz*
- “Putz! Você desencrava cada coisa!! Naquela época não era como hoje,

que se pode fazer mil fotos sem nenhum custo. Além de caro, era um trabalho demorado, e não podia se fazer correções como hoje. Juntamente, com o 'Bolinha' (Ricardo Junqueira), o Guilherme e o Nicolau foram os grandes captadores de imagens de rock dos anos 80 aqui em Brasília, sem esquecer o Ivaldo e Fernandez, que também registraram muitas bandas e eventos que rolavam naquela época... Essa por exemplo fizemos depois de um ensaio no antigo Rádio Center, celeiro de quase todas as bandas da época... Como iluminação era coisa de outro mundo o único lugar em que conseguimos uns refletores foi no Congresso, já que ainda podia se subir nas 'bacias' e fazer alguns takes... Eram tempos difíceis, mas felizes." (Félix Amorim)



Três dos 5 Generais, por Ricardo Junqueira

6 abril

Tudo começou nos “porões” do Brasília Rádio Center

Rodrigo Leitão – Jornal de Brasília

Poucos dias antes da morte do ex-presidente Tancredo Neves, a sala 2098 do edifício Brasília Rádio Center recebia três jovens músicos, que passaram a dividir o espaço com outras duas bandas: Finis Africae e Objeto Direto – que mais tarde passou a se chamar 5 Generais. Ali nascia o núcleo de uma arte diferente, que mesclava o simbolismo poético com a fusion musical dos anos 70 e 80. O grupo

ainda não tinha um nome definido, mas já esboçava um repertório original, que cresceu muito com a chegada do Rio de Janeiro de um dos principais artistas do underground carioca, o Lui. Aquele mesmo, que foi capa do “passo” dos Paralamas. Com Lui nos vocais, Pedro Hienna no baixo, Paulo Coelho na guitarra, e Adriano na bateria, o Arte no Escuro deu início a um trabalho na linha do rock, que geograficamente poderia ser feito em qualquer cidade do país, mas coincidentemente aconteceu em Brasília. O interessante na proposta do grupo é que, naquela época, apenas eles faziam uma música diferente – muito mais introspectiva – do trabalho de outras bandas da cidade, como Plebe Rude, Finis Africae, Legião Urbana e Capital Inicial. Um mês depois da formação definida, e com um pequeno repertório já composto, o Arte no Escuro subia em um palco instalado no Atelier da Arquitetura, na UnB. Na programação da festa, constava a participação de outras bandas, mas quem chamou a atenção foi o novo grupo, que se apresentava pela primeira vez. Quem não sabia o que estava acontecendo em cima daquele palco poderia dizer que alguém havia incorporado Jim Morrison e Ian Curtis (Joy Division), de uma só vez. A presença de Lui como intérprete era admirável. O grupo não escorregou, e um pequeno público passou a seguir a banda – na época, com tendências dadaístas – por todos os lugares onde se apresentavam. Logo, logo o murmurinho chegou ao Rio e a São Paulo. Lui foi embora de Brasília, e os três fundadores do Arte no Escuro – após uma tentativa com Eduardo, vocalista do Finis Africae – chamaram Marielle Loiola, que acabava de sair da Escola de Escândalo (mar. / 1986), e com ela gravaram as músicas “Luzes” e “Complexos”, editadas pelo Sebo do Disco no LP-coletânea “Rumores”. A banda ganhou uma nova imagem. Com a atuação de Marielle, que conquistou um bom público enquanto vocalista da Escola – eles partiram para o Rio de Janeiro no intuito de mostrar o trabalho para um público diferente, mas não menos viciado no rock Brasília. Novamente ganharam a parada. Retornando à cidade, o Arte no Escuro passou a ser uma das principais bandas da linha de frente do rock local, ganhando destaques nos jornais, rádios e revistas especializadas de circulação nacional. Com a publicação de um artigo na coluna “Porão”, da revista Bizz – a gota d’água para o sucesso –, o Arte chegou aos ouvidos dos produtores da Odeon – gravadora que mantém sob contrato alguns colegas de estrada, como Legião, Plebe e Finis. O segundo contato com a gravadora se deu sob o aval da Rádio Fluminense FM e das rádios de Brasília, que executavam o rock local, em suas programações alternativas. Em agosto de 1987, com os processos burocráticos acertados, eles seguem para o Rio, e dão início às gravações de seu primeiro LP. Além de “Beije-me, Cowboy” e “Na Noite”, conhecidas do público através de shows e execuções em rádio, o Arte no Escuro grava mais seis músicas, com produção do baterista Gutje e Mayrton Bahia (produtor da Legião, Finis e Zero, dentre outros).

O cabelo descolorido de Pedro e o estilo glamour selvagem de Marielle marcaram a entrada do Arte no mercado nacional.

“Bem, o Marciano ensaiava creio no primeiro andar, e nós, na famosa sala 207, dividindo com o mestre Renato Matos o reduto de vários encontros inusitados, assim como uma inusitada parceria entre Renato e nós, na canção ‘Chega de Tanta Loucura’, que chegou a ser tocada na época pela saudosa Transamérica FM um reggae-metal-gótico, que foi fruto de muitas elucubrações à base de muita inspiração vinda da Tunísia inclusive, numa dessas, após todos desistirem do ensaio porque, o Mozart tinha sumido, encontramos a criatura sentado no chão do banheiro, e abraçado à privada fazendo declarações de amor à própria... Eram noites de muitas celebrações, com isso aprendi, além de tocar minha guitarra ‘atonal’ como dizia o Irlam Rocha Lima, aprendi também o minimalismo necessário ao reggae... Todos queriam fazer uma participação em nossos ensaios (não sei porquê). Certa feita, após um famoso Tunisiano, escutamos uns ruídos na porta e sem parar de tocar, o João abriu de supetão a porta e, eis que caem literalmente o Philippe, Gutje e o Herbert, que espreitavam o som, ou o cheiro, que emanavam aos quatro ventos, apesar de ser um prédio. Bem-vindos ao nosso ritual... Mas quem mais interagia conosco era nossa querida amiga Marielle do Arte no Escuro, e o Feijão, da Escola de Escândalo, que chegaram a gravar também com os 5 Gerais, e sempre fazíamos eventos e viagens juntos, essas sim histórias para muitas dedadas nas teclas...” (Félix Amorim)

17 junho

- *Paul Bowles: um chá no Saara*

11 setembro

- *Sérgio Sampaio de volta com seu bloco*

25 set.

- O cantor e compositor Walter Franco, no show *Horizontes Novos*, lembra seus antigos sucessos, e apresenta composições inéditas, acompanhado de uma nova banda.

29 set.

- Diretor de *Limite* diz que cinema brasileiro ‘tem potencial’
- *Sampaio e Macalé na Funarte-Rio*

9 outubro

- *Nietzsche: o dia em que a filosofia enlouqueceu*
- *Leilão de original é traição a Kafka*

11 out.

- Yoko Ono sai de Nova York, com medo de atentado.

6 novembro

- Koellreutter será guia da excursão ao *Festival de Música de Madras*.

Artes

- Paris. É construída a pirâmide do Louvre.
- Rubem Valentim começa a realizar serigrafias impregnadas de uma exuberância de cores.

Março

- Carlos Vergara inaugura exposição individual na Galeria Thomas Cohn, Rio de Janeiro, e apresenta dez telas. Além das tradicionais, Vergara passa a utilizar tintas industriais que, “em contraste com as outras, oferecem a oportunidade de ele montar ‘pequenas armadilhas para o olhar’, avanços progressivos na direção da inteligência da visão. Organizada a partir das grades que abriram a nova fase pictórica, Vergara mantém ainda um sistema de divisão da tela com cordas, que ficam marcadas na pintura. Mas a grade está ampliada, quase estourando (...) E a tinta, aplicada com as mãos, ou com esponjas, aparece na tela como uma explosão líquida de cor, um *splash*, que condensa em si o ato do pintor e seu pensamento.”
- A Petite Galerie, de Franco Terranova, fecha as portas. Fundada em 1954, a galeria foi a primeira no Rio a se dedicar à produção contemporânea.

17 outubro

- São Paulo, na galeria Millan, a exposição *63/66 – A Figura e o Objeto*, que tem como curador o crítico Casemiro Xavier de Mendonça. A mostra reúne 34 artistas, entre eles Antônio Dias, Vergara, Waldemar Cordeiro e Gerchman.
- O grupo Rex é formado por Wesley Duke Lee (prêmio na Bienal de Tóquio em 65), Geraldo de Barros, Nelson Leirner, José Rezende, Frederico Nasser e Carlos Alberto Fajardo. Eles fazem um trabalho de equipe, acreditando que só assim podem realizar algo de realmente produtivo. O regulamento dos Rex, feito com intuito declaradamente satírico, possui dezoito itens; entre eles, o seguinte: “Nós vemos tudo, ouvimos tudo, falamos tudo, e eles não veem nada, não ouvem nada, não dizem nada (a não ser o que todo mundo já sabe).”
- Rubens Gerchman exhibe coletivamente no The Bronx Museum Of The Arts (Museu de Artes do Bronx).

22 novembro

- Em clima de colunas gregas, Franz Weissman e Fernando Bicudo, com o colar Soy-loco-por-ti-Xingu, no lançamento do vídeo sobre Tomie Ohtake, no Gabinete de Arte.

Música

- Jorge Mautner lança o LP *Árvore da Vida*.
- Itamar Assumpção, ao assinar com a gravadora Continental, intitula ironicamente sua estreia em um grande selo como *Intercontinental! Quem Diria! Era Só O Que Faltava...*
- Wanderléa, que passou alguns anos longe do público, lança um disco solo, mas pode ser ouvida em participações em discos de Egberto Gismonti e Raul Seixas. Participa também de programas de auditório e faz shows pelo país...
- A extraordinária técnica de Marcus Rampazzo na guitarra confunde George Harrison. O ex-*beatle* chegou a pensar que as gravações executadas por Rampazzo em uma fita, que lhe foram entregues, eram gravações suas piratas.
- Stockhausen apresenta uma série de concertos na Sala Cecília Meireles – Rio.
- A vocalista Grace Slick sobe ao palco durante um show de ex-componentes do Jefferson Airplane. Grace Slick, Paul Kantner, Kaukonen, Casady, Balin e Kenny Aronoff, bateria gravam o álbum *Jefferson Airplane*, que fica no 85.º posto.

17 agosto

- Surge o disco *Brian Wilson*, onde ele toca piano, órgão, teclados, emulador, Glockenspiel, percussão, e ainda faz os efeitos sonoros. Resultados satisfatórios para os homens da companhia de disco, para o artista e o psicólogo, pois foi tempo suficiente para Eugene Landy evoluir de parceiro de Wilson a “produtor executivo” do disco, recebendo assim 25% dos direitos autorais, por cinco letras.
- The Mamas & The Papas apresentam-se em São Paulo.
- Vinte anos após seu lançamento, *We're Only In It For The Money* é lançado clandestinamente no Brasil, e tudo leva a crer que oficialmente jamais será.
- Eric Clapton e Patti Boyd se separaram.
- Definitivamente as guitar bands invadiram a cena inglesa, e desde então não saíram mais.

Literatura

- A Max Limonad relança *PanAmérica*, de José Agrippino de Paula, em tira-

gem limitada. Que se esgota em seis meses.

- Pedro Geraldo Escosteguy publica *Relatório da Noite* pela Edição Quixote, de Porto Alegre.
- *Storming Heaven: LSD And The American Dream*. Jay Stevens. Editora Harper & Row, Nova York.
- “Sentia algo estranho. As cores haviam mudado, as paredes haviam mudado, meu humor havia mudado. Ao fechar os olhos, comecei a ter belíssimas fantasias”, disse o químico Albert Hofmann, descobridor do LSD.
- Seis volumes do catálogo da exposição dos dez mil objetos vendidos ao público pela Sotheby's, de Nova Iorque, são colocados à venda em livrarias a 95 dólares o volume. O público se dava por feliz com a oportunidade de conhecer a coleção – e o estilo – de Andy Warhol.
- *Andy Warhol por Wayne Kostenbaum*. Editado por Penguin Lives.
- *61/63*, primeiro volume do Catálogo Raisonné, projeto de catalogação das 15 mil obras de Andy Warhol. Trabalho começado há quase vinte anos, o quarto volume deve sair em 2014 e o sexto e último volume sem previsão...
- Ary Pára-raios cria o jornal independente Viva Alternativa. O saudoso jornalista Alexandre Kadunc lança o livro *Xok – Buracos Negros do Apocalipse*.

Televisão

16 agosto

- A TV Cultura exhibe o documentário *It Was Twenty Years Ago Today* em duas partes, com o título de *Beatles e a Banda do Sargento Pimenta*. As vinhetas do programa traziam uma versão animada da colagem que ilustra a capa do LP.

Cinema

- *Limite* vira marca referencial do cinema brasileiro. É escolhido, em inquérito nacional promovido pela Cinemateca Brasileira, o melhor filme brasileiro de todos os tempos. Em outubro, Mário Peixoto ganha um prêmio especial do Governo do Estado do Rio de Janeiro.
- *Tudo é Brasil* (Rogério Sganzerla).
- *O Despertar da Besta*, (José Mojica Marins). “Novamente, porém, um imprevisto vem cortar sua carreira. Augusto Kalil renuncia ao cargo de presidente da Embrafilme. O negativo de *O Despertar da Besta* é esquecido no depósito de matéria da empresa em São Paulo. Por acaso, descubro seu destino em 1988, mas antes que possa denunciar o erro o negativo é depositado na Cinemateca. De novo, minhas ilusões iam por água abaixo. O meu contrato com a Embrafilme não me permitia negociar com qualquer outra

distribuidora. *O Despertar da Besta* estava novamente enjaulado, dentro de sua própria liberdade. Aquela que considero minha melhor obra parece de novo estar destinada ao esquecimento...” (José Mojica Marins)

- *Imagine John Lennon* traz, entre outras coisas, a cena premonitória da invasão de sua casa por um fã. O documentário foi feito com base em informações do arquivo pessoal de Lennon, e contou com a ajuda de Yoko Ono, para levar aos fãs imagens inéditas de John.

10 outubro

A cena que ninguém quis ver

Hollywood em cartaz: William Desmond Taylor, depois de ser ator, se tornou um requisitado cineasta, trabalhando com as grandes estrelas da era do cinema mudo. Em 1917, ele se tornou presidente da Associação de Diretores e, em 1922, ganhou da Paramount sua própria unidade de produção, dentro do estúdio. Em 22 de fevereiro do mesmo ano, seu corpo foi achado na mansão em que vivia. Um crime que permanece sem solução. Rumores indicavam como suspeitas duas atrizes, Mary Miles Minter e Mabel Normand, mas ninguém foi indiciado.

204

16 dezembro

- Em uma hora, foram vendidos os 800 ingressos para a última exibição, no dia posterior, no New York Film Museum, do documentário *Ladies and Gentlemen: The Rolling Stones*, um filme de “sexo e drogas”. O documentário foi financiado pelo próprio grupo, e realizado em 1972 por Robert Frank, 63, considerado um dos maiores fotógrafos vivos – são dele as fotos ampliadas de um Super-8, utilizadas no *Exile On Main Street*. Entre as cenas polêmicas do filme, há uma relação sexual num jato em pleno ar, e outra que mostra Keith Richards fazendo uso de drogas. Os Stones não gostaram do resultado, consideraram-no “desprezível e ridículo”. Conseguiram proibir a exibição comercial do filme. Por duas vezes, o diretor desafiou o grupo, e exibiu o filme em universidades. A decisão de mostrá-lo pela última vez foi do próprio Frank.

The Charles Bukowski tapes (Barbet Schroeder)

Ana Maria Babiana, *Folha de S. Paulo*, 18 ago./1988

Como preparativo para a filmagem de *Barfly* – feito a partir da obra, e com a benção direta de Charles Bukowski –, o diretor Barbet Schroeder (produtor francês, nascido em Teerã, em 1941) fez uma série de entrevistas com o escritor, sobre assuntos tão diversos como cidades, comida, política, sexo e, é claro, cinema, literatura e bebida. Fascinado com o resultado das conversas, que registrou em vídeo, num total de quinze horas de imagens, Schroeder editou

esta longa fita, com quatro horas de entrevistas, divididas em onze capítulos (alguns títulos: *Estar Só*, *Drogas Versus Álcool*, *Pernas*, *As massas Estão Sempre Erradas*, *Minha Ficha Na Polícia*). O momento culminante é uma discussão entre Bukowski e sua eterna musa, Linda, que termina com a namorada expulsa a pontapés do sofá, onde se desenrolam quase todas as conversas. Produzido e distribuído independentemente.

Obituário

23 março

- Morre o psicanalista Hélio Pellegrino, 5 jan. / 1920 – 23 mar. / 1988.

17 abril

- Morre a cantora Florinda Grandino de Oliveira (São Paulo, 14 de junho de 1919-1988), mais conhecida como Linda Batista, cantora e compositora brasileira. Era filha de Batista Júnior e irmã de Dircinha Batista.

25 abr.

- Lygia Clark, pintora e escultora neoconcreta (23 out. / 1920 – 25 abr. / 1988).

14 agosto

- Roy Buchanan, conhecido como “o melhor guitarrista desconhecido do mundo”, mestre da Fender Telecaster, era parte importantíssima de qualquer publicação sobre grandes guitarristas no início dos anos 70. Roy deu uma parada na sua carreira e, quando parecia que ia voltar, aconteceu. Depois de uma briga familiar, foi preso em Reston, Virginia. Roy Buchanan foi encontrado morto numa cela da delegacia para onde foi levado, enforcado na própria camiseta. Sua morte é coberta de mistérios, e muitos não acreditam na tese de suicídio. Tinha 48 anos de idade.

10 setembro

- Joaquim Pedro de Andrade, “o árcade mineiro”, morre aos 56 anos. Diretor e autor do roteiro de *Macunaíma* (livro de Mário de Andrade), – uma revisão do movimento de 22 com o contexto histórico dos anos 60, ao lado de *Vidas Secas* (Nelson Pereira dos Anjos) e *Deus e o diabo na terra do sol*, *Macunaíma* – é o filme mais celebrado do Cinema Novo, no exterior. Em 1981, Joaquim Pedro de Andrade dirigiu *O Homem do Pau-Brasil*, feito para quem não sabe nada de Oswald de Andrade, e dedicado a Glauber Rocha.

22 dezembro

- O seringueiro, sindicalista e ativista ambiental Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, é assassinado. O Brasil aguar-

dava o assassinato mais esperado de todos os tempos: quem mataria Odete Roitman? Mas, enquanto todos os olhos se grudaram na tela da Globo, outra morte anunciada abalaria, não só o Brasil, como o resto do mundo: Chico Mendes é assassinado no quintal de sua casa, em Xapuri, Acre, com um tiro de escopeta.





10

1989

CONIC, CASA DOS MÁRTIRES E DOS ERRANTES

“O conjunto de prédios comerciais que herdou o nome da construtora Conic está localizado bem no coração da Capital Federal. Engana-se, no entanto, quem acredita que o Conic é o primo pobre do vistoso shopping Conjunto Nacional, localizado ao lado, no Setor de Diversões Norte. No Setor de Diversões Sul, território do Conic, a diversão é outra, e a riqueza provém de variadas fontes: boates gays, garotas de programa, cines pornô, sindicatos, partidos políticos, igrejas e um monte de outras putarias.” (Tomaz André, editor do zine oficial)

Sempre QE 32...

Era um tempo de negritude. Eu nunca, que nunca, troquei o rock, e agora seguia Akneton e Itamar Assumpção e Banda Isca de Polícia.

Em 1985-86. O popular prof. Cafú, de Geografia, filiado ao PT, alugara uma casa no conjunto P da QE 32, e através dele conhecemos Carlão Nascimento, Kléber cartunista, prof. Foti, Carlos Caridade e Carlos “Peruano”, que possuía um restaurante no SIA.

Para completar o time surgiu, em moradia acima da QE 32, num bloco de apartamento, o professor de física mecânica e poeta negro Jorge Amâncio.

O rock ficou chato e fui constituir uma carreira outsider. Desde que comecei como contínuo, em 1985, caminhava, ou cortava caminho, pelo Conic. A arte lá não precisava de novos agentes culturais. Eu curtia aquele espaço, assim, como sóciojornalístico, e tinha fama de gostar do copo, mas não era louco, pois bem-casado.

Era 1988, nos empenhávamos em eleger Lula, na primeira eleição direta para presidente da República. Eram feitas várias festas por toda a Brasília. As principais, no Clube Social Unidade Vizinhaça Asa Norte.

Outro time notável se reunia no bar do saudoso Serginho “Vagabundo” (†). Flávio “Pezão” (†), engenheiro paulista, na década de 70 no governo Maluf, que não gostava de falar da sua vida, e o bancário Gabriel (†) se envolviam em longas conversas político-filosóficas.



Início de 1988, no Bar Esperança. A esquerda, Jacinto, garçom e morador do Ed. 'Serra Pelada' – apelido criado por Jairo 'Cabeção' (†); o sedutor compadre Zé Milton; Vicente Sabino (†), codinome 'Mirão da 32', o dono do bar; seu Joel (†), carioca finíssimo, sambista e condutor de van escolar; o educado paulista de Santos; Natálio Sorrentino (†), fiscal da Receita; e 'Dancin' Days', também dono de boteco

No Conic, constituí um grupo sólido de amigos, e estava na iminente defesa deles em várias encrencas, esses negócios de contas de bar para ser pagas. Não eram difíceis de resolver, ainda que carecessem desse pouco de dinheiro. Enfim, em tantas voltas, eles me amavam. Era uma equipe do cão encapetado num Passat cinza – eu, no caso, trabalhava muito, mas me divertia muito mais.

Na mesa angular, da esquina, era a central das novidades. Lá poetas como Zé Edson e Meneses y Moraes lançavam seus livros.

No Conic, H. R. comprou uma enorme tela fiado do pintor Paulo Iolovitch, e nunca pagou! Eu nunca tive grana de comprar tal dimensão de tela, mas fui interpelado pelo grande pintor: "O 'H' disse que você o avalizava..."

– Pô! Paulo! Por que você não me falou isso na hora? Paulo ficou indignado – e longe do Conic por quatro anos.

O Conic é contraproducente, lá você nunca vai conseguir algum espaço; a concorrência é séria. No *Espaço Mulheres*, foi a única vez na vida que fiz punk rock em vinil. Os punks gostaram. O Conic é para beber e divagar.

“A grana do Conic não é menos limpa que a de outros locais. Talvez por saber que um bom programa tem seu preço, o astuto Mário Pazcheco, figura ímpar do underground candango, fez do local a base de operações das suas produções ‘Do Próprio Bol\$o’. Sem sala alugada: sem sede própria. Mário Pazcheco apenas delimita seu espaço ciscando aqui, e ali, pelo Conic. Recolhe material para suas viagens literárias, fuça as lojas de discos – em busca de mais material para sua vasta coleção de LPs.” (Tomaz André)

“Passei pelo Conic hoje de manhã e dei uma caminhada por lá. A porta do Teatro Dulcina está ocupada por papelões, que servem de cama para pessoas sem-teto. A antiga e acolhedora Livraria Presença, do Ivan, se tornou um quiosque. No lugar dela hoje tem uma loja de skates e tênis. Lembrei também do Jegue Elétrico, de Ary Pára-raios. O Cine Atlântida, que já foi até sala do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, virou igreja caça-níquel. Houve um tempo em que a gente ocupava o Conic. Depois disso, nós fomos pra onde?” (Alexandre Ribondi, 3 dez./2012).



Retornei às 'conicções'. A casa de todos os bêbados. Tomei todas. Salve o Conic!! (Zéantônio, 18 jun. / 2012)

“Alexandre Ribondi, hoje ao meio-dia fiz questão de apertar a sua mão, pois eu estava em companhia de ZAN (Zeferino Alves Neto), que vem a ser dramaturgo, para apresentá-los. Era um ótimo momento para uma foto, só que o fotógrafo Ronaldo Barroso estava sendo entrevistado. Depois fizemos mais algumas fotos com ele, que aparecerão na sua futura exposição. É no Conic que ainda acontecem os fraternais encontros, no Quiosque Cultural do Ivan ‘Presença’ – teremos mais tempo na próxima – forte abraço!” (Pazcheco)

O Conic é uma mãe!

Ontem a TV Brasília filmou o varal de Paulo Iolovitch na Praça Vermelha, e também entrevistou o fotógrafo Ronaldo Barroso – sobre a sua exposição com as fotos das pessoas que trabalham e vivem o cotidiano do Conic, e que farão parte dos *100 Depoimentos*, que ele prevê. Acima, a imagem final da entrevista.

Após finalizar a sua entrevista para o canal de televisão, Ronaldo Barroso me reconheceu: Você é um coniquiano! Vou fazer a sua foto!!



O fotógrafo Ronaldo Barroso, à esquerda, aponta para a

Foto: Ronaldo Barroso

1989

17 janeiro

Assim era mais ou menos o Manifesto Viva!?!?

Os cineastas estão morrendo. Olney São Paulo, Glauber Rocha, Leon Hirszman, Marcos Farias, Roberto Santos, Joaquim Pedro de Andrade, Fernando Cony Campos. Assassinato cultural. Em 1500, instalou-se no país um poder cultural conservador e burocrático, colonizado, vicioso e centralizador, que controla a livre expressão popular nacional com inacreditável violência.

Um poder autoritário que censura a natureza pluricultural brasileira, produto da composição da nossa sociedade, que impede a diversidade de manifestações artísticas, e assim rompe o eixo da nossa unidade, que de fato é forjada na mestiçagem - tentam afunilar nossa estética polivalente em modelos pré-fabricados de hipnotismo massivo. Um poder manipulador forte, que mata. A pressão mais evidente e predatória é exercida sobre a criação audiovisual – na televisão privada, que entorpece continuamente a população, fechada a qualquer proposta que não atenda à sua ideologia de emoções fortes, que esvazia as cabeças e as aliena no consumismo obsessivo: no cinema escapista e estereotipado, que

reflete apenas as distorções e a acomodação de seus realizadores, na imagem falsificada da nossa realidade, na prostituição do nosso imaginário.

Um poder prepotente assim se interpõe entre a população e os artistas que tentam expressar-se com independência, fora dos padrões ditados pelo capitalismo devorador, que leva o país à miséria moral e material. Esse vírus destrói a nossa capacidade de pensar, e tem levado nossos cineastas ao túmulo.

Tal poder tem de ser destronado, em nome do nosso futuro, da nossa identificação perante nós mesmos – e o mundo. O Estado e a Sociedade Civil permitiram a ascensão desse poder criminoso. Cabe a todos os brasileiros reverter a situação, resgatar a verdadeira dimensão multifacetada da nossa cultura, recompor a alma brasileira.

14 março

- Rio de Janeiro, os 50 anos de nascimento de Glauber Rocha são revistos na mostra *Tempo Glauber*, promovida pelo Museu de Arte Moderna.

214

24 mar.

- Rio de Janeiro, o Tempo Glauber é inaugurado na Rua Sorocaba, 190, num casarão de 13 cômodos. A trajetória do museu, cujo acervo é composto por cerca de 60 mil documentos e 2.500 fotografias, 400 cartas, 600 poemas, inúmeras peças de teatro, é uma história de dificuldades. Desenhos deterioraram-se por falta de apoio dos poderosos de plantão no governo. Depois de perder as esperanças de conseguir um lugar para acomodar os 50 mil documentos do acervo de Glauber Rocha na Bahia, estado natal do cineasta, dona Lúcia Rocha decidiu vir para o Rio, onde a geração do Cinema Novo militava. Depois de temporadas no Museu da Imagem e do Som, e no Museu de Arte Moderna, o Tempo Glauber encontrou pouso no casarão de Botafogo, a partir de uma doação provisória do governo José Sarney. O prédio, cedido pelo INSS, em sistema de comodato, esteve ameaçado de ir a leilão, o que foi desmentido pelo Ministério da Previdência Social.

Abril

- Chico Mendes, uma novela onde vale tudo.

14 jun.

- *A vida íntima de Cary Grant*

Música

11 junho

- Ira! show no Gran Circo Lar.

2 julho

- O The Who apresenta-se no Giants Stadium, em Nova Jersey, Estados Unidos, e repete a apresentação no dia seguinte; o show fazia parte da turnê *The Who's 25th Anniversary Reunion Tour*.
- Paul McCartney lança *Flowers In The Dirt*.
- A Apple Records e a EMI estão envolvidas em uma batalha na justiça, que durou dez anos, sobre direitos autorais e outras questões, mas que é resolvida fora dos tribunais.

Artes Plásticas

30 janeiro

- Na Galeria São Paulo. Mostra *Esculturas Sonoras de Walter Smetak*, exibição de 52 obras. Também vídeos sobre o artista, e debates, com participação de Caetano Veloso, Júlio Medaglia e Arrigo Barnabé.

215

Fevereiro

- A individual de Andy Warhol, mais de 300 trabalhos espalhados por dois andares, num programa com o acompanhamento de filmes, se trata da mais ambiciosa exposição individual no Museu de Arte Moderna de Nova York (desde a retrospectiva de Picasso, em 1980). Diante dos quadros da cadeira elétrica, um aviso no assento pede silêncio – ao reconhecer a presença de um público ávido por este ritual de morte –, e impõe tão bem a calma necessária às vacas leiteiras de Warhol, impassivas e anônimas. Esta cena percorreu o mundo, passou por Nova York e Chicago, Inglaterra e Milão.

Outubro

- Carlos Vergara participa da 20.^a *Bienal de São Paulo* com grandes painéis impressos em cores extraídas do óxido de ferro. No centro da sala destinada ao seu trabalho, o artista coloca uma enorme caixa, que contém um bloco do pigmento mineral. Inaugura na mesma ocasião uma individual no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, com catorze telas. O catálogo que acompanha as exposições traz o texto *Acontecimentos Pictóricos*, do crítico Paulo Venâncio Filho. Na pintura de Carlos Vergara, ocorre uma mudança importante. O artista passa a trabalhar com pigmentos naturais e minérios, a partir dos quais realiza a base para trabalhos em superfícies diversas. Estes resultam de um processo de impressão e impregnação de diferentes

“matrizes”, como a própria boca dos fornos na pequena fábrica de pigmentos de óxido de ferro, em Rio Acima (MG). Sobre a nova direção em seu trabalho, Vergara declara: “Em 1989 (...) decidi dar uma nova direção por estar seguro de que havia esgotado a série começada em 1980, quando abandono a figura e mergulho numa pintura que tinha como procedimento uma ‘mediação com cor’ do espaço da tela, dividindo com diagonais paralelas, formando uma grade (...) propus para mim, com desapego, me colocar num marco zero da pintura e olhar para fora e para dentro.”

- O Mam reabre, onze anos após o incêndio.

Literatura

Agosto

- A editora Alhambra lança *Poemas Eskolhydos*, de Glauber Rocha, uma centena de páginas de versos, desenhos, fotos, e vinte e oito poemas, dentro da estética glauberiana; alguns originais datilografados são reproduzidos e corrigidos no estilo simples e simpático do cineasta.
- No Brasil, é editado *Flashbacks – LSD: A Experiência Que Abalou O Sistema*, de Timothy Leary, Ed. Brasiliense, 1989.
- Na Inglaterra, *Woodstock – The Oral History* (9,9 libras, Editora Sidwick & Jackson), chegou às livrarias (na segunda semana de agosto, quando o festival completava vinte anos). É exatamente o que o título sugere: 361 páginas de aspas. O autor, Joel Makower, transcreve depoimentos de muitos dos que fizeram o festival – empresários, artistas, seguranças e membros do público. Makower, um jornalista da Califórnia, limita-se a intercalar falas temáticas. Uma linguagem típica de documentário de televisão, que não funcionou necessariamente no papel. Em parte porque o autor não se deu ao trabalho de limpar o texto das redundâncias e dos vícios de retórica da língua falada.

Novembro

- “Estou também escrevendo um livro sobre a juventude de Glauber Rocha, por isso tenho assistido muitos de seus filmes. O último que eu vi foi *Deus e o diabo na terra do sol*”. (Nelson Motta)

Cinema

- Começa a restauração do documentário *Rock'n'Roll Circus*.
- *L'homme Aux Cheveux Bleus* (O Homem de Cabelos Azuis – Sylvie Pierre e Georges Ulmann). 51 minutos reúnem diversos depoimentos de amigos do cineasta Glauber Rocha, Louis Marcorelles, Juliet Berto, Christina Altan, Pascal Bonitzer, Jaques Aumont, Jean Narboni e Sylvie Pierre. “A última lembrança que guardo dele é a de sua silhueta pesada sumindo na escuridão da escada dos Cahiers.” (Jean Narboni).
- *Drugstore Cowboy* (Gus Van Sant). William Burroughs aparece nas telas vivendo um pastor junky.

Televisão

Janeiro

- A Rede Bandeirantes compra o direito de exibição de *Barravento*, *Deus e o diabo na terra do sol*, *Terra em Transe* e *O Dragão da maldade contra o santo guerreiro*; Três meses depois, os filmes serão exibidos.

31 jan.

- A TV Cultura exibe o *western* clássico *No Tempo das Diligências*.

217

1.º de maio a 31 de agosto

- Ofensiva da Warner nos Estados Unidos, através da exibição diária de clipes para a tevê, denominados *Woodstock Moments*. Exibidos diariamente por duas redes de tevê dos Estados Unidos, os três dias de paz e amor foram retalhados em nada menos que em cem momentos. Exibidos diariamente na MTV, são compostos por uma série de flashes do e sobre o festival, que completava vinte anos. Os patrocinadores ligaram as marcas de seus produtos à mítica palavra Woodstock, e para isso desembolsaram US\$ 5 milhões.
- Aldo Jimenez acerta duzentas respostas sobre John Lennon no programa Sem Limite, da TV Manchete.

Obituário

23 janeiro

- Morre Salvador Dalí.

12 março

- Ruy Santos morre aos 78 anos. Cineasta e fotógrafo, é outro realizador vítima do “assassinato cultural” do governo Collor. Um dos mais ativos defensores do Cinema Novo, seu documentário mais famoso, *O Homem e Limite*, versa sobre o cineasta-mito Mário Peixoto.

12 abril

- Sugar Ray Robinson, lutador de boxe, morre.
- Abbie Hoffman parte.

7 junho

- Morre Paulo Leminski (1944, Curitiba-PR-Curitiba, 1989), poeta, tradutor, escritor, músico etc.

28 jun.

- Morre Pedro Geraldo Escosteguy (1916-1989), médico e artista plástico que participou da mostra *Opinião 65*.

21 agosto

- É uma data triste. No mesmo agosto em que Elvis Presley morreu, morre Raul 'Rock' Seixas. O maior expoente da cultura do rock no mercado brasileiro, nem as superestrelas internacionais ousariam competir com a popularidade de "Raulzito". O último alquimista fundiu o rock primitivo de Elvis com a malícia e o ritmo do baião de Luiz Gonzaga, também falecido nesse mesmo agosto, no dia 2.

30 setembro

- Compositor e maestro americano, crítico de expressão, Virgil Thomson morre enquanto dormia, aos 92 anos, na suíte do Hotel Chelsea, em Nova York, em que morava há 49 anos.

3 novembro

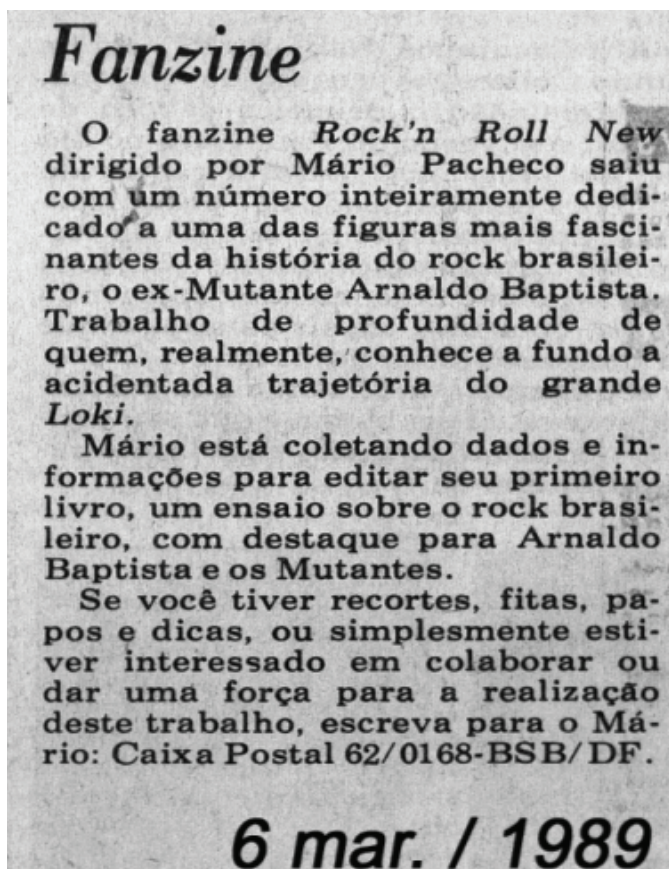
- Sururucu, RR, garimpeiros matam 5 índios yanomamis.

16 dezembro

- A atriz italiana Silvana Mangano morre.

22 dezembro

- Samuel Beckett, escritor irlandês, criador do "teatro do absurdo", morre.



Wanderley Lopes – por ele mesmo

Foi Glauber Rocha que sugeriu a Wanderley que viesse para Brasília. Desde os anos 70, Wanderley foi editor do jornal/alternativo JOU – Jornal Ordem do Universo. Na década seguinte, editou a revista Transe, e nos anos 90 criou o tabloide Fogo Cerrado, com espetaculares edições-especiais para o próprio Glauber Rocha ou Torquato Neto, subsídios indispensáveis para qualquer pesquisa relacionada a eles. O engraçado é que Wanderley, o editor do sonho da contracultura – não possuía nenhum número dos jornais editados por ele e passados adiante... Quando nos encontrávamos, ele sempre me pedia uma cópia... Faz quinze anos!

“Internado há doze dias no Hospital de Base de Brasília, e com expectativa de ficar pelo menos mais uma quinzena, ele tem consciência de que foi o cigarro que o fez doente. ‘O fumo é uma armadilha da civilização. Eu até tentava

largar, mas a tentação lançada nas propagandas de televisão e a angústia da abstinência não me deixavam', conta Wanderley (†), o segundo dos seis irmãos não-fumantes." *Correio Braziliense*, 30 mai. / 1999.

"Saí do sertão da Bahia, um dia, aos 11 anos, pensando em ser marinheiro. O mar me fascinava e, todas as noites, costumava olhar o horizonte azul lá longe, e me sentir numa galera, em alto mar. De lá pra cá, a vida tem-se encarregado de me atirar às ondas da existência, em turbilhões. Nunca pestanejei duas vezes para seguir o caminho do Tao, isto é, caminhar em cima do fio da navalha. De vendedor de cabritos, aos 11, jornalista, aos 17, assessor do governo, aos 22, guru de macrobiótica, aos 24, saniasin, aos 28 anos, finalmente me atiro aos braços do desconhecido em busca de mim mesmo.

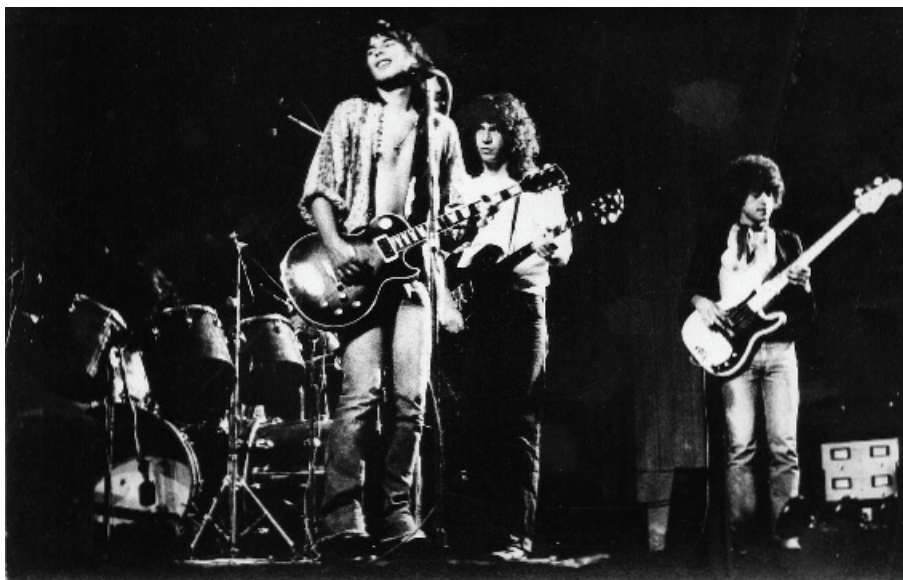
Durante cinco anos, fui discípulo de Bhagwan Shree Rajneesh, e agora deixo de sê-lo para ser mais ainda: senhor de mim mesmo, que é o significado da palavra swami, título que o Mestre me deu na Índia, quando lá estive. Sou profundamente grato a ele pelos métodos de fricção a que me submeteu, ensinando-me a viver aqui e agora, o absolutamente novo de todo instante, como também sou grato a Jesus, quando me tocou com o 'Perdoai o teu 77 vezes 7 vezes'. Sou grato também a Michio Kushi, o mestre da macrobiótica, que me abriu vários caminhos, na estrada do infinito; a Leanza Del Vasto, que me mostrou o caminho da não-violência, e de que o pequeno é belo; a Krishnamurti, que me abriu os primeiros chakras para aceitar a dor; aos pretos velhos da Bahia, que me mostraram ainda cedo o som dos atabaques e do canto de Ogum para despertar a consciência; aos primeiros amigos que me deram um 'baseado' para sair fora da minha estreiteza mental; aos hippies de todo o mundo, que me ensinaram o caminho da paz e do amor, das roupas coloridas, da renúncia ao supérfluo; a São Francisco de Assis, que me encheu o coração, afirmando: 'É dando que se recebe, e é morrendo que se renasce para a vida eterna'." *Revista Transe*, jan. / 1983



Wanderley Lopes, editor do tabloide cultural *Reggae do Brasil*, de resgates históricos de nomes do tropicalismo, e o livreiro Ivan 'Presença', de ações culturais no Conic (1995)



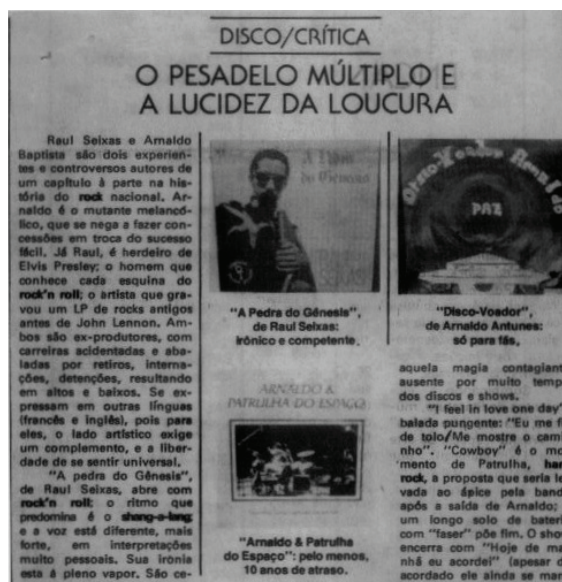
ARNALDO & PATRULHA DO ESPAÇO E RAUL SEIXAS: O PESADELO MÚLTIPLO E A LUCIDEZ DA LOUCURA



Teatro São Pedro, ao vivo! Simplesmente! Júnior na bateria, no duelo os guitarristas Dudu Chermont e John Flavin, e o contra baixista Coquinho, em Um pouco assustador... Foto: Grace Lagôa

Discos

Raul Seixas e Arnaldo Baptista são dois experientes e controversos autores de um capítulo à parte na história do rock nacional. Arnaldo é o mutante melancólico, que se nega a fazer concessões em troca do sucesso. Já Raul é herdeiro de Elvis Presley; o homem que conhece cada esquina do rock'n'roll; o artista que gravou um LP de rocks antigos antes de John Lennon. Ambos são ex-produtores, com carreiras acidentadas e abaladas por retiros, internações, detenções, resultando em altos e baixos. Expressam-se em outras línguas (francês e inglês), pois para eles o lado artístico exige um complemento, e a liberdade de se sentir universal.



A Pedra do Gênesis – Raul Seixas

Faremos Uma Noitada Excelente... – Arnaldo & Patrulha do Espaço

Disco Voador – Arnaldo Baptista

A Pedra do Gênesis, de Raul Seixas abre com rock'n'roll; o ritmo que predomina é o shang-a-lang; a voz está diferente, mais forte, em interpretações muito pessoais. Sua ironia está a pleno vapor. São cenas que conhecemos de outros discos seus, e que agora ele recria, atualizando a Sociedade Alternativa em “A Lei”. Deve-se destacar aí que o mandamento “Faça o que tu queres” não é exatamente o mesmo que “Faça aquilo de que gostas”, mas sim “Descubra o modo de vida mais de acordo com tua natureza íntima, e então viva intensamente”. As histórias são bem brasileiras, como é o caso de “Check-Up” e “Fazendo O Que O Diabo Gosta”, mostrando cenas de um casamento que deu certo. Ambas poderiam ter sido gravadas por qualquer dupla caipira.

Lado b: depois de cantar “direito de viajar sem passaporte” e “reler Alice no país das maravilhas”, Raul renuncia a todas as drogas na engraçadíssima “Não Quero mais Andar na Contramão” – “I Don't Really Need You Anymore”, que é repetitiva, e também não precisava ser cantada em inglês. (Não acrescenta nada.) Para preencher esse lado, um country eletrificado, à Carl Perkins. “Lua Bonita” é romantismo anos 50, de que ele preserva o sotaque. As letras atingem uma certa loucura em “Senhora Dona Persona”, um pesadelo, encerrado com “Areia da Ampulheta”, releitura de “Gita”, onde o

autor é o tempo. São músicas com breves mensagens e comentários rabiscados a qualquer hora da noite, ou do dia, ao sabor da (ins)piração. Após um curto intervalo, ouve-se outra mensagem, que passa para a seguinte, e chegando ao fim um lado do LP, para iniciar o outro lado. Altere as faixas para uma segunda audição, para não incidir a monotonia. Raul continua fiel a sua herança de produtor: não se mexe em time que está ganhando. Passemos agora a Arnaldo Baptista; um artista com um pé no passado, e outro no futuro, em *Faremos Uma Noitada Excelente...* O disco é o registro, com dez anos de atraso, de sua passagem pela Patrulha do Espaço. Um produto paulista, com vigor de garagem, som saturado e lindo, apesar da qualidade precária da gravação. “Emergindo da Ciência”, um tema de piano, de tom progressista. A voz afiada avisa: Eu não sei porque fui me envolver / Eu não sei porque fui sofrer... de repente, um riff stoniano, do mais frenético rock’n’roll, é mesclado à mais pura melodia de uma caixinha de música. A ousadia do mutante.

“Um Pouco Assustador” tem o sabor sangrento de um blues marcado por uma guitarra chorada: Como vai você / Qual o seu nome mesmo? A sinceridade de uma banda entrosada, e o profético verso: Mas há momentos na vida em que tudo parece que vai acabar. Arnaldo canta ao vivo, sem truques ou correções. Sua música promove aquela magia contagiante, ausente por muito tempo dos discos e shows.

“I Feel In Love One Day”, balada pungente: Eu me fiz de tolo / Me mostre o caminho. “Cowboy” é o momento da Patrulha, hard rock, a proposta que seria levada ao ápice pela banda após a saída de Arnaldo; e um longo solo de bateria com phaser põe fim. O show no disco encerra com “Hoje de Manhã Eu Acordei” (apesar de acordado, ele ainda se mantém em dúvida, a que o teclado jazzy põe fim).

Completadas as gravações de seu segundo álbum-solo *Singin’ Alone*, em 1981, no último dia do ano, Arnaldo atirava-se do 3.º andar de uma clínica psiquiátrica, tudo igual à letra de “O Suicida”. Primeiro compacto que ele gravou com Rita e Sérgio, fala de um cara que se joga do viaduto do Chá. Mais uma vez, a vida imita a arte. O que veio depois do acidente é o LP *Disco Voador*, que não chegou à imprensa (é mal gravado, carente e masterizado em dois canais). Expõe o pesadelo vivido, documento que mostra Arnaldo de volta às atividades. Ele está mais maduro e feliz. O mergulho na ciência continua em “Eu”. *JOSÉ – Jornal da Semana Inteira - 10 a 16 set. / 1988*

Lembrança de Fabio Gasparini (Mona, Sunday, Scaladacida, Magazine)

“Acompanhei a evolução do Arnaldo & Patrulha do Espaço, que Coquinho, no baixo, e Arnaldo iniciaram.

Os ensaios eram na loja de móveis Oca, do pai do Júnior (bateria), na rua Augusta. Na guitarra, o Dudu, que substituiu o guitarrista anterior, junto ao clavinete do Arnaldo. O lugar tinha uma acústica privilegiada, cheio de estofados e divisórias, ótimo para ensaiar uma rock band. A presença musical e a personalidade do Coquinho eram essenciais para aquele grupo funcionar.

Destes ensaios, resultou um dos concertos mais instigantes e criativos que presenciei: a estreia da Patrulha no Teatro Treze de Maio. O Arnaldo estava atrasado, o público e a banda, impacientes. Resolveram iniciar o show só os três. De repente, o Arnaldo entra no meio da primeira música, dançando!!! Uma dança alucinante, improvisada... Uma amostra do que viria a seguir. Daí pra frente, uma cascata de harmonias díspares, cacofonias, batidas poderosas, driving bass, canto gutural, e nada, mas nada convencional. Uma música invadia a outra, uns estavam terminando, mas outros já estavam na próxima. Uma avalanche. O público estava de boca aberta. Eu sorria extasiado!”

Arnaldo Solizta

(O título homenageia Liszt! Ideia do baterista Júnior.



227

Sete anos, 1982-89, de amadorismo e ardor – os textos eram improváveis, e as condições as mesmas de hoje: cola e tesoura e canetinha bic e o talento de descolados – ainda havia revisão gramatical – fora do circuito para sempre...

Enquanto o corpo permanecia inerte na cama, em estado de coma, Arnaldo revelou posteriormente que se lembrava apenas de um sonho...Na ampla sala de concertos, suaves movimentos, e as mãos, deslizando em gestos assimétricos, delicadamente produziam vibrações, gerando trechos instrumentais que invadiam o recinto, em contraste com a luz artificial que iluminava o piano.

Um pensamento repentino: – Há quanto tempo estaria tocando? – Haveria uma pausa para o cigarro?

Mas, as mãos continuavam agindo, independentes da sua vontade. Continuavam escorregando, experimentando, variando, entre o ninar e o rock and roll.

Preparando uma evolução estilística, dando expressividade à sua música, quando foi interrompido por uma risada, seguida de uma pergunta: Como vai, Arnaldo?

Arnaldo Baptista e John Lennon, num encontro marcado por muitas gargalhadas. No final, John o ajudou, deu-lhe conselhos.

A gostosa sensação de sonolência continuou; e quem o embalava era seu pai. Com cantos gregorianos.

Repentinamente, a melodia cessou, e não se ouviu as risadas, o canto, nem os aplausos. Estivera dormindo?

Estivera sonhando?

Que lugar era esse?

Mário Pazcheco a Ricardo Seelig, do *whiplash.net*

Tem alguma história engraçada ou curiosa que aconteceu com você por causa da música, e que lhe fez pensar algo como “isso só acontece com um colecionador mesmo”?

Olha, já desci – raras vezes – o Brasil para entrevistar ou ver um show. Em Juiz de Fora, pedi a Maria Lúcia, mulher do Arnaldo, que me deixasse no Centro, pois eu não queria que ela soubesse que eu estava numa pensão, rodeado literalmente por “malas”. Nessas histórias da estrada, sempre tem um riacho, e eu penso, – Por que não estou em casa vendo o Jornal Nacional?

Entrevista com Arnaldo Baptista

Lá pelo finalzinho dos anos 80, os jornais noticiavam que Arnaldo Baptista recusava-se a receber visitas. Ele não queria receber nem seu irmão, Sergio Dias Baptista. De tudo, um pouco de verdade.

Não acreditando na veracidade dos fatos, e lutando contra a barragem criada pelos parentes e amigos do músico, tentei marcar um encontro.

Como já nos correspondíamos por carta, há alguns meses, intimei a entrevista... No entanto, Arnaldo impôs algumas condições, que eu não poderia aceitar. Inconformado, deixei claro que não desistiria tão facilmente, e durante uma conversa telefônica um acordo foi acertado.



Arte: Antônio Celso Barbieri



Arnaldo Baptista e Paz Pêgo, em 1989

Juiz de Fora – MG. 25 mar. / 1989 – Setenta e duas horas depois, estávamos à beira da piscina, entre um cigarro e outro, gravando esse papo que reproduzo abaixo, acabou fazendo parte do meu livro *Balada do Louco*, publicado em 1991, infelizmente esgotado.

Através do Arnaldo, o entrevistador ficou sabendo que outros, que como ele tentaram uma entrevista, não tiveram a mesma sorte, pois tratava-se da primeira que Arnaldo concedia. Em cinco anos.

Qual a contribuição da tevê para a vida das pessoas?

Depende da forma e da cabeça.

Os Mutantes contribuíram de que forma para o rock brasileiro?

Houve uma certa hesitação em conciliar a música nordestina, bem latina, influenciada mais pela cultura africana que a de São Paulo, totalmente eletrônica, um pouquinho voltada para Nova Iorque. Então houve a Tropicália. Nesse sentido, os Mutantes uniram o ritmo latino com a eletrônica do Sul, assim nasceu a Tropicália

Como eram as críticas que o pessoal fazia em relação ao trabalho de vocês?

Éramos relativamente novos, jovens na época, então sentia-se, por intermédio do empresário, e comentários nos bastidores, que havia um movimento contrário à utilização do som de guitarras, que a gente utilizou. Que na época ainda era separada a Jovem Guarda da Bossa Nova, um lado meio jazzístico frio, mas levado para outro lado, sambístico. Então a gente serviu de intermediários entre a Bossa e o Tropicalismo, a cultura de guitarras.

Nas críticas, o pessoal dava uma força, ou malhava?

Muita gente era contra, e alguns eram a favor.

Como eram os festivais, participar?

No comecinho, a gente se viu envolvido, pela classificação de uma música que nós não havíamos composto, e a novidade das guitarras. Então o Gilberto Gil comandou isso, duma certa forma, do lado tropicalista. Então o Festival era assim, até quando nós começamos a fazê-lo sozinhos, depois de algum tempo. Descoberta da nossa parte, que o Gil já havia feito. “Caminhante Noturno” foi a primeira composição nossa concorrendo num festival. Depois a gente foi sabendo porque a nossa música atingia o público, e porque não atingia também.

Como era esse público?

Era um pouquinho variante em relação ao público tropicalista, do público rock’n’roll, Jovem Guarda. Nós tocamos poucas vezes no programa do Roberto Carlos, então havia uma certa falta de ambientação entre o Tropicalismo e o Roberto Carlos com a Bossa Nova. Existia isso, a gente servia de ponte, muitas vezes contrária ao público, e esse se dividia a favor ou contra nós. A gente era classificados a respeito disso, e sempre terminávamos como melhores intérpretes, uma coisa em que a gente chegava perto do líder, nunca na classificação de música.

Qual era a mensagem do Tropicalismo?

Dependia muito de quem era o tropicalista. Era diferente Gil de Gal Costa, do Caetano Veloso, Torquato Neto, Capinam, esse pessoal todo.

No Brasil, existia uma música superior à música estrangeira?

Mas eu não creio atualmente que fosse superior ao que era feito no Exterior: The Mamas & The Papas, Ventures etc.

Mas era uma música que já não era tão careta, era uma música que podia tocar no rádio, e que os jovens podiam consumir um produto natural daqui sem contraindicações.

É, mas também uma música que não era muito unida. Nós raramente ensaiamos com o Gilberto Gil, com o qual tocamos. E nunca ensaiamos com Caetano Veloso, Gal Costa, com todo esse pessoal que tocava no programa *Divino Maravilhoso*.

Mas vocês participaram do primeiro LP da Gal Costa, Só.

Sim! Mas só cantando com ela. Com a Nana Caymmi, igual, também. Então a gente chegava no estúdio e ouvia a fita um dia, ou dois, ensaiava, e lá gravava. Não havia participação na criatividade que envolvesse harmonia, um palpite a respeito de uma parte musical que devia ser mais para um lado envolvente, um lado mais místico, ou outro lado mais sistema. A gente não podia compor, apenas cantava, naquela época.

E quais são as boas lembranças desse período?

Nenhuma que me lembre agora, apenas a eletrônica na música.

231

Vocês aprontavam alguma sacanagem contra aquele pessoal reacionário?

Não! Eu pessoalmente não fazia essa diferença tão tangível, que era mais exposta no Gil do que no restante das pessoas. Eu não era tão crítico a esse ponto; achava que, de uma certa forma, se a música fosse de Bossa Nova, ou tropicalista, samba ou jazz, ou rock mesmo, se fosse boa, era boa. Não fosse boa, era ruim. Não me interessava muito; interessava-me o resultado final do entretenimento.

A visão minha e de várias pessoas é a de que os Mutantes eram psicodélicos, alucinados...

Houve fases, nós durante muito tempo não levamos adiante esse fato Psicodelismo. Começamos a levar mais adiante, a partir da gravação do LP *Divina Comédia* (1970), então começou-se a sentir o psicodelismo na música.

De que maneira o psicodelismo interferiu na música do grupo?

Não tão profundamente, mas no lado criativo que a gente imagina passou a ser mais real um pouco. A música é uma energia meio plasmática, e fica impossível dizer que através disso a gente ficou isso. Eu acho que é muito rotular, esse tipo de visão. Um exemplo clássico disso: hoje fala-se muito de heavy metal, e na minha época, que comecei com Os Mutantes, isso era tido entre nós músicos como

“lenha”. Então, é muito diferente outro termo, fala-se em heavy metal, e eu não entendo, pra mim heavy metal é a orquestra de Glenn Miller. (Risos).

Mas, voltando no tempo, como foi que você começou a tocar piano?

É que eu tinha um piano de cauda em casa, minha mãe era pianista. Comecei com o conjunto no contrabaixo, até que um dia resolvi colocar o teclado, para, de uma certa forma, abranger o lado agudo também, que era mais do Serginho e da Rita. Então abrangi esse lado também. Depois de entrar com o teclado, deixei o baixo, uma coisa que coloria o palco, mas não era o meu íntimo. Tocava muito piano, sem tocar no conjunto. Então nas gravações fazia alguns apanhados de clichês de órgão, mas eu era mais contrabaixista, e passei a ser tecladista.

Qual a sua maior influência nas teclas?

Jimmy Smith, e seu calor sonoro.

Agora aquela pergunta, que é obscura, e o pessoal ainda não leu. Por que você abandonou Os Mutantes?

É, tenho a impressão de que isso ficou um pouquinho difícil de declarar, por meio de certas formas estou tentando colocar isso adiante na imprensa, mas ainda não consegui. Mas declaro agora, foi unicamente devido à amplificação transistorizada. Eu queria amplificadores valvulados e eles não quiseram, então abandonei Os Mutantes.

Quais os seus planos musicais para o presente?

Estão direcionados para o mínimo que é escutado, por todos os seres humanos, e quer dizer em outras palavras que é a máquina som que acompanha a máquina ser humano. Um paralelo entre a ciência, tecnologia e nosso corpo, também uma máquina, de certa forma.

Por que você começou a pintar? Gasta muito tempo com a pintura?

Foi recentemente, uma coisa de dois anos atrás, mais a fundo. Antes eu fazia um quadro ou outro, num ano, ou menos. Mas foi tarde, comecei com 25 anos, creio.

Quantos quadros você tem, em média?

Aqui em casa tenho mais ou menos ao redor de 200 quadros, numa média que não posso dar exata, uns 10% ou 15%, pode ter 230 ou 190, alguma coisa assim.

Como é a produção dos quadros, leva muito tempo?

Não! Cada um depende do apanhado, modo de vista meu. Faço o esquete, desenho como vai ser, apoiado numa ideia. Senti a necessidade de extrava-

sar esse sentimento atualmente. Por exemplo, estou transando um que ainda não pinteí. É a respeito do cigarro, eles produzem monóxido ou dióxido de carbono? Uma coisa que vou expressar a respeito disso com um quadro. Existem muitos tipos de trabalho: a colagem, tinta a óleo, dois tipos de conotação, pintura tipo Rafael, tipo Leonardo da Vinci; não sou profundo no sentido de Bosch, sou mais da Vinci. Então, tem impressionismo e cubismo, tons que envolvem o produto final em colagens etc.

Tem algo de Salvador Dalí?

Tem muito dele no princípio, e tem principalmente um pouquinho mais no meu interior de Maxfield Parrish, que é pintor. Dalí foi o desbravador do Surrealismo, mas o Parrish foi adiante no lado mais de paisagens de perfeccionismo, junto à fotografia. Dalí era um pouquinho distante. Mas é difícil pensar isso, que envolve Dalí e Parrish; ambos são bons no tempo.

Atualmente, na cena musical brasileira, quem você destaca?

Hermeto Paschoal, gosto do estilo dele.

E da antiga?

Num pouquinho do passado, do Lanny Gordin, tocava guitarra com o Gil e o Caetano. O pai dele é dono da boate Stardust, tem um lado musical íntimo meu que vem de ensaios. Eu respeito o lado público, é muito difícil chegar a um entendimento a respeito do Lanny. Ele é uma pessoa mais de boate, músico que entra e toca, não é nenhum star. Só isso engloba a música dele, tipo que não é um cara muito assim Lulu Santos, que é um pouquinho demais nesse sentido. Mas haveria um intercâmbio de Lulu e Lanny, seria o mais próximo da realidade.

O que você achou daquela declaração que o Lulu fez a seu respeito para a revista Bizz?

Muito estrela, o que falta no Lanny, mas faltou a ele um pouquinho do Lanny, ser mais íntimo. Um exemplo disso, que é uma coisa que eu falo mais como músico, o relacionamento que o ser tem com a música: um produto que é resultado dele. Lulu possui uma guitarra perfeita, que nunca usa, então tem a ver com isso, o modo de ser. O Lobão também tem, subir no palco, mas nunca usou, mas tava lá.

E encerrando, qual o título do seu próximo LP?

Deixa Cama! Os Rolling Stones possuem um LP chamado *Let It Bleed* (“Deixa Sangrar”), já os Beatles têm um outro, *Let It Be* (“Deixa Estar”); eu utilizei *bed*; *Let It Bed* (“Deixa Cama”).

Algum recado em especial para os leitores?

Eu li ontem que um intercâmbio entre a música e a ciência servirá de resultado final, que vai trazer soluções contra o apocalipse. Irá chamar-se Após-calipse, essa é a minha impressão.

Por que o final da parceria entre você e Rita Lee Jones?

A parceria teve um lado meio difícil de extrapolar, é um lado mais íntimo. Ela juntou-se a Lúcia Turnbull (que eu aprecio muito), não foi totalmente comigo. Além disso, ela possuía um lado artístico meio difícil de acompanhar, mas era bonito/sonhador nesse sentido poético/místico. Foi nesse sentido que a parceria desencaminhou, não houve concordância. Um exemplo disso, o fato dela gostar da marca Grestch, e eu gosto de guitarras Gibson, que tem muito a ver com guitarras, e envolve a composição também.

1990

- Ao contrário dos anos 80, o mercado de artes já não absorve tão bem a nova produção. Em contrapartida, há a abertura de vários centros culturais e a revitalização dos museus, permitindo, pelo menos, a apresentação das obras. Pluralidade de linguagens, instalações como destaque, suportes quebrados. A geração 90 aponta para várias direções, indo da pintura tradicional à criação de objetos de vanguarda.
- No início deste ano, Denise Werneck e Lizzie Bravo viajam sete horas, de carro de Nova Iorque a Pittsburgh, para ver duas vezes o show que Paul apresentaria no Maracanã.
- “Eu lembro de estar deitado numa banheira no Royalton Hotel, pensando: Bom, estou acabado, agora. Eu perdi o prazo. Eu não consigo fazer nada. Minha vida profissional está acabada. Foi aí que eu comecei a arrancar as páginas do caderno. Eu havia descoberto recentemente o fax. Foi como mágica para mim. O artigo sobre o Derby foi para as prensas direto das páginas do meu caderno.” (Hunter S. Thompson)

Circularam boatos de que o músico leva uma vida vegetativa em Minas. É mentira. Ele escreveu um livro, “Entre os Rebeldes”, e revisa sua biografia, “Balada do Louco”, escrita por Mário Pacheco e ainda sem data de publicação. Começou a pintar. Lançou em 1987 um LP independente, “Disco Voador”, pela Baratos Afins. Supervisio-

De 1982 para cá, sua vida tem sido um mistério. Retirado do mundo, Arnaldo criou o seu próprio nesse pequeno sítio. Tem recobrado a memória de maneira surpreendente e, durante esses quase sete anos, ao contrário do que muitos devem pensar, está longe de levar uma vida “vegetativa”. Escreveu um livro, *Entre os Rebeldes*, revisa outro, uma biografia sua, escrita por Mário Pacheco — *Balada do Louco* — continua compondo, pinta e expõe seus desenhos por toda a casa, alguns realmente fortes em forma e textura, vai ao cinema, visita a capital mineira, conversa com a vizinha sobre astrologia, frequenta os bares da cidade, se encontra com a nova geração de músicos de Juiz de Fora — chegou até a dar uma letra. “Numas”, para um grupo que leva o nome de Mamute, uma sugestão sua — e lançou, em 1987, um LP chamado *Disco Voador*, pela Baratos Afins.

F. S. Paulo, 2 nov. / 1989 – Revista Bizz, 1990

Janeiro

- Retornando de uma viagem à Índia, Tibet e Holanda, Philip Glass começa a escrever as partituras de um espetáculo dramático-musical, baseado nas poesias que Allen Ginsberg escreveu do início da década florida até o ano citado, enfocando questões relacionadas à guerra do Vietnã e aos movimentos civis norte-americanos.

Março

- **Playboy: Mas o senhor chegou a ser um beatlemaníaco?**
Collor: Ah, sim... Tinha todos os discos deles, tudo o que era publicado a respeito deles. Conheço – não diria profundamente, mas bastante bem – toda a carreira dos Beatles, toda a sua discografia. *Sgt. Pepper*, de 1967, exerceu uma influência muito grande, pelo tipo de música, pela letra inovadora, pela crítica. Foi o primeiro disco crítico dos Beatles. E até a morte do John Lennon eu acompanhei de perto a vida e o trabalho deles.

12 mar.

- Sarney, em apenas um dia, antes de deixar o poder, assina 45 concessões de emissoras de rádio.

16 mar.

- O grupo de sistematização do Governo Collor extingue a Embrafilme e suspende a Lei Sarney, mecanismo de incentivos fiscais.
- Confisco: O Governo Collor lança o primeiro plano econômico.
- *O Despertar da Besta* (José Mojica Marins). “No ano seguinte, de novo sou chamado pela *Embra* para ser ressarcido de meus prejuízos, e também para marcar o lançamento... para 1990. Finalmente eu iria colher os frutos

de tanto trabalho, tropeços e injustiças. Chega 1990, e com ele a posse do novo presidente da República, Fernando Collor. Um novo governo, novas leis... A Embrafilme é extinta, não existe mais. Meu sonho cai por terra outra vez. A minha obra atinge a maioria – 21 anos! – e continua oculta. Sinto-me como o único sobrevivente de uma guerra nuclear, que tem o mundo nas mãos – só que é um mundo que de nada serve, transformado que está em lava incandescente... E agora, José?” (José Mojica Marins).

27 mar. a 1.º abril

- A mostra *Tempo Glauber*, depois de percorrer praticamente todas as capitais do país, chega a Brasília, na Cultura Hispânica. Promoção do projeto Filmoteca Sesc/RJ, incluía vídeos, áudios, fotos, livros, artigos, pensamentos, curiosidades, vendas de camisetas, e os filmes *Barravento*, *Deus e o diabo na terra do sol*, *Terra em Transe*, *O Dragão da maldade contra o santo guerreiro*, *O Leão das sete cabeças*, *O Pátio e Cabeças Cortadas*. Após as exhibições, aconteciam mesas-redondas e debates, organizados pela Sociedade dos Amigos do Cine Brasília. Última semana de março
- William Burroughs está presente à inauguração do 10.º Salão do Livro em Paris. O escritor, de bengala branca e chapéu, adentrou o aristocrático Grand Palais ao lado do ministro da Cultura, Jack Lang.

Abril

Decreto de Collor dá visto para Judith Malina

A fundadora do Living Theater, Judith Malina, chegou ontem de manhã ao Brasil para participar de workshops do *Festival Internacional do Teatro*, em Campinas. Sua entrada foi autorizada por um decreto do presidente Fernando Collor, da última terça-feira, que revoga o outro decreto, de 27 de agosto de 1971, referente à expulsão de Judith do território nacional. Os workshops acontecem no sábado, dentro da programação do festival.

- Albert Goldman escreve para a revista Penthouse que Pamela Courson, amante de Jim Morrison por muitos anos, chamou ao telefone a cantora Marianne Faithfull e o playboy francês Jean de Breteuill, em estado de pânico: “Jim está no banheiro, e a porta, fechada por dentro, não posso chegar até ele”, teria gritado. Quando os dois chegaram ao lugar de onde os chamou Pamela, conseguiram abrir a porta, e encontraram Morrison morto. “Pamela admitiu depois”, disse o escritor, “que Jim tinha ido com drogas para o banheiro.”

20-21 abr.

- Maracanã. Rio de Janeiro. São realizados dois shows da excursão *Paul In Rio*. 184 mil pagantes, o maior público já registrado em um show de artista solo. Paul e Linda são acompanhados por Chris Whitten, bateria; Hamish Stewart, guitarra, contrabaixo e vocal; Robbie McIntosh, guitarra e vocal; e Wix, ou Paul Wickens, teclados. Richard Lester também andou filmando.

25 abr.

- A guitarra Fender, modelo Stratocaster, favorita de Jimi Hendrix, usada em Woodstock, é leiloada em Londres pelas casas Sotheby's e Christie's. A mesma aparece na capa do álbum *Rainbow Bridge*. Ao ser leiloada, a guitarra estava em ótimo estado de conservação, apesar de possuir uma rachadura acima do diapasão. Hendrix a havia dado de presente a seu baterista, Mitch Mitchell.

Maio

- Yoko Ono, Linda McCartney, Olivia Harrison e Barbara Bach enviam um comboio carregado com medicamentos e alimentos para a Romênia. É a primeira remessa do fundo “Anjo Romeno”, criado por elas.

Junho

- Conic. No meio do ano, conheço Pezão, vendendo sua apostila *Paraíso dos Frigidgelados*. Na capa, um desenho do Senado transformava seus anexos numa Serpente-Cérbero, armando o bote pra cima dos flagelados no gramado da Esplanada.

15 jun.

- Em Paris, numa retrospectiva da obra de Andy Warhol na era Factory, que aconteceu na Cartier Foundation, todos os integrantes do Velvet Underground colaboraram para a exibição com objetos pessoais e documentos. O planejado era só Lou Reed e John Cale tocarem cinco músicas de seu disco-homenagem, *Songs for Drella*. Mas logo depois de “The Style It Takes”, Lou anunciou: “Temos uma surpresa para vocês...” Moe Tucker, de óculos escuros, sentou na bateria; um magricela de rayban e botas de caubói pegou na guitarra: Sterling Morrison. Juntos, os quatro tocaram uma única música, o clássico “Heroin”.

Julho

- Luto: Cazuza morre de Aids, aos 32 anos.
- Roger Waters organiza um concerto em Berlim, onde são executadas as faixas do LP *The Wall*, sem a presença dos atuais integrantes do Pink Floyd.

19 agosto

Polícia entra em cena e vira coadjuvante

José Mojica Marins – Especial para o Correio Braziliense

(...) Polícia em cena – A cena é a de um grupo de jovens estudantes viciados. A filmagem parecia decorrer na normalidade; a vizinhança porém estava apavorada. E em meio à tomada, em que um dos estudantes fumava maconha, irrompe no local um grupo de policiais, liderados por Fleury (que depois se transformaria no conhecido delegado) e pelo hoje ex-policia Fininho, além de um terceiro investigador. Os policiais invadiram o set armados de metralhadoras, colocando toda a equipe contra a parede e iniciando a revista. Eu, de braços erguidos, tentava explicar o engano para os indiferentes policiais. Apesar do desespero da situação, não deixo de observar um deles, o terceiro homem no comando, notando que ele tem alguma semelhança com Jô Soares. Estranha coincidência, pois naquele mesmo dia eu havia conversado com Jô sobre a possibilidade da sua participação no filme, contracenando com Ítala Nandi. Uma ideia surge em minha mente, e eu tento convencer o policial a participar do filme... É só aí, e percebendo minhas enormes unhas, que eles caem em si. Após as devidas explicações, eu consigo que aquele policial não só se torne meu assessor em relação ao tema dos tóxicos – a sua especialidade –, como que venha a participar do filme, no papel que estava reservado para Jô. No que ele, por sinal, saiu-se muito bem. Os outros policiais também concordam em colaborar, realizando várias cenas de prisão de traficantes e viciados. Os atores-policiais levaram tão a sério as cenas que um dos integrantes do elenco acabou com uma costela quebrada (acidentalmente).

Setembro

- Carlos Vergara realiza mostras individuais no Paço Imperial (RJ), apresentando 20 telas de grandes dimensões, e na Galeria Ipanema (RJ). Por ocasião desta exposição, o crítico Paulo Sérgio Duarte escreve o texto *Uma Noite Matriz do Dia*, no qual se refere à dupla direção tomada pela pintura atual do artista: “O processo de trabalho de Vergara se encontra num momento onde sua pintura se expande, ao mesmo tempo, em duas direções diametralmente opostas. De um lado, o elogio da transparência na comemoração do fato plástico, de outro, uma expressividade impregnada a partir da própria matéria, que na sua opacidade sombria apresenta um drama. (...) Num extremo, o sentido gráfico construtivista será acrescido de elementos expressivos (...) No outro extremo, um cenário está dado e, digamos, energizado por uma história mítica da técnica da pintura (...) O que se anuncia, nos dois extremos, é o elogio do aparecer da pintura no próprio ato pictórico (...)”

Outubro

- The Mamas & The Papas, com John Phillips, Scott MacKenzie (“San Francisco”), MacKenzie Phillips (filha do sobrevivente John Phillips com Michelle) e Spanky McFarlane, ex-integrante de Spanky and Our Gang, apresentaram-se em São Paulo, em bailes da saudade, no Palladium, depois em Taubaté, Santos, São Bernardo, e a última esticada até os ginásios do Banespa e do Sírío, em São Paulo, e Teatro Nacional de Brasília.

O legendário John Kay volta à cena do blues-rock puxando o uivo original da primeira fase do Steppenwolf. O nome de John Kay ganhava destaque e evidência na banda lançada por ele no final dos anos 60.

2 out.

- Mick Taylor no Teatro Jardel Filho.

4 out.

- O Death Slam é formado exatamente neste dia por Fellipe “Cara de Cachorro”, vocal e latidos – ex-H.C.S.; Oswaldo, contrabaixo; Wilson “Gordinho”, bateria – ex-Destroços; vindo a completar sua formação com a entrada do amigo Milton, na guitarra. Death não rotula o seu som, mas sofre influências de bandas como Hellhammer, Necrophagia, Napalm Death, Carcass, Toy Dolls e Olho Seco. A intenção do Death Slam é através de sua música unir as tribos heavies, hardcores, grinds e punks. Suas letras cômicas ou não relatam a realidade crua e pura.

239

Novembro

- Lançamento do vídeo *Maldito Popular Brasileiro*, dirigido por Patrícia Moran, reproduzindo o quadro de Arnaldo *Let It Bird*.

28 nov.

- *Lygiapape*, vídeo dirigido pela cineasta Paula Gaetan. com fotografia de Dib Lufti. Cor. Quarenta e três minutos. É exibido no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo. Construído como um exercício gestáltico, o vídeo é uma procura incessante pelos estados imantados que produzem a energia geradora da arte.

Impressos

- Koellreuter, H. J. *Terminologia de Uma Nova Estética da Música*. Porto Alegre: Movimento.
- *Riders On The Storm – Minha vida com Jim Morrison*, assinado pelo ex-baterista dos Doors, John Desmore, é lançado no final do ano.

Discos

- Melanie, lança um disco...
- Crosby, Stills, Nash, sem Young, lançam *Live It Up*.
- Neil Young lança o LP *Ragged Glory*.
- *Songs for Drella* (LP). Primeiro disco em conjunto de Lou Reed e John Cale em mais de vinte anos. Tributo a Drácula e Cinderella, o apelido Drella, pelo qual era conhecido Andy Warhol. O disco? Uma obra-prima.
- O som do Thirteen Floor Elevator é redescoberto. R.E.M., Jesus & Mary Chain, Primal Scream e ZZ Top encabeçam o tributo a Roky Erickson, batizado de Where The Pyramid Meets The Eye.
- Sai o LP póstumo de Nico, *Hanging Gardens*, com suas últimas gravações.

Imagens em movimento

- Wilson Grey recebe o prêmio mais importante – o de melhor ator – no Festival de Brasília por *O Segredo da Múmia*, em que era protagonista.
- Cenas da vida de Andy Warhol, *Amizades & Interseções*, de John Mekas. A vida e (pop) arte de Andy Warhol ganham, na escritura descontínua e esboçada de Mekas, nas imagens tremidas, fragmentadas e inapreensíveis de sua Super-8, uma estética (hoje apropriada pelo videoclipe) que lhe é propícia. Abrangendo um período que vai (e volta) de 1966 a 1981, traz o registro da primeira aparição pública da banda Velvet Underground, cobrindo algumas das exposições mais importantes de Warhol e algumas das festas mais badaladas da época, tudo a dezesseis quadros por segundo.

O AUTOR

JBr, 31 dez. / 1991

Mário Pacheco é estudante de História, tem 27 anos e trabalha na área de Saúde do GDF. Fil de Arnaldo e conhecedor profundo de boa parte da história do rock brasileiro, ele diz que "nasci numa paulista desvairada. País dos Bauretz, a 27 mãos bem vividos".

Morador do Guard, ele se define profissionalmente como "atualmente vivendo dias estranhos num escritório em Brasília até terminar o curso de História". Mas seu grande sonho é "montar um selo independente e lançar álbuns inéditos dos amigos, inclusive do Arnaldo. Essa é minha grande ambição".

Dominador das palavras: Mário Pacheco possui cacife suficiente, por sua experiência com leituras e audições do rock, para segurar a barra de ser crítico ou analista do assunto para um publicação especializada. "Ainda não colaborei em revistas e nem participei de antologias, apenas escrevi em alguns fanzines e publiquei matérias em jornais por aí".

Ele explica que seus textos não atingem uma cetera e ironia que a produção nasce natural e matinalmente "numa bendita Oliveira manual". Mário diz que muita coisa que escreveu ainda está engavetada e estende-se, avisando, que "muita coisa ainda será redigida".

Trabalhando sob o lema de "transformar a vontade em realidade" ele é um daqueles tipos que sur-

RECOMENDO...

Divulgação



Mário Pacheco, 27, biógrafo, autor do livro *Balada do Louco* — "Se você quer ser guitarrista de blues eu recomendo a audição do *Live in Europe*, de Rory Gallacher. Ele é contemporâneo do Clapton e do Page. é um irlandês fantástico. Agora, se você está apaixonado e não é correspondido eu recomendo o *Lóki?* do Arnaldo Baptista. Mas se o seu negócio é sadomasoquismo ouça *Mentecaptus Eróticos*, uma banda de São Paulo que tem um disco chamado *Demo-LP*, é um mix. Eles fazem hard punk. Mas se você não entendeu nada do que eu disse procure pelo Nei Lisboa, qualquer disco dele te explica isso".

JBR, 12 JAN. / 1992

Mário Pazcheco – Balada do Louco – Arnado Baptista do desengano em direção à vida. Alex Luiz (Site Hum Eletrônico)

Balada do Louco é uma biografia do mutante Arnaldo Baptista que vale muito a pena. Seu autor Mário Pazcheco, antes de entrar propriamente na vida do músico, retorna aos primórdios da formação dos Mutantes, falando um pouco de cada integrante do grupo, e abrindo para o impacto que a banda teve diante da MPB, que tinha problemas com guitarras eletrificadas, e se chocava, com roupas surreais e o ímpeto adolescente, que não mostrava nenhum respeito por esses padrões de brasilidade rala, mostrando que na música esse tipo de limitação era apenas bobagem.

A força cultural dos Mutantes e sua representatividade diante do cenário musical é notável, não necessita de minhas explanações para seu entendimento total, e o sabor da narrativa que Mário Pazcheco nos apresenta um dos pontos positivos do livro, muito bem embasado em variadas pesquisas, notáveis pelo número e minuciosidade das informações.

Quando Arnaldo deixa o grupo é que o livro se foca mais nas suas experiências e projetos pessoais, denotando um texto apaixonado e inclinado para os adjetivos de Arnaldo Baptista que, além do seu trabalho com os Mutantes, também participou da Patrulha do Espaço, outro projeto musi-

cal, compôs seus discos solos, ainda pinta quadros naïf e escreve contos de ficção científica, que serão publicados ainda, mas que no final dessa publicação é possível encontrar uma de suas histórias, *Apreciadores da Lua*, que aparece em duas versões, uma original escrita em inglês e outra devidamente traduzida.

O subtítulo do livro *Arnaldo Baptista – do desengano em direção à vida* mostra também que essa biografia não é feita só de flores, e mostra a dura trajetória de Arnaldo Baptista diante da vida onde, por exemplo, em um acidente, depois de ser internado, caiu da sacada do 3.º andar do hospital em que se encontrava, quebrando sete costelas, obtendo um edema cerebral e outro pulmonar, uma lesão do braço esquerdo, além de várias outras espalhadas pelo corpo. Entretanto Arnaldo Baptista com forte perseverança escolheu a vida e os infortúnios e vicissitudes e paradoxos que ela contém para alongar e consolidar com mais beleza toda sua obra, mais que pertinente.

As 210 páginas oferecem muitas fotos de época, sua discografia e informações, que alicerçam não só o caminhar de Arnaldo Baptista, mas o livro coloca e encaixa mais um tijolo na memória da música brasileira.

Correspondência entre o fã e seu ídolo ou material histórico?

Aos pesquisadores, posso disponibilizar minha correspondência pessoal com Arnaldo Baptista. Nada de grandes revelações, escândalos ou perguntas embaraçosas. Também podem ouvir o áudio na íntegra da minha entrevista com Arnaldo Baptista, e consultar vasta reportagem impressa no Brasil sobre ele, além de vários originais inéditos da obra escrita pelo mutante. Depoimentos de peso foram dados por Luiz Carlos Calanca, produtor do selo Baratos Afins, e pelo baterista de Arnaldo & Patrulha do Espaço, Rolando Castello Jr., ambos publicados na íntegra.

Ninguém jamais o apontou como um “compêndio de mentiras”, somente um incauto ensandecido faria isso. No futuro, o texto do livro *Balada do Louco* será revisado e reescrito em parceria com Cláudio César Dias Baptista, que apontou várias facetas novas e corrigiu distorções.

os ritmos do re-re-re" que são maravilhosos. Esta tudo fermentado no rock brasileiro".

Nesse mês ainda no apartamento em Pinheiros de cigarro em punho daria mais detalhes de seu salto para a morte naquele fatídico dia 1, para Walterston Sardenberg Sobrinho da Manchete: "Tenho a consciência de que pulei para fugir do manicômio. Tinha uma visão de que era muito difícil sair de lá. Dormia cercado por quatro loucos e muitas enfermeiras. Os remédios... Ai... Fugi... e nunca mais voltei".

"É um reaprendizado. Tenho que aprender o que já sabia... Até eu me casar com a Lucinha". (lin dissímol)

"A alegria depende do nível de criatividade da pessoa. A arte é a melhor profissão que há no mundo. A vida está tão ruim que só a arte se salva e é uma coisa boa. Até na guerra os artistas vão para en-

Acima fac-símile de uma passagem crucial do texto original da biografia Balada do Louco, revista, com observações finais do próprio Arnaldo Baptista

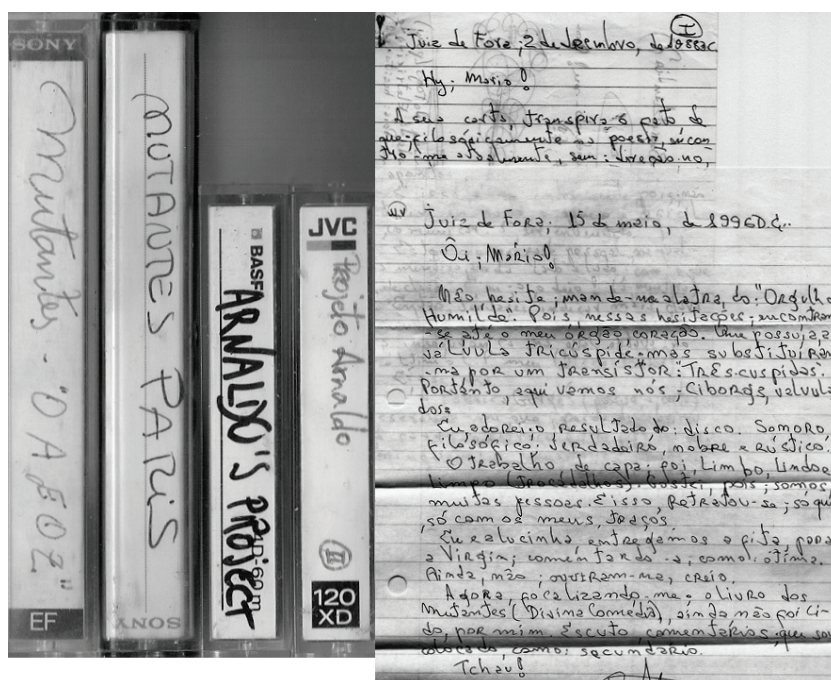


'Entre!?', 'Contrastes', 'Sabor do Saber', 'Jatos de Energia Retilíneos', 'Rebelde Entre Rebeldes' e 'Sendo': seis originais inéditos do artista... Gula jornalística satisfeita

1991

Inglaterra

- A Apple é reativada.
- Seis décadas já se passaram desde que os químicos suíços Albert Hofmann e Arthur Stoll inventaram o LSD, e trinta anos desde que San Francisco foi palco de uma das mais devastadoras mudanças de comportamento do século. Ao invés do ácido lisérgico, as smart drugs – algo como drogas espertas – fazem parte da onda, que começa em San Francisco e se espalha pelo mundo.



Fitas inéditas: shows 'Shining Alone', de Arnaldo Baptista no Tuca em 1981, 'O A e o Z', 1973, e 'Mutantes em Paris, 1970; providenciaram o suporte musical para a feitura da biografia 'Balada do Louco'. Entre dezembro de 1988 a maio de 1996 – oito anos de correspondências esporádicas

- “As drogas me foram úteis, mas também, obstáculo. As psicodélicas me mostraram milhões de universos diferentes, mas foi muito difícil me livrar da heroína.”
- Vinte anos depois, um incrédulo Jerry Garcia ainda relutava, mas acenava com uma explicação para os fanáticos que viajavam milhares de quilômetros para participar de um show do Dead – os deadheads consideravam

uma experiência cármica. “Estamos chegando aos cinquenta, e me pergunto: de onde vêm esses garotos que lotam os shows? O que eles vêm de fascinante nesses velhos cretinos que sempre tocam a mesma coisa? Talvez não haja mais diversão e aventura neste país. Talvez nós sejamos a última aventura.” Jerry Garcia.

- Ten Years After com a formação original sai da estrada, e se separaram novamente.



BALADA DE UM LOUCO, de Mário Pacheco, 1991. (QE 32 Bloco A - L. 15 - Guará II - Brasília/DF- 71065-611)

Mário Pacheco fez um livro de fã, fiel ao estilo colágeno-tropicalista-experimental d'*Os Mutantes*, mais especialmente Arnaldo Baptista. O caminho escolhido é o da pesquisa com depoimentos de pes-

soas que conviveram com o grupo mas com a superposição de fragmentos analíticos. A história está toda lá, a partir do encontro de Rita Lee, então crooner do *Teenager Singers*, com Arnaldo, contrabaixista nos *Wooden Faces*. A gênese d'*Os Mutantes*, o encontro com os baianos, os festivais, o confronto com o público conservador, o sucesso, a doideira, a separação, as dificuldades, a queda e a equilibração do Arnaldo são descritos no livro, com fotos, em estilo diferente do da reportagem tradicional (faltou uma revisão mais rigorosa não só na gramática-pontuação, concordância, essas coisas- mas também na própria estrutura do texto, que às vezes fica um pouco confuso). Sente-se o envolvimento do autor e sua identificação com a linguagem d'*Os Mutantes*. Há trechos que fogem do estritamente biográfico para serem poéticos, como se tivessem sendo escritos de maneira impressionista, onde a luz não é mais factual, mas o da reexperiência. Assim são passagens que falam da solidão, do desespero na droga... Mas não faltam informações objetivas, interessantes para quem quer saber mais não só sobre o grupo mas também sobre música no Brasil (relação MPB/rock, a interferência da política, performances culturais, instrumentos eletrônicos e por aí vai).

Trechos do livro:

Para eles, as palavras amor e dor estavam gastas e por isso eram evitadas. Dividiam as palavras em grupos; segundo a estética deles, as palavras bonitas são: musculoso, libélula, lâmpada, sapato, cabelo, olho, mão, relógio, fio, pingente. Palavras feias: cadeira, piano, toalha, almofada, nariz, orelha. Após essa triagem, encaixavam as palavras na música e montavam a estória da letra.

“Tento tangenciar o quanto existe de diferença entre os amplificadores valvulados e os transistorizados. Quando, acima de 75% de volumes graves e agudos também decai em 35 a 45%, o som sub-harmônico em relação à nota dó. E tudo pode parecer infimo agora, mas num show acima de 6000

watts fica enormíssimo! O som decai em grande escala. O que prejudica em muito o tecladista. Então pedi ao meu irmão Cláudio César Dias Baptista (CCDB) que construísse amplificadores valvulados para mim, e ele respondeu que não iria construir amplificadores valvulados nunca. Então eu disse aos *Mutantes*, eu vou abandonar-vos! E eles nem ligaram ou fizeram o que eu queria. (Arnaldo)”

A *Balada (Balada do Louco)* tem de ter uma simetria perfeita para depois tornar-se um hino a uma geração oprimida que recebia pressões de todos os lados e tendo assim, como única alternativa, planar por sobre as hipocrisias e optar pelo bucolismo, mais que um simples sucesso dos *Mutantes*, uma ode ao desprendimento da matéria. (...) A canção mais singular e significativa que os *Mutantes* criaram, pois no início eram seres originários da ficção e nas suas trips pelos altos e baixos do show-business deram a inspiração exata, só que Arnaldo levava muito a sério e ia fundo nos mistérios e de repente se viu assim jogado de encontro à parede sem apoio para agarrar-se.

“Arnaldo é um dos pioneiros no uso do órgão Hammond, e o primeiro músico brasileiro a ter uma caixa Leslie, união perfeita entre o órgão e a amplificação, resultando num som mais bonito.”

Como um vampiro de hábitos noturnos, cravou a estaca de metal na veia e desmaiou por uns minutos. Sabia não convencer seus atos a desobedecer os fatos, o sangue se misturou e retrocedeu aos canais, circulando a insanidade e a tranqüilidade apática e profunda pelo corpo até o cérebro. Novas convulsões, e alucinado cortou o tórax com uma navalha.



QUADRINHOS DA PARAÍBA - 30 anos de história, Juca Pontes (editor), s/data (provavelmente 1993).

Sem endereço para contato, maiores informações: Emir Ribeiro (cf. Velta)

Oito quadrinhistas mostram seu trabalho, representando diversas tendências da HQ na Paraíba. Assis Vale faz o personagem Cuca, um desenho extremamente simples que segue a temática “turminha infantil”, com todas as neuras e tipos característicos. O espaço (quatro páginas bem-impresas em tamanho A4 e papel de 150g), porém, não é muito bem aproveitado pois as histórias apresentadas estão fragmentadas, emendadas sem uma lógica aparente. *Flama*, série desenhada por Deodato Borges a partir de 63, é um super-

Janeiro

- *Rock In Rio II*. Serguei conquista o público, fez o que prometeu naquela noite com Luís Melodia, pediu para a plateia sentar antes de cantar “Summertime” e, no final, desceu de microfone em punho para cantar no gramado. – Foi emocionante! Não foi vaiado pelos metaleiros, e ainda saiu no lucro gravando o LP *Serguei* (BMG) – não o definitivo...
- Tim Maia lança LP com composições da Bossa Nova, incluindo “Garota de Ipanema” (em inglês), “Eu e a Brisa” e “Wave”.
- Wilson Grey sofre dois derrames. Por conta de seu estado de saúde, há mais de um ano, as internações de emergência passaram a ser constantes na sua vida.

Fevereiro

- Wilson Grey não aparece na cerimônia de entrega do Prêmio Golfinho de Ouro, no Teatro João Theotônio. O diretor Ivan Cardoso, o primeiro a lhe dar o papel protagonista, em *O Segredo da Múmia*, o representa, recebe o troféu e o cheque de Cr\$ 53 mil.

Fevereiro a outubro

- Cotidianamente, eu vou à gráfica e espero pelo fim do mês para vencer as etapas. Paga a composição do livro *Balada do Louco*, restava fotolito, chapa, tintas, uma tonelada de papel para miolo e capa, acabamento, plastificação e refilamento, tudo sob o impacto inflacionário do Plano Collor! Aprendi mais do que em qualquer semestre de faculdade.

Abril

- Os Ramones voltam ao Brasil, para uma nova turnê.

16 junho

- *Éramos rebeldes com causa* (Sérgio Toledo é cineasta, autor de *Vera*)
Filme *The Doors*, de Oliver Stone, reduz os anos 60 e Jim Morrison à loucura narcísica de uma tribo esquisita.

14 julho

- Madame Terra, nas imediações do Aeroporto de Congonhas.

Agosto

- Timothy Leary trabalha numa empresa dedicada à criação de games interativos, que podiam ser reformulados pelo próprio usuário, durante as partidas.
- Nirvana abre para Sonic Youth, no festival europeu, que inclui um marco, a performance no *Reading Festival*. A turnê é documentada no filme *1991: The Year Punk Broke*.

20 ago.

- Em homenagem aos dez anos da morte de Glauber Rocha, ocorre o seminário-mostra *A Morte e A Morte de Glauber*, na Sala Cinemateca, em São Paulo. Além dos filmes de Glauber, filmes que ele gostava: *Encouraçado Potemkin-Bronenozets Potiomkin*, 1925, de Eisenstein; *Un Chien Andalou* e *L'Âge D'or*, ambos de Buñuel; *Made in USA*, de Godard; *Morangos Silvestres*, de Bergman; e *Hiroshima*, de Resnais. E mesa-redonda, com Arnaldo Jabor e Zuenir Ventura.
- *Terra em Transe* abre a mostra *Filmes com a câmera na mão*, na Cinemateca do Mam, no Rio de Janeiro.

21 ago.

- Deep Purple – Teatro Olímpia-SP.

22 ago.

- *Mostra Glauber Rocha* – Gênio da Raça, no Espaço Cultural do Shopping Bougainville, em Goiânia.

9 a 15 setembro

- Cine Brasília, um mês após os dez anos de sua morte, Glauber Rocha é reverenciado com um ciclo de filmes e debates. Os debates são realizados no Hotel Kubitschek Plaza.
- São editados os suplementos Ópera Glauber, edição especial do jornal Fogo Cerrado, e outro, do Correio Braziliense, valorosos subsídios.

247

24 set.

- *Nevermind* é lançado!

Outubro

- Sweet Sin: Eduzinho, guitarras; Andria Busic, contrabaixo; e Ivan Busic, bateria.

5 outubro

- No 29.º *New York Film Festival*, em sessão especial, é exibida a cópia restaurada de *Terra em Transe*, com nova tradução e legendagem. Cortesia do cineasta Martin Scorsese. O festival apresenta “uma ou duas sessões retrospectivas de filmes recuperados ou restaurados”.
- Em Los Angeles, a nova cópia de *Terra em Transe* é exibida no Directors Guild of America e Pacific Film Archive. Em Washington, a exibição acontece na National Gallery of Art.

12 out.

- *Nevermind* é certificado como álbum de ouro.

Novembro

- Nirvana começa uma turnê europeia de seis semanas, enquanto a mania Nirvana varre os Estados Unidos. A MTV coloca no ar “Smells Like Teen Spirit”, e a canção é aclamada como um hino para uma geração.

Impressos

- É lançado o livro póstumo *La Vie En Close*, de Paulo Leminski.
- Lou Reed inclui duas entrevistas no livro *Between Thought and Expression* (“Entre pensamento e expressão”), Editora Hyperion. Na primeira entrevista feita em Praga com Václav Havel, o recém-eleito presidente da Tchecoslováquia comenta como a música do Velvet Underground foi considerada subversiva durante anos em seu país, e dá a Lou Reed uma antiga edição clandestina, com 200 letras de suas canções, traduzidas para o tcheco. Na segunda entrevista, o escritor americano Hubert Selby (*Last Exit to Brooklyn*, que Lou Reed adora) tem sua inclusão justificada por uma única frase. Selby acaba dizendo que se sentiu como “um grito olhando para uma boca”. É a melhor definição para as letras de Lou Reed publicadas sem acompanhamento.
- O jornalista Peter Watkinson lança *Crazy Diamonds* na Inglaterra. O livro traz a história de um fazendeiro de meia-idade, chamado Syd Barrett, que recebe telefonemas do mundo todo.

Discos

Abril

- Os Rolling Stones lançam o LP *Flashpoint*, registro da turnê *Steel Wheels*.
- Sai a caixa *Back to Mono*, com mais de 60 produções de Phil Spector.
- É lançada a coletânea *Shaking The Tree*, que registra a carreira de Peter Gabriel.
- Paul McCartney lança *Unplugged*, gravado num programa da MTV, e compõe sua primeira peça erudita: *Liverpool Oratorio*. O álbum de covers *Back In The URSS* é relançado mundialmente.
- Neil Young lança o ao vivo *Weld*.
- Soup Dragon, Happy Mondays, Charlatans (até na alcunha) e outros tentam recriar com ecstasy, samplers e alta tecnologia digital de 72 canais a atmosfera lisérgica dos 60s – só que na pista de dança. Os novos grupos aperfeiçoam o revival na trilha psicodélica.
- Ultraje a Rigor se desintegra. Para remontar a banda, Roger convida Sérgio, baixo e Flávio Suete, bateria.

- Paralamas do Sucesso lançam *Os Grãos*.

Imagens em movimento

- A adaptação de *Naked Lunch – Almoço Nu (Mistérios e Paixões)*, do discípulo canadense David Cronenberg, leva a obra de William Burroughs às telas.
- *Supertars: The Life and Times of Andy Warhol*, 1991 (documentário).

Março

- *The Doors* – (Estados Unidos, 1991) – Direção: Oliver Stone. Com Val Kilmer, Meg Ryan, Kyle MacLachlan, Michael Madsen, Bill Idol. Este filme sobre a vida e morte de Jim Morrison gerou acirradas polêmicas, e certamente não foi a última palavra sobre seu não menos polêmico inspirador. Segundo Ray Manzarek, que odiou o filme: “Oliver Stone esqueceu-se de que Jim era um poeta!”

Obituário

20 abril

- Steve Marriott, guitarrista e vocalista do Small Faces e do Humble Pie, morre aos 44 anos de idade, carbonizado, devido a um incêndio ocorrido em sua residência. Ao que tudo indica, Marriott já estava deitado, quando resolveu acender um cigarro, porém, devido à bebida, misturada com tranquilizantes, o músico acabou dormindo, enquanto o cigarro caía sobre a cama e iniciava o incêndio, que se alastrou pelo quarto, e levou cerca de quatro horas para ser controlado.

249

27 maio

- Sérgio Santana morre. A Patrulha do Espaço perde o baixista, compositor e cantor.

25 outubro

- O empresário Bill Graham, cujo nome verdadeiro era Wolfgang Grajanka, nascido em Berlim, em 1931, morre em um acidente de helicóptero.

24 novembro

- Freddie Mercury morre aos 45 anos de idade.

31 dez.

- *Visões de um louco embalado pelo rock*
Rodrigo Leitão, *Jornal de Brasília*

Fã lança biografia de Arnaldo Baptista, o mutante que deu sangue e suíngue ao pré-histórico rock brasileiro

1992

Janeiro



Sonho realizado: no estúdio com a Patrulha do Espaço! Foto: Grace Lagôa

250

- Voo para São Paulo para a casa da fotógrafa Grace Lagôa, onde conheço o guitarrista Xando Zupo. Talvez pela proximidade de nossas idades, nossas ideias eram leves. Coincidiu de ele nos convidar para a gravação do novo disco da Patrulha do Espaço! Rolando Castello, eu o havia encontrado num barzinho à noite, e ele repetia: Como é bom você estar aqui! Ele estava bastante ocupado, e não foi possível visitarmos alguns sebos. Júnior ganhou de presente uma fita do Captain Beyond. Eu sabia que junto com Júnior estava Rubens Gioia na guitarra (se não me engano, retornando especialmente para esta gravação). Agora a banda possuía dois guitarristas. E na Brasília branca da Grace rumamos para Santo André, para o estúdio, ver participar da gravação ao vivo do sonho eterno rock'n'roll! O baterista Paulo Zinner, além de assessorar os técnicos de palco, dava uma força na produção do disco, e ainda tocou bateria em "Arrepiado". Nesta balada, nós vimos Paulo Zinner acompanhar a Patrulha do Espaço. Percy Weiss, que a gravara originalmente, esquecera uma estrofe – talvez por isso ela não tenha sido incluída no disco. Ao cantar, ele abaixava e girava o corpo, e headbanguava a cabeça e girava os cabelos. Renê Seabra (†) economizava nas notas. É um baixista pesado, com toques e piques totalmente rock'n'roll, sem firulas, apenas uma parede de graves. Rubens Gioia exibia uma técnica exuberante, demonstrando uma agilidade incomum nos acordes, deslizan-

do nas bases, e Xando Zupo extrapolava, abrindo o volume de seus pedais e fazendo um ataque sonoro nos solos. Sua guitarra assobiava.

- Bob Rafelson e Bert Schneider acusaram a Columbia de negligência pela perda de cerca de uma hora e meia do negativo original, cortado pelo estúdio. Os dois produtores desejavam que, a exemplo de *Blade Runner*, *Easy Rider* tivesse uma nova versão integral, a ser lançada em vídeo, em 1993, e possivelmente também em cinemas. Mas a Columbia admitiu ter perdido as latas com o material de *Easy Rider*. Cinco horas de imagens cortadas pelo próprio Hopper apareceram num depósito em Kansas, mas 20% dos negativos estavam danificados.
- “Judith Malina é a mãe do grupo Living Theater. A mãe geral! A última vez que estive com ela, em Ouro Preto, em minha casa sobre a Casa dos Contos, na Rua da Fazendinha, onde morei e pinteí por três anos, ela fez uns trinta fininhos, muito finos mesmo, e após dar a primeira golfada passava um por um para toda a sua trupe, em roda dela. Imagino o prazer contraculturalístico que tiveram, pois fazia trinta anos que tinha sido presos em Ouro Preto por uma armação de maconha, e aquela era a primeira vez que voltavam à cidade.” (Oscar Araripe).
- O governo de Mato Grosso é obrigado a enviar milhares de soldados da PM para “desintrusar” garimpos de ouro dentro da reserva dos nambiquaras, entre os municípios de Vila Bela e Pontes e Lacerdas, divisa com Rondônia. Havia lá mais de cinco mil homens com seus pares de máquinas desviando rios e causando degradação do meio ambiente. Não houve derramamento de sangue, e o governo só tomou tal atitude porque o Banco Mundial colocou como condição sine qua non a saída dos garimpeiros para liberação de verbas destinadas a programas de desenvolvimento na região.

6 jan.

- *Balada para dois loucos*
Correio Braziliense

Dois livros mostram faces ocultas de dois roqueiros brasileiros com caras de bandidos: Raul Seixas e Arnaldo

11 jan.

- *Nevermind* atinge o n.º 1 na parada dos 200 álbuns da Billboard.

Janeiro / Fevereiro

- Nirvana viaja pela Austrália, Japão e Havaí.

16 fevereiro

- No palco, os vi passar todo o repertório maravilhoso da *Patrulha do Espaço*

85, e todos os clássicos. Observei sem perseguições ou diminuições: duas guitarras para suprirem o legado de Dudu Chermont! Júnior, por ser o baterista, era o mais acionado. As músicas começavam com uma metralhadora giratória de viradas nos pratos, e ele repetia essas entradas apocalípticas várias vezes, até que o take fosse aprovado. Todos estavam torcendo por eles. Era a minha primeira vez num estúdio ouvindo a fita no rolo. Dentro do estúdio, um furo meu: o cartaz alertava “Não fume”! E eu... Finalmente, eu havia avançado mais um estágio da produção musical.

- Fomos embora. Eu ainda ouvi Xando Zupo comentar: Agora estamos ensaiados. Segunda-feira, 17 de fevereiro. Haveria um show no Victoria Pub, que eu não assisti. Júnior estava feliz, havia conseguido a volta de Percy Weiss, gravara um novo disco, depois de sete anos, e parecia que seus companheiros levariam a banda pela estrada.
- Os Beach Boys, sem Brian, participam da *Rio 92*. O grupo acusa o dr. Landy de ter feito uma lavagem cerebral em Brian Wilson.

2 mar.

- Cinquentenário de nascimento de Louis Fairbank (Lou Reed, Nova York / Estados Unidos, 2 mar. / 1942).
- Bob Dylan foi até a esquina da 57 Street com a Lexington Avenue e entrou em um pequeno bar, o Irish Pavilion. Tommy Makem, o dono, era um velho amigo, do início dos anos 1960 – quando Bob era aprendiz em seu ofício –, um irlandês de fala mansa, que tinha tocado canções folk tradicionais com os Clancy Brothers nos bares de Greenwich Village, em Nova York. Makem não via Bobby – como o conhecia – há muitos anos. “Não havia ninguém com ele, nenhum motorista, nenhuma companhia, ninguém. Estava só.” Relembra. Makem acomodou Bob em uma mesa reservada, onde ele não seria visto por outros fregueses. Depois foi buscar seu banjo e subiu ao palco para o show. Makem tocou as antigas baladas que Bob adorava, canções vigorosas, como “Brennan On The Moor” e a melancólica “Will You Go, Lassie, Go”. Houve um intervalo antes da segunda parte, e ele foi até onde Bob estava comendo e bebendo alguma coisa. “Se estiver a fim de cantar uma música, me avise”, disse. Mas Bob preferiu ficar sentado, em silêncio, sozinho. Ele estava se divertindo imensamente. (...). Poucas semanas depois da inesperada visita de Bob ao Irish Pavilion, na primavera de 1992, Tommy Makem recebeu uma carta da gravadora de Bob, a Sony Music. Ele estava sendo convidado a se apresentar em um show comemorativo dos trinta anos da carreira de Bob (embora, na verdade, ele viesse gravando há 31). Bob não tinha dito nada quando eles se encontraram, mas isso era típico dele; nunca fora muito falante. Makem não tinha certeza, a princípio, de que tipo de show se tratava. Pelo jeito contido com que Bob perambulava sozinho pela cidade, vestido como um vagabundo, podia-se pensar que

seus dias de grande astro tinham acabado, e que uma comemoração de sua carreira seria realizada em um teatro modesto, em um lugar qualquer, com alguns velhos amigos. “Foi extremamente glamoroso, um evento muito maior do que eu imaginara”, diz Makem. “Foi gigantesco.” O palco do *Show de Comemoração do 30.º Aniversário de Bob*, como foi chamado, foi o Madison Square Garden, o enorme complexo esportivo em Manhattan. Quando foi anunciado que Bob se apresentaria juntamente com alguns dos nomes mais famosos da música, 18 mil lugares foram vendidos em uma hora. E olha que os promotores do evento estavam cobrando entre 50 e 150 dólares por pessoa, preços recordes. Quando chegou ao Rilig Royal Hotel, onde os músicos estavam hospedados, Makem descobriu que a lista de convidados incluía não apenas antigos cantores folk, como também superastros, como Eric Clapton e George Harrison, amigos de Bob Dylan.

BALADA DO LOUCO. Livro de Mário Pacheco. Edição do autor, 212 págs, Cr\$ 10 mil. À venda na Baratos Afins (av. São João, 439, 2º andar, loja 318, tel. 223-3629, região central de São Paulo) ou pela Caixa Postal 02/0168, BSB/DF, CEP 70001.

Para completar o quadro, no final do ano passado, foi lançada numa edição independente uma biografia com sua história, chamada “Balada do Louco”, escrita pelo estrepante Mário Pacheco. Conta desde quando Arnaldo ouvia música clássica com os pais (também músicos) até os dias de seu atual isolamento. Pena que não esteja tão bem editado e escrito como o assunto merecia, mas ainda assim vale como documento. O livro pode ser encontrado, entre outros lugares, na loja de Baratos Afins, que, por sinal, produziu dois outros discos solo do Arnaldo: “Singin’ Alone”, de

Foi lançada uma biografia do genial ex-mutante Arnaldo Dias Baptista. A biografia que se chama Balada do Louco, título aliás de uma de suas músicas mais famosas, é de autoria de Mário Pacheco e trata-se de uma edição independente. Se você for a fim de adquirir um exemplar e só ir até São Paulo e procurar a loja Baratos Afins (av. São João, 439, 2º andar, loja 318) ou pedir pela Caixa Postal 02/0168. BSB/DF. CEP 70001.

to, onde Lúcia de lhos e d ruas. No uma bio, de Mário Arnaldo biografia creveu: “ barroco. mas eu g revisão e vale pela passagens desde a Mutantes anos com

14 — FOLHA DE LONDRINA

Caderno 2

9 a 15 março

- Timothy Leary, o guru da Nação Woodstock, e de um bom contingente de sobreviventes brasileiros do sonho, aos 71 anos, visita o Brasil, no carnaval. Quando esteve em São Paulo, no Maksoud Plaza, para o 1.º *Encontro com os Magos da Nova Era*, de 9 a 15 de março, a abertura aconteceu no dia 11, com uma palestra da antropóloga Laura Jennings Yorke, sobre Cerimonial Mágico/Golden Dawn, e Kabbalah Prática, no dia seguinte. Os temas de Leary foram: *Exo Psicologia* (dia 13) e *Realidade Virtual* (dia 14). Segundo ele, “com o domínio do oitavo circuito do cérebro, é possível que qualquer pessoa consiga contactar o RNA e o DNA”, o que chamou de “novas formas de revolução”. Estes trabalhos de Leary abarcavam o que ele definia como “realidades virtuais”, estudos sobre o estreitamento das relações dos jovens, a partir de softwares de última geração. Leary ainda mantém um

pied-à-terre na contracultura, seus esforços visam – com toda a ubiquidade que os caracteriza – a aumentar, com a comunicação multimídia, “a consciência crítica das pessoas, para libertá-las, no mundo inteiro”. Tido como pai espiritual do movimento que previa, na década de 60, a “expansão da consciência”, com base em experiências com o ácido lisérgico, droga proibida no Brasil, Leary batalhou pelo “poder aos pupilos e alunos”. Atacou o marxismo, implodiu a psicanálise, criticou as cadeias de televisão e a política institucional. Ele acreditava que a “felicidade” viria quando as crianças do Terceiro Mundo tivessem em suas casas computadores e televisões. Sua viagem ao país foi organizada pela associação mística Kaithar. A coordenadora do grupo, Cleide Guedes, disse que Leary foi convidado porque defendia o conhecimento global, holístico. Leary fez parte do grupo Esalen, formado por intelectuais ligados à Universidade de Berkeley. Os membros do Esalen formulam e discutem questões de filosofia. A Kaithar tem vínculos com o Esalen. Como peça de marketing, Leary dizia que, em suas palestras, chocaria “as autoridades políticas, culturais e religiosas do Brasil” – num ostensivo convite a que a audiência alterasse seu projeto valorativo. Cada palestra durou cerca de três horas, com tradução simultânea. O ingresso adquirido no dia custou US\$ 70, e comprado com antecedência custava US\$ 50. Sobre uma hipotética volta, Leary disse: “Quero falar também em universidades, nas próximas visitas ao Brasil.”

Abril

- Nirvana é capa da Rolling Stone.

22 abr.

- A Justiça dos Estados Unidos nega o pedido de liberdade condicional a Charles Milles Manson. Ele continuará a cumprir pena de prisão perpétua...
- David Crosby tenta ultrapassar a velocidade do som em seu carro esporte. A polícia encontra nos destroços uma pistola 45, e alguma cocaína. Nos próximos poucos meses, haveria mais carros destruídos e mais prisões. Por um instante, seu status de celebridade pareceu protegê-lo do sistema. Ele foi mandado para programas de tratamento de drogas, mas fugiu. “Ainda não é tarde para ele voltar”, disse seu amigo e velho parceiro de banda Neil Young. “Ou isto acontece, ou ele morrerá.”

Junho / Julho

- Nirvana viaja pela Europa.

10 jun.

- Retrospectivas lembram os dez anos sem o cineasta Fassbinder.

- Artistas brasileiros se destacam no exterior. Pela primeira vez, entre os 186 artistas selecionados, figuram cinco brasileiros na *IX Documenta de Kassel* – os paulistas José Resende e Jac Leiner, os cariocas Cildo Meirelles e Waltércio Caldas, e o gaúcho Saint-Clair Cemin.

29 jul.

- Sandra F. de Oliveira, secretária da empresa ASD, revela que documentos da chamada Operação Uruguai são forjados.

Setembro

- Sai o *impeachment* de Collor, e o vice Itamar assume em dezembro.

5 outubro

- No trigésimo aniversário de lançamento do primeiro compacto-simples do grupo, “Love Me Do” / “P.S. I Love You”. É lançado o livro *Os Anos da Beatlemania*, escrito por Ricardo Pugialli e Marcelo Fróes, que traz locais de shows desconhecidos para os brasileiros, grupos ingleses relacionados aos Beatles, as gravações, os programas de rádio, os shows, entre muitos outros detalhes. E uma cronologia com os fatos mais importantes que se passavam ao redor dos Beatles.

255

27 novembro

- Cinquentenário de nascimento de James Marshall Hendrix (Jimi, Seattle/ Estados Unidos, 27 nov. / 1942).

Dezembro

- *Solo: Arnaldo Antunes deixa Os Titãs*

INDEPENDENTES
ANAND RAO

Balada do Louco

Após, essa brilhante vitória da equipe de vôlei do Brasil, num país que não tem uma política voltada para valorização do esporte e da cultura, e sim, para impedir um possível *impeachment*, é que escrevo sobre este trabalho de Mário Pacheco, lutador solitário da nossa região, o louco da *Balada do Louco* de Raul Seixas. De linguagem fácil, o livro discorre sobre o relacionamento humano, suas decepções, amarguras e alegrias. A cultura, posta sob a mesa, é o tema central, os *beat-boys* o *rock'n'roll*, a contracultura etc. Lindíssimo o trabalho para quem acima de tudo quer comover sua emoção e ampliar sua cultura. Peça o trabalho para Márcio Pacheco, QE 32, Bl. A, Li 15, Guará II, Brasília-DF, CEP: 71065.

BALADA DO LOUCO
MÁRIO PACHECO

CORREIO BRAZILIENSE - 14 de agosto de 1992

YORUBAR

Programação Yorubar
JULHO / 92

TROPYKALYA NIGHT

Sexta, 24/07
Lançamento da "Balada do Louco". Biografia do mutante Arnaldo Baptista, escrita por Mário Pacheco.

Apresentações do documentário "Maldito Popular Brasileiro", dirigido por Patrícia Moran, com festivais e depoimentos dos mutantes, às 20 horas.

- "Visite a casa de um guitarrista de rock: que tinha um estúdio. Neste estúdio, Os Tetas faziam a pré-produção de seus discos, verdadeiras merdas, diga-se de passagem. O guitarrista, que ficou a noite inteira snifando e afirmando que o punk acabou com o rock, me mostrou uma música que ele gravou durante a pré-produção do último disco com Arnaldo Antunes. E também uma inédita, de que não lembro mais o nome. Ela era um desabafo do Antunes, que os outros integrantes da banda reconheceram como uma crítica a eles. Essa música nunca saiu, e o dono do estúdio assinou contrato com os músicos, se comprometendo a não divulgar as gravações da pré-produção, especialmente das inéditas. Não lembro o nome do cara, da música ou do estúdio. Só me lembro de que a banda dele tocava rock sessentista em encontros de motoqueiros paulistas." (Felipe Gelbcke Gubert).

15 dezembro

- *Incesticide*, uma coleção de lados B e raridades do Nirvana, é lançado. Vai ser ouro na próxima primavera.

17 dez.

- Brasília. *Beatles 30 Anos*. Vídeos, exposições e documentários. Foyer da Sala Villa-Lobos, Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Livros

- Paul Bowles ensaia uma volta, editando *Muito Longe de Casa*, uma curta-novela avassaladora, e escrevendo a música para uma produção árabe da tragédia grega Hipólito.
- *O Amor é Mais Frio do que a Morte – A Vida e o Tempo de Rainer Werner Fassbinder*, do escritor, roteirista, Robert Katz. Este livro saiu aqui pela Editora Brasiliense.

Discos

- Os novos grupos aperfeiçoam a nova trilha psicodélica.
- Os viciados em Neil Young o homenagearam com o disco tributo *The Bridge*, onde participam Sonic Youth, Pixies, Dinosaur Jr., Nick Cave e Loop, Bongwater e Kenny Kaiser.
- Ao final do ano, o próprio Neil Young auto-homenageou-se com *Haverst Moon*, uma pequena obra-prima de folk, com uma dose de lirismo e honestidade que nem mesmo o próprio músico tinha experimentado antes. Young ainda prefere falar de seus próprios caminhos – em “From Hank to Hendrix”, ele cita duas balizas de sua música, desde o autor-intérprete-instrumentista folk Hank Williams, e também Jimi Hendrix, dono de qualidades semelhantes às de Hank, só que guitarrista e visionário, aliás, qualquer adjetivo pra ele é ingenuidade. Na letra de “Hank a Hendrix”, Young não se absteve da sua e de outras personagens atormentadas.
- *Made Pirata – Volumes I e II*. Por vezes, você encontrava um volume, e o outro, não. Mas finalmente os dois são reunidos em CD. Do selo próprio “Made in Brazil Records”, a banda lança outro álbum-duplo ao vivo, *In Blues* (também relançado em CD). Estes álbuns marcavam a volta do Made in Brazil ao repertório do delta do Mississippi.

257

Shows

- The Yardbirds, *Little Games* não foi o último urrah! Os membros originais dos Yardbirds, Jim McCarty, Chris Dreja e o novato John Idan, contrabaixo e vocais, realizam um concerto em Londres, tocando vários clássicos. Alan Glenn substituiu Laurie Garmen, na gaita.

Obituário

19 fevereiro

- Sérgio Murilo morre de atrofia cerebral e insuficiência renal, no Rio de Janeiro, aos 50 anos.

20 março

- Lina Bo Bardi morre aos 77 anos. É a criadora da silhueta do Masp, suspensa a oito metros de altura sobre quatro colunas, que deixa um vão livre de 70 metros. Glauber e Lina eram amigos próximos, de quando da sua passagem pela Bahia. E várias vezes o cineasta hospedou-se na casa de vidro do Morumbi, projetada pela arquiteta. Lina Bo Bardi teria feito parte da cenografia de *Deus e o diabo na terra do sol*, sem assiná-la.

27 abr.

- Gerard Kitchen O'Neill. Died after losing a seven-year battle with leukemia. Físico e filósofo espacial, recebeu o bacharelado em artes pela Swarthmore, e o doutorado em filosofia pela Cornell, em 1957. Desde aquele ano ensinando Física em Princeton, tornou-se professor titular em 1965.

12 agosto

- John Cage morre aos 79 anos, vitimado por um enfarte.

15 setembro

- Morre Shubho, artista gráfico, músico, compositor e filho de Ravi Shankar.

12 outubro

- Severo Gomes, empresário e político, ministro no regime militar, e depois defensor da abertura política, morre em queda de helicóptero, juntamente com Ulysses Guimarães.

1.º novembro

- Alex Viany, nascido Almiro Viviani Fialho, morre. Precursor do Cinema Novo, com o longa *Agulha no Palheiro* (1952), além de cineasta, tornou-se um dos pesquisadores e críticos mais importantes do Brasil, sendo requisitado para colaborações em revistas e enciclopédias estrangeiras. Suas obras, *Introdução ao Cinema Brasileiro* (1959), e o póstumo *O Processo do Cinema Novo* (1999), integram a lista dos melhores títulos da bibliografia do cinema nacional.

7 dezembro

Guns N' Roses mantém cover de Charles Manson

Depois de alguns protestos, o Guns N' Roses anuncia que irá manter o cover do psicopata Charles Manson, "Look at Your Game, Girl", no álbum *The Spaghetti Incident*. A decisão foi tomada porque a banda descobriu que os direitos autorais dela seriam passados para o filho de uma das vítimas de Manson. Contendo somente regravações, *The Spaghetti Incident* estreou na quarta posição da parada norte-americana, e ganhou disco de platina em janeiro do ano seguinte.

O curioso show, deve ter sido culpa do futebol

Vinte e dois anos atrás (1992), Célia Porto e Banda (violão, guitarra, percussão, contrabaixo e bateria) estavam começando sua carreira.

Na guitarra desta banda, estava Leomar, que tinha ramificações com a cena heavy da cidade. Foram convidados para abrir o show de Moraes Moreira no Estádio Serejão, na QNL, em Taguatinga Norte. Eu fui convocado pela produção do show para vender cerveja em tambores de 50 litros. Aceitei com o coração apertado, “nem vou poder curtir os shows...”...

Assim como o estádio de futebol abriu, ele permaneceu parado, com as arquibancadas vazias, o que compôs um dos domingos mais surreais que existiram naquele grande palco.

Célia Porto e Banda se apresentaram, Moraes Moreira se apresentou... O duro foi receber minha comissão – sem ter vendido uma única cerveja.



2009 – Rolando Castello Júnior participa do Woodstosko, num sábado de agosto

Patrulha do Espaço: uma banda que se nega a ser enterrada!

Arnaldo, Sérgio Santana, John Flavin, Coquinho, Dudu, Pappo Blues, Percy. E hoje cabe a Rolando Castello Júnior, Marcelo Schevanno e Renê Seabra rolarem a sequência.

Exposição

Geralmente as situações e complicações e acidentes convergem para um único alvo; os integrantes da banda de rock. E (in)consequentemente envolvem familiares, roadies e namoradas, não necessariamente nessa (des)ordem. Os produtores sempre (man)tiveram costas quentes.

Cenário

Dívidas acumuladas e empréstimos. Tudo reinvestido para a máquina não parar.

Rolando Castello Júnior é muito mais do que o baterista do Aço, do Made in Brazil ou da Patrulha do Espaço. Bem antes, sua carreira musical passou pelo

México, Estados Unidos e Argentina. Lá sua batida enfrentou a ditadura portenha, e depois a ditadura daqui. (Na Argentina, muito vinho! Um punhado de fumo tragicamente poderia encerrar “a carreira internacional”.

Em 1973, – quando o presidente chileno Salvador Allende foi obrigado a tirar a própria vida – no México, o rock era democrático, e acontecia o primeiro grande festival de rock de lá. Rolando Castello Júnior já havia tocado bateria na La Parada Suprimida, Tarantula e na mais fantástica, Three Souls In My Mind. Uma busca no Google...

Pulo no tempo

“Somos o grito de milhares falando para poucos.”

“A Patrulha do Espaço é quem está no palco, ou à frente também.”

Estas frases de Rolando, depois de longas cervejas na padaria da 207 Sul, expõem o quão significativo é ter a banda atuante. Nada de caça-níqueis.

Rolando Castello Júnior não disfarça o incômodo papel interlocutor do imenso vazio artístico de nossa pátria. Seu corpo demonstra o cansaço. Solitariamente ele segue o traçado central de Niemeyer, um dos seus fascínios. Ele devora livros, e sempre anda acompanhado dos óculos e das roupas de couro, os cabelos longos – lá no fundo, ele ri, para, pensa, e tagarela uma música do Arnaldo, como se a melodia fosse apresentar-lhe um amigo ou um bandido, ou ainda um cowboy do espaço.

São dois anos que Rolando vive em Brasília, sem companheiros para tocar – “apenas” segurando o nome e fazendo shows no *Goiânia Noise*, no *Ferrock*, realizando workshops, e de vez em quando apresentações com a Rolando Rock. Nesse ínterim, ressurgiram as imagens inéditas de Arnaldo & Patrulha do Espaço.

Balanço

Ninguém melhor do que o próprio Rolando documentara a sua vitoriosa carreira artística, de 40 anos. Visitá-lo é penetrar no âmago da obstinação.

Seu apartamento respira Patrulha do Espaço em todos os poros: filipetas (inimagináveis), fotocópias, as artes originais das capas de seus discos, em evolução e artefinalizadas, projetos, recortes de jornais.

Registrá-lo magneticamente, impossível, ele não deixa. O único jeito de se aproximar é pelo fio condutor da sua voz, pela história oral.

Os custos

Estão por trás de tudo: alimentação, transporte, estadia. Isolamento, dureza.

“Tenacidade!” Explica o operário do rock, carregando seus tambores solitariamente, à frente das suas produções.

Se um dos motivos para Zélia Duncan, aos 44 anos, abandonar os Mutantes, era carregar a própria bagagem, que falar de um baterista, com 40 anos de carreira, sempre carregando seu ganha-pão?

Na hora de gravar no estúdio, o comportamento existencial desregrado da banda paga o preço. Isso não quer dizer que o material seja sem qualidade, apenas reduziu a quantidade. Como seria maravilhoso ouvir um CD todo novo da Patrulha do Espaço. Mas nos contentemos com as duas gigantescas e maravilhosas faixas “Quatro Cordas e um Vocal” (falando das perdas de Coquinho e Deborah – ecos de outras perdas), e “Rolando Rock”. Ambas gravadas em Curitiba, no Mico’s, e finalizadas em São Paulo, no estúdio do Xando, guitarrista e patrulheiro emérito.

“Ninguém vende CDs. Estou preocupado é com o futuro da minha obra: refazer os *Dossiês* em formato duplo e masterizados direto das fitas master!”

A frase “quem está no palco” parece nortear o futuro da Patrulha do Espaço. Arnaldo saiu porque estava com “cagaço” – a banda que tinha efígie do Queen deu em nada, em termos de contrato com gravadoras e audiência.

A vida não parou, está registrada. Devemos aos nossos entes queridos uma satisfação. Que os documentos revivam a tristeza de algumas perdas irreparáveis, e uma única escolha restante: continuar! A Patrulha do Espaço acaba de produzir um novo single!

Arquivos em organização

Em meio a negativos de fotos e contatos, Rolando Castello Júnior escreveu algumas páginas sobre o seu passado, que agora é futuro. Os tambores remotos falam de planos de exposição. Seus arquivos incluem revistas nacionais e importadas sobre música, livros esgotados de rock, vídeos e muitos CDs. Peles de bateria autografadas, pôsteres armazenados em armários e estantes, e uma única certeza: “Falta espaço!”

Fotos históricas

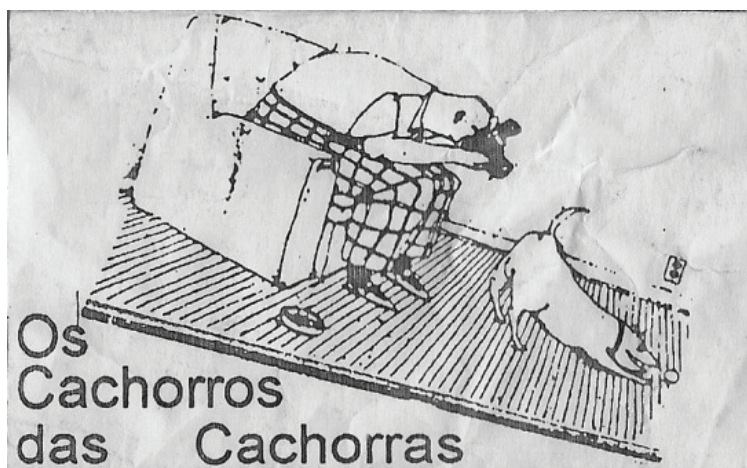
Verdadeiro tesouro: as poucas fotos inéditas de Arnaldo & Patrulha, realizadas

por Grace Lagôa!



Os sobreviventes - 1983. Backstage do Tuca . - O querido Dudu Chermont, Arnaldo, depois da queda, e eu, depois dos tiros. Arnaldo deu uma canja cantando. Essas imagens estão no DVD Lóki? Fomos realmente pra prestigiar e render homenagem ao capitão. (Rolando Castello Jr) - 1977 - Parque da Aclimação Lagoa dos Gansos: o trio Arnaldo, Rolando e Coquinho olham um distante John Flavin.

Premonição da separação próxima - Fotos: Grace Lagôa -



Na época em que a gente dava umas Bolinha... (Gérson Deveras). Pazcheco & KaphaGérson, 29 dez. / 2012 – Bar do Paulinho

CONTOS DO CANIL: OS CACHORROS DAS CACHORRAS DOAM “BOLINHA”

Atividade de um sábado, em 1993. Gérson Deveras e Alfredog desceram à chá-cara para curtir uma festa que jamais rolou. No meio do caminho, acharam uma cadelinha felpuda branca, e chegaram com “Bolinha”, meu presente, debaixo do braço.

O que a dupla desconhece é que “Bolinha”, inexplicavelmente, sumiu. Uma semana depois, achamos “Bolinha” no fundo de uma fossa em construção.

A família do caseiro, comovida pelo afogamento acidental de “Bolinha”, passou a chamar todos os cachorros de “Bola”, ou “Bolinha”, em homenagem à antecessora.

“Aí foi tipo Vampiro de Curitiba. Aumentou algum ponto por aí.” (Rodrigo Souves)

“...Venha ver as minhas cores...”

Gérson Deveras

Eu havia estado com toda a Nação Zumbi, que ainda era pouco conhecida, na noite anterior ao primeiro show deles em Brasília, e como bons cicerones candangos que somos levamos a banda pra conhecer o Beirute.

O Carlos Lago e a Magaly Peixoto, que eram os produtores do evento, convidaram Os Cachorros das Cachorras pra abrir o show, junto com a também pernambucana Jorge Cabeleira.

(...) Estive na chácara certa feita, onde adquiri do Mário Pazbeco uma camiseta que o Arnaldo Baptista pintou. Era cor-de-rosa, com o desenho de um porco tocando piano, sendo observado por um pássaro (reminiscência... de ‘Let It Bird’). Guardei a camiseta em casa para presentear alguém do mesmo quilate do Arnaldo, que eu não sabia quem.

Quando estive pra trombar o Francisco de Assis França (Chico Science) e lembrei que já havia escutado a banda tocar ‘A Hora e a Vez do Cabelo Crescer’, dos Mutantes, não tive dúvidas, presenteei o cara.

Fiquei surpreso e orgulhoso que ele tenha curtido o presente, a ponto de incorporá-lo (literalmente) ao figurino do show: boininha de palha, a camiseta rosa, calça verde e um tênis de cânhamo.

Abrimos o show com o 'Ragga Mony', que já tinha desde a sua epigênese um maracatu no final. Depois, o Chico me intimou a cantar 'Da Lama ao Caos' com eles, a partir de uma conversa que tivemos no backstage, onde ele me disse: 'KaphaGérson, fazer sucesso é se divertir.'

“A Marssal surgiu em meados de 90, quando decidimos adotar esse nome em homenagem ao meu irmão, que na ocasião estava fazendo aniversário de 13 anos. Ele sempre nos acompanhava nos shows, vindo depois a ser o tecladista da banda. Desde a primeira formação, era eu nos vocais, Sérgio Ricardo no contrabaixo, Cristiano Maurício na guitarra, e Cláudio Marcelo na bateria. Logo depois, entrou Marçal nos teclados, ainda novo.” (Marcelo Ponce)

Marssal e Nata Violeta demotapes

Intelligentsia – Palimpsesto – jan. / 1995

A primeira demotape do Nata Violeta (investimento alto com estúdio e apresentação gráfica) apresenta uma condensação, e revela a encruzilhada que o som da banda trilha. Antes da moldura, eles precisam aprender a queimar as cores pela tela, pois bons estúdios e petrechos resultaram numa viagem sem vertigem. Precisam dosar o tom messiânico e panfletário das letras de “Moscas” e “Os Martelos e os Pregos” com mais *swing* e humor. O equilíbrio entre o metal e o acústico, o sussurro e o tormento serão a alquimia desafiadora que espera essa banda, de som único e potente, na gravação de seu CD.

A Marssal, em sua demotape de estreia, batizada com o próprio nome da banda, nos fornece cinismo, ironia e curtição. Ótimo show. Eles seguem várias trilhas e investem em material próprio, cantando em inglês, num timbre zeppeliniano. As conhecidas “Many Time to Love”, “Blue Smoke Daring me” e “The Fool” nos dão conta do potencial e da coragem da banda, que segue em direção ao abandono da sofreguidão, substituindo-o pela competência e perfeição. O que falta a Marssal há no Nata Violeta, e vice-versa. A estrada da Marssal é sinuosa e psicodélica, devido ao órgão magistral e a uma bateria menos destacada. Os músicos da Marssal e do Nata Violeta são cavalheiros, segurando espadas elétricas contra os dragões da maldade, preservando os resquícios de quando o rock era contracultura.



Alguns shows

8 abr. / 1993 – Festa show no Beverly Hill's Scotch Bar, Cidade Ocidental. Com Rumores de Garagem, Loddo, Os Políbias e Marssal.

1994 – Taguatinga (Moby Dick Bar), Guará, Conic e Studio Planet.

3 mar. / 1995 – Marssal, Terno Elétrico e Rumores de Garagem no Teatro Garagem.

10 ago. / 1995 – Marssal no Alto Astral Pub, 213 Sul.

9 mar. / 1998 – Power Trio, nas Segundas Musicais.



Marçal, teclado; Marcelo Pitty, bateria; Sérgio, contrabaixo; Marcelo Ponce, voz, e Dillo Daraújo, herói da guitarra

Marcelo Ponce, o último roqueiro de sua geração, dele só tenho uma reclamação: não gostava de Kurt Cobain!

Dillo Daraújo (Valdir), multi-instrumentista, antes da tecnologia informática e de Adrian Belew, fazia *chantilly's rock*.

Meu grande momento com a Marssal

Tenho uma coleção de boas e más passagens com a Marssal. Esta é a mais fresca.

Eu queria entrar no clima “bicho-grilo”, e vesti uma camiseta cor de rosa pintada por Arnaldo Baptista, colete e mocassim. Com esse visual, fui ao show. No saguão do Teatro Nacional, a encarregada pelo Projeto perguntou-me se eu não queria apresentar a banda. Fui ao microfone: Com vocês... estes extraordinários e talentosos músicos de Taguatinga. Marssal! Eles abriram com uma vigorosa versão de “Rock’n’Roll”, e Marçal, o tecladista, estava sentado no banquinho do piano preto de cauda do Teatro Nacional, tirando um som acústico. Depois do show, em casa, me perguntaram: Não sabíamos que você era gay!?

Peguei a camiseta e toda espécie de brilho que havia em casa, e passei adiante. Aos 30 anos, estava velho demais para o glitter rock.

269

Perfeccionismo, virtuosismo e sono profundo

Setembro 2011 – No Teatro Nacional, em outro show solo, mais distante, a guitarra estava plugada ao computador. Não era uma boa sensação – ao vivo –, não transmitia sentimento, apenas a seleção intercalada do que o guitarrista Dillo Daraújo programou. Sem a participação da plateia, comportada.



Léo Saraiva e TT Catalão, dois fanzineiros da pesada leem o zine Via Skala, abril 1993

Foto: Edson Salazar

Em 1994, auge do grunge e do Nirvana, Eduardo de Castro me convidou

para um depoimento sobre fanzines, na 508 Sul. Chegando lá, TT Catalão discorria: “Os romanos tinham seus fanzines desde os tempos de Daniel na cova dos leões.” Aquilo me deixou indignado, sem entender a “licença poética”. Devo ter respondido no vídeo-depoimento. Só que o Eduardo literalmente não dava pausa, e eu ficava “corta!”, “corta!”. Uma edição deveria ter melhorado o depoimento, que aliás ele gostou muito. TT era a estrela, mas aquele dia um tal de Mário Pazcheco roubou a cena. Nunca vi. O filme ainda existe?

No zine Via Skala, o Marquinhos da Rádio Cultura nos deu uma aula magna sobre jornalismo, e me despertou para a profissionalidade. Eu já havia recebido sobre jornalismo musical com Alberto Queiroz Filho, o editor do JOSÉ – Jornal da Semana Inteira. Naqueles idos, um diploma de jornalismo me custava muito. Eu pouco tinha o do café, ou do ônibus.

No Conic, a loja de discos e camisetas Head Collection, cujo proprietário era o Geraldo, e o gerente, o Joel de Oliveira, e o balconista, um tal Feliipe CDC, comandava a cena underground da cidade. Nesse QG, também funcionava a loja de discos, CDs, e selo musical Sub-Way, administrada pelo Eduardo de Castro, que realizava clipes das bandas. Ele hoje é cineasta e documentarista em Goiânia. Vive a Berlin Discos, que lançou o primeiro CD do trio Oz, e a Kingdom Comics, na mesma travessa.

Outras lojas do ramo, na 310 Norte, Silente Serpent; Heavy Rock, em Taguatinga Norte; e Digital Discos, Venâncio 2000.

1993

- Os primeiros meses de 1993 foram dedicados a negociações com a direção do *Projeto Aquarius*, que comungava do desejo de trazer George Martin, o famoso maestro e produtor. Uma fita de vídeo com a história do Aquarius e seus principais eventos foi especialmente preparada e enviada a Londres, junto com um dado que sensibilizou George Martin: o *Projeto Aquarius* sempre foi um evento gratuito, popular, atraindo dezenas de milhares de pessoas, normalmente nos jardins da Quinta da Boa Vista. (Ricardo Pugialli).

Janeiro

- *Wandeca Meia-noite e Meia*. O ator Renato Kramer se traveste de Wanderléa e assume o comando do programa Jovem Guarda, enquanto Roberto não chega. Ela/ele faz entrevistas, recebe convidados e dá conselhos.

12 jan.

- Terça-feira à noite, o tempo volta um pouco. Essa pelo menos foi a sensação dos afortunados presentes à solenidade anual do The Rock and Roll Hall of Fame, uma espécie de enciclopédia da música pop, que entronizou em suas fileiras o extinto Cream. O power trio voltou a se apresentar no Century Plaza Hotel, em Los Angeles, diante de uma plateia de estrelas.
- Na apresentação para o Rock and Roll Hall of Fame, o grupo – que não vestiu as velhas batas psicodélicas de anos passados – mostrou os maiores sucessos, incluindo “Sunshine of Your Love”, o número mais aplaudido pela plateia, que sacudia suas joias de prazer. Nesse ano, a cerimônia de entronização do Hall of Fame do rock foi aberta ao público, mas pouca gente podia pagar os 1.500 dólares pedidos pelos convites – a renda foi revertida para a construção de uma espécie de “museu do rock”, a ser levantado em Los Angeles. Depois da apresentação, Eric Clapton desmentiu que o supergrupo voltaria a tocar junto, já que cada um desenvolve sua carreira. Especulou-se sobre o lançamento de um disco com a gravação do show. Coerentemente, não aconteceu.

16 jan.

- Nirvana toca em São Paulo, no Estádio do Morumbi. O trio comporta-se como se estivesse num ensaio. Começa músicas que não termina, e deixa a plateia deslumbrada, com sua visão do rock alucinado, “Lithium”, “Smell Like Teen Spirit”... Esta última teve a participação especial de Flea, baixista do Red Hot, em rápido solo de trompete. O show poderia ser mais curto. De sacanagem, eles trocaram de instrumentos e tocaram de Duran Duran até Iron Maiden. Kurt Cobain quebrou duas guitarras e um amplificador. No bis, não solicitado e pouco aplaudido, a segunda foi destruída depois da canção que encerrou a apresentação, “Territorial Pissings”. O único incidente ocorreu na madrugada, quando quatro estudantes despencaram de uma das arquibancadas, na dispersão do show

De Kurt para Arnaldo

- Quando o Nirvana esteve no Brasil, em 1993, para participar do *Hollywood Rock*, Kurt Cobain fez questão de enviar para Arnaldo um bilhete, no bloco de anotações com o timbre do Maksoud Plaza. No bilhete, Kurt menciona Bill Bartell, o cara que mostrou Mutantes para ele, e anota o seu telefone e endereço de Seattle. Bilhete que maldosamente entrou para o anedotário local, pois foi questionada a sua existência. Afinal, por mais que o apoio da mídia global resvalasse nos holofotes, foi para o “esquecido” Arnaldo que a maior figura em ação do rock’n’roll mandou aquele abraço. “Arnaldo, tudo de bom para você, e cuidado com o sistema; eles te engolem e te cospem fora como as sementes de uma cereja marrasquino.

(...) Os Mutantes, gênios brilhantes, muita diversão e amizade.”

19 jan.

- Cinquentenário de nascimento de Janis Joplin.

23 jan.

- Nirvana toca no Rio de Janeiro, na Praça da Apoteose, eles fazem a estreia de “Heart Shaped Box” e “Scentless Apprentice”, que, neste formato, se estendia por dezessete minutos. “Dois shows ruins. O do Rio, que passou na TV Globo, foi o menos pior. Kurt Cobain esfrega os genitais na câmera da tevê. Hebe Camargo repudia a atitude em seu programa. Os Nirvana voam de asa delta no Rio. Kurt diz que se tivesse nascido na cidade provavelmente não seria um junk fudido. Nos estúdios da BMG Ariola ensaiam *In Utero*. A faixa ‘Gallons Rubbing Alcohol’ é gravada e entrará no disco como música secreta. Courtney Love gravou música em homenagem a Kurt chamada ‘Drunk In Rio’.” (Michel Aleixo).

9 abril

- Nirvana toca um concerto no San Francisco’s Cow Palace para despertar consciência a respeito e gerar ajuda para os sobreviventes estuprados da Bósnia Hezergovina. L7, Breeders e Disposable Heroes of Hiphoprisy também tocaram.

14 abr.

- Joan Baez apresenta-se para cerca de 700 pessoas na Bósnia, capital de Sarajevo; os aplausos eram frequentemente interrompidos por rajadas de metralhadora, disparadas nas proximidades.

Junho

- A Bienal de Veneza abre suas portas apresentando também os brasileiros Emmanuel Nassar, paraense, o paulista Carlos Fajardo e o carioca Angelo Venosa. É adiada a 22.^a *Bienal de São Paulo*, a se realizar no ano seguinte. Grande estrutura financeira e sucesso de público.

7 agosto

- Brooklyn Academy of Music. Pete Townshend grava os aclamados shows da sua turnê *Psychoderelict*. Um desses shows será lançado onze anos depois num CD duplo com 35 faixas.

21 setembro

- *In Utero* do Nirvana é lançado.

15 outubro

- Um voo da Varig traz ao Brasil George Martin, sua esposa Judy, seu filho Giles (que além de assistente do pai irá tocar na banda), sua filha Lucy e seu sócio, o também produtor John Burgess.

18 out.

- Nirvana começa uma turnê de três meses na América do Norte.

22 out.

- A TV Nacional exibe o documentário *Que Viva Glauber!* De Aurélio Michiles, produzido pela TV Cultura.
- Nesta sexta-feira, os ensaios com George Martin foram realizados no palco da Quinta da Boa Vista, com os Corais e o Grupo de Rock formado por Robertinho de Recife, guitarra solo e violão; Giles Martin, guitarra ritmo e violão; Mauro Senise, sax; Fernando Moura, teclados; Jamil Joanes, baixo; Ricardo Magno, vocais; Carlos Bala, bateria; mais os percussionistas Peninha, Chacal, Cezinha e Cizinho, reunidos pela primeira vez. Mas o imprevisto aconteceu: a chuva impediu que os músicos da Orquestra Sinfônica ficassem em suas posições, sob o risco de perderem seus instrumentos. Em seguida, os ensaios foram deslocados para a Sala Cecília Meireles, onde o Grupo de Rock tocou junto com a Orquestra Sinfônica Brasileira. (...)

273

23 out.

- No sábado, um novo ensaio aconteceu na véspera do show. George Martin pôde finalmente reger todos, numa bela prévia do que seria o espetáculo. Foi um momento mágico ver o homem que lapidou o som dos Beatles ali, na Quinta da Boa Vista. Belos momentos desta noite de sábado foram preservados, como Giles Martin bem à vontade, ou discutindo uma passagem com Robertinho de Recife. Ou mesmo aguardando o momento de colocar seu violão em ação. Em seguida, Robertinho de Recife deu um show à parte, durante o meddley “Carry That Weight” / “The End”, com solos que encantaram todos os presentes no ensaio. Tudo estava perfeito para o dia seguinte. Tudo? (...)

24 out.

- Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro. *George Martin e a Música dos Beatles*. A maior atração internacional do *Projeto Aquarius* desde a apresentação do grupo Genesis, ainda nos anos 70.
- Eram aguardadas cerca de 100 mil pessoas aos jardins da Quinta da Boa Vista. Mas uma chuva torrencial desabou sobre o Rio de Janeiro, levando a acreditar que o concerto seria cancelado. Uma multidão estimada em 20 mil pessoas resistiu, enquanto a produção improvisou coberturas para o

Grupo de Rock. Os dois Corais ficaram na chuva, enquanto a Orquestra Sinfônica Brasileira teve que se retirar. O que se viu então foi inesquecível: um George Martin tão entusiasmado que recusou a proteção contra a chuva que lhe ofereciam. Todos os arranjos foram adaptados para suprir a falta da Orquestra. “Um vídeo enviado por Paul McCartney especialmente para o evento foi exibido, onde ele conversava com George Martin e o público. Foi uma apoteose. Outro ponto marcante para George Martin foi o encontro que promovemos entre ele e Tom Jobim, antes de deixar o Rio de Janeiro. Na foto, tirada por um fotógrafo do jornal que patrocinava o evento, estamos eu, George Martin, Tom Jobim e meu ex-parceiro na empreitada, Marcelo Fróes. (...) Acredito que todos os que estiveram envolvidos com aquele show jamais irão esquecer a simpatia e simplicidade de George Martin, o homem que deu forma ao som do maior grupo musical do mundo, The Beatles. Momentos para recordar por toda a vida. E farei isso.” (Ricardo Pugalli).

“No domingo, caiu uma chuva torrencial no Rio, e o espetáculo atrasou. As quase 50 mil pessoas esperaram umas duas horas, debaixo d’água, e Martin acabou subindo ao palco para tomar uma chuveirada sem a orquestra – que não poderia ter seus instrumentos molhados. Regeu o Coral das Meninas Cantoras de Petrópolis, enquanto os músicos da banda se espremiavam debaixo de uma pequena tenda improvisada. Foi emocionante, mas também um vexame. Pra mim, um dos pontos mais legais foi no meio, quando rolou uma mensagem em vídeo – gravada especialmente por Paul num camarim de sua turnê em curso. Quando o concerto de Martin fôra confirmado, tratei de enviar um fax diretamente pro Paul, no escritório da MPL – pedindo que ele gravasse um vídeo saudando a plateia e também o velho amigo. Alguns dias depois, baixou um fax perguntando qual o nosso sistema de vídeo. Eu mal pude acreditar. Mas, bem, depois do ‘espetáculo’, todos foram se secar, e mais tarde nos reencontramos numa churrascaria na Tijuca.” (Marcelo Fróes)

19 nov.

- Nirvana grava um show totalmente acústico para a MTV Unplugged nos estúdios da Sony em Nova York. Cris e Curt Kirkwood sentam em três canções dos próprios Meat Puppets.

3 dezembro

- São Paulo. – Paul, que tipo de música você faria com John hoje? – Eu não sei bem, mas certamente seria uma música muito boa. Foi assim que Paul McCartney respondeu à pergunta de Ananda Apple. E mais tarde ao vivo na Pacaembu Paul responderia de forma completa, com o repertório

daquela noite.

- Foi uma celebração impressionante: mais de 40 mil fãs dançando, cantando e se divertindo com o velho Macca no Paca. E fãs de todas as idades – do grunge flanelento ao ex-hippie grisalho. Simpático e falando alguma coisa em português, Paul mandou ver no repertório Beatle, levando muitos às lágrimas com “All My Loving”, “We Can Work It Out”, “Paperback Writer”, “Penny Lane”, “The Long and Winding Road” e “Yesterday”, que todo mundo cantou junto. “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band” ganhou arrepiantes solos de guitarra, e encerrou o concerto. Ao voltar para o bis, uma rendição a “Hey Jude”, com Paul conduzindo o coro: – Agora só as mulheres... – Agora só os homens, e o pessoal soltando a voz no lá-lá-lá-lá. Os isqueiros incendiavam o clima. Foram duas horas e meia de festa, o melhor show e o melhor som do ano. Muitos se ajoelharam, choravam compulsivamente.
- No final do ano, a galeria Bonino fecha suas portas. Uma das pioneiras no mercado de arte carioca, fundada por Giovanna Bonino, nos anos 50, declina na crise.

8 dez.

- Cinquentenário de nascimento de Jim Morrison. Um pequeno grupo de fãs dos Doors, pela primeira vez, vai a Paris – that meeting cemented friendships destined to stand the test of time. Meet us one more time at Jim’s grave this December along with friends we’ve gathered through the years and friends we’ve yet to know.

16 dez.

- A MTV coloca no ar o acústico do Nirvana.

Impressos

- *Capote – Uma Biografia*. Gerald Clarke, Editora Globo, 1993, tradução: Lya Luft.

Discos

- As vendas de LPs em 1993 no Reino Unido ficaram em 5 milhões, contra 92,2 milhões de CDs, um recorde, mas que não custaria a ser superado.
- A Capitol lança *Good Vibrations*, uma caixa de quatro CDs, com a inclusão de trinta minutos de *Smile*, o lendário álbum, que Brian finalmente concluiria, dez anos depois deste lançamento.
- Jimi Hendrix Experience – *Are You Experienced?* A edição em CD incluiu os três primeiros compactos, em ordem de lançamento.
- Rio de Janeiro. No Estúdio Zod, Sérgio Dias utiliza a mesa de som CCDB 44 para gravar seus discos solos.

Imagens em movimento

- *Strange Brew* – Warner, vídeo. O Cream no esplendor da meia-idade: caminhos e descaminhos da banda. O letrista Peter Brown, e gente como Buddy Guy, também dão as caras. O fino da fita, no entanto, são as cenas ao vivo. “I Feel Free”, “White Room”, “Crossroads” (Robert Johnson). De bônus, Hendrix na tevê interrompe “Hey Joe” para tocar “Sunshine of Your Love”.
- *Finally... Eric Burdon And The Animals* – Warner, vídeo. Nos Estados Unidos, corrompido por Brian Jones e desbundado no *Festival de Monterey*, Eric Burdon interpreta a lisérgica “Paint It Black”, um original de Jagger & Richards. Chas Chandler, o animal que virou empresário de Hendrix, também depõe.

Shows

- Vinte e cinco anos depois de sua estreia, o Velvet Underground esgotava as entradas para a sua rápida turnê europeia, com shows na Inglaterra e França.

Obituário

29 abril

- Mick Ronson, guitarrista dos The Spiders from Mars, morre.

3 outubro

- Aos 69 anos, morre o ator Wilson Grey: (10 dez. / 1923).

26 novembro

- O sempre Grande Othelo foi homenageado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, quando, na abertura, foi aplaudido de pé pelo público, que lotou a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro. Na semana seguinte, Grande Othelo viajou para a França, mas, faleceu quinze minutos depois de desembarcar no aeroporto de Paris, devido a um ataque cardíaco, às vésperas de seus 78 anos, a caminho do *Festival dos Três Continentes*, em Nantes, onde seria homenageado.

4 dezembro

- Aos 52 anos, morre Francis Vicent Zappa (Frank Zappa, 21 dez. / 1940-93, Baltimore, Maryland). Zappa lutou durante muitos anos contra um câncer de próstata, até que foi derrotado pela doença. Morreu em sua casa, Los Angeles, Califórnia.



**DAVID COVERDALE
E JIMMY PAGE
"Coverdale/Page"
(Geffen)**

Evite comparações envolvendo os nomes das bandas anteriores. Não crie um novo super-grupo. "Coverdale/Page", além da assinatura dos parceiros, traz na capa uma intersecção de trânsito, e Jimmy Page e David Coverdale, como bons motoristas, sabem que, em algumas intersecções de ruas, existem sinais semafóricos destinados a controlar o trânsito.

Não fugindo dos cruzamentos, a dupla concebe um álbum de guitarra e voz. Jimmy Page despreza os arranjos orquestrais, enquanto que Coverdale não abre mão da convicção; líricamente, pela enésima vez, ele canta sobre desilusões, tipo "ela deu seu amor a outro cara" ou "que o fogo ardeu a noite toda". Não podemos esperar nada de novo desses "dinossauros", "apenas" a maestria.

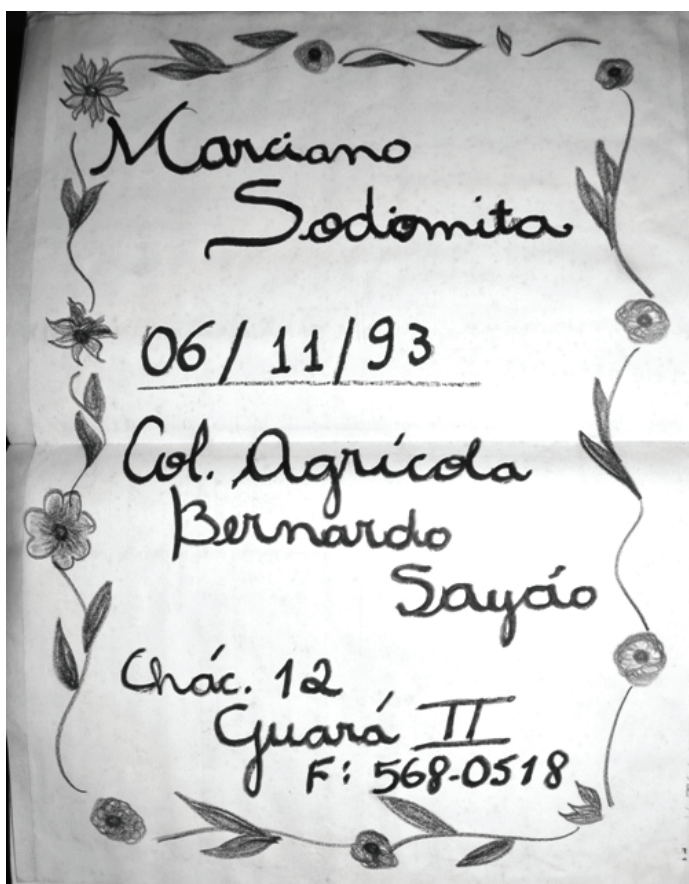
Em um disco frouxo, que mina as expectativas, três momentos reacendem a velha chama: "Pride

and Joy", "Over Now" e "Don't Leave Me This Way". O incômodo fica na insistência de Page em recorrer a bateristas especialistas na "clonagem" das batidas de John Bonham.

O bom desempenho da velha Gibson de Page desfila num repertório manjado: blues, baladas e rockões. E logo ele, que tanto reclamou do abuso de sua técnica por parte dos guitarristas anteriores do Whitesnake, nos aborrece com a falta de risco e direção deste álbum, repetindo o insucesso artístico dos LPs solo anteriores ("Death Wish", "Outrider").

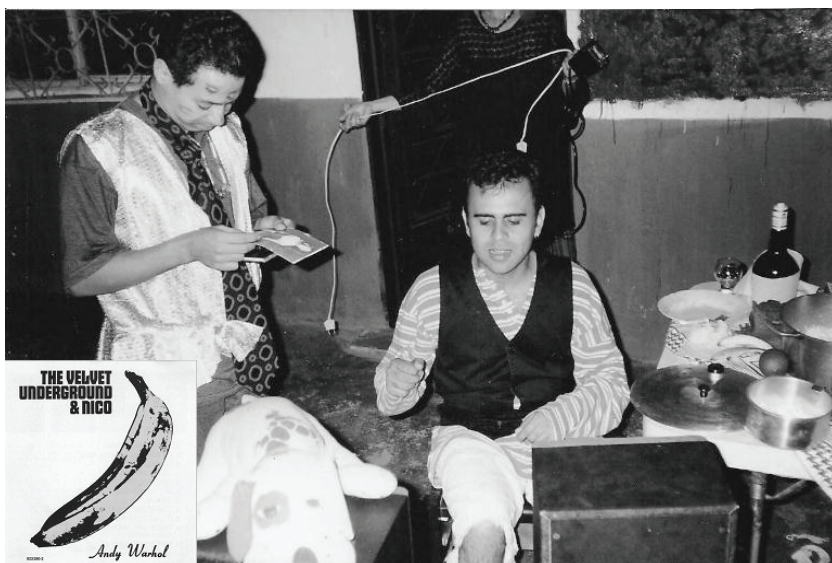
Apenas o passado de David Coverdale e Jimmy Page fazem com que este disco mantenha algum interesse. (Mário Pacheco)

VIA SKALA abril/93



- Cartaz do show que não houve. Era pra ser debaixo de um imenso eucalipto, com um palco de madeira. A aparelhagem se resumia a dois amplificadores Peavey, de guitarra, e um no conserto, com previsão de estar pronto próximo ao concerto. Naqueles idos, não era fácil arrumar mesa de som, caixas e microfones. Um toque fundamental encerrou a ideia, fomos alertados a não prosseguir. A restrição não era familiar, ou dos vizinhos, mas de amigos, que acreditavam que a coisa poderia ser mais pesada “do que uma roubada”. Não foi dessa vez que o Woodstock com aroma de eucalipto rolou.

Esclarecendo a Festa da Banana



Quando realidade e ficção se confundem, a Festa da Banana passou a figurar como uma mistura de Mario Montez e Honk Tonk Women (dos Stones)

279

A origem do nome, *Festa da Banana*, está intimamente ligada aos dias de paupérrima que enfrentávamos.

O jantar à base de caldos atrasou. Tínhamos vinho. A penca de banana foi a entrada.

Edvar Ribeiro acabava de pintar a abstração ao fundo. Tínhamos dois tipos de pigmentos, azulão e pretão. Você não se lembra, mas, na falta da lata de sopa, uma de goiabada embaixo da capa do LP *Transa* (do Caetano Veloso). Além do alto teor sexual, a empolgação do happening tropicalista foi filmada.

O tempo passou, a década de 90 findou. Estamos em 2014. Os rolos de filmes, enlatados.

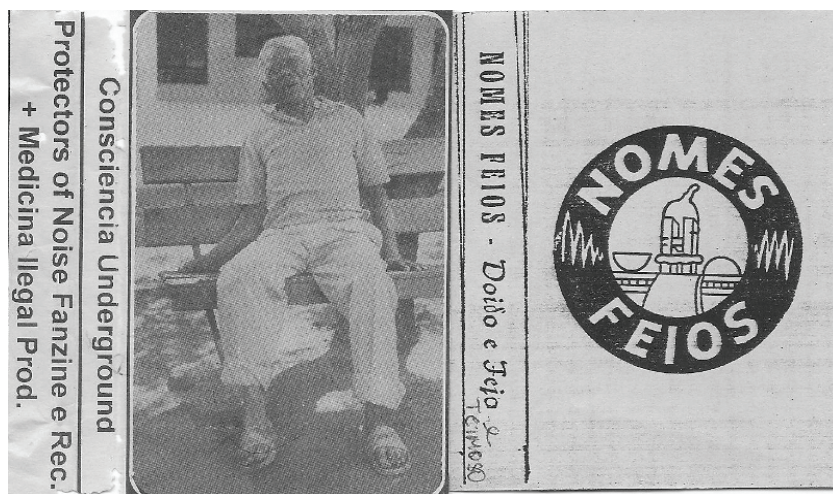
– Muita exposição. As pessoas se arrependem de terem participado daquela festa!

(Risos!!)

O baile de máscaras do carnaval fora de época.

As vendas da demotape do Projeto *Consciência Underground*, produzida pelo zine Protectors of Noise, com Os Cabeloduro, Nomes Feios, Alarme, Desakato À Autoridade, Vernon Walters, Dickheads, Death Slam e Who Fartes?, mais o que foi arrecadado nos shows, foi doação para o Abrigo Zélia Macalão (para idosos).

No verão de 94, também se destacou a banda Nomes Feios, cuja demo apropriadamente foi chamada de *Doido e Feio*.



Seu Leonel, na foto de Rosângela G. Soares

1994

7 janeiro

- Nirvana toca no Seattle Arena. Este será o último show da banda nos Estados Unidos.

6 fevereiro

- Nirvana embarca numa turnê pela Europa.

Março

- Rio de Janeiro. Os trinta anos de exibição do filme *Deus e o diabo na terra do sol* são lembrados no CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, com a mostra *Glauber Rocha – Um Leão ao meio-dia*, retrospectiva de filmes do cineasta, com a exibição de 63 desenhos, fotogramas ampliados e fotocopiados de *Deus e o diabo na terra do sol*, vídeos *Que Viva Glauber!* (Aurélio Michiles), *O Homem de Cabelos Azuis* (Sylvie Pierre e Georges Ulmann)

e *No Tempo de Glauber* (Roque Araújo), e uma série de palestras com Geraldo Sarno, Cacá Diegues, Ismail Xavier, Eduardo Escorel, Sylvie Pierre e Georges Ulmann.

- Glenn Hughes.

Abril

- *Yardbirds* – Vídeo lançado pela Warner reconstitui através de entrevistas e cenas de tevês europeias a trajetória da banda. Os depoimentos não conseguem esconder uma forte dose de saudosismo, e se divertem em falar mal do diretor italiano Michelangelo Antonioni e da cena inglesa. Se o vídeo traz mais discursos que canções, o que fica são as performances do vocalista Keith Relf, e a dívida tanto do psicodelismo quanto do rock pesado com os Yardbirds.

Maior

- Jan Kerouac, a filha do escritor Jack Kerouac, entra na Justiça americana para provar que foi trapaceada – ao não ser incluída em um testamento como herdeira do pai. Jan Kerouac afirmou que o testamento de sua avó, e herdeira da maior parte do patrimônio do escritor beat, Gabrielle Kerouac, foi forjado por Stella Sampas, a terceira mulher de seu pai. O advogado de Jan, Thomas Brill, sustentou que exames grafotécnicos comprovaram que o testamento de Gabrielle deixando sua herança para Stella é uma fraude. Jan Kerouac não havia contestado o testamento, até tomar conhecimento, no início deste ano, de que a família de Stella Sampas, morta em 1990, estava “dilapidando o patrimônio” do pai, segundo afirmou em entrevista. Jan Kerouac não contesta o testamento pelo dinheiro, mas para honrar o desejo do pai de deixar seus trabalhos para escolas e universidades.
- É lançada a *Revista Cultural Vozes* – volume 88, ano 88 n.º 2, com o texto de Luiz Nazário, crítico, pesquisador e historiador, intitulado *Fassbinder e a Morte*.
- Timothy Leary é multado por autoridades do aeroporto Robert Mueller, em Austin, no Texas, por fumar em área não permitida. Ele estava na cidade para dar a palestra *How to Operate Your Brain*, mas não se intimidou. “Esta lei é uma das muitas tentativas do governo de controlar o comportamento das pessoas. Estou orgulhoso por quebrar esta lei anticonstitucional”, disse.

12 junho

- A ex-mulher de O. J. Simpson e seu suposto amante são encontrados mortos. O caso abala a América.

Segunda semana de junho

- As grandes lojas inglesas só estocam em vinil os discos da lista dos mais vendidos. A gigantesca HMV, em Oxford Street, inaugura uma exposição com 30 capas das valorizadas bolachas que cobriram as décadas de 60 aos 80, no declínio do vinil. O texto de apresentação, do ex-artista plástico e guitarrista Jimmy Page, resumiu a intenção da mostra: revelar a fusão da Pop art com o rock. “A união de artes plásticas e música sempre esteve presente em minha vida”, afirmou Jimmy Page, que participa com o lendário Led Zeppelin, que explode na capa de seu primeiro disco. Foram exibidas doze reproduções de capas dos Beatles, afirmando que a cinematográfica do psicodélico *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* foi “a melhor dos anos 60”. O posterior *Álbum Branco* mostrou o contraste absoluto em relação à melhor capa dos anos 60, com seu “minimalismo monocromático”. Enigmático, Bob Dylan exibiu o autorretrato que pintou para a capa de um de seus discos, e disse que a figura estranha “representa um pouco das músicas do álbum”. Storm Thorgerson, fundador da Hipgnosis, firma de design responsável pela elaboração da maioria das capas do Pink Floyd, consolidou o visual da era progressiva, ao lado de Roger Dean, que desenhava para o Yes. As capas de Emerson, Lake & Palmer também ajudaram a exibir o lado high-tech do rock progressivo dos anos 70. Foi do U2, com *The Joshua Tree*, de 1987, a capa mais recente da mostra, cujas reproduções variavam de US\$ 150 a US\$ 230 para venda.

1.º a 26 jun.

- São Paulo. A mostra *Glauber Rocha – Um Leão ao meio-dia* é apresentada no Mis – Museu de Imagem e Som.

5 julho

- Roger Daltrey, do The Who, lança *A Celebration: The Music of Pete Townshend and The Who*. O disco foi gravado em fevereiro de 1994, durante um show no Carnegie Hall, em Nova York, Estados Unidos, onde a banda fez uma série de apresentações especiais.
- O The Who lança a coletânea *Thirty Years of Maximum R&B*. A caixa com quatro CDs atingiu o 48.º lugar nas paradas britânicas; no mesmo dia, foi lançado um vídeo homônimo, com duas horas e meia de entrevistas e apresentações do grupo.
- The Rolling Stones lança o single *Love Is Strong*, uma prévia do álbum *Voodoo Lounge*.

17 jul.

- Itália. A “miss esquerda” Joan Baez não perguntou se o partido era de centro, direita ou esquerda, e canta na festa da Lega Nord, partido nitidamente de direita. Os grandes da canção italiana disseram “não”.

Julho

- REAL: O Governo lança o Plano Real.

4 agosto

- São Paulo. O cineasta italiano Michelangelo Antonioni, 82 anos, desembarca para uma retrospectiva de suas melhores obras – entre elas, *A Noite* (1960) –, no Festival de Gramado.

13 ago.

- Brasília. Exibição pública do curta-metragem *Di-Glauber*, no *I Festival de Cinema do Gramado*.

13-14-15 ago.

- O jubileu de prata de Woodstock, principal emblema da geração “Paz & Amor”, foi comemorado em dose dupla, pois ganhou duas reedições politicamente corretas, e muito diferentes do original, no mesmo fim de semana, nos Estados Unidos. O *Woodstock-94*, organizado pela Woodstock Ventures, que detém a marca, foi realizado em Saugerties, cerca de 160 km ao norte de Nova York. O outro aconteceu a 60 milhas (96 km), em Bethel, 57 km a oeste de Nova York, na mesma fazenda dos “três dias de sexo, drogas e rock’n’roll” de 1969, e chamou-se *Bethel-94*. As vendas iniciais foram de mal a pior para o *Woodstock-94*. Até o mês de junho, só tinham vendido 35 mil das 250 mil entradas disponíveis. Bob Dylan, que não esteve no primeiro Woodstock, quando era o líder de sua geração, e todos esperavam que fosse, desta feita compareceu, defendendo um cachê de 380 mil reais. Fez muito bem em defender seu troco (cada um dos 250 mil ingressos postos à venda por telefone custava US\$ 135), e não houve nada de errado nisso. Foi um show muito bem pago, como outro qualquer dele. A confirmação da presença do astro levantou as vendas. O *Woodstock-94* foi rotulado de “esdrúxulo e ridículo”, ainda que organizado pela mesma trinca que promoveu a célebre festa. Em 1969, a entrada custava US\$ 18. Mas dois terços dos 600 mil rapazes e moças que apareceram não pagaram um tostão para assistir o festival. Segundo os organizadores, Joel Rosenman, John Roberts e Michael Lang, “foram necessários quinze anos para pagar os prejuízos de Woodstock”. Esses homens ricos não quiseram repetir o erro, e “esqueceram” que tudo que os produtores deixaram de ganhar nas bilheterias foi ganho multiplicado – até hoje – com os direitos do disco e filme.

Com patrocínio da Pepsi-Cola, da Polygram e de outros importantes do “mercado jovem”, e partes transmitidas pela televisão, *Woodstock-94* foi um espetáculo com precisão científica e tecnologia de final de século. Superou assim a qualidade sonora e as improvisações que marcaram o Woodstock original. Desta feita, os espectadores foram levados de ônibus ao festival. Os 3.000 banheiros instalados na área do festival não foram suficientes para atender às necessidades locais e, apesar da vigilância dos 1.300 guardas, que poderiam considerar um simples baseado como contravenção, o LSD foi traficado – sem repressão – no local – por cinco dólares. Nos postos de saúde, com 179 leitos cada, uma equipe de mil e trezentos médicos e paramédicos atendeu as cerca de três mil pessoas. A comida industrializada à venda não foi suficiente.

Setembro

- O jornal francês Libération, em crítica positiva, classifica a cineasta Susana Moraes, primogênita de Vinicius de Moraes, de “herdeira cultural de Glauber Rocha”. Na ocasião, exibia-se *Mil e Uma Noites* no Festival de Veneza. Na verdade, trata-se de um lugar-comum. “Todos os cineastas brasileiros atuais somos herdeiros do marco que foi Glauber.” Susana Moraes achou o máximo o reconhecimento europeu.
- Começo a colaborar no tabloide Intelligentsia.
- Órfãos: A Fluminense FM acaba.

14 out.

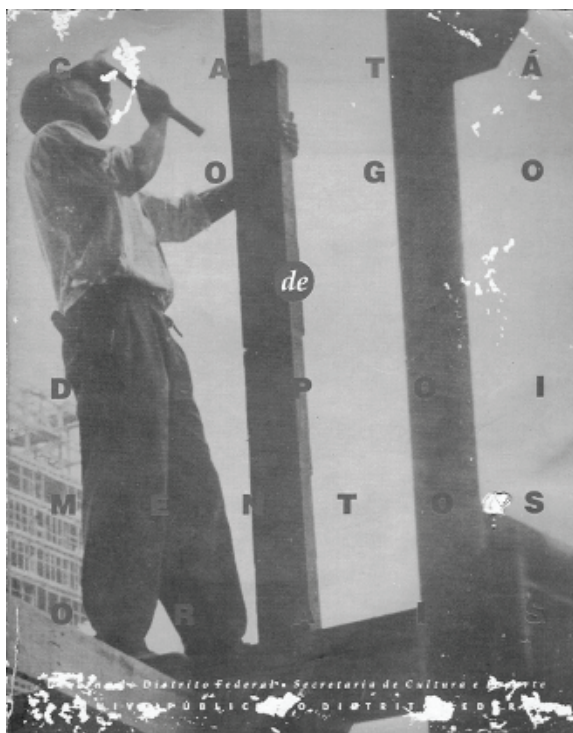
- Helena Ignez perde – ou teve roubado – um calhamaço de valor afetivo inestimável com cartas (entre elas aquela em que Glauber despede-se da atriz, ao fim do casamento), poemas (um feito para ela, após o primeiro encontro) e bilhetes, escritos de 1958 a 1963. Os papéis, guardados numa valise, estavam no bagageiro de um ônibus da Viação Itapemirim. Sem vaga num voo direto de Salvador ao Rio, ela decidiu seguir pela estrada até Vitória, onde deu por falta da valise.

1.º novembro

- A performance acústica do Nirvana é lançada como *MTV Unplugged In New York*. Duas faixas que não foram colocadas no ar pela MTV aparecem no álbum.

Novembro

- A prefeitura de Sintra, em Portugal, batiza uma rua com o nome do cineasta.
- No Brasil, a Rua Glauber Rocha é uma viela principal na favela da Ilha, em Sapopemba, zona leste de São Paulo.
- Fernando Henrique Cardoso é eleito presidente.



Impressos

- No livro *Amando Garbo: A História de Greta Garbo, Cecil Beaton e Mercedes de Acosta*, publicado nos Estados Unidos, seu biógrafo Hugo Vickers conta que Cecil Beaton e Greta Garbo mantiveram relações sexuais intensas.
- Londres – uma das sensações do verão inglês está nas livrarias. Aos 47 anos, Marianne Faithfull lança o livro de memórias *Faithfull*, escrito com ajuda de David Dalton. A cantora não esconde seu passado de aventuras lisérgicas, situações que muitas pessoas imaginam como roteiro de um filme de rock dos anos 60. Sua relação com os Stones começou depois que Mick e Marianne assistiram a um show de Ike e Tina Turner, em 1966. Ficaram juntos por quatro anos, e separaram-se poucos meses depois do maligno Altamont. A biografia chega às livrarias depois de Marianne ter encontrado o refúgio que sempre sonhou: uma propriedade de mil acres a meia-hora de Dublin, Irlanda. Ela conheceu a casa, onde mora há vinte anos, numa “viagem de LSD”. “Vi a casa pela primeira vez com Mick e Marina Guinness, mas não conseguimos entrar. Ficamos olhando pela janela, e eu dizendo comigo mesma: este ácido é fantáááástico”, narra ela.

Não se sabe se o efeito das drogas chegou a tanto, mas a verdade é que Marianne embaralha tudo no trecho em que fala de sua passagem pelo Brasil, com Mick Jagger. Reescreveu o litoral brasileiro ao afirmar que foram a um lugar estranho, a Bahia, que fica “na costa norte do Rio”. Na Bahia, teriam participado de um ritual sagrado “chamado Santeria”. Assim como confundiu Rio e Bahia, trocou Brasil por Cuba. Santeria é uma espécie de macumba da terra de Fidel Castro. “Após algumas semanas, decidimos ver o que mais o mundo tinha a nos oferecer. Pegamos um voo para o Rio de Janeiro. Primeiro ficamos em Copacabana. Nunca saímos do hotel antes da noite, quando ficava mais frio. Então saíamos para beber champanha e comer caviar. Depois de algumas semanas, percebemos que não era aquilo que nós procurávamos. Encontramos um casal de negros de Nova York, que nos contou sobre um lugar estranho e selvagem, na costa norte do Rio, chamado Bahia. Fomos para lá. Na primeira noite, ficamos muito loucos, e fomos assistir a uma cerimônia religiosa chamada Santeria, que era organizada na igreja principal de uma cidadezinha. A fachada da igreja estava toda iluminada, como se fosse um teatro do East End. Danças selvagens e tambores. Não havia nenhuma pessoa branca na festa. Nós parecíamos a família sagrada. O Mick estava com barba e tinha o cabelo muito grande. Eu carregava uma criança. Alguma coisa aconteceu... E as pessoas começaram a ficar com raiva de nós. Tivemos que fugir do lugar. Sempre achei que esta experiência levou Mick a usar samba como base para a música ‘Sympathy For The Devil’”.

- “Era como se um deus do Olimpo estivesse vindo até mim.” (De seu relacionamento com Bob Dylan).
- *Flávio de Carvalho – O comedor de emoções*, J. Toledo. Editora Brasiliense/ Editora UNICAMP.
- *Winterverno*, autor Paulo Leminski.
- *Dicionário de Escritores de Brasília* – autor Napoleão Valadares. André Quicé Editor.
- Viva Alternativa, jornal independente, dirigido por Ary Pára-raios, encerra as atividades.

17 out.

- É lançado *Avant-garde na Bahia*, do poeta e antropólogo Antônio Risério. O livro estuda as manifestações culturais ocorridas em Salvador no final dos anos 50 e início dos 60. “Glauber já era o garoto que absorvia essa atmosfera e a transformava em ação dirigindo jograis, curtas-metragens e o suplemento cultural do Diário de Notícias, procurando de forma exigente extrair o máximo da situação, quando Bethânia e eu chegamos.” Prefácio onde Caetano Veloso fala da cena de Salvador.

Discos

- O disco *Primus Inter Pares* é finalmente lançado pela Patrulha do Espaço.
- Lanny Gordin grava com Chico César.
- Os Paralamas do Sucesso lançam *Severino*.
- CCDB não produz mais instrumentos ou aparelhos de som, pôs de lado sua carreira de áudio no apogeu. Seu último trabalho foi a supermesa de som CCDB 44.
- Algumas das últimas gravações de Jerry Garcia foram lançadas em *Blue Incantation*, álbum do guitarrista indiano Sanjay Mishra. Os dois se conheceram neste ano, por meio de Deborah, viúva de Jerry.

Imagens corridas e tremidas

- Robert Crumb abre as portas de sua casa a um amigo de longa data, o cineasta Terry Zwigoff, que entrevistou sua mãe, irmãos, mulheres e namoradas. O relato da obra e do criador é feito de modo honesto e cru pelo cineasta. Mas os pesadelos ainda não haviam acabado. Charles, seu irmão esquizofrênico, com quem havia começado a desenhar e editar gibis nos anos 60, se suicida, pouco depois de terminadas as filmagens. A nova onda conservadorista americana fez Robert Crumb trocar a sua fazenda na Califórnia e montar uma banda – para tocar música tradicional como aquela da década de 20 – no sul rural da França, onde mora atualmente (“em uma casa que trocou por uma pilha de desenhos”) com sua esposa e filha.
- “Começo a filmar em vídeo, e me lembro de um flash escuro da seleção campeã da *Copa de 94* desfilando no Eixo; um sorriso do Virgílio na banheira, a entrada da minha casa na chácara, e corta! Marssal ao vivo no Guará, num galpão de uma revendedora de carros. O engraçado é ver os rostos e expressões rejuvenescidas dos amigos e o impacto da apresentação da banda nas pupilas.” (Pazcheco)

Shows

- The Band reaparece no *Woodstock-94*, em um show de mais de duas horas, com a participação de convidados especiais: Bruce Hornsby, Bob Weir e Roger McGuinn.

Obituário

6 fevereiro

- Morre Jack “King” Kirby, o desenhista de quadrinhos e cocriador do Universo Marvel, ao lado de Stan Lee. Ele tinha 78 anos.

9 março

- Morre Charles Bukowski, o cronista dos amores loucos. Leucemia mata aos 73 anos (1920-1994) um dos mais famosos escritores e poetas do underground norte-americano. Ele estava internado em um hospital, sofrendo de leucemia. Mas a causa imediata de sua morte foi pneumonia.

Sexo, álcool e puro horror ao rock'n'roll

Manoel Henriques Carlos – 11 mar. / 1994

Charles Bukowski frequentou os mesmos bares e recitais da chamada Geração beat de Jack Kerouac e William Burroughs e Gary Snyder ou Gregory Corso, mas não tinha o hábito de contar para eles seus poemas nem de pagar-lhes rodadas de bebida, como equivocadamente foi pintado, quando apareceu, há cerca de dez anos, para o público brasileiro.

8 abril

- Kurt Cobain, então com 27 anos, é encontrado morto com um tiro na cabeça em sua casa em Seattle, nos Estados Unidos. Acredita-se que ele tenha se matado no dia 5 de abril, depois de consumir heroína.

Agosto

- Morre Geni Stefanin (1953-1994).



Não importa que escolha você faça, desde que ao caminhar por esta estrada o seu compromisso mais importante seja consigo mesmo, com seus próprios sonhos. Assim os obstáculos sumirão, como por encanto. (Geni Stefanin)

7 outubro

- Maurício do Valle, o intérprete de Antônio das Mortes, morre aos 66 anos.
- Morre, em Paris, Roberto Pontual, crítico de artes plásticas do Jornal do Brasil entre 1977 e 1980.

Intelligentsia

MÚSICA

Saudosismo compulsivo

Mário Pacheco

Triturados ouvidos descrevem o descompasso da Insatisfação auditiva.

A incontável sensação de repetição, o precoce enjôo do cardápio digital absorvem o velho e manjado consumidor de música.

Deprimido no *status de yuppie* demérito, antes de escrever o artigo, *o peregrino* a banca de jornais. Olhares petrificados encaram as capas de revistas com Led Zeppelin, Elvis Presley, Raul Seixas e Kurt Cobain; o tom seria de necrofilia e culto à tragédia.

Talvez o artigo seja pernóstico, ou incomode aqueles que seguram os remotos e exprimem a pausa ou a eterna mudança das estações. Estes são parágrafos introdutórios ao último artigo musical no qual não falo nada concreto musicalmente.

Faz 25 anos hoje, eu tive de ser informado, o homem pisou na Lua (na bola?), fez 25 dias que Woodstock acabou e comemoramos as bodas de prata do milésimo gol do Pelé.

Instituições atemporais, gostou do novo dos Rolling Stones?

Os alardeados anos 60 acabaram há 25 anos e constantemente encontramos cartazes, adereços e chavões remetendo à política do êxtase: "Eu não conseguia balbuciar nada, aquele ácido me travou", desmentindo o mandamento do "sonho acabou".

Sintomaticamente o nome de um disco-tributo dos Ramones coincidentemente chama-se: "Comedores de Ácido"; há também tributos a Jimi Hendrix e até Roberto Carlos, por que não?

Regravações, lançamentos. No cinema, "Backbeat" conta a história do quinto Beatle. Quem?

A prática do mercado discográfico nacional é a mesma de quando o rock aportou entre nós; os discos nunca saem e os privilegiados consumidores da classe A combatem a monotonia consumindo importados caixotes digitais, verdadeiras piratarías legalizadas, eles compram os mesmos títulos analógicos de suas estantes, só que agora as versões digitais dispõem de *bonus tracks*, ou seja, faixas extras que os levam a comprar o mesmo disco.

A terminologia inglesa é aceitável dentro da necessidade do intercâmbio de informações, atrás - 30 anos de "Opinião", de "Deus e o Diabo na Terra do Sol".

As mesmas resenhas semanais de sempre, a mesma imprensa musical obtusa, maquiada, desonesta, com a redação lotada de supremos puxa-sacos.

A mídia musical xerox do modelo importado, do sucesso instantâneo, da insípida e inodora formação de opiniões, desestimulada e dependente da vinheta solidária do patrocinador que a vicia. Terceiro mundismo recalcitrante.

O percurso dos *shows*, dos estúdios, dos esquemas das gravadoras, das promoções dos supermercados e das listas com os números. Até que a nova tendência decreta a falência da novidade, do que vai ser consumido.

A crítica diária não leva vantagem sobre a semanal, pois passa sete dias redigindo a mesma teia; a semanal demora um pouco mais e a mensal é a reunião das diárias com as semanais.

As mesmas resenhas de sempre, a mesma imprensa musical obtusa, maquiada, desonesta, com a redação lotada de supremos puxa-sacos. A mídia musical xerox do modelo importado, do sucesso instantâneo, da insípida e inodora formação de opiniões, desestimulada e dependente da vinheta solidária do patrocinador que a vicia. Terceiro mundismo recalcitrante. A crítica diária não leva vantagem sobre a semanal, pois passa sete dias redigindo a mesma teia; a mensal é a reunião das diárias com as semanais.

do relacionamento e do entrosamento que completam a profissionalização do músico, mas o que desperta a sensação de inutilidade é consumir as *demo-tapes* pauperrimamente gravadas em inglês macarrônico por jovens brasileiros. Letras carregadas de discursos verborrágicos como os dos políticos e de nuances inimitáveis de nossa realidade.

O nosso caos habitável de cada dia é enfoque recorrente dos roqueiros tupiniquins, mas o canal de comunicação em que as crônicas são expressas valem-se do inglês - nossos novos vassalos colonizadores, esboques de Tio Sam, algozes da língua pátria ou vítimas do imperialismo?

Por isso o rock brasileiro encontra-se mal produzido e registrado tal como há 30 anos

- e você com isso?

Faço *cover*; logo gravo. Antes, apenas o *cover* artístico, ano retrasado as bandas *covers* de Raul Seixas, ano passado a febre dos tributos, neste ano eleitoral, os *jingles*.

A música não está estancada, sobrevive eletroacusticamente lamentando *riffs* de desilusão e pura frustração, ano que vem estúdio de 50 canais, distribuição internacional, programações alternativas, a entrada definitiva no mercado, ser promoção e enfim no. 1.

25 anos vivendo de recordações isso não faz bem e o último não desmente o mandamento: "o sonho acabou".

MÁRIO PACHECO é escritor

Setembro - 1994

Público derruba mito

Irlam Rocha Lima

Da equipe do **Correio**

"Acompanho a dupla há muitos anos. Eles são ótimos", observou a professora aposentada Belquis Veloso, que foi ao CNB com o marido e o filho. De filmadora em punho, Mário Pacheco registrou os dois shows numa atitude de devoto. "Antes do show os apresentei com meu livro Balada do Louco, sobre o ex-Mutante Arnaldo Baptista" (outra maldito), comentou orgulhoso.

CENA DA NOITE

Jefferson Rudy



OS MALDITOS MACALÉ E MAUTNER REÚNEM PÚBLICO DE VÁRIAS IDADES

CB, 2 JUL. / 2001

Contos de Jorge Vigarista

1995 - Conic. Alguém disse: “Tem Jorge Mautner na Asa Norte. Num bar...”

Afonso “Cascão”, Carlão Nascimento, Mário Pazcheco e o Zé “Galinha”. Conta fechada.

Caminhamos do Conjunto Nacional até a Asa Norte.

Mal chegamos ao bar odara, decorado com cortinas coloridas, que gritavam aos olhos, fiz um comentário infeliz: “Que cachorrinho bonito”.

A loira do cão respondeu que ia nos apresentar ao dono do cachorrinho.

Alguém disse: “Ela é mulher do maior traficante da Asa Norte, é melhor correr...”

Vazamos.

Ofegante, disse Afonso “Cascão”: “Não vou correr! Ele que me mate!” Em solidariedade, e para que Afonso não partisse desta sozinho, reduzi o passo e, emparelhados, descemos até a Rodoviária.

Esta passagem virou uma anedota no Conic. Demorou anos para ser esquecida.

Posteriormente Carlão disse que tudo não passou de uma brincadeira. Eu achei melhor continuar vivo.

“A história é apenas em parte verdadeira, o cara só era um imbecil troglodita, e quem elogiou o cachorrinho não fui eu, e sim você. Quanto à caminhada, não me lembro, acho que faz parte daquela máxima: ‘Quem conta um conto, aumenta um ponto.’” (Afonso Ligório Araújo Mesquita).

Depois desse episódio, entrevistar Jorge Mautner se tornou um objetivo, uma questão de honra.

Em 1995, através do cartunista Kleber Marques, consegui acesso ao camarim de Jorge Mautner no Sindicato dos Bancários, Setor Comercial Sul.

De “cu doce”, Jorge Mautner amarrou a entrevista, sem demonstrar interesse algum em responder a minhas perguntas simples: como será o show, qual a sua relação com Brasília, seu último LP, Pedra Bruta...

A coisa muda de figura

Um atordoado Jorge Mautner não acreditou quando o brasileiro, Cristovam Swaud, produtor da sua *Pedra Bruta*, atravessou a porta.

Jorge Mautner ficou sem graça e, instantaneamente, começou uma desmedida enxurrada de elogios ao visitante, “seu pai foi o maior poeta do Sul...”

Cristovam Swaud hospedava Mautner em Viena, onde foram realizadas as gravações do disco, e atirou à queima roupa: “Você sumiu com a fita master do estúdio!”

O tempo fechou.

“Ou termino a entrevista ou conversamos?”

Cristovam Swaud queria que eu acompanhasse a conversa. Achei melhor sair fora. Nunca contei esta história da capital das embaixadas, esquina do mundo...

Domingo. 2 jul. / 2001 – Brasília – Conjunto Nacional. Nélson Jacobina tomava café, quando foi interrompido por uma menina, bem novinha:

“Jorge Mautner! Curto muito aquela sua música ‘Vampiro’...”

Rapidamente, o apresentei:

“Este é Nélson Jacobina, que acompanha Jorge Mautner desde 1972!”

“Jorge Mautner é aquele alí na frente...”

A menina novinha escafedeu-se na direção de Mautner.

Rimos um bocado.

O show foi fantástico, um dos melhores que vi deles.

10 anos depois...

Jorge Mautner – voz, violino

Nélson Jacobina – violão, guitarra e direção musical

Kassim – contrabaixo

Stéphane Sab Juan – bateria

CCBB 17 set. / 2011 – No show *Anjos Tortos* (ingresso cortesia de Léo Saraiva),

vi pela última vez Jorge Mautner e Nelsón Jacobina. O cantor simplesmente não conhecia o repertório do homenageado, Raul Seixas.

Eu achei genialmente picareta, metade do público ficou decepcionado. Temi pela integridade artística de Jorge Mautner, que algum fã exaltado do Maluco Beleza lhe tomasse o microfone e o show, porque cantasse as letras corretas do Raulzito. Mas ele teve lampejos geniais, e o velho hábito de discursar sobre tudo, baseado nos alicerces de sua cultura pessoal, que realmente nunca prestou muita atenção em Raul Seixas.

Caos. Fiquei com dó do Kassim!

O público não vaiou, e ainda ficou na dele. Não há mais embate, não há debate, só mesmo o novo bando de deslumbrados bem-comportados sem expressão.

1995

Música

- Rita Lee é convidada para abrir o primeiro show dos Rolling Stones em solo brasileiro. No mesmo ano, a cantora lança o disco ao vivo *A Marca da Zorra*.

293

6-7 fevereiro

- The Mill Studio, Sussex, England: Time unknown. Recording: “Now And Then”/“I Don’t Want To Lose You” (takes unknown); “Real Love” (takes unknown).
- Producers: George Harrison, John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr, Jeff Lynne. Engineers: Geoff Emerick, Jon Jacobs.

12 fev.

- *Sain Cássia’s Blues*

6 março

- Lançamento do compacto dos Beatles: “Baby It’s You”; “I’ll Follow The Sun”; “Devil In Her Heart”; “Boys”. Parlophone/Apple (vinyl)/(cassette)/(CD).

3 julho

- Rejeitada a tentativa de Courtney Love de sepultar Kurt Cobain, do Nirvana, no Seattle’s Lake View Cemetary, em Washington, Estados Unidos, a direção do cemitério afirmou que já tinha muito trabalho com a quantidade

excessiva de pessoas que se dirigem ao local para ver os túmulos de Bruce e Brandon Lee.

Julho

- Paul Rodgers – Palace – São Paulo.

2 outubro

- *Sexo de Hendrix na Europa*
- A banda paulista 365 volta a gravar, e participa da coletânea inglesa *Oi! It's a World Invasion, Vol. 2*, com as músicas “Pamela” e uma versão de “Violência e Sobrevivência”, do Lixomania. Após esta gravação, o baterista Miro de Melo lançou com a banda Fogo Cruzado um álbum homônimo. O vocalista Finho e o guitarrista Ari Baltazar formaram a banda M.M.D.C., participam da coletânea *Urbanoise* e lançam o álbum *Non Ducor Duco*.
- Osasco (SP), surge a banda La Carne, “equilíbrio tenso” entre o som pós-punk e as letras urbanas ácidas.
- Amyr Cantúcio Jr. O Alpha Terceiro lança o CD *The Edge* pela Italy Mellow Record Label.
- Composto, produzido e gravado por Antônio Celso Barbieri, TheBrainSexyDiet debutou seu álbum chamado *Master Blaster*.
- O Quarteto Actis Dato lança o álbum *Blue Cairo*.
- Jefferson Starship headlined a tribute to the at *Hollywood's House of Blues*, broadcast nationally on the CBS Radio Network Concert Series. With very special guest Grace Slick (in her last live performance to date), they debuted new material, together with timeless classics, comprising the 1995 release “Deep Space”/“Virgin Sky”.
- Estreia na Broadway um musical com base nas músicas de Leiber e Stoller, *Smokey Joe's Café*, que apresenta mais de dois mil espetáculos.
- O ex-baterista do Nirvana, Dave Grohl, forma a banda – como um projeto individual de estúdio no álbum inicial – *Foo Fighters*, e depois a torna plena e ativa. Entre os músicos adicionais está Pat Smear, o ex-guitarrista do Germs, que foi músico de apoio do Nirvana antes de se tornar um Foo Fighter em tempo integral, o que aconteceu de 1995 a 1997. Foo Fighters fazem primeiro show em Londres!
- Neil Young se junta ao Pearl Jam para lançar *Mirror Ball*.
- O contrabaixista Rodolfo Braga (Joelho de Porco), de volta a São Paulo, trabalha como músico/ator para a Cia. Coisa & Treko, no *Projeto Contadores de Estória*, e se apresenta em espaços abertos, escolas públicas e particulares, além de todas as Escolas Municipais de Ensino Infantil (Emei) de São Paulo.

19 novembro

- Quarenta e oito milhões de norte-americanos testemunharam o segmento das primeiras duas horas de *Anthology*, e resistiram a uma ansiosa contagem regressiva de 60 segundos antes de “Free As Bird” finalmente ter sua *première*. Quando os últimos acordes chegaram ao diminuendo final, a BBC teve autorização para transmitir o tão aguardado compacto de reencontro dos Beatles, às 4 h, da madrugada do dia 20 de novembro.

Artes

Maio

- As mostras internacionais ganham destaque. A de maior notoriedade, que traz pela primeira vez ao país as esculturas de Auguste Rodin, acontece no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), e atrai 226 mil espectadores, número que marca um fenômeno de visitação.

Julho

- O cineasta e escritor José Roberto Torero vence o 11.º *Rio Cine Festival*, tanto na competição de curtas-metragens quanto na de vídeo, respectivamente com *Amor!* e *Glauber Rocha, quando o cinema virou samba*.

2 jul.

- No Piauí, em Teresina, acontece a *Semana Carlos Castello Branco*. No Cine Rex, numa sessão especial, *A Idade da Terra* é exibido com a presença de dona Lúcia. No filme, Carlos Castello Branco, o Castellino, jornalista político e escritor, imortalizado pela Academia, traça um profético painel político do país.
- Nostálgicos da década de 60, mais uma novidade: a Compton's trouxe o programa em CD *Haight-Ashbury In The Sixties!*

23 agosto

- *Cidadão Kane foi salvo por milagre*

24 nov.

- A musa da Nouvelle vague Anna Karina, atriz em *O Demônio das Onze Horas – Pierrot Le Fou*, de Jean-Luc Godard, e a musa do Cinema Novo, Helena Ignez, encontram-se na piscina do Hotel Caesar Park, em Ipanema.
- O editor, Jean-François Bizot, um dos profetas da contracultura, dirige o filme *Get Up Stand Up: L'histoire du Reggae*.
- Michael Moore realizou uma comédia satírica política, *Canadian Bacon*, onde o presidente dos Estados Unidos tenta melhorar os seus índices de popularidade invadindo o Canadá.

Livros

Janeiro-Fevereiro

- *Tools for Warriors: The Losers are The Ones Who Influence History*, Thomas P. Healy, Branches.
- *My Sister's Hand In Mine: The Collected Works Of Jane Bowles*.
- Outono, acontece a primeira grande exposição sobre os beats, no Whitney Museum, em Nova York.

14 setembro

- Rio de Janeiro. Wally Salomão apresenta um texto de sua autoria no ciclo de debates dos *35 Anos do Caderno B do Jornal do Brasil*: "(...) Se arrependimento matasse, eu já estaria morto. Equilibrando-me sempre à beira da inadimplência, labutando pelo leite dos meninos etc. e tal. (...) Se bem que o mais das vezes sinto-me mesmo é um homem sem profissão, ao modo do antropófago Oswald de Andrade. Caí de paraquedas no debate JB. Quando convidado, quis desistir, mas era tarde demais, e então enfrento a parada com o peito aberto, sem estar estufado, mas minha memória conta os versos cívicos daquele hino: 'verás que um filho teu não foge à luta'. Que Alah me perdoe e nos ilumine."

16 outubro

- "Vou concluir com uma balada, com acompanhamento; por favor, o acompanhante pode subir até o palco?" Esta frase, dita por Paul McCartney quando de sua aparição especial no Royal Albert Hall, serviu de senha para Allen Ginsberg recitar *The Ballad Of The Skeletons*, acompanhado pelo ex-beatle. O evento foi uma homenagem aos poetas ingleses contemporâneos – *Return Of The Forgotten*.
- Thildo Gama, multi-instrumentista baiano, e um dos primeiros parceiros, escreve sobre o amigo: *Raul Seixas – A Trajetória de um Ídolo*.
- *Dialogism and syncretism in the films of Glauber Rocha*. Monografia, tese DR, University New York/Dep. Cinema Studies de José Gatti.
- Antônio Risério lança o livro *Avant-garde na Bahia*.

Subliteratura



- *Aventura sem Dublê*, ápice da juventude, transcorre em três ambientes diferentes: na monotonia da Seção, nas festas noturnas de segunda a segunda, movido por bolas, e nas madrugadas, quando não trepando, escrevendo-me. Livro fotocopiado, 100 cópias.

Aventura sem Dublê, nele encontrei outro beco sem saída, e resolvi vender edições artesanais. Brochuras com capas coloridas (fotocópias), acabadas em gráfica, mas poupando os custos de impressão.

Fellipe CDC: E o segundo livro, como pintou a ideia? Do que fala a segunda cria? Pergunto, porque esse eu não tenho.

Aventura sem Dublê é um título gay, do Hebert! (“Você não curte uma aventura sem dublê não?!...”) Roteiro beat: bebaço e loucaço, quero traçar Molly Smith! Nesse livro, há dualidades e situações libertinas. Eu não sou homofóbico, e sempre vou ser grato a este cara pelo título. Confissão: Eu fiquei com a Molly, e foi o dia mais feliz do ano. Ela era groupie dessas bandas de filho de diplomata, eu a desejava desde aqueles idos. Satisfeito, numa sentada, fiz o livro.

Na cabeça do personagem Pat Zimmerman, há Molly, linda mulher, loira platinada e falsa magra. E Loretta Lyn, que é gay, e pensava que ia se casar com o canalha do Pat Zimmerman. Mas ele ficou com a Molly, e Loretta, no sanatório. Em delírio, eu imagino a Loretta Lyn vestida de noiva, cruzando o Eixo (Eixo Rodoviário) em alta velocidade, ouvindo Arnaldo Baptista.

No baixo Conic, encontrei o personagem Loretta Lyn. Ele ela era ideal para o papel. Se quiser ser “ele” ou “ela”, faz parte da farsa!

Obituário

12 fevereiro

- O baixista Philip Taylor Kramer, do Iron Butterfly, deixou mulher e filhos. Kramer, 42 anos, já desligado do grupo, foi estudar Física Quântica. Nos anos 80, o músico e mais um grupo de cientistas participaram do pro-

jeto de um tal de míssil nuclear MX. Mais recentemente, o ex-baixista havia fundado a companhia high-tech Total Multimedia Inc., onde trabalhava. No distante dia 12, ele tinha ido para o aeroporto. Chegando lá, alguma coisa o fez mudar de planos. Voltou para dentro do carro, pegou o celular e discou para sua mulher, Jennifer: “Tenho uma surpresa enorme para ti. Sempre vou te amar. Nos encontraremos do lado de lá!” Ligou também para Ron Bushy, ex-integrante do Butterfly: “Te amo mais que à vida”, deixou gravado na secretária eletrônica. Por fim, telefonou para o 911, da polícia: “Vou me matar.” Sumiu...

A 29 mai. / 1999 – Os restos de Philip Taylor Kramer, são achados, seu carro caiu num rio próximo à cidade de Malibu, na Califórnia.

14 junho

- Nascido no dia 2 de março de 1948, o irlandês Rory Gallagher, guitarrista de blues-rock, letrista, vocalista e fundador do power trio Taste, combinava o virtuosismo e a genialidade do músico, principalmente como guitarrista, com as qualidades de grande ser humano. Durante mais de trinta anos de carreira, o “guitarrista do povo” vendeu 30 milhões de discos. Era adorado por uma legião mundial de fãs. Rory Gallagher morreu em Londres, por complicações em decorrência de um transplante de fígado. Tinha 47 anos de idade.

1.º julho

- Morte de Wolfman Jack (Robert Weston Smith), de ataque cardíaco, em Belvedere, North Carolina, Estados Unidos. Ele nasceu em 21 jan. / 1938, em Nova York, e foi um dos mais populares disc jockeys dos Estados Unidos. Devotado ao R&B e ao rock’n’roll, para muitos, foi o sucessor de Alan Freed, depois que este passou a ser perseguido pelas autoridades norte-americanas e, proibido de trabalhar, atuou como ator no filme *American Graffiti* (1973). Ele interpretou a si mesmo. Também foi homenageado pelo The Guess Who, em 1974, com o sucesso “Clap For The Wolfman”.

9 agosto

- Jerry Garcia morre de ataque cardíaco na Serenity Knolls Substance Abuse Clinic (uma clínica para tratamento de abusos de droga), na Califórnia. Parte das cinzas de Jerry Garcia foram jogadas no rio Ganges, a 265 quilômetros ao norte de Nova Deli, Índia, no dia 4 de Abril de 1996. O dia 4 de Abril é conhecido na Índia como o dia do aniversário de Buda. Também nesse dia, Buda alcança o nirvana, e escapa do círculo sem fim das reencarnações,

segundo o Budismo. A cerimônia com as cinzas de Jerry Garcia teve início após um eclipse total da Lua, entre 4h30 e 6h da manhã. O restante das cinzas foi jogado na Baía de São Francisco, na manhã de 15 de Abril de 1996. Jerry Garcia era o líder e guitarrista do alucinado Grateful Dead. Vários outros membros da banda morreram com idades bem inferiores à de Jerry Garcia. Ron MacKernan (Pigpen) morreu no dia 8 de março de 1973, com 27 anos de idade; Keith Goldchaux, em 23 de julho de 1980, com 32 anos; Brent Myland, no dia 26 de julho de 1990, com 38 anos.

23 novembro

- Louis Malle morre aos 63 anos.

1996

Antônio Peticov, capitão da nave espacial do Arnaldo

entrevista - Antonio Peticov

"Eu seria o capitão da nave espacial do Arnaldo"

Pioneiro lisérgico, Antônio Peticov, 50 anos, paulista com sobrenome de origem russa, é um dos artistas plásticos brasileiros mais internacionais de nossa época. O arco-íris é o símbolo de seu realismo mágico, ao definir um famoso quadro seu como sendo da autoria de Deus, Peticov lembrava a aliança entre o Senhor e Noé, para que a Terra não sofresse novos dilúvios.

Em meio aos preparativos de sua primeira vernissage em Brasília, Antônio Peticov, que conviveu com os Mutantes durante seus "anos de ouro" (e os "apresentou" às viagens lisérgicas), concedeu esta exclusiva para o ROCK PRESS.

Rock Press: O senhor foi um dos divulgadores da política do êxtase no Brasil. A história de jogar ácidos na mão da rapaziada procede? Houve problemas com a ditadura?

Antônio Peticov: Não! Isso é um gancho sensacionalista que não procede. A história é modificada e Paris é outra história. No mundo inteiro sempre existiu falta de liberdade, e épocas e locais tolerantes. A ditadura é cana e isso é chato, e há a situação do status quo.

RP: Qual seria a sua palavra definitiva em relação aos ácidos...

Peticov: Quem estiver curioso, procure um especialista. Não me pergunte sobre o especialista. Ninguém faz nada... ninguém é responsável, ninguém é obrigado pelo outro. Você pode levar o cavalo à fonte, mas beber a água é com ele.

RP: Como aconteceu do senhor se tornar empresário do O'Zeis?

Peticov: Eu conheci o Túlio, um músico excepcional que ganhara um prêmio em dinheiro e um contrato para gravar um disco, e ele me pediu que arranjasse uma banda. O Sérgio Dias eu já conheci e o Raphael Villardi, outro guitarrista, também tocava com o Arnaldo Baptista, foi assim que surgiu O'Zeis, completado pela Rita Lee, a Suelli e o Luis Eyzaguirre. Grupo que após a morte prematura de Túlio gravou o compacto "O

Suicida/Apocalipse" (um êxito mal gravado, com ácidos que estouravam os alto-falantes das violões. A foto da capa do compacto é minha e eu não o possuo, eu queria rever a foto).

Eu morava na Itália, e conheci o Arnaldo de sala de aula, ele era muito arrogante. O maior ídolo do Arnaldo era Adolf Hitler. "O cara que inventa uma bomba de ar não pode ser um mau sujeito", dizia o Arnaldo. No final dos anos 60, o Arnaldo não falava comigo, ele me machucou muito, mas eu nunca o matei. Nos anos 70, depois que o Arnaldo gravou o *O'Zeis*, eu morava numa comunidade em Firenze, na Itália, e ele me ligou dizendo que estava vindo me encontrar, e insistiu para que eu voltasse ao Brasil, para ser o capitão de uma espaçonave que estava sendo construída por ele e que nos levava para outra galáxia. O Arnaldo sempre dizia que não ficaria velho, que quando chegasse aos 30 anos, se mataria. E se matou. Ele morreu, não é esse cara que está aí.

RP: Vinte anos depois de gravado, o álbum *O A E O Z* dos Mutantes, finalmente foi editado: a concepção da capa seria de sua autoria, o que aconteceu?

Peticov: Clichê, isso é tão inútil. Eu já fiz 22 capas de discos de músicos, amigos e amigos músicos. Geralmente, acontece uma questão temporária de uma imagem existente: já pronta, e eu cobro numa faixa de US\$ 2.000. A capa do *O A E O Z* sumiu no tempo, seria o fruto de uma relação não comercial, uma união do meu trabalho e o deles. A origem do nosso trabalho é a mesma história: eu, Arnaldo e Rita atravessamos juntos os anos 60.

RP: Ainda falando dos Mutantes, poderia esclarecer como surgiu a fita que pode significar o lançamento do álbum do grupo gravado em Paris?

Peticov: A fita vem comigo desde aquela época, eu a ganhei na Inglaterra e quem me deu foi um inglês, Carlos Horne, produtor do disco. Usaram a fita sem a minha autorização e fizeram a masterização, mas o trabalho é deles.

À direita: Roger Moreira, Antônio Peticov e Tony Babalú. Festa de 30 anos do Made in Brazil – São Paulo, 22 jul. / 1997. Foto: Grace Lagôa

Pioneiro lisérgico. Antônio Peticov, 50 anos, paulista com sobrenome de origem russa, é um dos artistas plásticos brasileiros mais internacionais de nossa época. O arco-íris é o símbolo de seu realismo mágico. Ao definir um famoso quadro seu como sendo da autoria de Deus, Peticov lembrava a aliança entre o Senhor e Noé, para que a Terra não sofresse novos dilúvios. Em meio aos preparativos de seu primeiro vernissage em Brasília, Antônio Peticov, que conviveu com os Mutantes durante seus "anos de ouro" (e os "apresentou" às viagens lisérgicas), concedeu esta entrevista:

O senhor foi um dos divulgadores da política do êxtase no Brasil. A história de jogar ácidos na mão da rapaziada procede? Houve problemas com a ditadura?

Não! Isso é um gancho sensacionalista, que não procede. A história é modificada e Paris é outra história. No mundo inteiro, sempre existiu falta de liberdade, e épocas e locais tolerantes. A ditadura é cana, e isso é chato. E há a situação do status quo.

Qual seria a sua palavra definitiva em relação aos ácidos?

Quem estiver curioso, procure um especialista. Não me pergunte sobre o especialista. Ninguém faz nada. Ninguém é responsável. Ninguém é obrigado pelo outro. Você pode levar o cavalo à fonte, mas beber a água é com ele.

Como aconteceu do senhor se tornar empresário do O´Seis?

O Raphael Villardi, outro guitarrista, também tocava com o Arnaldo Baptista. Foi assim que surgiu O´Seis, completado pela Rita Lee, a Sueli e o Luís Pastura. Grupo que após a morte prematura de Túlio gravaria o compacto “O Suicida” / “Apocalipse”, um disco mal gravado, com agudos que estouravam os altofalantes das vitrolas. A foto da capa do compacto é minha, e eu não a possuo. Eu queria rever a foto. Eu morava na Mooca, e conhecia o Arnaldo de sala de aula. Ele era muito arrogante. O maior ídolo do Arnaldo era Adolf Hitler. “O cara que inventa uma bomba de ar não pode ser um mau sujeito”, dizia o Arnaldo. No final dos anos 60, o Arnaldo não falava comigo. Ele me machucou muito, mas eu nunca o maltratei. Nos anos 70, depois que o Arnaldo gravou o *Lóki?*, eu morava numa comunidade em Firenze, na Itália. E ele me ligou, dizendo que estava vindo me encontrar. Insistiu para que eu voltasse ao Brasil, para ser o capitão de uma espaçonave, que estava sendo construída por ele, e que nos levaria para outra galáxia. O Arnaldo sempre dizia que não ficaria velho, que quando chegasse aos 30 anos se mataria. E se matou. Ele morreu, não é esse cara que está aí...

301

Vinte anos depois de gravado O A e o Z, dos Mutantes finalmente foi editado; a concepção da capa seria de sua autoria. O que aconteceu?

Olha, isso é tão antigo. Eu já fiz vinte e duas capas de discos de músicos amigos e amigos músicos. Geralmente, acontece uma cessão temporária de uma imagem existente, já pronta, e eu cobro numa faixa de US\$ 2.000. A capa de *O A e o Z* sumiu no tempo, seria o fruto de uma relação não-comercial, uma união do meu trabalho e o deles. A origem de nosso trabalho é a mesma história. Eu, Arnaldo e Rita atravessamos juntos os anos 60.

Ainda falando dos Mutantes, poderia esclarecer como surgiu a fita que pode significar o lançamento do álbum do grupo gravado em Paris?

A fita vem comigo desde aquela época, eu a ganhei na Inglaterra, e quem me deu foi um inglês, Carlos Holmes, produtor do disco. Usaram a fita sem a minha autorização e fizeram a masterização, mas o trabalho é deles.

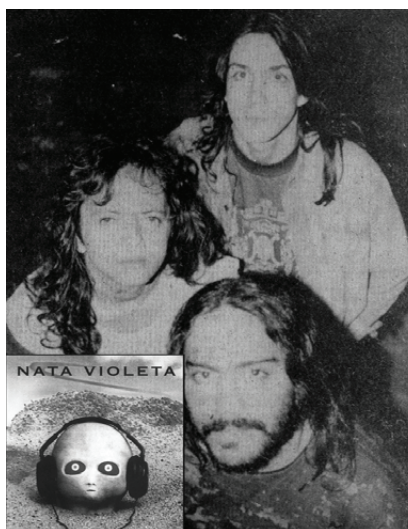
Banda Nata Violeta grava CD

Mário Pazcheco, especial para a Folha da Serra

Na estrada de qualquer estrela do rock'n'roll, há caprichos, ciúmes, desconfianças, sacanagens e talento. A rota do Nata Violeta não desvia desses adjetivos.

Os três músicos: Júnior Tana, voz e baixo elétrico; Paulo Valle, guitarras; e Beto Cavani, bateria – trafegam acima e abaixo da BR-020... com uma “postura diferente”, evitando o rock de superquadra, transportando o combustível próprio para incendiar as plateias fiéis de seus shows.

Radicados em Sobradinho, atualmente concentram energias, enquanto ensaiam intensivamente para entrar em estúdio e registrar as quinze músicas que futuramente comporão o material do primeiro CD da banda. Em passagem anterior pelo estúdio, os garotos gastaram vinte horas para registrar as nove músicas que compuseram a demotape de estreia do grupo (fita cassete gravada e vendida, antes de partir para uma realização mais complexa). Com o lançamento do CD, planejado para o mês de maio, o Nata Violeta pretende oferecer um produto com melhor qualidade aos fãs, para que estes percebam e avaliem a evolução da música, acompanhada da qualidade digital, para não conhecerem o grupo apenas através do repertório da demotape.



Com um ano e meio de existência, a média de shows do trio é dois ou três por mês. Já agendam para tocar em Porto Alegre, e têm planos de atacar em São Paulo, mas os mais significativos shows aconteceram em Brasília mesmo, no Setor Comercial Sul, na Nova Lapa, no *Projeto Meia-Sola*, no Teatro Garagem

(ao lado da Marssal, outra banda de rock, de Taguatinga), e o último do ano no Bar Moby Dick, em Taguatinga.

O público fiel do Nata Violeta curte em perfeita harmonia e sintonia o conjunto de sons e a ideologia da banda. Aqueles que não estiverem em dia com tais ideais automaticamente são incluídos na cartilha da desconfiança, do ciúme ou da incompreensão, mas essa forma sectária de fazer rock'n'roll faz parte do circo.

Resta aguardar o CD, e ouvir se os músicos conseguiram equilibrar o metal, o acústico e o tormento, na alquimia de um som hard, roll e violeta livre de espúrios.

Em Sobradinho, eles costumam tocar no Galpão João de Barro. Na próxima oportunidade, não perca!

1996

Março

- Belo Horizonte. Reencontradas na PUC 52 latas lacradas de filmes, seis horas de material gravado – copião e negativos –, em ótimo estado de conservação, rodado e não-utilizado no corte final de *Terra em Transe*.

303

17 mar.

- O jornal O Globo denuncia que Clóvis Corrêa, o locador de um apartamento em Copacabana, está usando como resgate de dívida familiar, e mantendo em regime de cativo dezenas de desenhos, poemas de amor, croquis, fotos, manuscritos, vídeos caseiros, o passaporte e o cartão de CPF de Glauber Rocha. Paula Gaetan, que não pôde levar o lote para Cartagena, na Colômbia, mostrou-se indignada pela “violação de privacidade”, uma vez que sua mãe negociava os valores, que giram em torno de US\$ 5 mil dólares, pelo resgate da memória de Glauber Rocha.

29 maio

- A TVE exhibe *Deus e o diabo na terra do sol*.

17 jun.

- Charles Manson, aos 63 anos, cumprindo pena perpétua na Califórnia, foi novamente condenado, dessa vez por tráfico de drogas, dentro da prisão.

Julho

- “Não é difícil estar vivo, mas deixe-me lhe dizer algo: a morte não existe. Você não morre. Isto é a filosofia hippie. A ideia do hippismo, e este é o

aspecto psicodélico dos Doors, é que a morte te leva a outro realismo. Você não morre, tua energia retorna à fonte de energia original de todas as coisas, a Deus. Mas nós somos essa energia. Todos os humanos somos Deus.” (Ray Manzarek).

26 jul.

- *Qual a origem do Zé do Caixão?*

Agosto

- Rio de Janeiro. No Teatro Carlos Gomes, Luiz Carlos Maciel apresenta *Jango, Uma Tragédia*, a única peça de Glauber Rocha. O espetáculo começa com o *Hino do Brasil*, e o cenário é um imenso retrato oficial do presidente João Goulart. Jango é Cláudio Marzo. Miguel Arraes e Leonel Brizola também entram em cena. Helena Ignez faz Elizabeth Taylor, coadjuvada por Maria Cláudia, que imita Carmen Miranda, cantando música escrita por Glauber Rocha. Um elenco com mais de 30 pessoas, um coro que canta e vedetes que dançam números musicais ao vivo, e surpreende quem não viveu aqueles anos. Uma das meninas do coro ficou espantada ao descobrir que Jango e Goulart era a mesma pessoa, surpreendendo o diretor. Produzida por Dinho Valadares, Jango mostra um Brasil em que havia perspectiva de mudança na sociedade, contrastando com o conformismo oficializado que vigora hoje, não só no Brasil, mas na civilização ocidental como um todo.

4 ago.

- “Cacá Diegues faz uns filminhos interessantes, mas conformistas. Falta a ele a grandeza de Glauber.” (Rogério Duarte).

Outubro

- Peculiar até depois da morte, Leary teve seu último desejo atendido: suas cinzas foram transportadas pela espaçonave Pegasus e liberadas no espaço, com auxílio de um satélite, junto com as de Gene Roddenberry, criador de *Jornada nas Estrelas*, e de outros cientistas e pioneiros em estudos aeroespaciais, tais como o físico da High Frontier Space Station, Gerard O'Neill, e Todd Hauley, professor da International Space University. A última viagem foi patrocinada por uma instituição do Texas, a Celestis Foundation, especializada no transporte de material ao espaço, ao custo de US\$ 4.800.

24 out.

- *Boulez traz ao Rio a vanguarda erudita*

Novembro

- O governo da Bahia propõe transferir para Salvador o Tempo Glauber,

mudando o nome para Memorial Glauber. Atendendo ao desejo expresso em vida pelo cineasta para – que a sua obra repousasse na Bahia.

- Como na capa do *Sgt. Pepper* rodeado de reproduções em tamanho natural de mitos hollywoodianos, e por amigos de carne e osso, como o ex-beatle George Harrison, e pela família o campeão Emerson Fittipaldi comemorou no Planet Hollywood e em sua casa em Miami seus 50 anos. Foi o primeiro aniversário depois (seis meses) do acidente de ultraleve. À época, para consolá-lo, George Harrison mandou-lhe uma outra versão da letra da canção “Here Comes The Sun”.

11 dezembro

- *Hedy Lamarr cria pantera amorosa*

Música

- Itamar Assumpção, com olhar crítico, regrava a obra de Ataulfo Alves, em “Pra Sempre Agora”.
- Na cola de sucesso do projeto *Anthology*, dos Beatles, Neil Innes também reagrupou $\frac{3}{4}$ dos Rutles originais. Precavendo-se desta feita quanto a possíveis problemas legais, lançou *Archaeology*, um grande disco, que não usou as mesmas notas da releitura anterior.
- Crosby, Stills and Nash voltam a se apresentar em grupo.
- No primeiro semestre, Eric Burdon embarcou numa excursão que tinha tudo para ser memorável, a *Blues Busters Tour*, em parceria com o guitarrista Alvin Lee, do Ten Years After. A ideia genial de unir a voz de Eric Burdon à guitarra de Alvin Lee, à cozinha do ex-baixista do Bad Company, Boz Burrell, e ao baterista Aynsley Dunbar, ex-John Mayall’s Bluesbreakers, não deu certo. Eric Burdon ficou sem entender nada: “Foi um grande desapontamento.” No meio da excursão, Alvin Lee caiu fora, para reformar o Ten Years After, sem dar explicações. A *Blues Busters* nem tocou os últimos seis shows nos Estados Unidos, e a parte europeia, marcada para julho, foi cancelada.
- Para se refazer da má surpresa, Eric Burdon juntou uma nova banda, e se apresentou no Brasil, em agosto de 1996, no Palace, em São Paulo.
- John Mayall, acompanhado pelos Bluesbreakers (Buddy Whittington, Joe Yule e John Paulus), e juntamente com outra lenda dos anos 60, Steppenwolf, do ainda rebelde John Kay, “que sempre viveu sem ter de responder a ninguém, a não ser a si mesmo”, apresentaram-se em setembro de 1996, no *CEB Jazz & Blues Festival*, em Brasília.
- No mesmo setembro, dentro da turnê *The Hookywooky Tour*, de lançamento do álbum *Set The Twilight Reeling*, Lou Reed, ao lado de sua banda – Mike Rathke, guitarra; Fernando Saunders, baixo e Tony Smith, bateria –, evocou o Velvet Underground, através do repertório de três músicas da banda,

“Sweet Jane”, “Pale Blue Eyes” e “Walk On The Wild Side”, que encerrou os shows no Metropolitan, no Rio, e no Palace, em São Paulo.

- O costumeiro alarde da mídia – anunciando um espetáculo capenga como sendo magistral, com tradução simultânea e efeitos espetaculares pela primeira vez no Brasil – sempre colou, servindo de mote para atrair os incautos a essa montagem no Metropolitan do Rio da ópera *Tommy*, que desprezou a parte das drogas, deixada fora de cena. Bem mais aventureiros foram os fãs, que preferiram assistir ao vídeo *The Who Live At The Isle Of Wight*, com a versão ao vivo na íntegra da ópera *Tommy*, que a Polygram lançou na mesma época. O show *Quadrophenia*, do Who, no Hide Park (29 de junho de 1996), atraiu mais de 150.000 fãs do mundo todo, e arrecadou quase 500.000 libras para o Prince's Trust. Roger Daltrey, Pete Townshend e John Entwistle dividiram o palco com Eric Clapton, Bob Dylan, Ron Wood e Alanis Morissette. Estava muito forte em Londres o comentário de que, ao final do show beneficente, promovido pelo príncipe Charles, haveria uma especial participação de Paul, George e Ringo, mas os fãs mais uma vez ficaram desapontados.
- Dylan, que fora indicado para o Nobel de Literatura, não levou. Sua canção “The Times They Are A-chagin” virou tema de uma propaganda do Banco de Montreal.
- Os Rolling Stones e Bob Dylan (recuperado de uma estranha doença) dividiram o mesmo palco numa versão ensaiada de “Like A Rolling Stone”, no Rio e em São Paulo. Não é de hoje que os mais radicais afirmam que Dylan, que já fora um dos profetas da geração florida, trocou seus ideais por dinheiro. Recorrendo ao chavão: O que há de errado?!
- Mesmo sem anúncio oficial, os Rolling Stones preparavam um novo álbum para 97, enquanto o empresário Michael Cohl (que dirigiu a turnê *Voodoo Lounge*) reservava várias datas em estádios americanos para o grupo.

Televisão

Dezembro

- O programa *Grandes Nomes: Aldous Huxley*, exibido pela GNT, mergulha na vida e obra do genial e polêmico escritor, cuja inquietude o levou até os índios do Xingu, em busca de respostas para as complexas perguntas que fazia.

Cinema

- *Feliz Aniversário Para John* (Estados Unidos). “Isto não é um documentário”, ressalta o autor, John Mekas, num intertítulo (procedimento caro aos seus filmes-diários). “São apenas memórias”, completa mais à frente. A proposição vale ainda mais para *Feliz Aniversário Para John*, que registra alguns encontros com John Lennon, do concorrido aniversário do ex-beatle, em 1972, à sua morte, em dezembro de 1980. De “He’s Got The Whole World In Is Hand”, canção entoada na festa de aniversário, ao silêncio de luto do enterro. Mekas, que ora filma Lennon tocando violão com o poeta beat Allen Ginsberg, ora o flagra jogando basquete com Miles Davis, surge frequentemente em cena, roubado de sua câmera, como mais um personagem típico do underground, e é surpreendido em sua pose discreta de cronista (ideal) da geração.
- *I Shot Andy Warhol*, Estados Unidos, 1996 (longa de estreia de Mary Harron). Em 1968, Andy Warhol sobreviveu a um atentado praticado pela feminista Valerie Solanas, que lhe desferiu três tiros. Foi assim que ela, que mantinha uma tempestuosa relação de amizade com Warhol, paradoxalmente, garantiu seus quinze minutos de fama. Sua história virou o filme.
- O filme *Basquiat*, do diretor Julian Schnabel, que retrata a vida do pintor e escultor pop Jean-Michel Basquiat, abre a 20.^a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Andy Warhol é interpretado por David Bowie, um dos pontos altos do filme. Apesar do longo sumiço dos sets, David Bowie, em plena metamorfose, encena um Warhol perfeitamente fresco, cheio de trejeitos, cínico.

Artes

- Entre 1996 e 1997, Carlos Vergara realiza a série intitulada *Monotipias do Pantanal*, mostrada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando os registros da natureza, sejam intervenções de animais ou marcas de plantas, se imprimem nas telas. Assim criam tanto sudários quanto estruturas gráficas para obras trabalhadas posteriormente no ateliê. Para o artista, esses trabalhos adquirem novo estatuto, em que, “deslocados do contexto da impressão, recebem chassis, além das eventuais intervenções posteriores (...) aí sim, elas ganham corpo e densidade suficientes”.

Maio

- Ron Wood em São Paulo expõe seu outro talento: gravuras de colegas de profissão, além de retratos dos Rolling Stones.

Literatura

- O livro de Wally Salomão *Algaravias* leva dois prêmios: o Jabuti de 1997, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, e o Alphonsus Guimaraens, oferecido pela Biblioteca Nacional. Wally Salomão, que participou da seleção de textos de Hélio Oiticica em *Aspiro Ao Grande Labirinto*, publica a biografia do artista plástico, *Qual é o parangolé?*
- *Geração em transe – Memórias do tempo do tropicalismo*, depoimento biográfico de Luiz Carlos Maciel, é lançado.

20 outubro

- Sai terceiro *Kandinsky* da Martins Fontes.

11 novembro

- *Poema de Maiakowski faz 70 anos*

Obituário

22 março

- Don Ray Murray, baterista do The Turtles, morre durante uma cirurgia, aos 50 anos de idade.

5 abril

- Monika Danemann se mata, e sua morte é envolvida em mistério, pois Eric Burdon, Mitch Mitchell, e a ex-namorada de Hendrix, Cathy Etchingham, desconfiavam da história de Monika.

31 maio

- Timothy Leary, o guru da geração psicodélica, surgida nos anos 60, morreu às 4h44, no último dia de maio de 1996, em sua mansão, em Beverly Hills, na Califórnia. Leary tinha 75 anos, e desde janeiro de 1995, em estágio terminal, lutava contra um câncer na próstata. À medida que a doença avançava, seu corpo parecia mais fraco, mas seu estado de espírito continuava otimista. “Quando soube que era um doente terminal, estava apavorado. Queria agora entrar em um desafio de como viver uma vida de incapacidade. Como terminar meus dias com dignidade.”

17 julho

- Bryan “Chas” Chandler, baixista dos Animals, morre, de enfarte, aos 58 anos.

19 ago.

- O ator Jofre Soares morre, aos 77 anos. Ele atuou em *Deus e o diabo na terra do sol*.

11 outubro

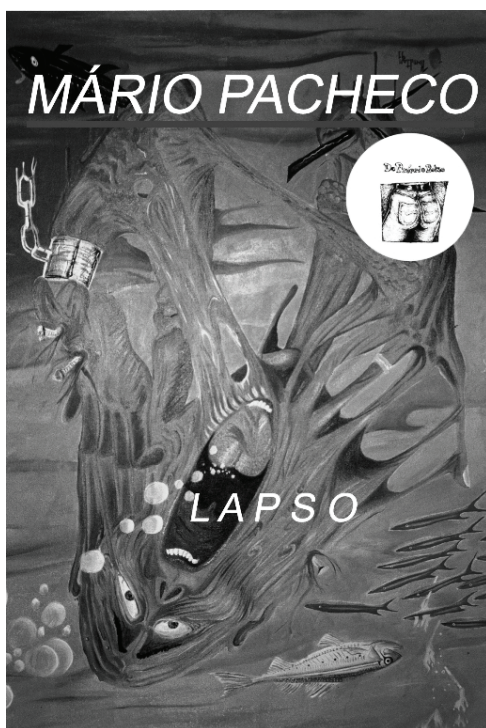
- Nesta madrugada, quando o relógio marcava 1h15, a Aids, através de uma insuficiência pulmonar, e de uma anemia aguda, leva Renato Russo (1960-1996), mais um grande poeta dos anos 80. Segundo a mãe do cantor, Maria do Carmo Manfredini, o nome de seu último álbum revela bem o estado de espírito de Renato, pouco antes de sua morte. Ele dizia que queria muito fazer deste álbum algo muito especial, pois não sabia se faria outro. “Este nome foi escolhido porque havia uma tempestade dentro dele. Ele quis chegar ao fim. Ele não se suicidou, mas simplesmente não lutou”, declarou. Algo no corpo o incomoda? “Minha saúde. Foram quinze anos de droga-adicção.”

20 novembro

- Mário Gusmão morre, aos 68 anos. O ator baiano trabalhou em *O Dragão da maldade contra o santo guerreiro* e *A Idade da Terra*.

1997

Lapso: a prova sempre estará na lixeira



Capa: Ha1000tom, artista do Setor Comercial Sul

310

'Lapso', terceiro livro, como uma beata, ficou na gaveta – uma ponta foi publicada na antologia 'Todas as gerações – O conto brasiliense contemporâneo'

Sempre que entram nos apartamentos pelas lentes das tevês, os homens fuçam nos cestos, os quais nunca os desapontam.

Dispensados nas lixeiras: pontas de cigarro, filetes de cordas de guitarra, baganas, papel celofane, camisinhas, caroços de azeitonas, sementes da desconfiança, cinzas, envelopes, palitos de fósforos, de dentes, cascas de frutas, de ovos, enlatados e originais amassados.

Expostos nos cinzeiros: plásticos de carteiras de cigarros e cinzas. O cinzeiro e a colher particular são de prata, e estão vazios. Os restolhos foram parar na privada.

Na privada, há merda, e sorrisos, e o cartaz ameaçador avisa: a prova sempre está na lixeira.

Em cartaz, aquele filme mudo. Nele, os “porcos” chafurdam: sempre encontram vestígios incriminadores nas lixeiras.

Carpetes. Fios de cabelos. Pentelhos. Sêmen. Pó-de-sapato-de-couro e sangue. Matérias-primas para DNA: subsídios irrefutáveis – no incriminar.

A entrevista sobre os restos remexidos de enlatados importados no contêiner residencial da Península dos Ministros denunciou, por parte do nababo, o desperdício de farta munição contra a fome. O lixo exposto pela matéria “global” satisfaz a gula jornalística, e suscitou reprimendas típicas do regime das fardas.

Na hora do almoço, na Esplanada dos Ministérios, apesar da qualidade inferior do lixo, os miseráveis caçadores de papéis, fiéis degustadores, amontoados em maior número, “sentam-se à mesa” e banqueteam-se com as fartas sobras. Sua condição é similar à dos excluídos da rodoviária.

No lixo, nos encontramos. Ele nos alimenta. O lixo da nossa lixeira nos pertence, e incrimina, tanto a consumidores quanto a proprietários.

Conhece as falas: “Dispense, jogue fora!”

Nunca na lixeira. Eles podem estar fuçando agora...

1997

Janeiro

- *On The Road* fez 40 anos. Com exibição de originais na Biblioteca Pública de Nova York, pompas fúnebres no museu Whitney. Idolatria da gênese do que se chamou Underground.

30 abril

- Centenário de nascimento de Humberto Mauro. Em 1961, durante um festival em homenagem a Humberto Mauro no Cine Edgard, em Cataguases, Minas Gerais, e trinta anos depois de sua realização, foi que Glauber Rocha sentou-se para ver *Ganga Bruta*. Impressionado, Glauber Rocha deu uma gorjeta ao projecionista do cinema, e viu o filme, sozinho e em transe, seis vezes numa única noite. De volta ao Rio, escreveu um artigo comparando o cineasta mineiro a três grandes mestres da sétima arte. Griffith, Eisenstein e John Ford. — Mauro filmou em Cataguases, com recursos mínimos, os melhores filmes brasileiros. Escreveu Glauber, colo-

cando *Ganga Bruta* “entre os 20 grandes filmes do mundo mudo e sonoro”. Humberto Mauro tinha, então, 64 anos. Mas, para Glauber Rocha – que o elegeu “bandeira do Cinema Novo” –, ele era simplesmente “o mais novo dos cineastas do Brasil”.

24 maio

- O caos é instaurado, e de pneus para o ar ficou o trânsito. Enquanto a cidade americana de Kansas City assistia a Burroughs personificar uma força maligna, que destruía a civilização ocidental, condenada ao consumismo, no vídeo de “Last Night On Earth”, do álbum do U2. “Dia legal a Quarta-feira com a banda ‘Me Too’ em Kansas City. Gosto dessas apresentações públicas como injeções de boa vontade recíproca sincera.” Foi assim que Burroughs registrou em seu diário a sua participação no vídeo da banda irlandesa, a qual chamava de Me Too (Eu também).

22 julho

- Festa de 30 anos do Made in Brazil – São Paulo.

Dezembro

- Visita de Angela Davis ao Brasil.

Música

- Walter Franco excursiona pelo Brasil com o show *Não Violência*, que incluía as canções inéditas “Quem Puxa aos Seus Não Degenera”, uma balada pacifista, “Na Ponta da Língua”, “É natureza criando a natureza”, “Sargento Pimenta”, uma homenagem a John Lennon, e “Nasça” e “Totem”.
- “O disco saiu por uma concessão da Som Livre, que gravou um disco nosso para testar seu novo estúdio, o Level. A gente tava crente que estava gravando um disco, mas na verdade a gente estava testando equipamento para eles. Então eles lançaram um compacto, com uma música que saiu até numa coletânea na Inglaterra (...). As gravadoras simplesmente não queriam lançar comercialmente. O disco foi prensado porque a gente insistiu muito, mas a gente levou oito meses para receber uma cópia.” *Ritchie ao tabloide International Magazine’ explicando o disco do Vïmana*
- Jorge Mautner lança *Estilhaços de Paixão*.
- George Harrison é operado de um tumor cancerígeno na garganta.

Abril

- É lançado *Kicks Joy Darkness*, um tributo a Jack Kerouack, com 42 artistas, produzido por Jim Sampas e Lee Ranaldo (Sonic Youth).
- Ao final deste ano, George Martin penduraria os ouvidos, despedindo-se com um tributo aos Beatles...

1.º agosto*Plebe Rude ressurge em Brasília*

- Dez anos depois, o quarteto original voltou a se apresentar, com sua formação original, no festival Porão do Rock 99. Philippe Seabra, voz e guitarra; Jander “Ameba” Bilaphra, guitarra; André X, baixo e Gutje, bateria encerraram a segunda noite do festival. Oficialmente separados desde 1994, quando Seabra mudou para Nova York, há dez anos o quarteto original não tocava junto. Há relatos de que a química do encontro não atingiu sua totalidade. No reencontro, que balançou as estruturas da capital, prevaleceu o individualismo de cada um dos quatro integrantes.

Literatura

- *Verdade Tropical* (Caetano Veloso). Editora Companhia das Letras.
- *A Revolução dos Beatles*, escrita pelo respeitado jornalista Roberto Muggiatti, é despretensiosa e narra de forma clara e abrangente toda a trajetória do grupo de 1962 a 1969, tecendo nos últimos capítulos considerações acerca da carreira solo de John, Paul, George e Ringo, sem aprofundar. Editora: Ediouro.

Junho

- João Carlos Gomes Teixeira, amigo de adolescência, atendendo a pedido de Glauber Rocha, lança a biografia *Glauber Rocha, Esse Vulcão*.

13 agosto

- É lançado o livro *Cartas ao Mundo*, de Ivana Bentes, resultado de uma devoção de quatro anos de pesquisa. O livro foi escrito para “chatear os imbecis” e “insultar os arrogantes”. Essa importante coletânea reproduz 265 cartas, cobrindo o período de 1953 a 1981, e abre espaço para que surjam materiais inéditos de Glauber Rocha. Norma Benguel, Júlio Bressane, Arnaldo Carrilho e outros não divulgaram suas cartas. – Essa questão das correspondências é de um ridículo atroz. Tem um bilhete que mandei em cumprimento por ele estar terminando um filme, era pessoal e achei que não deveria ser publicado. Pra quê? Não tive nenhuma amizade epistolar com ele. Não autorizei a publicação, e só autorizaria se toda a correspondência dele fosse publicada. (...) A única coisa que presta de Glauber Rocha é a obra cinematográfica dele, que é extraordinária, rara e única. Mas, parece que está em questão o próprio Glauber, e isso não me interessa. Infelizmente, hoje não se fala mais nos filmes dele, nem se sabe o que falar sobre isso. (...) Todos os filmes, todos os vídeos, tudo em imagens em movimento que Glauber fez é importante, é extremamente vital. (Júlio Bressane). Em uma palavra, o que essa correspondência expõe é um Glauber vulcânico, uma máquina de pensar, um homem tumultuado de um tempo. (Inácio Araújo).

Outubro-novembro

Libertárias – Revista Bimestral de Cultura Libertária/São Paulo n.º 1.

Cinema

11 agosto

- *À Meia-noite Com Glauber*, de Ivan Cardoso, é premiado no 25.º Festival de Cinema de Gramado, antes de partir para o Festival de Veneza.
- *The Last Time I Committed Suicide*, Estados Unidos, 1997. (No Brasil, *Sem Limite*.) Roteiro e direção de Stephen Kay, a película é baseada numa carta de Neal Cassidy para Jack Kerouac. Entre uma e outra aventura, Neal Cassady conhece Joan, uma jovem linda, porém depressiva, que o deixa desenganchado, quando tenta o suicídio. Além dos bons momentos do ator, destaque para a excelente trilha-sonora.

Obituário

2 fevereiro

- Francisco de Assis França, Chico Science, nascido em 13 mar. / 1966 – falece num acidente de carro. Dez mil pessoas despediram-se em Recife de Chico Science, cantor pernambucano que morreu em acidente de trânsito na noite do último domingo, no Complexo de Salgadinho, em Olinda. Responsável pela renovação da música pop brasileira, Chico foi o criador do Movimento Manguebeat. O carro dirigido por Science foi abalroado, antes de bater num poste. O cinto de segurança partiu, o cantor foi jogado para o lado direito e bateu com a cabeça nas ferragens. O abalroamento teria ocorrido sobre um viaduto, a cerca de 50 metros do local onde o veículo do artista parou. Há marcas de tinta azul na lateral esquerda do carro, um Fiat Uno Mille branco.

4 fev.

- Nova York. O jornalista Paulo Francis morre aos 66 anos, de enfarte.

17 fev.

- Brasília. O senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ) morre aos 74 anos. Antropólogo, educador, romancista e membro da Academia Brasileira de Letras, foi criador da Universidade de Brasília, ministro da Educação e vice-governador do Rio.

5 abril

- Poet Allen Ginsberg has terminal liver cancer. Allen Ginsberg morreu aos 70 anos, no primeiro sábado de abril de 1997.

29 abr.

- O deputado federal e psicanalista Eduardo Mascarenhas morre aos 54 anos.

30 julho

- Salvador. Agnaldo “Siri” Azevedo morre aos 67 anos. Ele foi diretor de produção do filme *Deus e o diabo na terra do sol*, produtor de *Terra em Transe* e assistente de direção em *O Dragão da maldade contra o santo guerreiro*. “Siri” também trabalhou com Nelson Pereira dos Santos, em *Tenda dos Milagres*, e com Walter Lima Jr., em *Menino de Engenho*. Em 1967, o cineasta iniciou carreira solo como documentarista, totalizando vinte e cinco curtas. Para o roteirista baiano Chico Drummond, Siri foi sem dúvida o melhor documentarista do cinema brasileiro de sua geração. Seu último trabalho foi *Capeta Carybé*, documentário sobre a vida e obra de Carybé, artista plástico argentino radicado na Bahia.

2 agosto

- Longe das drogas desde o início dos anos 60, William Seward Burroughs, o Old Cowboy Bill (nome de uma música do Velvet Underground, em sua homenagem), morreu aos 83 anos, após ter sofrido um ataque cardíaco.

13 ago.

- O líder estudantil da *Passeata dos 110 mil*, Marcos Medeiros, morre. Ele jogou duro contra o presidente-general Costa e Silva durante a negociação para a liberação dos presos estudantis.

8 setembro

- Derek Taylor was lured back to work at Apple in the 1990's to devise and execute the publicity and marketing strategies for the *Live At The BBC* album and then for the entire *Anthology* project. He also wrote the liner notes for all the CDs and videos. The success of his latest campaigns showed that he had lost none of his skills over the years. After a brave struggle, he died of cancer in September 1997.

29 setembro

Roy Lichtenstein morreu em 1997, de pneumonia, aos 73 anos. Um mês antes, ainda pintava.

1998

Revista Psicodélica, 30 Anos De Reconstituição

Em 1998, a *Revista Psicodélica* é lançada, na reduzida edição de 30 pares (dois volumes). Novamente, a edição era fotocopiada, e as capas, caríssimas, pois coloridas. Era o fanzine mais bem acabado, da melhor diagramação.

As revistas serviram de passaporte, assim consegui entrevistar Rogério Duarte, e ainda passamos às mãos de quem achávamos que melhor entenderia aquele trabalho de afinidade.

O apanhado da *Revista Psicodélica* era sem precedentes no português. Um guia não completista de exuberante mosaico biológico dos profetas da experiência psicodélica.

O livro *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, de Clinton Heylin, um dos melhores biógrafos do mundo do rock, quinze anos depois, comprovou o caminho investigativo da revista.

316

Amerika online

(Mark Amerika)

4 - jul. / 1994 – Boulder. Começando por onde Ginsberg deixou ontem, Ken Kesey, cujo Magic Bus quebrou em algum lugar em Idaho, disse: “Os anos 60 foram a coisa mais importante neste século – mais importante que a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão.” A conferência jornalística de Kesey foi similar à de Ginsberg, um dia antes. Naquela, ele promovia muito mais que o seu projeto corrente, nada mais que uma multimídia, performance art, road show chamado de *Twister*, que estava em Boulder, para ajudar na celebração do tributo de Ginsberg em Naropa. Ele falava sobre abraçar, amar, beijar, puxar, prender e soltar, e se tornar guerreiro (como Eleanor Roosevelt). Mais explicitamente, despertar consciências. Não tem havido ultimamente muita fala sobre o despertar de consciência. Os Baby boomers, que nesses tempos consolidaram grandes poderes nas áreas econômica e política, parecem muito mais interessados nos preços dos imóveis, a que escola seus filhos devem ir, enfim, como fazer mais dinheiro rapidamente. Quase uma mistura destoadada de Jean Baudrillard e Yogi Berra, Kesey dizia: “Há muito pouco do que está realmente acontecendo.” Quando Kesey fala de acontecimentos, ele se refere a um punhado de coisas, que incluem o happening, conceito que flutuou nos anos 60, onde se pensava que a arte pudesse ser um tipo de atividade conjunta, misturada dos artistas e audiência, em atos de cocriação. Kesey tem sempre sido mais que um novelista solitário se escondendo na sua exclusiva Vineland, eventualmente liberando qualquer novela

que, por acaso, ele tenha terminado. Seu conceito de arte tem continuamente aventurado em direção a Bacchanalian, uma espécie de passe-livre, que pode ser usado existencialmente, ou deixado à vontade geograficamente, como ele tem feito durante anos em seu expansivo “festivogozismo”. Ele nos aconselha a primeiro entrar em contato com o Existencialismo, através de leituras de Sartre, Camus e Hesse, e que, do momento que em assentamos a fundação existencial, daí aventuramos pelos clarões psicodélicos, onde podemos iniciar a exploração de outros mundos. No tocante a drogas, em geral, Kesey nos diz: “Diga apenas obrigado.” Os verdadeiros cínicos Boomers ou Slackers, por outro lado, irão considerar o programa de Kesey perdidamente fora da noção da realidade econômica contemporânea, mas Kesey combateria esta atitude mesquinha com a chamada para uma nova conscienciosidade, o mesmo tipo de visão criativa que Ginsberg falava, na sua conferência jornalística. Esta nova conscienciosidade se abriria para muitas coisas, incluindo a realidade virtual, gerada por computador, que Kesey diz que precisamos aprender, porque “fazer senso de todas as ligações que acontecem lá faz você ficar muito estranho – e forte”.

No caminho amoroso que trilhamos – ao aprendermos o amor à vida, ao ser humano, ao próximo, o animal, além vegetais silenciosos e pacíficos –, adquirimos uma força grandiosa, na atualidade estimulada por nosso forte envolvimento com a internet, além das experimentações históricas das diversas drogas. Isso tudo nos faz alcançar uma grande conscienciosidade, em nosso dia a dia.

Utilizar esta conscienciosidade para criar o trabalho artístico visionário é também parte do programa de Kesey. Ele parafraseou seu velho amigo Jerry Garcia “Um lick original não existe, todos os licks já foram tocados anteriormente – o que você pode tentar fazer é tocá-los do seu modo”. Com toda essa prosa sobre ser gostoso, e fumando ervas, e tocando música ou arte como se fora o amor fluindo de você, você acharia que estes caracteres históricos, que escrevo aqui, estão em algum tipo de tempo distorcido ou como produto de reflexões, mas não é nada disto. Pelo contrário, há uma certa espécie de convicção moral que permeia sua forma livre e comunicação, e por alguma razão, talvez por ser 4 de Julho, isto parece por demais “American” em espírito. Kesey e Ginsberg ambos falam com certo abandono de clareza de William Carlos Williams, na sua procura pelo verdadeiro “American Idiom”. O importante de Kesey para um jovem escritor como eu mesmo é quando ele diz que “não é a poesia de Ginsberg ou minhas novelas ou apresentações que importa, é o fato de todos sermos guerreiros, como Eleanor Roosevelt, e que estamos fora da luta pelo que acreditamos”. Um autoproclamado Cristão Acid-Head com conhecimentos budistas (“Cristianismo precisa do Budismo”), Kesey acha que há mais do que simplesmente ser um escritor, do que apenas sentar atrás de uma máquina de escrever e criar uma coisa mágica. A coisa mágica é atualmente feita de gente

se movendo e interligando com outras pessoas e mudando vidas ajudando a aumentar consciência do em relação ao tipo de controle mental e autoritarismo rígido que invadem a cultura contemporânea. Hakim Bay chama isto de *psychic nomadism*. A ideia não é rebelar contra este autoritarismo, isto é coisa de criança. Ao invés, precisamos criar uma realidade alternativa. Como Kesey descreve seus jovens dias no Magic Bus com Neal Cassady at the Helm: “Nós fazíamos tudo tão rápido e não havia tempo para deliberação. Nada de complicações. Apenas fazíamos tudo. Por alguma razão inexplicável, eu imediatamente pensei no comercial da Nike com o som de “Revolution” dos Beatles ao fundo.



1968

Maio

- Raul Seixas lança o LP *Como o Rocke "How Many People Died"* na memória do irmão Chico Mendes.

11 maio

- O baterista Alaor Neves se apresenta em São Paulo.

30 agosto

- *Fluxus* rompeu conceitos

Outubro

- Brasília. *Wish Trees for Brazil/Árvores do Desejo para o Brasil*. Exposição de Yoko Ono no mezanino e Foyer da Sala Villa-Lobos, Foyer da Sala Martins Penna e Panteão da Pátria. Na suite 906 do Hotel Nacional, Yoko recebe as fãs Marília e Estefânia. E no “Livro de Ouro” do Naoum Plaza Hotel Yoko Ono desenha um sol e duas nuvens, escreve a palavra Imagine e, em seguida, o próprio nome. Quanto à visita à estátua de John Lennon, na UnB, ela foi? “Estou feliz de estar aqui. O Brasil é o país do futuro, e Brasília é a cidade que simboliza esse futuro.” Yoko Ono.

- CD *4 Ever*, EMI/International Magazine, lançamento exclusivo, com todas as composições que Lennon & McCartney deram ao cast da EMI.

13 out.

- 31.º Festival de Brasília. O curta *A Mãe*, de Fernando Belens e Umbelino Brasil, abre a mostra competitiva de 35mm.

21 out.

- *Fluxus abriu novas perspectivas*

Dezembro

Fome zero para Sean & Yoko

Brasília. Em outubro, Yoko esteve no restaurante Porto Vitória e almoçou pirão, panqueca e peixe ao molho como prato principal. Na sobremesa, quindim, pudim de leite e rocambole. Dois meses depois, Sean Ono Lennon também apaixonou-se pela comida nacional: devorou caju, degustou farofa, lombo de porco, mandioca e acarajé, e ainda entornou suco de maracujá. De quebra, no carrinho, levou latas de doce de leite e litros de caipirinha. Sean Ono Lennon, guitarrista, e a namorada e tecladista Yuka Honda, integrantes da Cibo Matto, tocaram em São Paulo e esticaram no Rio de Janeiro.

319

8 dez.

- É anunciada por Paul McCartney a gravação de um CD, com renda revertida para crianças de rua do Brasil. *Little Children* tem tiragem inicial de 3.000 cópias, e duas faixas são gravadas em ritmo de samba.

18 dez.

- O Canal Bravo Brasil (TVA), à meia-noite, encerra o Ciclo Glauber Rocha. Com a exibição de *A Idade da Terra*.

Música

- A Casa Jimmy, entidade de atendimento a crianças de rua, em Santa Teresa (zona sul do Rio), batizada em homenagem ao músico Jimmy Page, foi doada pelo guitarrista para abrigar crianças de rua e acolher meninas adolescentes carentes grávidas. A entidade é mantida desde 1998 pela ONG inglesa Task (The Abandoned Street Kids Of Brasil Trust), e atende atualmente a quinze crianças, entre um e 6 anos, e a seis jovens mães adolescentes.
- Quando os Rolling Stones vieram tocar aqui pela segunda vez, Ron Wood, guitarrista, foi conhecer a região de Angra dos Reis, litoral do Rio. Saiu para um passeio de lancha, seguido por jornalistas.

- “Conforme a gente seguia a lancha deles, e mais próximo a gente ficava, mais a gente era insultado. Porque o pessoal da lancha não estava muito confortável com a nossa presença ali. Eles queriam distância da imprensa, e eles queriam ficar sozinhos”, conta o fotógrafo Antônio Lacerda. Eis que, de repente, a lancha começou a pegar fogo. “O pessoal que até então fazia o gesto de vai embora passou a fazer ‘vem’ pra gente”, conta o fotógrafo. E a repórter virou salva-vidas de um Rolling Stone. “Segurei pelo braço e puxei, e depois a gente salvou várias outras pessoas”, conta a repórter Gabriela Garcia. Na época, fazia sete meses que a princesa Diana havia morrido, num acidente de carro, ao ser perseguida por paparazzis – os fotógrafos de celebridades. O salvamento em Angra rendeu o seguinte comentário de Ron Wood: “Ele falou que paparazzi mata, mas também salva”, lembra Gabriela. “Foi até engraçado, porque de bandidos viramos mocinhos!”, diz Antônio. Mesmo no maior sufoco, Ron Wood não largou a lata de cerveja.

Cinema

- O ator Johnny Depp vive o escritor Hunter S. Thompson no filme *Medo e Delírio em Las Vegas*.
- Em *Fear And Loathing In Las Vegas*, o nono capítulo, *Breakdown on Paradise Blvd.*, é a transcrição completa e sem edição de uma das muitas fitas que Thompson enviou à Rolling Stone para verificação, uma vez que o manuscrito original estava tão “fragmentado” (Thompson, 1971, p.161), que era impossível compreendê-lo. O livro, ainda que seja um de seus preferidos, é frequentemente citado pelo próprio autor como um experimento fracassado em Gonzo Journalism, uma vez que “sua ideia era, a princípio, preencher um caderno grosso com relatos dos fatos conforme eles acontecessem durante sua viagem a Las Vegas, e publicar o resultado, suas notas, sem edição” (Giannetti, 2002, p.30). Esta técnica caótica de captação de dados aparece bem representada graficamente nas duas adaptações para o cinema das obras de Thompson. Em *Where The Buffalo Roam* (1980), cujo roteiro foi livremente adaptado de diversos artigos publicados na Rolling Stone, é possível ver em diversas cenas Thompson narrando os eventos, ou mesmo emitindo opiniões sobre eles, enquanto segura um gravador de bolso, próximo à boca. O mesmo acontece em *Fear And Loathing In Las Vegas* (1998), onde Thompson, interpretado por Johnny Depp, aparece frequentemente, portando um grande gravador de rolo colado ao corpo. No livro homônimo, logo no segundo capítulo, Thompson lista três itens essenciais para a sua viagem até Las Vegas, onde cobriria a Mint 400 – um carro, drogas e um gravador. “Conseguir as drogas não foi nenhum problema, mas o carro e o gravador

não eram coisas fáceis de se achar às 6h30 da tarde de uma sexta-feira, em Hollywood.” (Thompson, 1971, p.12).

- Guerra e Liberdade – Castro Alves em São Paulo (Nelson Pereira dos Santos).

Literatura

- O primeiro romance de Hunter S. Thompson, *The Rum Diary*, escrito em 1959, é publicado.
- O volumoso *Subterranean Kerouac*, de Ellis Amburn, faz incidir o foco sobre a vida sexual de Jack, sobre sua homossexualidade, em uma interpretação logo contestada pela escritora Joyce Johnson, por sua vez ex-namorada de Kerouac.
- *Serguei – Um Anjo Maldito*, de João Henrique Schiller. “É meu cartão de visitas, assim as pessoas podem saber mais sobre mim.” Assim diz o cantor.

Março

- Chega às livrarias francesas uma biografia, uma reedição e dois inéditos. Os fãs de Kerouac, o pai da Geração beat, vivem uma overdose de quase 2 mil páginas do autor, entre elas dois inéditos do fim dos anos 50. Indícios inegáveis de que a Geração beat soa alto novamente.

Artes Plásticas

- Carlos Vergara recebe o Prêmio Mário Pedrosa, da Associação Brasileira de Críticos de Arte/APCA, por sua mostra *Monotípias do Pantanal: Pinturas Recentes*, no Mam-SP. Em setembro, participa da exposição *Poéticas da Cor*, no Centro Cultural Light (RJ), com a instalação *Limonita “minério encharcado”*. Realiza ainda a individual *Os Viajantes*, no Paço Imperial.

Obituário

19 janeiro



Jerry Lee Lewis e George Harrison no funeral

- Morre Carl Perkins, aos 65 anos, devido a enfartes. Perkins foi uma das principais influências na música dos Beatles e de Elvis Presley. Ele nos deu algumas ótimas músicas, como “Matchbox”, “Everybody’s Trying To Be My Baby”, “Honey Don’t” (gravadas também pelos Beatles) e “Blue Suede Shoes”. George participou do funeral (23 jan.) de Carl e cantou “Your True Love”. Participaram também Jerry Lee Lewis, Ricky Skaggs, Johnny Rivers e Wynonna Judd. Paul McCartney, George Martin, Eric Clapton e Elton John mandaram seus vídeos, e Bob Dylan, um arranjo de flores com uma mensagem. SENTIREMOS SUA FALTA.

322

3 fevereiro

- Sílvio Caldas, cantor e compositor, morre.

6 fev.

Beach Boy Carl Wilson Dies at 51

[Associated Press] By Oscar Musibay

Los Angeles (AP) – Carl Wilson, a founding member of The Beach Boys and lead guitarist for the seminal surf band, has died from complications of lung cancer, his family said Saturday. He was 51. Wilson, who also had brain cancer, died Friday evening in Los Angeles with his family at his side. “Even though he was diagnosed with cancer last year and going through treatment for a year, he was real fighter,” said publicist Alyson Dutch. “He participated in the entire summer tour this year.” Ms. Dutch said family members, including brother and fellow Beach Boys founder Brian Wilson, would not be available for comment. Carl Dean Wilson was born in Hawthorne, a Los Angeles suburb about 5 miles from the Pacific. He learned to play guitar as a teenager and – with brothers Brian and Dennis, cousin Mike Love

and friend Alan Jardine – founded The Beach Boys in 1961. Dennis Wilson, who was killed in a swimming accident in 1983, came up with the idea of a surfing theme for the music. Brian Wilson and Love started writing lyrics, capitalizing on the surfing craze that began in the mid-1950s. The Southern California quintet did not make its first public appearance until New Year's Eve 1961 at Long Beach's Municipal Auditorium. Their stage fright was not helped by the fact they could play only three songs. Despite the limited repertoire, the audience embraced the group. Throughout the 1960s and later, the band defined the “surfing beat” with such songs as “I Get Around”, “Good Vibrations”, “Help Me Rhonda” and “Surfin' U.S.A.”. In the early 1980s, Carl Wilson said he tired of the Beach Boys's focus on nostalgia and lack of musical growth. He left the quintet in 1981 to work on a solo career, and released an album that year. But he later rejoined the group and had performed with them ever since – including the Beach Boys's induction into the Rock and Roll Hall of Fame in 1988. Despite battling cancer, he completed the band's 36th annual tour this summer, Ms. Dutch said. In addition to his brother, survivors include his wife Gina; and sons Jonah and Justyn.

17 abril

- A morte de Linda McCartney deixa todos os fãs dos Beatles, e em particular os de Paul, perplexos. “She was unique and the world is a better place for having known her.” (Paul McCartney)

323

24 abr.

- Uma semana depois da morte de Linda, Paul manifestou indignação ao qualificar a versão de eutanásia como “imundície”.
- Morre Tico Terpins, o mestre-cuca do Joelho de Porco.

27 abril

- Carlos Castaneda (nasceu no Brasil, 1935, ou no Peru, 1925-1998).



Sidney Paulino - Foto: zine De Profundis - Cultura Alternativa

Blues do amigo cuja face não me lembro

Em tom meio alcoólico. Sidney Paulino, o vocalista da Lupercais, desaparece na curva daquele beco viciado do Conic. Sua imagem e conversas afetivas impregnavam-me as narinas e o cérebro. Vinho do garrafão, por favor! Seu Antônio, cadê aquele garoto de sobretudo e coturno que costumava ficar aqui? Faz tempo que não o vejo...

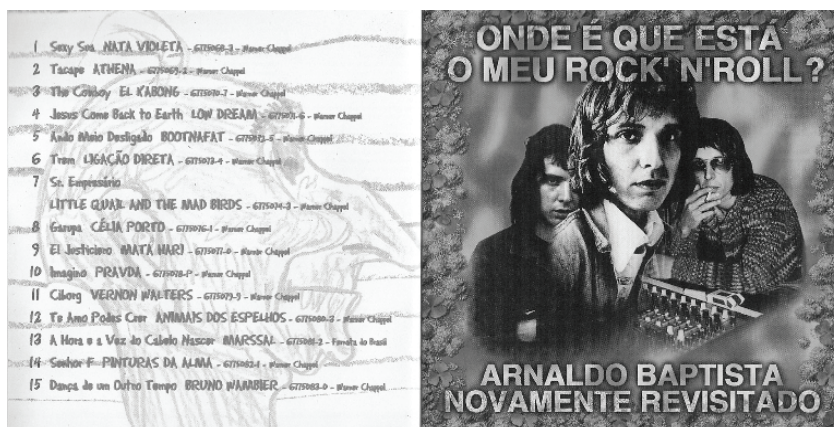
– Ele morreu! Uma cuspida no chão de desaprovação. Desde então tenho dificuldades para resgatar a imagem do rosto do Sidney. Quando vejo as suas poucas fotos, não o reconheço. Seus dedos ininterruptamente tirando cigarros do bolso... Predicados de ontem: poeta maldito, gótico largado e inveterado leitor de Bukowski. Os jovens morrem cedo. Quando falam do Sidney, me lembro de James Dean e Ian Curtis. Ele me fazia viver uma história de outrora, perambulando pela cidade, verificando se as portas dos carros estavam abertas, até que finalmente dentro de um carro aberto pegasse um punhado de cigarros, e seguisse seu caminho.



1999

“Onde foi parar o meu rock’n’roll?”

No território musical, como muitos produtores, também resolvi montar um selo, em meu fundo do quintal. No primeiro CD, gravamos um tributo a Arnaldo Baptista, o divulgado e bem conhecido *Onde É Que Está O Meu Rock’n’Roll?*. Mas jogar com editora foi a maior roubada. O selo foi desativado. O CD, no entanto, foi lançado pela gravadora paulista Dábliu.



326

Você pode ouvi-lo: <http://open.spotify.com/album/6nX6dVZzBChEKVS7Ulo8jU>.

Spotify é uma mistura de iTunes, Last.fm e Grooveshark, com uma pitada de Napster. É uma gigantesca biblioteca musical online, que você pode acessar gratuitamente, via streaming, através de programa cuja interface lembra bastante o iTunes. O que tem de genial nisso? A biblioteca do Spotify é oficial, pois legalmente cedida pelas gravadoras e artistas. Isso significa que você encontrará tudo muito bem organizado, mais ou menos a estrutura do Last.fm. – Uma organização musical que, aposto, 90% de quem está lendo nunca conseguiu fazer em seus arquivos mp3.

Quase três anos na geladeira da gravadora, tipo um “presunto”, praticamente

Totalmente produzido em Brasília, *Onde É Que Está O Meu Rock’n’Roll?* nor-teou-se pelo princípio do produtor executivo Felipe Gelbcke Gubert (o íntegro Felipe Caduco, guitarrista da banda Vernon Walters), que alertou: “Mário, o Underground é coisa séria! Não podemos brincar com isso!”

Baseado nisto, Do Próprio Bol\$o jamais recorreu a advogados para recuperar os fonogramas. Para não prejudicar a divulgação dos artistas.

Fellipe CDC – Sobre o CD-tributo aos Mutantes, produzido por você. O que houve na época, que dificultou o lançamento? Soube que o Arnaldo adorou. Particularmente, considero o melhor tributo que já ouvi aos Mutantes. Sabia que até hoje a banda Khallice toca, e com muito sucesso, a música que eles gravaram para o tributo?

“Madman’s Lullaby”. O título foi presente do amigo Aniviel Vicente, que morou nos Estados Unidos, nos anos 60. O vocalista editou este título como sendo dele... Com contrato assinado, a gravadora põe o disco na geladeira, pois espera que uma banda “estoure”. Esse é o procedimento que adota. Neguinho incipiente é canalha, é despeitado. Desconhece os contratos. O disco saiu, e recebeu resenha pra caramba!

Sucesso em San Francisco. Vendido online em vários sites, nunca recebi um centavo dos downloads! Lançado pelo trabalho de produção executiva do Felipe Caduco, com a verba Do Próprio Bol\$o. Pensávamos que a coisa poderia funcionar a\$\$im...

Sonhos podem virar pesadelos

No final dos anos 80, abandonando o ostracismo, Arnaldo Baptista me passou suas músicas inéditas, partituras, além de letras, cadernos manuscritos e desenhos. Nessa época, não me recordo direito. A cabeça alta. Me dá arrepios, só de lembrar.

327

Idolatrava um disco de covers, *Rock’n’Roll*, de John Lennon. Phil Spector é o produtor. Assim foi inspirado *Onde É Que Está O Meu Rock’n’Roll?* Harmonias de Liverpool nas letras e música das esferas dos Mutantes.

Detalhes de estúdio

No estúdio, importante é obter o melhor som de bateria possível. Sem esse início, a gravação está fadada ao fracasso. Outro chavão diz que “na mesa de mixagem consertamos”. “Músicos” marinheiros... caem nessa. No estúdio, corriji letras de músicas, emendei vocais, alertei o senhor Gabriel Thomas sobre a afinação da sua guitarra, e eliminei algumas percussões de algumas faixas.

Nessa fase, os arranjos e a produção de Bruno Wambier e Geraldo Ribeiro foram muito importantes, pois me permitiram concluir mixagens além do tempo pago. Assim foi feito o disco de rock: comigo em pleno Setor Comercial Sul – estacionado na vaga do bombeiro –, subindo escadas para entregar um órgão, ou pedindo emprestado um raro e sentimental bandolim para obter um acorde de poucos segundos.

No jogo dos direitos autorais

As músicas valiam ouro. Além da disputa entre os autores, elas também eram disputadas pela gravadora Natasha, que preparava o seu tributo sem bermudas. Em Brasília, um escritório fazia contato pela liberação delas. E eu no fax do serviço argumentava. – Concorde que era coisa de doido, só que eu sabia o que estava fazendo. Rênio Quintas, experiente nesses assuntos, me alertava.

Quando uma nota no Jornal do Brasil avisa das gravações do tributo sem bermudas, ela esfria o ânimo de alguns participantes. Ora, eu sabia que o disco deles seria lançado antes do nosso. Porém, sempre acreditei tanto em nosso disco... que nem me preocupava.

Na procura de gravadora

Sem ser lançado, nosso disco recebeu uma notinha na coluna do Ibrahim Sued, no jornal O Globo. E eu mandava cassetes para selos independentes. Sabia serem incapazes de lançar o CD. E Daniel, agora virado em leão, na Virgin Records, disse: “Pra que estas bandinhas, se temos o verdadeiro Arnaldo!” (O que comentar?! Apenas que a carreira do f.d.p. iria ser curta mesmo...)

Disco pronto, é a hora de assinar o contrato, quando você conhece realmente os profissionais com quem está trabalhando: sinceridade, honestidade e impessoalidade, talento e egolatria, pois tem de tudo no show business...

Gente fácil de trabalhar com: Bizerrill, Giuliano (da Low Dream), Jimi Figueiredo, e o meu sócio, e músico Felipe Caduco. O pessoal da Ligação Direta também não deu trabalho, só as estrelas, que assinaram contrato direto com a gravadora.

A gravadora não havia fornecido nenhum adiantamento. dois anos se passaram da assinatura do contrato, mas o disco... na geladeira. Então diabolicamente o CD (master) sumiu.

“Sinto muito. Sem sinal, sem disco. Devo muito...”

Em outubro de 1999, finalmente o CD foi lançado. Eu estava sem telefone, e nem acreditava. Pedi que me mandassem uma cópia da capa via fax.

Piadas!

Naquela tarde, eu havia gravado “Sr. Empresário”, com o Little Quail. O disco fechando, e apareceu uma banda nova – como opção de fazer a última música. Eles disseram: “Não vamos entrar, porque o Little Quail não vai participar.” Seriamente comovido pela ausência deles, nem mais me lembro o seu nome.

Da Virgin: Pra que todas essas bandas, se temos o Arnaldo Baptista?

Tio Sam desdisse:

“Esse tributo do rock and roll brasileiro ao ex-Mutante Arnaldo Baptista tem seus altos e baixos. O repertório inclui material dos dias de Arnaldo nos Mutantes, e também de sua carreira solo. As bandas são muito diversas, variando de estilo roqueiro à la Pat Travers (Nata Violeta, Ligação Direta) ao rock espacial, grindcore, clones do Green Day, tipos góticos sem capacidade de variação; para ser honesto, não é um grande álbum. Mas você pode perceber que o rock brasileiro é o equivalente a zilhões de bandas dos anos 80, que compuseram o rock pós-punk, quando ainda tachavam de college. Também, Arnaldo não era um compositor coerente, então qualquer um poderia seguir essa linha. Algumas dessas canções deixaram suas marcas, outras não; mas para o fã mais radical dos Mutantes esse tributo tem seus méritos.” Tradução de Révero Frank.

Various Artists "ONDE F QUE ESTA O MEU ROCK'N'ROLL? - ARNALDO BAPTISTA NOVAMENTE

REVISITADO" (Dablu, 1999) long 2

This low-rent Brazilian rocknroll tribute to ex-Mutante Arnaldo Baptista has its charms and its iffy moments as well... The repertoire includes material from Baptista's Mutantes days, as well as a bunch of his solo stuff. The bands are also pretty diverse, ranging from actively painful Pat Travers-style rockers (Nata Violeta, Ligacio Direta) to space rockers, grindcorers, Green Day clones, and goth-ish indie types of varying ability. It's not, to be honest, the greatest album ever. But you could look at it as the Brazilian equivalent of one of those zillions of mid-1980s postpunk rock comps that came out during the days when they still called it "college" rock. Also, keep in mind that Baptista wasn't the world's most coherent composer, so anyone covering his ragge-dy-ass material has a tough act to follow. Some of these songs hit the mark, others don't -- but for the hardcore Mutantes fan, this could definitely be worth checking out.



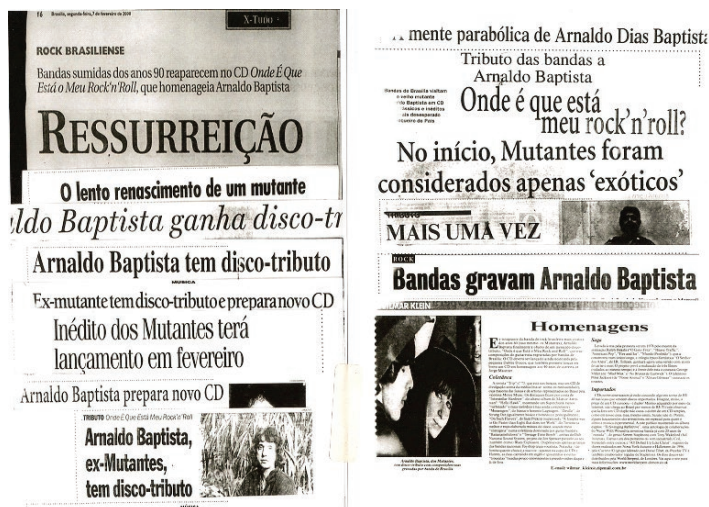
1999

24 janeiro

- Exposição em Nova York celebra em 250 fotos a arte dadaísta e revolucionária de Man Ray.

13 março

- Vitória da Conquista. Encerramento do Seminário *Cinema Brasil – Uma história comentada*, com o cineasta Walter Salles e o crítico José Carlos Avellar.



Entre as várias notas que saíram, a resenha em Brasília só tinha pecado pela má diagramação

14 mar.

- Retrospectiva dos filmes de Glauber Rocha no Canal Brasil, às 23 h, com a Exibição de um especial sobre a sua carreira, seguido de *Barravento*.
- São Paulo. O Espaço Unibanco exhibe os curtas *Maranhão*, *Maranhão*; *O Pátio*; e *1968*, acompanhados de debate.
- Jards Macalé, um dos artistas íntegros da música brasileira, lança álbum homônimo com “Rei de Janeiro”, feita sob letra de Glauber Rocha.
- Uma foto de Glauber Rocha em 1969 estampa a capa da décima oitava edição da revista Bravo. Ariano Suassuna lembra que Glauber, em 1958, quando pretendia fazer suas primeiras experiências com cinema, veio a sua casa, no Recife, para conhecê-lo e trocar ideias de como utilizar o cinema para dizer algo sobre o país.
- O perfil do cineasta, na matéria *Glauber had sept cabezas*, é escrito por Nirlando Beirão.
- A TV Cultura exhibe *Que Viva Glauber!*

15 mar.

- O programa *Metrópolis*, da mesma emissora, recorda a participação de Glauber Rocha em Abertura, da extinta TV Tupi, com fragmentos de edições que foram ao ar entre 1979 e 1980.
- Ainda na TV Cultura, o programa Roda-Viva entrevista Nelson Pereira dos Santos, que analisa a obra de Glauber Rocha.
- O programa Zoom, da mesma rede, exhibe o curta *O Pátio*, além de *À Meia-noite Com Glauber*, de Ivan Cardoso.
- Finalizando a série de cinco programas dedicados ao cineasta, o Cine Brasil

exibe *O Rei do Milagre*, com direção do Grupo Glauber Rocha (formado pelo brasileiro Joel Barcellos e os italianos Gianni Barcelloni, produtor, e Francesco Tulio Altan, cartunista), onde Glauber Rocha aparece como ator. O filme foi realizado em 1971, na praia de Tarituba (RJ). De acordo com Barcellos, a direção do filme foi coletiva: “Eu cuidei mais da direção de atores, o Altan cuidou da montagem, junto com o Gustavo Dahl, e o Barcelloni cuidou da produção.” O filme conta a história de um pescador (Barcellos) que torna-se curandeiro, graças a um pacto que realiza com a Morte (a modelo italiana Ana Carini). Seus poderes taumatúrgicos, entretanto, só funcionam na aldeia litorânea onde vive. Na cidade, perdem a eficácia. Glauber Rocha faz o governador que recorre ao curandeiro na esperança de salvar a filha, desenganada pelos médicos. Hugo Carvana é o secretário do governador, enviado à aldeia para buscar o milagreiro. Outra curiosidade do filme é a presença do compositor argentino Gato Barbieri, que além de assinar a música de *O Rei do Milagre* aparece numa cena rápida, tocando sax em “Mi Buenos Aires Querido”, em plena Avenida Atlântica. A ideia do filme surgiu entre brasileiros exilados em Roma. Aproveitando o prestígio de Glauber Rocha, o grupo consegue parte dos recursos de produção junto à RAI-Radiotelevisione Italiana e vem filmar no vilarejo de Tarituba. O filme, influenciado pela contracultura, é quase hippie, pois marcado pela improvisação e por diálogos absurdos, mas que não o impedem de ter cenas inspiradas, como a do político em pé, de terno, no mangue, com lama até o peito. Na primeira sequência, um menino abandonado é encontrado por uma cabocla, que diz: “Coitadinho, está tão magrinho e assustado. Mas vou lhe dar um chá de maconha, e você vai ficar bom.” Rindo, Barcellos recorda a atuação de Glauber Rocha. “Ele estava tão habituado a se preocupar com a posição da câmera que em certo momento olhou diretamente para ela, o que é um erro mortal para um ator. Só vi na montagem.” Glauber Rocha improvisou suas falas. “O próprio título vem de um improviso do Glauber, que dizia que o Brasil era uma monarquia, porque aqui todo mundo era rei: o rei do samba, o rei do futebol...”

25 março

- *Plínio Marcos: Barrados no baile em Teresina*

Abril

- O cineasta Paulo César Saraceni conclui a *Trilogia da Paixão*, iniciada em 1962, com o filme *Porto das Caixas*, obra de grande impacto internacional, que prossegue em 1971 com *A Casa Assassinada*. A trilogia fica completa agora com o longa *O Viajante*, baseado no romance inacabado de Lúcio Cardoso.

8 abr.

- Royal Albert Hall é palco do show *Here, There and Everywhere: A Concert for Linda*, tributo à ex-mulher de Paul, cantora e tecladista Linda McCartney. O concerto foi organizado por amigas do casal, Carla Lane e Chrissie Hynde, e teve sua renda destinada a organizações em defesa dos animais. Atração principal da noite, Paul cantou um medley de músicas dos Beatles.

9 abr.

- Chicago. No Art Institute, a 15.^a edição do *Chicago Latino Film Festival* presta homenagem a Glauber Rocha exibindo *Deus e o diabo na terra do sol* e *Terra em Transe*. “Infelizmente é muito difícil encontrar seus filmes com legendas em inglês, mas apresentaremos dois dos melhores.” (Pepe Vargas, diretor do evento há catorze anos.)

10 abr.**Memórias de um Náufrago**

Rogério Duarte a Rogério Menezes – *Correio Braziliense*

“Tom Jobim era grande músico, mas também grande plagiador.”

“Nunca postulei grandes espaços na mídia, porque o que faço não é muito conhecível ou digerível.”

“Paulo Coelho é apenas um comunicador de textos que leu de outras pessoas.”

“Na área de programação visual, não vejo ninguém mais importante que eu no Brasil.”

“Andy Warhol não fez nada além do que fiz no Brasil. A diferença é que ele circulou no jet set internacional, e isto ajudou na difusão do trabalho dele.”

“Sou um homem razoavelmente perseguido, fiz concurso na UnB e só consegui ensinar depois de impetrar mandado de segurança.”

“A academia não consegue me engolir, vive me chamando de charlatão. Mas desafio qualquer acadêmico que me desacate para debate público sobre qualquer área do conhecimento. Sou mais eu.”

“É melhor um inimigo revelado do que um falso amigo.”

“O cineasta Ivan Cardoso se exime de qualquer responsabilidade, mas não tenho dúvida de que foi um dos principais fomentadores do suicídio do poeta Torquato Neto.”

“Vivo em angústia permanente. Nunca se chega a lugar nenhum. Não estou mais maduro hoje porque cheguei aos 60 anos.”

“Jorge Mautner fracassou ao tentar fundir o popular com o erudito.”

“Já fui convidado até para ser ator de novela, mas preferi manter compromisso com a liberdade e a privacidade.”

“O que morreu foi o falso comunismo, o comunismo real não. O ideal de igualdade entre os homens, não. O ideal de igualdade entre os homens não vai morrer nunca.”

16 abr.

- Rio de Janeiro. No CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, a mostra *Bahia, Cinema e Poesia* exhibe trechos inéditos dos filmes *Cabeças Cortadas* e *O Leão das sete cabeças*. Helena Ignez e Wally Salomão participam do debate.

30 abr.

- Rio de Janeiro. Rock In Rio Café. Gary Gibson (John Lennon) e Lawrence Gilmour (Paul McCartney) vêm ao Brasil para lançar o programa *Beatles Week*, que há quinze anos reúne na Inglaterra bandas cover e fãs de todo o mundo para homenagear os Beatles. Três dias depois, Gary e Lawrence também se apresentaram no Mistura Fina.

Maio

- Siegen. Alemanha. Primeira exposição de pinturas de Paul McCartney, que pintou “chapas” como John Lennon, Charlie Watts e a rainha Elizabeth II. Além de obras abstratas, como *big mountain face* (em minúsculas mesmo).

333

30 mai.

- *Wanderley Lopes Pinbo: Refém de armadilha*

Junho

- Silvio Tendler consegue autorização de dona Lúcia para concluir o filme do velório e do sepultamento de Glauber Rocha.

18 jun.

- *Tutti Frutti revive a psicodelia dos anos 70*

Julho

- Daniel Jardim Rocha, filho de Rogério Duarte, gradua-se diretor pela Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de los Baños, em Havana, Cuba. Com ele, formaram-se outros 29 estudantes de direção, roteiro, edição, som, produção e fotografia.

7 jul.

- De acordo com a revista *Veja*, Timothy Leary, quem diria, foi colaborador do FBI, a polícia federal americana. Em 1974, Leary estava de novo atrás das grades por posse de drogas, três anos depois de escapar de uma prisão da Califórnia. Da primeira vez, fugiu do xadrez e do país, com a ajuda de

um grupo radical negro. Na seguinte, esqueceu a pregação anti-establishment e foi liberado, ao entregar nome por nome o pessoal que o havia ajudado. O dedurismo de Leary, morto há três anos, está registrado nos arquivos do FBI.

23 jul.

- Canal Brasil exibe *Terra em Transe*.

26 jul.

- Rio de Janeiro. Dentro do programa Inverno Cultural, o Tempo Glauber abre espaço para os cineastas brasileiros, que estejam com projetos aprovados pelo Ministério da Cultura, para captação de recursos através da Lei do Audiovisual, ou Rouanet, para que divulguem e exponham os seus planos, via internet, ou através de vídeos, via Embratel.
- Luiz Carlos Barreto, no Programa Roda-Viva, fala da reportagem *Caros, ruins e você paga*, de Celso Masson, na Veja de 30 de junho. “É um exemplo de antijornalismo investigativo, já que o repórter recorreu ao expediente na nota fiscal falsa, que ele mesmo conseguiu, pois não buscou uma verdadeira, decerto encontrável com algum produtor.” (...) “Interesses contrários ao cinema brasileiro, inclusive do Grupo Abril, que programa a TVA, com material majoritariamente estrangeiro, estão em campanha contra tudo que é brasileiro. A cada nova semana, falam mal de um artista brasileiro. Uma semana é o livro do João Ubaldo, na outra, o disco do Chico Buarque, na seguinte, o disco do Caetano Veloso, depois, o livro da Adélia Prado”.

29 jul.

- *Deus e o diabo na terra do sol* é exibido pelo Canal Brasil.

5 agosto

Rio de Janeiro. No CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, o centenário de nascimento do antropófago Flávio de Carvalho é celebrado na exposição *Flávio de Carvalho – 110 anos de um revolucionário romântico*.

No número 140 da revista Imprensa, a foto *Os Apóstolos*, de David Drew Zingg, é publicada em cores. O título da fotografia é batismo de dona Lúcia Rocha. Na cabeceira, Nelson, o pai do Cinema Novo, e os demais se sentaram no lugar que quiseram.

- O projeto *Glauber – O Filme*, de Silvio Tendler, é selecionado no Concurso de Documentário de Média-metragem, do Ministério da Cultura. O projeto receberá prêmio de R\$ 80 mil, quantia suficiente para a conclusão do filme,

segundo Tandler.

Setembro

- Um trem Eurostar reformado, como parte de uma campanha, cujo teto é US\$160,000.00, coberto de cartazes, promove o relançamento do filme *Yellow Submarine*. Em sua primeira viagem, parte de Londres para Paris.
- A 26.^a *Jornada Internacional de Cinema e Vídeo da Bahia* concede a *Estou Perto*, do cineasta português José Maria da Costa, o Prêmio Glauber Rocha de melhor filme.

29 set.

- Rio de Janeiro. É aberta, na galeria do Espaço Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a exposição *Trilogia da Terra – Tempo Glauber*;

1.º outubro

- Heonir Rocha, reitor da Universidade Federal da Bahia, recebe resposta de Fernando Henrique Cardoso ao ofício que a instituição encaminhou ao presidente da República, prontificando-se a ajudar nos estudos voltados ao tombamento do filme *Di-Glauber* como patrimônio artístico e cultural. No ofício-resposta, o presidente comunica ao reitor que sua solicitação foi encaminhada ao Ministério da Cultura, para estudos. Depende agora do MinC e do corpo jurídico do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o futuro do curta-metragem, interditado judicialmente desde os anos 70 por Elizabeth Di Cavalcanti de Veiga, filha adotiva e herdeira do pintor.

8 novembro

- *Nise, rebelde maldita*

22 nov.

- *Bowles enviou textos à Universidade*

23 nov.

- Rio de Janeiro. Durante os seis anos em que Paula Gaetan morou em Bogotá com os filhos de Glauber Rocha, Eryk Aruak e Ava Pátrya Yracema Gaetan Rocha, a cineasta realizou cerca de 40 documentários para a TV cultural da Colômbia. Os temas vão do design à guerra, passando pela estética da comida e pela vida urbana. A cineasta juntou prática e teoria do documentário no seminário *A Representação da Realidade*, debatido em nove encontros no Museu da República.

24 nov.

- Como parte das homenagens que o 22.º *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro* realiza, a organização do festival consegue autorização da família de Glauber Rocha para a exposição *Trilogia da Terra*, que aborda os filmes *Deus e o diabo na terra do sol*, *Terra em Transe* e *A Idade da Terra*. Aberta no Espaço Cultural 508 Sul, com fotografias, textos inéditos, desenhos, roteiros e cartazes, a sessão multimídia, organizada por Érick Hermany, compreendia filmografia e cronologia comentada pela própria voz de Glauber Rocha e por biógrafos. Os textos inéditos estavam impressos em roxo, e em preto, os publicados. “Dona Lúcia afirmou que não havia como montar a mostra com menos de R\$50 mil; no Rio, o patrocínio do BNDS foi de R\$40 mil. No final, dona Lúcia aceitou trazer a exposição por pouco menos. Não falo por quanto, porque senão fica chato para ela, que foi muito legal.” Declara Maria Luiza Dornas.

2 dezembro

- Funcionários da Novacap bloquearam o portão principal da empresa para reivindicar melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Quinze policiais do 4.º Batalhão de Polícia Militar foram enviados ao local, mas não conseguiram controlar a situação.
- A polícia forçou a abertura dos portões e os manifestantes resistiram. Cerca de 100 homens do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e do 4.º BPM foram então acionados. De acordo com a versão oficial, dada na época, eles usaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e dez cães para dispersar os grevistas. Dez minutos depois da confusão, os feridos foram socorridos. No confronto, o jardineiro José Ferreira da Silva morreu, e outros 35 sindicalistas ficaram feridos.

Dez.

- No centenário de Gilberto Freire, Nelson Pereira dos Santos dirige a adaptação de *Casa Grande & Senzala* para uma série de tevê do canal pago GNT.
- George Harrison é esfaqueado no peito por um homem que invadiu sua casa. O músico quase foi morto, mas foi salvo pela mulher, Olivia, que bateu no agressor com um atizador de lareira e um abajur.

14 dez.

- Paul McCartney volta a tocar no Cavern Club. Ele não se apresentava ali desde 1963.

17 dez.

- Walter Franco faz show único no Mam. *Tutano* é apresentado no projeto Acústico Mam, com a participação de um engenheiro de som para incrementar os efeitos sonoros do espetáculo. Entre as inéditas gravadas para *Tutano* foram apresentadas “Nasça”, uma parceria com Arnaldo Antunes, e

“Totem”, a partir de um poema de Costa Neto.

30 dez.

- George Harrison permanece internado, mas não corre risco de vida. Ele foi esfaqueado em casa por um desconhecido. O agressor, de 33 anos, é natural de Liverpool.

Música

- Jorge Mautner comemora seus 40 anos de carreira com o álbum duplo *O Ser da Tempestade*, onde se encontram seus clássicos como “Maracatu Atômico” e “Vampiro”. Seu último trabalho coroou a vitoriosa carreira com a conquista do Grammy 2003.
- Tom Zé lança três discos: *Com Defeito de Fabricação*, Luaka Bop / WEA – 1998, *Trama* – 1999, *Postmodern Platos*, remixes de *Com Defeito de Fabricação* e *Imprensa Cantada*, Trama. Gilberto Gil lança a “caixa” *Gil – Ensaio Geral* (Universal).

Novembro

- As irmãs Betty e Dot alugam duas guitarras gêmeas e aceitam comemorar os 30 anos do grupo feminino The Shaggs, tocando em Nova York. Helen, a baterista, deprimida, não participou. O título da SPIN, *The Shaggs: mais velhas e sábias e reconhecidamente não muito melhor* deixava explícito o espírito irônico que sempre acompanhou o grupo.

337

Literatura

- Póstumo. *O Processo do Cinema Novo* (Alex Viany, um dos pesquisadores e críticos mais importantes do Brasil).
- *O Bicho Homem e Outros Bichos*, de Ary Pára-raios. Edição do Autor, 1999. Segundo Ary Pára-raios, trata-se de um guia para nos ajudar a colocar mais poesia no relacionamento com os bichos.

29 março

- “Confesso que não havia lido *O Apanhador no Campo de Centeio*, quando ele me escreveu a primeira carta. O trabalho de Salinger que me atraiu primeiro foram as cartas para mim, que eram muito bonitas, poderosas e sedutoras. Não sexualmente sedutoras, mas emocionalmente.” *Joyce Maynard, Folha de S. Paulo*

Maior

- Revista Rolling Stone edição 812.
- *Lênin nos Subterrâneos do Conic* – Livro de Ezio Flavio Bazzo (Anti Editor Publicadora). 121 páginas.

25 mai.

- Brasília. O jornalista e historiador Inimá Simões lança o livro *Roteiro da Intolerância – A Censura Cinematográfica no Brasil*, editora Senac. No livro, o autor desencava os pareceres da ficha de censura de filmes como *Deus e o diabo na terra do sol* e outros, também perseguidos.

Agosto

- Finalmente é lançado o terceiro livro de John Lennon, originalmente por Yoko Ono, com o título *Real Love: The Drawings For Sean*. Ele reúne vários desenhos feitos por Lennon entre 1975 e 1979 para seu filho Sean. A versão brasileira, *John Lennon – Amor de Verdade – Desenhos Para Meu Filho*, manteve o título original, numa bem cuidada edição, de capa dura. Ao todo, são quase 50 ilustrações de John, com temas infantis. Editora: Salamandra, Consultoria Editorial. Ruth Rocha.

22 setembro

- *Sylvia Plath: Sem descanso*

Outubro

- *Um ano de loucuras: Greenwich Village 1963*, livro de Sally Banes.



Dona Lúcia Rocha somente assinava a sua biografia depois da dedicatória do senador. Perguntei como ela sabia que Daniel não era seu neto. 'Glauber me contou.' O livro dedicado a mim foi emprestado ao primo do Glauber, e nunca mais o vi.

8 dezembro

- José Roberto Arruda lança a biografia *Lúcia, a Mãe de Glauber*. Pesquisa apaixonante e executada com um vocabulário rico de expressões da língua portuguesa, segundo o senador: "Foi como contar a história do cinema brasileiro pelas feijoadas das tardes de sábado."

Cinema

- *Hi Fi* (1999 – 8 minutos – Ivan Cardoso). "O filme é um mergulho profundo, através de fragmentos magistrais da obra do megapoeta Augusto de Campos, na literatura de vanguarda, revendo o subversivo movimento concreto paulista, ainda desconhecido." (...) "O filme é uma colagem de contratipos riscados, sampleando takes raros para forjar clipes de alta (in) fidelidade, que revelam um longo rastro cúmplice, entre a tradição poética mais viva versus o cinema experimental", resume o diretor.

5 março

- *O dia em que Welles batizou o rio Itabira*

Artes plásticas

- Em novembro de 1999, a Pinacoteca do Estado de São Paulo organiza a mostra antológica *Carlos Vergara 89/99*, apresentando desde suas primeiras monotípias sobre lona crua até as telas, nas quais a intervenção do artista, com materiais como dolomita e tintas, apaga quase completamente os sinais da primeira impressão, que deu origem aos trabalhos.

Obituário

7 março

- Stanley Kubrick, cineasta.

11 maio

- Morreu na terça-feira, de causas não reveladas, o cantor José Ricardo, aos 60 anos. Um dos ídolos da jovem guarda, ele nas últimas décadas fazia shows em cidades do interior. José Ricardo também foi o protetor das cantoras Linda e Dircinha Batista. “Rainhas do Rádio”, entre as décadas de 30 e 50, elas caíram em depressão quando a carreira entrou em declínio. Em 1985, o cantor precisou invadir o apartamento das irmãs, e encontrou Linda com feridas pelo corpo. Dircinha sofria de crises de histeria. E Odete, a irmã mais velha, estava em depressão. José Ricardo providenciou a internação das irmãs em uma clínica para idosos, no Rio de Janeiro. Três anos depois, Linda morreu de embolia pulmonar. Em 1995, Odete também faleceu. Pouco antes de morrer, José Ricardo fez uma visita a Dircinha. Agora, aos 76 anos, ela está sozinha.

18 junho

- Rio de Janeiro. Morreu aos 77 anos, de insuficiência respiratória, a cantora Dircinha Batista. No auge da fama, nas décadas de 30 a 50, ela e a irmã Linda eram aclamadas como as “Rainhas do Rádio”. Dircinha era uma das cantoras preferidas do presidente Getúlio Vargas. A dupla não conseguiu manter o sucesso na televisão, e a carreira declinou nos anos seguintes. Dircinha, a caçula, passou os últimos anos numa clínica geriátrica.

27 jun.

- Morte de Brian O'Hara, que nasceu em 12 mar. / 1942, em Liverpool, Inglaterra. Era membro do The Fourmost, um dos conjuntos da chamada *The British Invasion*, entre os anos 1963 e 1966. Originalmente conhecida com The Blue Jays, a banda criou um som melódico, mais próximo do pop

que do rock'n'roll, o que a distinguia das outras britânicas do período. Por ser de Liverpool, no início da década de 60, o grupo era o rival comportado e refinado para os Beatles, que ainda usavam topetes e blusões de couro. Contudo, a rivalidade não existia, e as suas relações eram cordiais. Gravou "Hello Little Girl" e "Little Loving". O grupo também foi empresariado por Brian Epstein.

4 agosto

- Morre Victor Mature, ator de épicos.

10 outubro

- Pietro Maria Bardi morre aos 99 anos. Italiano de nascimento, naturalizado brasileiro, historiador de arte, crítico, fundador, diretor do Masp, era viúvo de Lina Bo Bardi.

8 out.



Morre Zezé Macedo, 'Criadinha do Brasil' (1914-1999)

21 out.

- Marguerite McBey pintora e fotógrafa (Filadélfia, Estados Unidos 30 abril de 1905-21 outubro de 1999).

Final de outubro

- O compositor Zé Kéti, de 78 anos, fica internado vinte dias no Hospital Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, no Rio. Foi internado com desidratação e pneumonia, em estado grave. Zé Kéti recebia visitas diárias, e se emocionou com a presença dos compositores Elton Medeiros e Paulinho da Viola, que estiveram no hospital. Por causa de uma insuficiência renal, Zé Kéti fazia hemodiálise. O compositor morreu na manhã do dia 14 de novembro. O corpo foi velado na capela Santa Cássia, do Cemitério de Inhaúma. O sambista encarnava a figura do típico malandro carioca, e consagrou-se em 1966 com a marci-

nha de carnaval “Máscara Negra”. Seu repertório incluiu grandes sucessos, como “A Voz do Morto” e “Diz Que Eu Fui Por Aí”. Na década de 60, o sambista participou do lendário show *Opinião*, dirigido pelo dramaturgo Augusto Boal, ao lado do compositor João do Valle e das cantoras Nara Leão e Maria Bethânia. Sua música “Opinião”, com versos como “Podem me bater, podem me prender, mas eu não mudo de opinião...”, foi um dos maiores sucessos do espetáculo.

30 novembro

- Carlos Hugo Christensen, o argentino de Copacabana, morre aos 85 anos. O cineasta dedicou ao Rio de Janeiro uma trilogia amorosa, formada por *Meus Amores no Rio*, *Esse Rio Que Eu Amo* e *Crônicas da Cidade Amada*.

18 dezembro

- Robert Bresson morre. Desbravador da Nouvelle vague, para ele, filmar era contar uma história, como num teatro fotografado, e com som.

27 dez.

- Paris. Pierre Clémenti, o ator francês que, em *Cabeças Cortadas*, faz o papel de um camponês, morre aos 57 anos.



Apesar de todos fluídos negativos, o ser humano merece. Acredito que todos os seres humanos que amam mereçam. Não sei se posso me considerar um ser humano, mas mereço. Escreverei uma carta de amor a todos os seres humanos, pois eles merecem. (Paulo Iolovitch, jul. / 2000)

2000-2012

**IOLOVITCH, O PRIMEIRO PINTOR
POP DO BRASIL!****São Sebastião Pop***Harry Laus, Jornal do Brasil, 17 fev. / 1964*

Paulo Iolovitch, um dos pioneiros da Pop art no Brasil, residente em Brasília, onde pinta há três anos, e onde levantou o maior prêmio de pintura instituído para a Nova Capital, no *I Salão de Arte Moderna do Distrito Federal*, escreve-nos para dizer que realizou um *São Sebastião* em termos da Pop art para enviar ao concurso que a Galeria Vila Rica promove. Diz ele, ao final da carta: “Enfim, o que realmente me satisfaz foi o sangue derramado; ou melhor, a tinta vermelho-marrom e algumas gotas reais do meu dedo ferido por casualidade em um dos pregos.”

Na mesma carta, o artista descreve o que foi sua exposição *Três anos de Pintura em Brasília*, realizada em dezembro último: “A exposição realizou-se no Teatro Nacional em dezembro, durante a Feira de Natal. A afluência foi muito grande, inclusive vendi alguns guaches de 1962-63. Mas o Departamento de Turismo não quis dar-me garantias nem guardas, e tive que tirar os quadros. Um dos jornais daqui fotografou e publicou nota a respeito do vandalismo (me rebentaram dois trabalhos de colagem). Tentei em dezembro notificá-lo a respeito dessa exposição, mas ela começou tão mal que quase previ o seu futuro. Mas, para todos os efeitos, nos poucos dias em que ficou exposta, fiz um levantamento de minha produção nestes três anos de sofrimento aqui. Era necessário, apesar do deserto, mostrar aos camelos a água que eles jamais poderiam beber.”

Eis os percalços da arte moderna na mais moderna capital do mundo...

Umás 50.000 pessoas diariamente circulam pelo CNB (Conjunto Nacional de Brasília), aglomerado de lojas e escritórios. Kleber Marques é um desses chegantes. Solicita uma informação a Paulo Iolovitch, que o conduz ao Conic e à sede do Partido dos Trabalhadores.

No meio de 2000, no Beirute, com o mesmo Kleber Marques, dividindo uma Antártica, vi aquele pintor de boina, jaqueta e tênis levantando e acenando os braços, humanamente expondo suas telas, que já havia visto nas casas de amigos.

– Queria comprar uma...!

Foi a senha para Kleber me apresentar o pintor Paulo Iolovitch, e a partir daquela noite no Beirute nasceram situações de resgate, encontros históricos (Iolovitch e Manoel Brigadeiro), entrevistas com Paulão de Varadero, happenings na entrada do Teatro Dulcina, acirradas conversas ideológicas e surpreendentes motivos variados. Nossa amizade evoluiu para padrões familiares de pai para filho para neto. Certa feita, Iolovitch furou a barreira humana e me conseguiu um autógrafo de Athos Bulcão.

Na 304 Sul. Lado externo da porta do apartamento, a fachada de uma cidade mineira pintada. Porta e janela lateral aberta, com muito verde e vista arejada. Música da Brasília Super Rádio FM. Em pé, apoiado na prancha, Iolovitch (com auxílio da régua e do esquadro) risca um retângulo, em seguida pinta o fundo das telas. Depois a hábil mão esboça o desenho e gera o corte final. Acidentalmente, um frasco cai e escancara a hemorragia no chão. Iolovitch senta perto da poça, e em vigorosas pinceladas faz um outro fundo. Volta ao quadro original, e pouco depois termina mais uma tela, uma sonora homenagem ao bamba Carlos Cachça, e ensina; “Em 1928, ele introduziu o pandeiro no samba!”

Contou que Carlos Cachça não excursionou com Carmem Miranda, porque não podia abandonar o trabalho. Artista brasileiro! O telefone toca, Lê Brasil vai passar para pegar algumas telas de Iolovitch, que serão usadas como uma cortina para cenário de *O Anjo*, o novo filme de Pedro Lacerda, sobre uma garota, um anjo, uma adolescente...

Sonho do sonho de Iolovitch é ver passar no próximo Festival de Cinema de Brasília um documentário com a sua trajetória. Acabei de ligar para anunciar que o seu documentário em DVD finalmente ficou pronto, e se chama *Paulo Iolovitch, O Pintor de Entrequadras*, filmado e concluído por nós nos últimos três anos e meio! Em dezembro, estive no seu apartamento e filmamos uma oficina, que encerra a sua fita mágica de mais de uma hora.

Numa conversa ideológica de mesa, Paulão de Varadero perguntou: Por que você não assina “Azul”? No início de maio de 2003, no jornal Correio Braziliense, o jornalista José Carlos Vieira escreveu que o grande pintor Iolovitch, numa crise similar à do Prince, a partir de agora assinava “Azul”, e que de sacanagem ele (o repórter) continuaria chamando o pintor pelo seu nome original.

Eu particularmente não gostei da alcunha. Ao conhecer a fábrica de ideias de Iolovitch, sabia que era uma pequena partícula. Tanto que hoje Iolovitch não assina mais “Azul”, e suas telas não trazem mais assinatura, só um tracinho

preto – como carvão. Em breve, ele nem mais terá tempo para esse risquinho. Quando fazem questão de que assine, ele pede uma caneta, e risca sob a tela.

O corpo de Iolovitch nasceu em São Paulo, porém “o pintor Iolovitch jamais morrerá...”. Depois de abandonar o emprego de publicitário, em Porto Alegre, passou um tempo no Rio de Janeiro, e chegou a Brasília, em fevereiro de 1962, aos 26 anos. Vinha atrás de uma paixão. Arrumou emprego de cameraman no Canal 6. E desde então desbravou o árido espaço cultural da Capital, ao fincar uma bandeira de lutas, na domesticação do cerrado. Participou da abertura de galerias pioneiras, uma das quais é a Paiol, mas também de livrarias e outros espaços. Em novembro deste ano, Iolovitch realizou sua primeira mostra em Brasília, no *I Salão de Arte Moderna do Distrito Federal*.

Em 1964, expôs com sucesso no Salão da Fundação Cultural. A ousadia do júri local de premiar a obra do artista antecipou em meses a premiação da Bienal de Veneza, quando os italianos reconheceram os homônimos pintores pop americanos. Iolovitch, ainda no Sul, foi apontado como o “Primeiro Pintor Pop do Brasil”.

Se em 64 as obras de Iolovitch foram exibidas para o General De Gaulle, durante a visita do chefe de Estado francês, o grande pintor não se acanharia em denunciar ao jornalista Harry Laus do Jornal do Brasil a falta de segurança para a exposição de trabalhos nos corredores do Teatro Nacional.

No ano seguinte, a convite, conheceu a França, onde aconteceu um grande encontro com Anselmo Duarte.

Na efervescência do último ano de excursões dos Beatles, e da conquista da Copa do Mundo de 66, Iolovitch esteve pela Inglaterra e Itália.

Depois de 1971, adotou uma concepção de arte livre, e passou a evitar a vulgaridade, os lugares comuns, a corrupção das galerias. A exposição de suas telas dilata as pupilas, muita gente o considera uma viagem indispensável.

Em 1974, ano de outra viagem pela Europa, conheceu Portugal, Espanha (casa de Picasso) e, na Alemanha, na lista telefônica, encontrou uma artista plástica com o mesmo sobrenome. Em 1978, quatro anos depois da *Revolução dos Cravos*, retornou à Europa, a Paris. A qualquer hora ele lá estará expondo, pois os convites não lhe faltam.

De volta a Brasília. Iolovitch, Toninho de Souza, Ary Pára-raios, Pedro Lacerda e Wanderley Lopes viveram o auge dos anos 70. Este grupo especialmente trouxe

à tona as discussões sobre temas da cultura e da ecologia. Assim reforçaram os movimentos amplos antinucleares, além dos regionais, nas páginas do JOU (Jornal Ordem do Universo). Também foram claro aos bairros pobres e às superquadras.

Nos anos 80, atendendo os pedidos de pessoas, passa a variar o tamanho das telas, e experimenta assim até microtelas, e modalidades diferentes, a exemplo das gravatas! Da infância, um tema que o marcou foi o circo. Algumas vezes, re-encontra mulheres que carregam nas carteiras os seus retratos pintados por ele.

Iolovitch é muito mais do que adepto da Pop art, sua identidade transcende o rótulo – vende sua poesia, compra poesia, e é generoso com os colegas da profissão, sempre solidário com os pintores da cidade.

Seu imaginário retrata a embriaguez, e preserva a geopolítica dos bares – a exemplo da sua tela *Bar do Afonso*. Iolovitch pintou mais de um milhão de quadros.

Se nos anais, folhas, catálogos e indicadores há uma enorme omissão, que sofrem os verdadeiros artistas brasileiros, o trabalho de Iolovitch, o primeiro artífice da Pop art no Brasil, ainda não atingiu a maximização industrial dessa forma moderna da arte – sem ter a sua cara estampada, Iolovitch é puramente Pop art! Ultimamente ilustrou a capa do livro *Outro Guichê*, do poeta Menezes y Moraes. E transformou uma ilustração 2001 num cartão de “Boas Festas”, distribuído aos amigos. Na folhinha de 2004, da Gráfica e Editora Positiva, aparece a reprodução de uma tela sua, assinada como “Azul”.

Ativamente urbano, no restaurante Universal Guinness, pode ser encontrada a atuação de Iolovitch. Em grande fase criativa e produtiva, o avô-pintor curte os 4 anos do seu neto-pimpolho, Michael Iolovitch, e a proximidade do 70.º aniversário!...

Prêmios

Prêmio 1.º Salão de Arte Moderna do DF

“Senado Federal” (200 mil cruzeiros). Pelas condições de modernidade e invenção

A dica da semana: Iolovitch no Cênicos

Sábado, 23 ago. / 2008 – 21 h, Beirute. Paulo Iolovitch foi o elemento cênico do próximo programa *Cênicos*; a entrevista foi conduzida pelo jornalista Sérgio Maggio. As recentes telas do artista serão exibidas no próximo Domingo (31 agosto), às 20h, pelo canal 11 da Net, e 48 da Mais TV.

Paulo Iolovitch levou o neto Michael para participar e acompanhar de perto as aventuras do avô. Além de encontrar velhos amigos, como o escritor José Roberto, ele foi seguido de perto por Ricardo (Photoman).



Fernando Carpaneda, Paulo Iolovitch, a convidada, com André Pedra, 19 mar. / 2004 – Beirute.
Foto: Marcelo Dischinger

Em meio a tanto artista, o estresse geral foi erradicado. Nessa noite – calma noite –, as luzes brilharam, e tudo foi no embalo das Olimpíadas.

Parte da talentosa equipe do *Cênicos* é formada pelos simpático(a)s produtores Nalva Sysnandes, Thaís e Jones Schneider (impecável direção de cena). No programa, foram ao ar algumas cenas do documentário *Paulo Iolovitch, O Pintor de Entrequadras*, deste narrador. Eu também participo com um rápido depoimento, onde proclamo: Iolovitch é o maior artista vivo de Brasília!

O Conic de Iolovitch

Nabima Maciel

Paulo Iolovitch resolveu que já era tempo de dedicar um trabalho ao Conic. Após décadas como frequentador do local, o artista acumulou centenas de histórias, capazes de narrar a trajetória do lugar mais alternativo do Plano Piloto. Munido de caderninho, ele começou a entrevistar pessoas e a anotar frases e desenhar perfis. Para cada entrevistado, fez uma pintura “A gente é beirutiano e coniquiano”, explica. “Todas as pessoas de Brasília passam por aqui.” “Aqui”,

esta semana, é um cantinho entre dois postes, ao lado de uma barbearia e perto da Praça do Chapéu. Iolovitch amarrou uma corda em cada ponta e pendurou oito pinturas. É apenas um extrato, uma amostra divertida da produção, que conta com 136 peças guardadas na casa do amigo Mário Pazcheco. Se não chover, Iolovitch vai fazer ponto esta semana na praça, até vender as obras. “Eu só vendia em bares. Um dia, disse: ‘Vou me dedicar um pouco ao Conic.’” Os frequentadores viraram personagens das pinturas, e viram seus perfis estampados nas telas, acompanhados das frases pescadas nas entrevistas

São dizeres que ajudam a definir o perfil do entrevistado, e versam sobre a história do próprio centro comercial. Iolovitch diz que as peças custam oito “pratos feitos”, uma média de R\$ 80, mas sempre pode haver negociação, coisa que o pintor aprecia como oportunidade para entabular conversas. *Correio Braziliense*, 13 dez./2011.



Oito ‘pratos feitos’ pelo trabalho do artista plástico que tem a cara da cidade
Foto: Edilson Rodrigues



Renato Matos pedala no Zirigdum do Além
Foto: Luís Alves

Renato Matos – qualquer coisa pós-geração moderna

No manifesto antropológico de Oswald de Andrade, *A alegria é a prova dos nove*, Renato Matos é uma de suas personificações.

O seu sorriso abundante e sem hora marcada recupera a imagem dos nossos antepassados felizes às margens do Atlântico, antes que fossem demarcadas as capitânicas hereditárias, e suas cortes tolas nos obrigassem a trabalhar.

Geralmente o fã acompanha o artista nos recortes de revistas, o assiste na tevê, corre pra pegar o autógrafo. Vai pra cama, leva fora e é expulso do camarim. Almoça, liga, perturba. Persegue... e não perde nenhum show. Sabe mais da vida do artista do que os seus próprios documentos registram. Para sanar essa carência/necessidade, quase atávica, esforços não são medidos. Ser reconhecido pelo ídolo às vezes leva até à Casa de Repouso Mental.

Minha admiração por Renato Matos não foi tão extrapolada, mas sempre o perseguia para que ele me falasse de Walter Smetak e outros encantos e expe-

riências. E para que falasse dos seus papéis no cinema nacional – sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, João Batista de Andrade e André Luís de Oliveira.

Quando o via em “Zoio d’Água”, eu gritava: “Olha o Renato Matos!” Só para ouvir nos moradores a frase incômoda: “Você ainda vai se acostumar com ele!”

O tempo passou, e Renato Matos criou o *Zirigdum do Além*, a última guerrilha musical.

De Olhos D’Água, munido de sua fauna de cabaças do cerrado e utensílios reciclados, tubos plásticos coloridos, buzinas e sucatas variadas, ele exportou isso e rompeu as ancas da tradição das alfândegas para levar seu som à França. Perdido no aeroporto internacional de Paris, empurrava uma caixa maior do que ele, e desesperadamente procurava encontrar uma pedra para o arco do berimbau...

Voltou no inesquecível setembro de 2001, e nos encontramos no Terraço Shopping, durante uma sessão de autógrafos de Tom Zé, outro modernista sem casaca.

E nesse encontro – eu sempre com a pulga atrás da orelha – encontrei a sonoridade “além”, que procurava, em Renato Matos, e entrei em contato com a movimentada orquestração do *Zirigdum do Além*.

No *Zirigdum do Além*, o som exige afinação especial, e o músico/tocador participa como peça essencial, motor humano, que com suas mãos nas 30 cabaças/berimbaus faz parte desta máquina de sons.

O *Zirigdum do Além* não é uma batucada para espantar monge em dia de Saci, pois são conexões esganadas que sopram sobreposições e sobressalências, em sonoridades poéticas.

Cassetadas do tempo

Outro projeto musical estratosférico de Renato Matos são as *Cassetadas Do Tempo*, centenas de fitas gravadas ao largo de sua vida, de momentos ao vivo, discursos de rádio e tevê, registros inéditos de suas músicas, shows na América, na França, além de por aí. Ele usa um gravador duplo, que condicionado aos toques nas teclas play ou review cola trechos urbanos, de trip hop e do reggae big beat, cujo áudio uma mesa de som reconduz. As mixagens instantâneas então geram novos sons concretos. Essencialmente ao vivo, permite inserções de frases com o violão, e também o uso do agogô. Nascem então as frases gramaticais, surgem desse modo novas letras, de inusitada originalidade. Diálogos etéreos e diáfanos de tevê Sky, tortas flamejantes e tcha cum drums tribais.

Por duas oportunidades, no seu apartamento columbário oiticiciano, viajamos noturnos sem registrar...

“Fome & Seca: Sedução”

Movimentos óticos – hieróglifos sem partituras. No novo apartamento nicho, a história de Renato Matos está espalhada pelo chão, ao lado de suas leituras de arquitetura, antropofagia, clássicos da literatura mundial, além das edições esgotadas e das revistas não mais vistas, e as fitas master de seus discos.

A música de Renato Matos é pequena para alguns brasileiros, por isso ela abraçou as muralhas da China, os picos da Cordilheira dos Andes, as aldeias africanas, os palácios de Versalhes. Nós brasileiros pequenos perguntamos: Por que você ainda não estourou? A mensagem do celular informa que o seu próximo disco ficou só para o ano que vem.

Eu fico feliz por saber que Renato Matos continua ali na 706 Norte, resistindo e brutalmente criando o TNT para a implosão dos alicerces da notoriedade.

Plano Pirata, uma espécie de repertório de Renato Matos

“A vida por um fio / A morte é um fiasco...” Renato Matos – 21 fev. / 2003

352



Faixas

- 1 – Coisa Pagã
- 2 – Mamagaya
- 3 – A Cidade Quer
- 4 – Malê de Balê
- 5 – Pra Quê
- 6 – Pudim
- 7 – Raga da Baleia
- 8 – Trombetas
- 9 – Solidão Celular / Telefone é Muito Pouco

Renato Matos se ocupa enquanto a sua transferência para Salvador não acontece. Ele intercala suas produções com mais um CD-pirata, batizado *Plano Pirata*, que antecede o posterior lançamento oficial, que será *Plano Piloto*. Plano por plano, a gente mergulha nestas faixas de cabeça. A música é um artefato curioso – há anos, eu venho nutrindo ojeriza por álbuns estudados e bem-gravados feitos para o comércio exterior...

Plano Pirata é uma amostra para quem gosta da “poelírica” e do ritmo de Renato Matos. Se você tem algo contra o artista, este disco não ajuda muito a mudar o seu ponto de vista. As duas músicas de abertura, “Coisa Pagã” e “Mamagaya” privilegiam o ritmo do reggae; outros privilegiados são os parceiros de Renato Matos resgatados para este show: o saudoso Manduka, os atuantes e não menos lendários Calouro, Reynaldo Jardim (†), Cristina Roberto, Menezes y Moraes e TT Catalão; são reverenciados, repito, este disco é um privilégio do artista, uma homenagem de reconhecimento a si mesmo e à cidade, que gerou todas as estrofes e situações. Muito à vontade, o disco traz uma apresentação da banda Pão.com, e Flora Matos aparece bem na fita, cantando “Solidão Celular” / “Telefone É Muito Pouco.”

Plano Pirata traz a impactante capa dos rolos-compressores que esmagam a extensa produção anônima dos espertos. Poderia realmente mudar a realidade, se não estivéssemos na cidade do faz de conta, a imprimir mais um flagrante, para a propaganda estatal. Por isso, quem já virou todas as madrugadas vai se achar na faixa “A Cidade Quer”, neste refrão-identidade de muitos dos seus habitantes, e o monólogo “Pudim”, de Cristina Roberto, é mais real do que qualquer peça de Sam Shepard.

Para quem esteve em algumas dessas apresentações, é como levar o show para casa e curtir o íntimo do artista. Este álbum é muito pessoal, Renato Matos selecionou falas e trechos e apresentações e overdubs e ecos gritantes da situação urbana de Brasília e seus filhos, fruto da Utopia candanga. Neste próprio disco, ele faz propaganda do próximo: que terá a participação de Cássia Eller, lê alguns nomes, e os narra como mercadorias de consumo nos supermercados da vida. É a enésima vez que eu ouço o disco, e o farei no rompante do ano. Aqui existe mais do que música, existe muita vida. Então, longa vida a Renato Matos e seus parceiros.

353

Pranto para Vandré, Glauber e Manduka

Em 1972, Geraldo Vandré ganhou no Peru um festival com “Pátria Amada, Idolatrada, Salve, Salve”, parceria dele com Manduka.

Brasília-Conic. Por volta de 1995. Um dos monólogos encenados pelo saudoso Manduka (Alexandre Manuel Thiago de Mello), imitando a voz e os trejeitos de Glauber, repetia o bordão:

- Quando for a Brasília, procure o Oliveira Bastos.
- Oliveira Bastos é o poder!

No Bar Belas Artes, era comum encontrar Manduka sentado à mesa com seus inseparáveis óculos escuros, tomava uns conhaques, e cigarros – seu bordão era: A solução do país passa por esta mesa. – Também ali apresentou o seu show *Zum-Zum*, com Renato Matos na percussão.

Manduka morreu no dia 12 de outubro de 2004. Um dia depois, no Quiosque Cultural do Ivan “Presença”, ouvíamos “Quem Me Levará Sou Eu”, com um nó na garganta, diante da plácida letra e da voz do cantor.

De repente, Ivan puxou a fotocópia da crônica do Cony do bolso, e decretou: Põe lá na página, Pazcheco! Ivan também tem o show *Zum-Zum* filmado! O que chateia é sempre o rigor “mortis” que impregna qualquer ação post mortem.

Pranto para Manduka

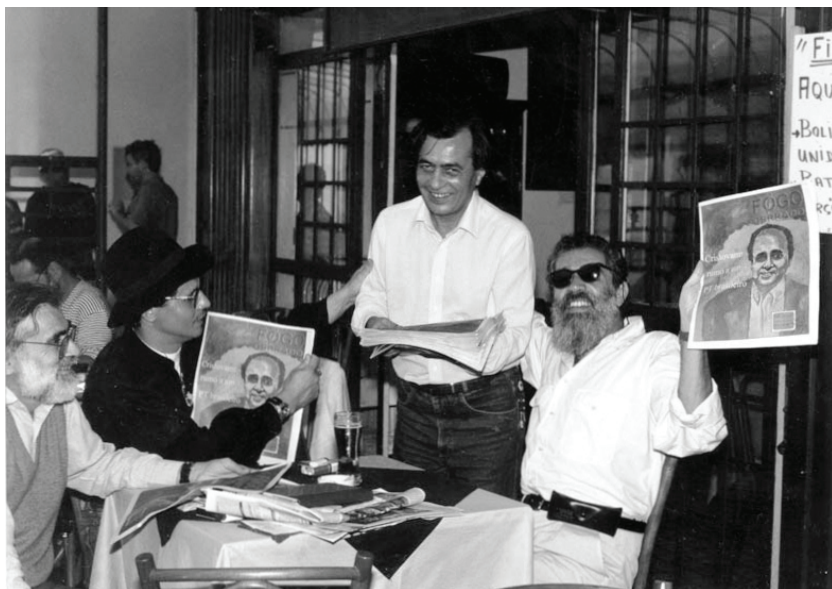
Carlos Heitor Cony, Folha de S. Paulo

Estava fora do Rio quando soube da morte de Manduka, um dos artistas mais perturbadores de sua geração. Filho de Thiago de Mello e da jornalista Pomona Politis, afilhado do poeta Manuel Bandeira, Manduka trilhou um caminho próprio em seu tempo, morando em diversos países – Chile, Venezuela, Alemanha, França, México, Espanha –, sempre compondo ou vivendo algum lance importante. Na Argentina, fez com Augusto Boal a trilha musical de *A Tempestade*, uma adaptação da peça de Shakespeare. Teve diversos parceiros, inclusive Dominginhos, com quem compôs “Quem Me Levará Sou Eu”, canção que ganhou um festival da TV Tupi, interpretada por Fagner. Amigo e devoto de Glauber Rocha, fez a trilha sonora do documentário de Erik Rocha sobre a passagem do cineasta em Cuba. E assinou a trilha de outro documentário importante, sobre José Lins do Rego, de Vladimir Carvalho.

Ultimamente, vinha desenvolvendo estudos de fusão em desenhos de bico-de-pena com lápis de cor e pastel seco, aliados à tecnologia digital. No trivial variado de cada dia, era um grande sujeito em todos os sentidos, sabendo imitar Nelson Rodrigues, Glauber, o próprio pai, com uma perfeição que dava medo. Certa vez, imitando Glauber em meu escritório, assustou um amigo que entrou de repente e pensou num milagre, custou a acreditar numa imitação, pensou que Manduka era realmente o Glauber redivivo.

Conheci-o criança, de castigo, na editora em que Thiago trabalhava. Manduka ficara em segunda época e o pai levava-o a todos os cantos, obrigando-o a repassar as matérias. O garoto fingia estudar, me olhava com a cara de quem estava perdendo tempo. Um tempo que agora se fechou, para o pai e para o

amigo.



Legendas: Leonardo Boff, Genésio Tocantins e os saudosos Wanderely Lopes e Manduka – posse do Governador Cristovam, Jan./1995. – Bar Belas Artes. Foto: Arquivo Joanfi

Com os pés no futuro

Manduka

*É preciso que alguém ponha os pés
no futuro que nunca chegou
pra deixar registrados no chão
os caminhos por onde passou*

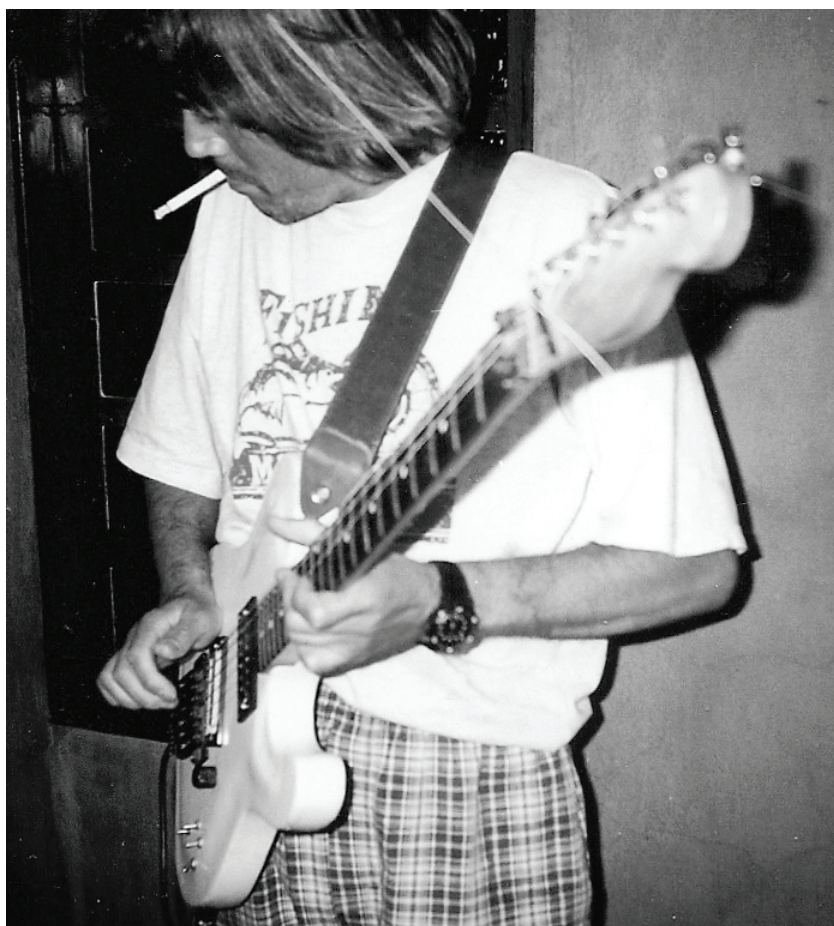
*Essa história se escreve na luz
de um farol que atravessa a neblina
em galope de sonbo veloz
que dispara agarrado na crina
pra se ouvir muitas léguas na voz
que se afina*

*É preciso que alguém ponha os pés
e se aposse de vez de onde está
o desejo que bem se quiser
é uma estrela caindo no mar*

*Essa história se escreve sem dor
da mais alta janela da vida
é preciso que alguém ponha os pés
na viagem que andava perdida
essa história se escreve pra ser
aprendida*

*O futuro é um céu de balões
um silêncio depois da explosão
é preciso que alguém ponha os pés
pra deixar registrados os passos
de seu coração*

*Essa história se escreve no olhar
pra ser lida na imaginação
é preciso que alguém ponha os pés
e se aposse de vez do delírio
que envolve a razão*



Messias de Oliveira Jr., o Cécé. Ser beat é beijar o céu todos os dias... Realizar experimentações alucinógenas e extrapolar

Cécé, guitarrista beat

Geração beat – Grupo de poetas, prosadores e artistas norte-americanos, que estrearam na década de 1950, com grande impacto e circulação, e ficaram conhecidos pela ousadia e pelo caráter inovador de suas obras: Jack Kerouac, Allen Ginsberg, William Burroughs, Gregory Corso, Lawrence Ferlinghetti, Michael McClure, Gary Snyder, e outros. Os beats inspiraram jovens a romper com o estilo de vida convencional e a procurar novos modos de expressão. Estão na origem da contracultura, dos hippies das décadas seguintes, de movimentos. Cláudio Willer – *Geração beat*

Carona perigosa

Em 1984, durante o *Rock Baby*, na primeira conversa social que mantive com Cécé, eu perguntei: – Quem é aquela gata de cabelos pretos?

– Gostou da Sandra? Pode ficar com ela!

Na hora, fiquei sem palavras, e nervosamente me desculpando... A ficha caiu. Cécé era desprovido de amarras, e estava acima das necessidades sexuais básicas da carne.

Num ato de extrema gentileza, Cécé me carregava pelas Asas do Plano Piloto para assistir seus ensaios. É claro que o pessoal pequeno burguês da banda ficava de cara fechada. Como explicar que ali, na 411 Norte, na loja de ensaios, alugada pelo irmão do Cécé, fora gravada a única fita de rolo em quatro canais do Extremo, e que havíamos participado da reforma da sala?

Nesses ensaios, nascia uma nova banda... mas que ficou só na promessa, Anjos e Arranjos!

Uma das lendas dos tempos de estudante do Cécé é que ele nunca pegava ônibus, e nunca chegava atrasado na sala de aula. Ele pegava caronas para encurtar o caminho.

De carona, e guitarra nas mãos, fomos velozmente cruzando o Parque da Cidade. De repente, Cécé disse ao motorista da carona:

– Dá pra ir mais devagar? Eu, que curtia o passeio, e nem estava aí, fiquei pasmo. Cécé se importava com a vida.

No meio de 1985, o Extremo conta com um novo baterista. Resolvem convidar

Lourenço Jr., para tocar contrabaixo, e Tuca fica somente nos vocais. Agora o som está mais poderoso, um hard rock com pinta de tudo, Purple, e assim acontecem dois shows no Gama. Parece que alguma coisa vai rolar. Quando?

Tuca, o vocalista, não quer cantar certos temas, só metal. Abandona, ou melhor, é convidado a abandonar a banda. Ficam André na bateria, Cécé na guitarra, Júnior no contrabaixo, e um novo ingrediente, a percussão do Alcir. Novo choque. Um som completamente diferente do antigo Liberdade Condicional, e também do recém-finado Extremo. No princípio, poucos fãs gostam do som, mas respeitam a musicalidade do grupo. Nos ensaios, muito som. “Still I’m Sad”, na versão do Rainbow. “You Fool No One”, do Deep Purple. Ao vivo, “Purple Haze”. E, mais, homenagem a Jacob Pastorius.

No ano do rock Brasília Explode Brasil

5 jul. / 1986 – Concha Acústica. Os altofalantes convocam o guitarrista Cécé! Já esperavam por ele, com sua guitarra na mão, e a colocam em seu ombro.

Cécé empina a guitarra e puxa um longo solo, totalmente Cream... Lourenço Júnior, contrabaixista, e Ronaldo “Gaffa”, baterista, seguem na cola.

No palco, o apresentador não parava de pular, e insistia repetidamente: “Jam session, o melhor dos músicos.”

“Lembro que eu tinha feito um show com o Nexo, e como ‘parte no escuro’ não havia chegado ainda, falta alguém para preencher o som.. Eu estava atrás do palco, pronto para ir embora, quando o pessoal da produção me chamou. Só fui no som, nessas horas não se pensa no que se está tocando. Aparecemos todos. O público gostou muito. Ficou só na memória...” (Ronaldo Lima, baterista)

O Liberdade Condicional realiza ótimas apresentações por toda Brasília, finalmente algo podre começa a rolar. São convidados a participar de um LP-coletânea, mas acontecem diversos empecilhos. Lourenço Júnior fica sem voz, devido a uma gripe fortíssima. Alcir também tem problemas de saúde. Mesmo assim, eles seguem para Minas Gerais, para no Bemol Estúdio gravar as duas melhores músicas de seu curto repertório: “A Última Floresta” e “Laranja Mecânica”. Assinam contrato de dez anos para a edição das músicas, e aguardam o lançamento da coletânea *Outros Rumores*, cujas capas impressas trazem o rosto de Marielle. Só que o vinil nunca será prensado.

Sonham com um mini-LP independente próprio, e até esquecem que na pausa para um lanche, ao voltarem para gravar, observaram que seus instrumentos

foram “mexidos”, desregulados. Encararam como sabotagem. De acordo com o empresário do selo, eles abririam o lado “A” e fechariam o lado “B”.

Para lançar o ótimo Inexistência Abandonada, tiraram Do Próprio Bol\$o

No Rio de Janeiro, em 1987, o Liberdade Condicional dividiu o palco com a Uns e Outros. Os cariocas foram legais e emprestaram a pedaleira a Cécé, que ficou ternamente agradecido. Em São Paulo, se apresentaram nas casas Ácido Plástico e Madame Satã.

No último sábado de abril de 1988, no Colégio Alvorada, na Asa Norte, depois de uma apresentação do Liberdade Condicional, eu passava pela roleta e, lá no fundo do ônibus, Cécé já estava sentado. Após todos estes anos, ele não perdera a mania de pedir ao condutor para entrar pela porta dos fundos.

No carnaval de 1989, Cécé e Vânia Valéria, recém-casados, me receberam para uma carne de panela na sua casa, no Guará I. Na sala, um amplificador e uma guitarra. Ele plugava e tocava. Algumas vezes, dizia “Toca aí, Mário!”.

DISCO/CRÍTICA

INEXISTÊNCIA ABANDONADA

A criatividade do "Liberdade Condicional"

Mais uma vez o caminho foi o disco independente. Apenas quinze horas em estúdio, resultaram nesse "Inexistência Abandonada", um disco de boa sonoridade com temas atuais e nem por isso menos importantes, temas que fogem do lugar comum aliados a ritmos que trazem como rótulo um swing que não é repetitivo ou cansativo.

São quatro músicos que conhecem a extensão de seu instrumentos. Nas cordas graves os alicerces dos arranjos; através da guitarra o desenvolvimento da melodia; na bateria o desempenho que não deixa atravessar e os vazios dos improvisos que são preenchidos pela eficiente percussão.

Combinação e entrosamentos perfeitos nas faixas instrumentais "Decima Condicional" e "Quebradeira", músicos fugindo do som monocórdio das superquadradas, procurando saídas

para um som no mínimo interessante. Cordas dedilhadas emoldurando história brasileiras do "Cotidiano Urbano"; "Pega ônibus/Não chega atrasado/Que modo de ganhar o seu pão...".

Na primeira audição você acha estranho, à partir da segunda o Liberdade ganha o ouvinte pela competência nas fai-

xas que sempre revelam novidades instrumentais ou nos temas abordados. Uma pena não estar incluído nesse álbum de debut as conhecidas e ótimas "Laranja Mecânica" e "A Última Floresta".

Passa numa boa loja do ramo. Ouça "Inexistência Abandonada", e mate a curiosidade.



"Inexistência abandonada": a produção independente

Uma rápida volta – para enterro do repertório

Em 1991, na última apresentação do Extremo, Cécé tirou um som pesado, carregado de efeitos. Utilizou a pedaleira que consertara, do Hiltinho.

Ainda em 1991, no calçadão da QI 27, encontrei-me com Cécé. Ele levava pela coleira um beagle, cachorro desses urbanos, de longas orelhas e madeixas. Cécé estampava uns óculos psicodélicos indescritíveis, detalhe inseparável da sua psique – ele era inusitado, inclusive socialmente bem-vestido –, e magro, sempre errático, elétrico. Um detalhe me deixou com a pulga atrás da orelha: o cachorro também estaria usando o mesmo tipo de óculos?

– Cécé, o que é isso?

– É pra ele curtir o visual!

Quando fui pai pela segunda vez, compreendi seu drama de abandonar os shows, e correr para casa com os dois frascos de leite para o seu casal de gêmeos!!

Eu imaginava que tínhamos uma gravadora, a MainMan, de David Bowie. Era eu um dos homens-chave do processo, e ele, o elemento xis!

363

No Guará, na QE 24, fortuitamente encontrava Cécé no Point Pomtekim, do Lincon.

– Deixa eu tocar um blues na sua guitarrinha?

– Tocar o quê?

Não havia tempo para a resposta, e Cécé debulhava um blues de Tempestade, de Stevie Ray Vaughan, em cima de nós.

– Cécé, a guitarrinha era boa?

Extremo ressurge e faz show hoje no *Canta Gavião*

Está renascendo das cinzas uma das bandas que tocou nas quebradas do DF nos idos dos anos 80. Passados seis anos de separação os rapazes da *Extremo* resolveram juntar os cabos para fazer um som do jeito que gostam: bem pesado.

A última vez que Cecé (guitarra), Lourenço Júnior (baixo), Ricardo Lima (bateria) e Tuca (vocal) tocaram juntos foi em 1985. Era a época em que rolava o *Fusão*, *Nirvana* e aquelas bandas que faziam o som dos meados de 80. Cecé e Lourenço formaram em segui-

da a *Liberdade Condicional*, que chegou a lançar o elepê independente *Inexistência Abandonada*, em 1988.

Passaram-se as primaveras e, um belo dia, os meninos se reencontraram e resolveram botar os instrumentos para fora, fazendo um roque pesado que remonta aos gigantes dos anos 70. "Não queremos ser *trash*, *splash*, *speed*, *Gay Metal*, *Bitch Metal*, e essas baboseiras que rolam por aí", explica Lourenço. "Queremos fazer um som pesado, com distorção e agilidade, mas sem necessariamente se limitar a um rótulo. O som do *Extremo* está mais para *Susy Quatro*, *Deep Purple*, *Black Sabbath* e *Led Zeppelin* do que os *Mega Deaths* da vida.

A reestreia será hoje, no *Canta Gavião*, que vai rolar na quadra 10 do Cruzeiro a partir das 15h. O Liga Tripa e Anima Verba também participarão do evento.

■ **Fernando Molina**



30 jun. / 1991 – Canta Gavião – Cruzeiro Velho. Extremo tocou um som dos anos 70 com roupagem de 90

– Não, o amplificador!

E Cécé se mandava e fumava o cachimbo como um personagem de Conan Doyle!

Alguns parentes de Cécé moravam na QE 32, e de vez em quando ele me visitava, aos sábados.

Às vezes, eu ficava “puto”, quando Cécé me pedia que pagasse um conhaque. Ele pagava aluguel, estava duro. Meus pais verdadeiramente gostavam dele, sempre gentil.

Quando ele foi operado, que ficou com uma enorme cicatriz na barriga, os pontos ainda recentes, fui com ele dar uma volta de carro, até a chácara.

– Dá pra ir mais devagar?

Mostrei uma guitarra que havia comprado do Dillo Daraújo. O instrumento estava com o braço rachado, e Cécé, educado, não comentou o estado da guitarra. Quando falei a Dillo que o instrumento estava fodido, ele disse: Você comprou por uma pechincha.

Realmente, muitas vezes, em a gente querer ajudar as pessoas, somos passados para trás.

Cécé aloprou no ônibus do Tribunal. Estava proibido para sempre de cantar – E eu encontrei a solução pro seu caso. E lhe proponho um tratamento pra você melhorar. Eu vou plantar cenouras. Na sua cabeça...

Dizem que bebeu a água mineral do ministro, e teve que se desculpar. Como técnico de gravação do Tribunal, Cécé conhecia os problemas brasileiros.

Suas influências literárias eram a Geração beat e o norte-americano John Steinbeck, ganhador do prêmio Nobel, autor de *Boêmios Errantes*. O assustador no livro é a morte de Danny, após se entregar aos mistérios do vinho.

Musicalmente ele gostava de Neil Young.

Lendas urbanas

Renato Russo tinha seu lado generoso. Lá do Rio, mandou procurar Cécé, mas aqui na cidade ninguém o achou. Só se lembravam de suas múltiplas afinações.

Assim como Robert Johnson...

Seu instrumento é um obstinado percussivo. Sua guitarra acompanha a linha melódica, em notas que ferem os registros mais altos. Acompanhamento e solo ao mesmo tempo. O técnico de estúdio da gravação do LP *Inexistência Abandonada* disse que nunca havia presenciado tal performance.

Seu desempenho era plasticamente belo, ao braço da guitarra, como se fizesse Tai Chi Chuan. “Descia as cordas” e explorava ao pé da letra o conceito de “metal acústico”. Música indiana-árabe-oriental, folks em escalas impressionantes.

Dedos longos e fortes

Metamorfoseava os dedos da mão esquerda para fazer pestanas e acordes-arranha. O braço da guitarra recebia qualquer objeto a seu alcance, de facas a galhos das árvores próximas. Era impossível reproduzir os mesmos sons uma segunda vez. Até ele próprio se surpreendia com o som que saía.

Dedo e corda eram outro de seus conceitos musicais. Mas adorava efeitos de pedais e combinações variadas. E me explicou o que era um “clichê”. Assim passei a entender as janelas e repetições na música.



1994-2001. Dias de rock sob o firmamento, latidos de cães, ronco das motos: agógica no ar

Fugas do Além

Cécé morou em vários pontos de Brasília, em cidades satélites e no Entorno. Em Sobradinho, canjava com a rapaziada do RockOver (futuro Nata Violeta). Ele elogiava a aparelhagem, com os especialíssimos e caros amplificadores Marshall.

Quando aparecia na 508 Sul, era recebido por Renato Matos e convidado a tirar um som. Eles arrumavam um violão “meia-boca”. Ao final do som, perguntavam quando seria o próximo ensaio? Cécé ria e fugia dessas situações. O seu tempo de apresentações públicas já havia passado.

1994. Domingo de futebol, rock e euforia. O Brasil é campeão da Copa dos Estados Unidos.



Na íngreme autoestrada de ligação às chácaras da antiga Fazenda Sucupira, os rojões, as buzinas e as bandeiras animadas dão as cores e o ritmo junino ao trânsito. O acesso ao Riacho Fundo é feito como no tempo dos militares: diminui-se a velocidade e se passa por uma lombada, em frente a uma guarita desativada, que abre caminho para o antigo baluarte militar, onde abrigaram o Instituto Mental e as chácaras. Nos fundos das chácaras, antes do inchaço das cidades, havia uma imensa depressão, coberta de cerrado, com uma visão pa-

norâmica de Brasília. Esse cerrado denso dividia a fazenda da cidade pioneira do Núcleo Bandeirante. Nesse ecossistema era comum gente trilhando, crianças caçando passarinhos, motocross e fumaça.

Alguns eram atraídos pela música alta e hipnótica, e ouviam em transe o ritmo unissonoro da guitarra e bateria. Os sons cruzam o céu, a sombra gigante do pôr-do-sol avança sobre o verde do vale. Um ouvinte corajoso abandona a prostração: pula a cerca de arame farpado. Raramente os latidos cortam o som. O baterista alerta: – Tem gente no terreno.

Domingueiras de ritual da dança com a guitarra. Extasiado no massacre percussivo, Cécé gritava: – Rock’n’Roll é bom demais! Sem perder o pique, Ricardo Augusto Lima, na bateria, assentia. A dupla retornara aos dias de rock’n’roll ao montar o ALÉM, rock instrumental, que evitava as disputas e as tentativas frustradas das trajetórias do Extremo. O trio de vizinhos, na casa dos 20 anos, tocou um hard rock vibrante. Brasília era a capital do rock, e o profissional Liberdade Condicional gravou em 1987, no Rio de Janeiro o vinil *Inexistência Abandonada*, que lançou junto com os Uns e Outros, no Circo Voador.

Transposto da pauta, o sinal da agógica parecia nortear suas vidas, ascendências e descendências: gestações, mudanças, distâncias, ostracismo, fugas do além. Às vezes, boa parte da aparelhagem do ALÉM era dilapidada. O transporte, a montagem e os lugares variavam em intensidades, mas não as adversidades. Eles reconquistavam a si mesmos, e seguiam tocando e gravando, enquanto as crianças cresciam. Nos sete anos de improvisos sem medida, massacres e feedbacks de guitarra, a saga musical do ALÉM driblou a morte algumas vezes.

A 3 mar. / 2001, um último Domingo de blues encerrou a balada do ALÉM, com a baixa do boêmio errante, por falência múltipla dos órgãos. Agora, para saudade dos que se atraíam pela sua guitarra, Cécé transita pela música nas esferas.

Um ano depois, a 28 mar. / 2002, rolou o espetáculo *Kryztoroq*, em que o instrumental se destacava. Era um tributo de um ano de falecimento do guitarrista Cécé.

No palco-caminhão, nesta noite, atuaram Lya Lilith na voz, Ricardo Lima na bateria, Bruno “Lobão”, Lourenço Júnior e Célio de Moraes nos contrabaixos, e nas guitarras Rockdrigo Terra e Juca Sequela. Tinha também outros músicos.

Foi uma despedida do caminhão e da aparelhagem. Com as recentes mudanças geopolíticas, e a chegada de novos vizinhos ao Condomínio, tornara-se impossível fazer som naquela posição, para o fundo das outras casas, sem atrair o ódio dos vizinhos.

Em trinta anos, para mim, Cécé foi o mais generoso e fundamental guitarrista da loucura do rock'n'roll.

“Cara, eu havia esquecido da Sandra. Adorava a Sandra. Senti, em algumas horas, a gargalhada do Cécé.

Ainda hoje, quando passo na 411 Norte, eu olho com saudades para a padaria onde comprávamos pão e vinho. Tudo perfeito.” (Zeca Ribeiro, dos Magrellos)

Viagem sentimental

“Os bárbaros plantam os seus mortos.”

Janeiro de 2004. Brasília-Porto Seguro, 750 km, cinte e quatro horas de ônibus. O extremo sul da Bahia, costa do descobrimento, berço da Civilização Brasileira.

No itinerário dessa viagem, o inevitável clima de férias, mar, sol e ócio, e também a dose nostálgica de sentimentalismo e necrofilia, fundada ainda em Brasília, onde vivemos gloriosamente as décadas de 70/80/90, mais o novo milênio. Fazemos e produzimos o que gostamos: música para o próprio entretenimento.

Na praça central de Porto Seguro, uma curiosa estátua do navegador Pedro Alvarez Cabral (aquele da canção do Raul) aponta para o Arraial D'Ajuda. Acima da cabeça da estátua está a cidade velha, de ruas estreitas, como no tempo da colonização.

Na primeira terça-feira, encontramos o Ateliê do pintor Oscar Araripe, que nos recebeu com alegria. Oscar Araripe passara os últimos trinta anos pintando a também histórica cidade de Tiradentes, em Minas Gerais, e agora se dedicava a pintar Porto Seguro. Na parede, sua tela *O Cais da Balsa de Porto Seguro* espalha gente e nuvens. Telhados vermelhos, janelas amarelas, o verde líquido e o verde vegetal da enseada.

Desde o golpe de 64, maio de 68, Oscar Araripe luta na arte livre escrevendo livros, peças para teatro, pintando.

Em 10 de janeiro, a noite estava... quente. Então fomos falar com o “Gaúcho”, e tomamos um chá extraforte na Pousada Asterix. Acho que o chá era o “Reza Parlev”, alquimia destilada, engarrafada e empurrada goela dos incautos abaixo pelo saudoso Luís “Punk”, nas superquadras de Brasília.

– Quem é Luís “Punk”? Perguntou “Gaúcho”.

– Luís Duarte Feitosa.

O primeiro punk cabeludo do Guará. Luís defendia-se sozinho, era independente, e alugava quartos para morar. Trabalhava no almoxarifado da Torre Veículos. Em 1983, numa manhã, a caminho do serviço, sua bicicleta foi atropelada por um ônibus, mas ele se recuperou do acidente. Só que as sequelas psicológicas o perseguiram.

Luís se mandou para São Paulo. Depois do boato de sua morte, ele voltou doente para Brasília, e foi em seguida para o Ceará, para ser finalmente cuidado na casa de seus pais. Luís “Punk” era um hábil trocador de LPs. Possuía um talento raro para empurrar discos que não curtia ouvido abaixo daqueles com quem barganhava as tosqueiras por raridades.

Às vezes, barbudos, íamos às casas dos garotos, e suas mães perguntavam:

– Vocês estão fazendo o quê?

– Estamos de férias do “trampo”, trocando “bolachas”, dona Maria!

370

A formação clássica dos Magrellos era quinteto. No Guará, o movimento punk só desabrochou depois do fim dos Sex Pistols e da morte de Sid Vicious. Alucinadamente, como os Monkees, os Magrellos subiam e desciam de árvores, imitavam primatas e arremessavam pedras. Se tivéssemos filmadora, teríamos feito um filme lisérgico com eles.

Os Magrellos eram os irmãos Renato Campos de Oliveira, Messias de Oliveira Júnior e, de vez em quando, Milton, mais Ricardo Augusto Lima, Luís “Punk”, e o também saudoso Clever Marques dos Santos (Clevinho), roadie do Extremo, e ainda Zé Kuspi, na mesa de som. Eu orbitava os acontecimentos. Visitava, queria fazer parte dos Magrellos e, apesar do biótipo parecido, não tinha o grau da loucura cara deles. Também morava longe, e não estudava no Colégio Elefante Branco.

“O salário do pecado é a morte”

De frente para o Atlântico, eu pensava que, seguindo em linha reta, chegaria a outro continente, a África.

Com Zanza Menezes e Luíza, Marinalva e Pedrinho, no Sítio Panorama, ficamos à vontade. Nas viagens e conversas com Ricardo, Cécé vivia intensamente em nós. Ouvíamos as fitas gravadas por ele, usávamos sua faca para descascar laranjas. E a guitarra azul descansa no estojo, como num sarcófago, não tínhamos motivos para espreitá-la. Afinal, quem iria tocar? Sempre tínhamos a impressão

de que Cécé, com sua arcada sorridente, tirava um sarro de nós, ou por meninice provocava o alto escalão do Tribunal onde trabalhava.

Na entrada da cidade de Eunápolis, próxima ao Arraial D'Ajuda, há uma estátua em tamanho natural de Raul Seixas tocando guitarra. Se você passar de carro, pode perder esse detalhe, na estrada. Somente essa vez eu quis estar acompanhado da filmadora, rodar um filme nas escarpas cobertas por reflorestamento de eucalipto, nos alagados da estrada, no que havia de remanescente da floresta nativa. *Trinta minutos indo, trinta minutos voltando.*

No centro da cidade, quando entramos no Banco do Nordeste, o vigilante nervoso colocou a mão no coldre da arma. Passei a gostar de Eunápolis e de suas frentistas e balconistas, onde encontrei um caixa rápido e saquei uns trocados. Lá está fincado o acampamento *Luís Inácio Lula da Silva* com as bandeiras vermelhas do MST; me senti em casa!

Em Trancoso, fomos privilegiados. Conseguimos assistir à única apresentação da Banda Bolores Azuis, com Sérgio Becker no saxofone (o primeiro músico brasileiro a gravar "Erva Venenosa", que também gravou e se apresentou com Roberto Carlos e Wanderléa), Ari Sobral na percussão e Emerson Nogueira na voz. Um show de covers. E novamente tivemos que falar com "Gaúcho".

371

Acho que via litoral todos os hippies foram despejados em Porto Seguro. Arembepe perde. Todos de tranças dreadlock, batendo violão e futebol "novos baianos". Milhares de maricas e flautas doces, artesanatos e um monte de caronas procurando o paraíso, que é Trancoso, cidade incensada à luz de velas nas mesas dos barzinhos. Na rua da Igreja, há uma passarela movimentada avisando, que a noite vinha, e que a magia vibrava no ar. Voltamos ouvindo uma fita seminal dos Seeds. Posso jurar que Sky Saxon cantava como se acossado por mil demônios.

Na Bahia, eu pensava em São Francisco, Atenas, África Unida. Muito reggae. Na pizzeria, no meio da noite, na rua, o reggae em alto volume de Bob Marley. A máfia portenha comandava a cena musical de Arraial D'Ajuda. Junte a arquitetura alternativa de Olhos D'Água-GO, o bucolismo da Pampulha-MG, e muita gente e bares num metro quadrado, mais os aromas e a cerveja a R\$ 1,80, da lembrança dos tempos findos do Guará I e II...



Outras praias memoráveis, em Coroa Vermelha, foi especial. Comprei lá quatro mandalas de Di Castro, e falamos sobre corrupção, da vida na Estrutural, cidade-invasão de Brasília, que foi notícia no The New York Times, e recebeu destaque no Jornal Nacional, na noite anterior. Da pintora e artesã indígena Rita Pataxó, comprei um painel pintado em palha de buriti.

Da Passarela do Álcool, onde covardemente adolescentes brasilienses assassinaram o garçom, trouxe a bela tela *Capoeira e Atabaque*, de 20x20 cm, de Yolanda Freire. Das mãos de Diógenes, comprei duas telinhas, que ele me fez por um preço especial.

De Oscar Araripe, trouxe três postais autografados.

Na Bahia, o dialeto tupi-guarani não foi abandonado. Abaixo das falésias, nas areias, conhecemos os desenhos rupestres que o artista “Caichão” (sic!!!) deixava, sem nunca encontrá-lo. Acho que ele devia ser uma criança. Frequentamos os bares e correlatos Tom Cruise, Cobras e Lagartos, O Barchadinho, O Biopão, Toinho Som, Uai Uai Sorveteria, Kuasy. Essa diversidade redundante de nomes exóticos é mais patriótica e

divertida do que os nomes ianques nas fachadas dos prédios de Brasília.

Aos insaciáveis colecionadores de vinis... encontrei duas pérolas na coleção de Ricardo Lima. A primeira, o LP nacional *Celebration – Recorded Live Big Sur Festival Monterey, California 1970, featuring Joan Baez, The Beach Boys, Merry Clayton, Kris Kristofferson, Country Joe McDonald e Linda Ronstadt*. A outra foi o também LP nacional *Electronically Tested*, do Mungo Jerry. Um terceiro foi o *The Mason Williams – Phonograph Record*, com a capa pintada de azul pop preta, a logomarca Greyhound, e incluía “Classical Gaz”.

Nas duas semanas de nossa estadia, puxamos muito som: Shocking Blue (*3rd Album*), Joe Perry Project (*I've Got The Rock'n'Rolls*), Whitesnack, Johnny Winter, George Thorogood, Bolores Azuis, Genesis, Mason Williams, Harpers Bizarre, Mungo Jerry, Rainbow, Deep Purple, The Seeds, The Greatest Show On Earth, o Genesis (que não é o do Peter Gabriel). As fitas do Cécé, inclusive a do Fernando “Camufloyd”.

Na casa das 38 janelas, o baterista acelerava o ritmo apertado, e rufava as peles no compasso de “Pigs On The Wing” (Part I), do *Animals*, do grupo-nave Pink Floyd, que uivava nas seis caixas-betoneiras dos sentidos.

373

Ainda trouxe três fitas cassetes, duas do Fusão (quarteto de rock de Brasília dos anos 80, que tinha o Franco no contrabaixo) e a outra, do show do Liberdade Condicional no Circo Voador (RJ). Essas fitas já viraram CDs! Breve disponibilizaremos estes sons e fotos históricas.

No Arraial D'Ajuda, uma partícula do tempo dos Magrellos sobrevive, reproduzida neste texto.

A viagem renovou o desejo de encontrar o Tuca (Adelson Dias Brandão Júnior) e saber como ele leva a vida. Se possui suas fotos dos tempos em que era o vocal do Extremo. E resgatar sua iniciativa de equipar e ter a aparelhagem para tocar rock'n'roll em Brasília.

Algumas insurgências culturais do Guará



374

1982. Primeiro Festival Interno de Música do Centro Educacional 3. Nardelli recebeu o prêmio de música mais comunicativa com Oh Jah! Oh Jah! Assim não dá! O fato curioso ficou por conta do grupo de roqueiros defendidos por mim, que começaram sua apresentação com o baterista marcando 'We Will Rock You,' e o vocalista cantando 'Aluga-se!' Foto: Arquivo do Sindicato do Reggae de Brasília

No primeiro FIMCED3 (Guará II, QE 17/19), os roqueiros conseguiram tocar músicas diferentes, ao mesmo tempo! Era ouvida a forte marcação da bateria em "We Will Rock You", do Queen, enquanto o crooner cantava "Rock das Aranhas", do Raul Seixas. Pode ter sido "divertido". Ali eu já catalogava os envolvidos, suas responsabilidades, falhas, seriedade.

O assunto são guitarras

O saudoso Valtinho pintou com uma guitarra acústica cor-de-rosa. Agora eram duas as guitarras da minha vida!!

O Clapton do Guará era uma farsa

O ilusionismo e o charlatanismo têm de ser uma piada de bom gosto para obter sucesso.

Hoje eu sei que boa parte de minhas encrencas advieram da insistência em fincar pé em minha opinião.

Enquanto isso, à tarde, na janela do segundo pavimento para a praça da QE 34, curiosos se reuniam para assistir ao guitarrista misterioso.

Quando eu vi o guitarrista de costas para a janela, deslizando a mão e tirando o som mais cru, de uma Fender, marca registrada de Eric Clapton, na hora deduzi: o Clapton do Guará é uma farsa!

Seu truque barato: no equalizador, isolava num canal a guitarra, deixando-a limpa e sem acompanhamento. Perguntaram-me: – É ao vivo? Só se ele tivesse uma aparelhagem do tamanho da casa.

Convidem-no para tocar no Psicose Crônica! Literalmente, o ás da guitarra era um grande lutador de artes marciais, com dedos mais grossos do que o pescoço. A UVA não encarnou muito.

Rebu! Rebuscando a guitarra...

Sidney e Almir, dois lutadores de artes marciais, na boca da noite, apareceram lá em casa, e gritaram:

– “Osso”!

– Meu pai quer a guitarra de volta!

Claro que eu fui correndinho. E, na casa do guitarrista, gritei seu nome.

– ZoSo! ZoSo! ZoSo!

Eu nunca tinha procurado o guitarrista e, com tanta veemência, só podia ser urgente. Aberta a porta, como um comando de ninjas, o conjunto F da QE 34 invadiu a residência, e foi vasculhando, quarto por quarto. A mãe do ZoSo, com impressionante calma zen, perguntou: – O que é isso, meu filho? Sidney, com o cabelo curto ensebado de billcreme, e um tradicional tique nervoso, gaguejou: – Seu filho é um mac...!

A confusão terminou com a guitarra Giannini Stratocaster novinha saindo pelo vitrô do banheiro.

Outras picaretagens geniais no Guará

Detidos em abril de 1982, o prof. de caratê Siri Baleia, o produtor cultural Nardelli, o menor Mário Pazcheco, a duas semanas de seu 18.º aniversário, e ainda outro garoto, do Cineclube Gavião, foram forçados a passar a noite na delegacia – por organizar festivais de cultura.

Aparecemos em duas matérias no Correio Braziliense. Só faltou estarmos no

Mário Eugênio!

Puxando de mentira

Na mesma semana, na praça da QE 32, membros do Sindicato do Reggae de Brasília foram fotografados. – Por políticos ou por órgãos de repressão?

Naqueles tempos, existiam aqueles albinhos de fotos, que insistiam em desaparecer. Poucos sobreviveram à ação do tempo.

Os rastas da QE 32, caretas, fizeram fotos puxando enormes tarugos de mentira, de cortiço.

Eu, egresso dos círculos operários de Osasco (SP), me causavam espanto os punks do DF – até então, ninguém nunca, na “ditadura”, havia falado de política tão perto do povo!

Poetas e punks, que usavam suas metralhadoras giratórias, tinham seus nomes escritos na Lei de Segurança Nacional. Meu pai alertava: – Abre o olho, que eu não posso pagar advogado!



*Luís Duarte Feitosa, o querido e saudoso Luís 'Punk'
Tuca, ou Adelson Dias Brandão Júnior, vai ao show do compositor, cantor e
ex-guitarrista do Humble Pie, Peter Frampton! Outubro de 1980*



os nos tempos dos eucaliptos do Guará I. Renatoicinho, Luidi (Luís 'Punk'), Ric Cécé e Clevicinhado Sobrevivieram Renato e Ricardo Lima

1982-83 – Som no salão de festas do Cave

“Pantera” sempre tocava o hit do Frampton: “Breaking All The Rules”!

Em 1983, Luís “Punk” residiu por um período em Fortaleza. Ele se recuperava de um atropelamento, que sofreu a caminho do serviço, na Torre de TV. Bem no início, a gente ia conhecendo as cabeças, andando por Taguatinga, Cruzeiro, Gama, Asa Sul. Montávamos Festivais de Música no Centrão, íamos aos Festivais de Música do Guará. Ficávamos nesses lugares.

Parceiros de shows e estradas

Em maio de 1984, aglutinando as pessoas, os Magrellos do Guará I também foram envolvidos na divulgação da cultura, e se aliaram à UVA.

Bandeira, Joel Alves, “Siri” e Evaldo comandam a Reação Cultural

Dos rastas da QE 32 (Seu João, Mergulhão, Barriga, Bastos, Tiolo, Morcego): O que aqueles caras da UVA fazem?

No fim da década de 80, em Belo Horizonte, para vender camisetas no show dos Paralamas do Sucesso, Joel de Oliveira e Mário Pazcheco foram surpreendidos ao ler o jornal, logo cedo. Descobriram que o show fora cancelado. O guitarrista Hebert Vianna havia fraturado o pulso num acidente de moto. Duas quase tragédias. A segunda, porque precisávamos vender as camisetas... – Pé na estrada. Fomos conhecer Ouro Preto.

A articulação literária da cultura na QE 32 passava pelas mãos e vistas de Anísio Vieira, o cara mais lúcido, alucinado da vida, da maior bagagem literária. Ele emprestava os livros seminais da Geração beat!

Novamente a cultura da QE 32 é enquadrada

Mário Pazcheco, Valtinho (†), prof. K. e “Bandeira” (†) são conduzidos à delegacia para explicar: Por que estão tarde da noite colando cartazes? – Eu só observava. O prof. K. conduzia a fala. Nervosamente, Valtinho fumava um cigarro atrás do outro, e tossia muito. Explicações dadas, “Bandeira” comentou: Klecius deve saber da nossa!... Rimos muito!!!

379

Com o nome sujo na chácara

Nesta época, frequentávamos o 32 Graus (depois, Laska Lanches), um bar escuro, onde ouvíamos Heróis da Resistência. Laska era um barman generoso, que comandava o som das cassetes e atravessava a noite enfrentando seu irmão Bitonho (também homem de confiança de “Bandeira”), que divulgava o enxadristismo. “Bandeira” certa vez perguntou: Sabe onde tem bambu nas chácaras? Sim! – Na Chácara do Joel, “Bandeira” cortou uns pés de bambu a facão para a Festa Junina da QE 32. Joel, o dono da chácara, até hoje me cobra os bambus, e eu nem fui avalista da transação!

A participação mais legal no grupo Reação Cultural ocorreu quando Delôr Martins dos Santos Neto, ao montar a exposição *Esculturas: Pássaro Que Esculpe Pássaros*, convidou a minha mãe, e ela exibiu suas telas a óleo. Noutro lazer na praça da QE 32, eu trouxe do Gama a Stuhlzapfchen Von N (Supositório Nuclear) para tocar. Eles me deixavam indicar bandas que pudessem participar. Marciano Sodomita, entre elas.



Joel de Oliveira, parceiro de estrada. QE 32 Reggae Roots. Capoeira e cultura para todos.
Não é, Edmundo?

Uma imaginária coleção de discos de rock

Na década de 80, surgiu a expressão “vinil”. Vinil, o nome da matéria-prima, dava um novo status para o LP “bolachão”. Coisa de connoisseur, que não ajudava muito a baixar os preços, caríssimos.

Em Brasília, não existiam sebos. Tínhamos que percorrer a cidade e, no contato direto, convencer aos lojistas a pedirem os LPs que desejávamos. E sempre competíamos com as equipes de som, que arrematavam tudo. Passávamos o ano todinho economizando para viajar a Goiânia, e comprar um LP importado!

LPs internacionais eram lançados com um ano de atraso e, devido às baixas prensagens, era praticamente impossível encontrá-los. Naquele tempo, existia um número maior de roqueiros, e alguns LPs eram coletivamente comprados – para tocar nas festas.

Andei lendo, em livros feitos por universitários, com pesquisa fraca, a respeito das grandes coleções de discos em Brasília. Geralmente esquecida é a coleção do Osmar (engenheiro civil e marido da Dulcineia), que morou no conjunto D da QE 32. No terceiro pavimento da casa (umas primeiras do Guará com esta panorâmica), rolavam grandes papos. O sótão era repleto de armários, com centenas de LPs nacionais e importados. Lá procurávamos referências sobre se tal disco havia saído no Brasil.

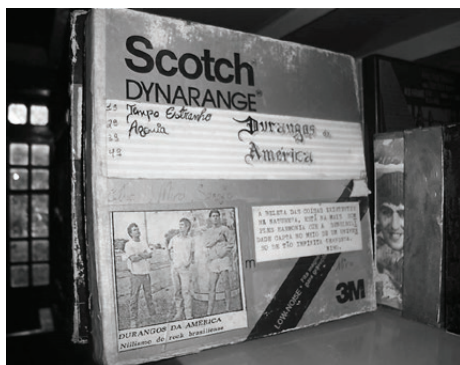
Osmar também possuía um grande número de LPs importados de reggae, ele vinha dos sebos de São Paulo com as últimas novidades. No início da coleção, momentos de grana curta, ele adquiria os LPs que procurava, ainda que tivesse que esconder suas extravagâncias.

Um dia, “puto” com a Administração do Guará, que não liberava o “Habite-se” da sua casa – ele foi o pioneiro a avançar o muro com colunas enormes para cima da calçada –, foi-se pra São Paulo com a sua fabulosa coleção de discos de rock, de onde consegui algumas duplicatas. Ajudei a aumentá-la como pude, na indicação de lotes para aquisição. Grana, eu não tinha mesmo.

Para conseguirmos LPs mais baratos, nos associávamos aos clubes de discos das gravadoras.

Historiadores do rock Brasília, muita coisa aconteceu nos Guarás I e II!!

Durangos da América: genealogia de uma banda do rock Brasília Pedalando na máquina do tempo...



01. "Tempo Estranho"
- 02 - "Agonia"
- 03 - "Crueldade Crua"
- 04 - "Ecologia dos Homens"
- 05 - Êxito (Procura)
- 06 - "A Vida Aqui É Isso"
- 07 - "Medo Atoa"
- 08 - "Luta"
- 09 - "Horizonte Oculito"
- 10 - "Máquinas do Tempo"

O nome Durangos da América poderia ser título de uma chanchada. Estrelada por apelidos de famílias tais como Ferraz ou Costa. Só que na zorra do rock, Durangos da América, algumas vezes grafados como D'America, era um trio de rock do Guará.

Brasília, final da década de 80. No início da vida adulta, entrosamento e conhecimento social e novas amizades eram coisas complicadas. Morando no Guará II, conheci Celso, bateria; Miro, guitarra e voz e Sérgio, contrabaixo; em Taguatinga, na *VI Faculta*, cuja produção cultural estava nas mãos do Fernandez Rolla Pedra. Para meu espanto, os meninos moravam no Guará I.

A *Primeira Faculta* em 1982, revelou o jovem talento de um letrista e violonista, já conhecido como Renato Russo. Seis anos depois, na edição de 1988, tomaram o palco, além dos Durangos da América, as seguintes bandas: Bagagem Clandestina, Seres, Sorriso Oculito, Argumento Z, Afrodízia, Os Rochas, 5 Gerais, Fama, Pânico, Peter Perfeito, Falange, Núcleo de Custódia, Saída Sul, SOS, Torino, Biônica e Elffus. É claro que ficávamos sabendo dos nomes lendo o jornal, e debatendo sobre qual o grupo mais bandeiroso da semana.

Durangos da América destacaram-se na mídia impressa via *Correio Braziliense*, e em vários shows pela capital. Também por terem participado das primeiras sessões de gravação no Zen Studio.

Porém o nome Durangos da América virou manchete, quando o Bar Bom Demais foi vilmente invadido, durante o *Rock Verão*, por um pelotão de trinta policiais militares da Rocan. O cenário noturno do bar e os instrumentos do

palco pequeno cederam lugar a ação das espingardas, revólveres, cassetetes e o poder da persuasivo da opressão. A empresária Cristina Roberto resistiu e exigiu o mandado judicial. Pedido que acirrou os ânimos.

Apresentaram-se, além dos Durangos da América, Beta Pictoris e Baseados do Rock. O nome desta última banda teria incentivado a batida militar. O ápice da confusão foi quando um pé de bota abriu o estojo do contrabaixista dos Durangos. Ele reagiu, empurrando o militar, por não ter pedido licença para o baculejo. E então foram ouvidas as velhas palavras de ordem “mãos na cabeça” e “todos contra a parede”.

O bicho pegou para os menores, que desceram para a delegacia nas kombis da rocan. A partir daquele momento tivemos que andar com todos os documentos em dia, até título de eleitor. Lógico que existiam atalhos, e dava para perceber que a coisa iria pegar. Era só sair pelos fundos e descer uma parada de ônibus, mas ninguém arredou pé da atmosfera inebriante e íntima da casa noturna, que era responsável pelo seu sucesso.

No dia seguinte nos reuníamos para o debate semanal dos fatos rock. Tuca Maia, o baixista desempregado do rock. Fazia cara de espanto, segurava o queijo com a mão e abria uma gargalhada acompanhada da exclamação Ahhhh! Essa era a manifestação de acinte diante do apetite voraz por confusões e da barbárie institucionalizada.

Há muito as coisas já não eram doces e beiravam o azedo. Os Durangos da América ocuparam outros espaços culturais como o Point Pomtekim do Lincon. Hoje é a mais longeva banda de rock em atividade do Guará, um quarteto que toca em festas no DF e outras capitais. O mais jovem é um quarto irmão, Betto Battera!

Turma dos “Skrotinhos” divergências musicais em prol da cultura



Pazcheco, Léo Saraiva e Jihan Arar: 29 anos e seis meses de pão & circo – 8 out. / 2011 . Foto: Sueli Saraiva. À esquerda, o lendário ilustrador e pintor underground Edvar Ribeiro, 13 abr. /2007 – Do Próprio Bolço 25 anos
Foto: Ivaldo Cavalcante

Discordo eternamente do gosto e das ideias do nosso velho coletivo cultural dos anos 80, intimamente chamado de “Turma dos Skrotinhos”, homenagem óbvia a Laerte e suas personagens.

Atualmente os remanescentes deste coletivo dark do Guará I. Liderado pelos irmãos Sueli ,fotógrafa; e Léo Saraiva, jornalista, congregam Jihan Arar (jornalista), Magda Miranda, modelo; atrizes Mana Gi Lemos, Andrea Brito, Isabela Pereira e Jenira Cruz, Antônio Júnior, informático-performático; Geraldo Lessa, especialmente grande escritor e roteirista; Edson Salazar, fotógrafo; Ronaldo Lima “Gaffa”, baterista; Deusa Barakat, cantora; Marco Siqueira, artista plástico; Macaé, ator, músico; Mafral, quadrinista; eles continuam suas experimentações culinário-músico-visuais.

Sofrimento ou sortilégio?

Edvar Ribeiro gosta de Andy Warhol! Ele modifica a forma dos objetos e os encapa com plástico dourado amassado.

Ele saca inglês com profundidade, sabe as letras dos discos, canta, e também traduz em seguida.

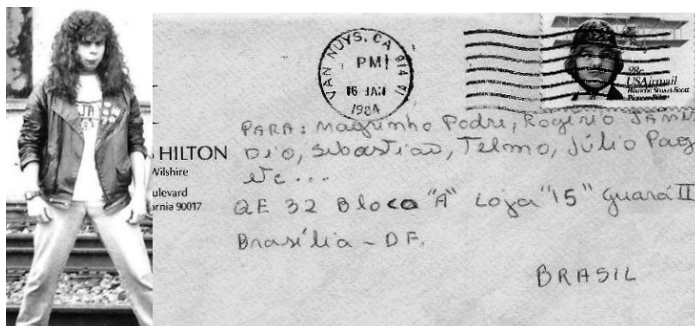
Nas ruas, suas mãos não param de recolher páginas de revistas com matérias sobre arte e contracultura. Sua especialidade? Encontrar os livros mais incríveis, que as pessoas esquecem nas paradas de ônibus.

386

Ele só poderia ter um terceiro olho para apontar tantos detalhes, e significados, nos trabalhos gráficos. Observa atenta e cuidadosamente as fotos de Syd Barrett, e aponta um esparadrapo acima da sobrancelha...

Edvar Ribeiro pegou o disco *Sgt. Pepper*, no espaço após “A Day In The Life”, e o tocou ao contrário, para frente e para trás – fez inner groove – então claramente ouvimos Paul McCartney dizer “We’ll fuck you like Superman”.

Como desenhista e ilustrador, Edvar Ribeiro é imbatível. Poderia ter trabalhado em qualquer editora de quadrinhos de super-heróis. É um criador de universos perturbadores, sob a forte influência de Gyger.



Daniel Mattos, guitarrista-solo e produtor (Deja-Vù)

Los Angeles – 13 de janeiro de 1984

Caras, vocês não vão acreditar no que vem acontecendo com a gente aqui!

Primeiro foi o cancelamento do voo, por constatarem que o combustível vazava pela asa do avião. Isso ocorreu no Galeão, quando o avião já estava na cabeceira da pista, pronto para levantar voo. Nos atrasamos duas horas. O segundo imprevisto foi já no aeroporto dos Estados Unidos, quando uma panaca de uma mulher viu que minha camisa tinha escrituras em inglês, e pensou que eu morava aqui. Aí foi a maior confusão. Nós fomos revistados, e tivemos que provar que a roupa era feita no Brasil. Passado o susto, nós fomos olhar a cidade, e aí, velho(s), eu resolvi entrar numa loja de discos. Caras, por pouco, não caí para trás de tanta coisa. Comprei os a seguir:

Tam, tam, tam!!!

- 1 – Picture disc do Piece of Mind (Iron Maiden);
- 2 –Tokyo Tapes (Scorpions);
- 3 – Live In Japan (Judas Priest);
- 4 – Sabotage (Black Sabbath – com a parte de trás colorida).

Colaborador

Na sua estante, um oceano de informações, inclusive as revistas importadas Circus e Hit Parader, novinhas, preservadas no plástico. Nelas eu pescava as últimas pro zine.

A secretária do seu pai traduzia livros como *Black Sabbath* (Chris Welch), ou *Led Zeppelin In The Light*. Seu pai, advogado, tirava recortes sobre músicas dos jornais cariocas, e cuidadosamente os datava. Acabei por herdá-los.

Na sua sala, vi quase todos os filmes de rock, e vídeos musicais, disponíveis na

década de oitenta. Material importado, do melhor.

Por suas mãos passaram gerações de amplificadores, e guitarras, e pedais. Foi a primeira vez que segurei uma Gibson Flying V.

Na guitarra, ele incansavelmente praticava o seu objetivo, ser um ás. Uma de suas influências marcantes era o blues, e o guitarrista B. B. King, que viu algumas vezes em São Paulo. Acho que gostava também de Vinnie Vincent, Randy Rhoads era seu deus, e algumas vezes ficava tocando a introdução de “Mr. Crowley” num tecladinho. Do tempo do ronca. Longos blues improvisados com o também guitarrista Julho “Page”. Até hoje não sei se ele é autodidata, ou se estudou onde, ou com quem. Parece que ele superava os professores que encontrava.

De colecionador para apresentador de programa de rádio de rock, para os palcos, para os estúdios: – Além de levar os discos e produzir as informações, querem agora que eu arrume patrocínio.

A Deja Vù era um quinteto heavy metal clássico, que mesclava covers com suas próprias composições, em inglês. Tocaram no *Rock Verão II*, do Bar Bom Demais, ao lado dos grupos Flammea e Volkana. Fizeram o maior sucesso.

Em março, tocaram no primeiro concerto de 1989, no Gran Circo Lar. Participaram do *Sábado Negro Parte II*, da Mosh Produtora, que reuniu também as bandas Terminator, de Goiânia, e Mutilator, de Belo Horizonte.



Despedíamo-nos com um “você vai voltar a tocar”. E voltou. Está legal. Mais brutal.

389

Na calada da noite, no Briva's Bar, ou no Quiosque do Sinval, o cervejista Daniel Mattos acompanha o seu time da estrela solitária. Se a partida vai bem, ele se empolga. Caso contrário, vai embora: – Não foi uma boa noite.

Sua dúvida crucial é tocar! No final da década de 80, Daniel quase foi atropelado por um contêiner, de lixo, empurrado rampa abaixo do Garagem. As grades de proteção na entrada da bilheteria ficaram retorcidas.

Anos depois, no Guará, na rua do supermercado na QE 13, Daniel não conseguiu se desviar do desatento motorista de uma Kombi. O carro acertou-o no braço esquerdo, o membro mais importante da sua vida, naquele momento, e o impediu de tocar. Era através da música que ele buscava a saída das armadilhas que a vida lhe propunha. Pretendia se mudar de casa.

Daniel Mattos voltou tocando menos e compondo mais, de técnico de estúdio a produtor de respeitáveis discos de heavy metal gravados em Brasília.

Particularmente no Zen Studio, onde trabalhou. – Um de seus métodos era conhecer uma amostra do tipo de som que os grupos queriam soar. Ele analisava, e respondia que conseguiria tal resultado, de tantos por cento daquilo. Ele não

se enganava. Sempre teve os pés no chão, mesmo vestido no traje da NASA.

Ético até os dentes, evitava comentários do show business. Um de seus rápidos comentários me deixou chapado: – Você não sabe do que esses caras são capazes para chegar lá. Sabendo de quem ele falava, você poderia imaginar o tipo de favor cobrado/concedido.



Outubro de 1989 – Tropa de choque apresenta seu punk rock na praça da QE 34



Momentos históricos, Política do Êxtase e Rumores de Garagem: primeira formação, com Sérgio na guitarra, André Ávila no contrabaixo e Geraldo na guitarra., 1990 – Bar do Afonso (QE 32).
Foto: André Ávila (Facebook)

Nesta domingueira, ainda teve a apresentação do Política do Êxtase, banda do Hamilton “Zen” na bateria, Roberto (futuro Pinturas da Alma) na guitarra e Marcelo no contrabaixo e vocais.

Lincon Lacerda (Point Pomtekim)



14 jul. / 2012 – Foto: Zeca Ribeiro

392

O nome do bar era Pomtekim?

O nome era Point Pomtekim!

O bar funcionou de que ano a que ano?

No biênio 1989-90.

Quem tocou lá?

Primeiro show da Célia Porto e do Death Slam. Tocaram lá também V.A., II.C.S., Pitiless, Podrão e Solução Final, Política do Êxtase, Warehouse of Fable, Mahatma, Lágrima, Concreto DF, Fábio Catolé, Lincon Lacerda, Cécé, Anno Domini, Fox Estrot, Kashimir, Céu de Cimento, Os Cabeloduro, entre outros. Tinha cantoras, Deusadany, Euda...

Pode me falar como fechou?

O contrato da loja venceu.

“Putz, nem minha mãe usa meu nome composto, que é Deusa Dânia. kkk... mas a memória do Lincon tá boa. Tinha também a Isaberg, o bom e saudoso Manon, e o vozeirão do Jeová. Eu gostava de cantar ‘Mente, Mente’, letra do Arrigo Barnabé, que levava os mancebos ébrios ao delírio, pois fechava a letra com a sugestão escracha-

damente impudica de deixá-los *mole, mole*. Bons tempos!” (Deusa Dânia Barakat)

“Bem lembrado, Lácrima; banda do Aderbal.” (Fátima Sueli Saraiva)

21 out. / 1990 – Point Pomtekim – Domingo de Rock

Durangos da América, uma grande banda de rock do Guará. Também atuavam Os Nefelibatas, que eram ótimos, sucedidos pelo Alto QI e Doutrina Monroe.

16 dez. / 1990 – Lançamento oficial do zine Protectors of Noise, no *Slamdancer Festival*. Death Slam e Cabeloduro fazem seu primeiro show no Point Pomtekim. No ano seguinte, Os Cabeloduro prestigiaram o lançamento do livro *Balada do Louco*, no Ateliê Pedro Veras, QE 34.

Domingo é dia de rock

Irlam Rocha Lima, Correio Braziliense – fins de 1990

Com pouco espaço no Plano Piloto, as bandas de rock brasiliense buscam nas cidades-satélites alternativas para mostrarem seu trabalho. Um dos palcos que elas ocupam é o Point Pomtekim, na QE 24, no Guará II, onde há seis domingos acontecem concertos a partir das 15h. Hoje a programação é bem variada, com a presença de grupos representantes de diversas tendências. Vão se apresentar Mahatma, Devassos, Lácrima e Flammea, esta revelada no *Rock Verão de 89*, no Bom Demais, formada só por mulheres.

“Quando o Point Pomtekim perdeu o alvará, testemunhei toda a confusão. Lincon lembrou que o clima andava pesado. Julião também estava lá. Pode parecer que eu seja um personagem tipo, eu nasci há mil anos, mas lembro do cordão de isolamento que montamos na entrada do bar, e enfrentamos a polícia cantando ‘Polícia’, uma ingenuidade que custou o alvará.” (Pazcheco)

Hamilton “Zen” (Bar Elo Cultural)



14 jul. / 2012 – Foto: Zeca Ribeiro

394

O Bar Elo Cultural funcionou de que ano a que ano?

Foi rápido, 1990 a 1991.

Quem tocou nele?

Akneton, Little Quail and The Mad Birds, o começo da Célia Porto, Pompas Fúnebres, Marssal, The Vervet, Política do Êxtase, Concreto DF. As bandas de metal da época, não me lembro. Brasilis Capital, Tika Floyd, na época, hoje Dentadura Postiça, e outras...

Principais atividades culturais?

Apresentação de bandas e solos de rock, MPB e metal. Artistas plásticos, Biblioteca, Teatro, Palestras variadas (ovnis, raça negra, psiquiatria etc.) performances diversas. Decorações adequadas para som mecânico, com temas variados, e exposições artísticas, inclusive das artes plásticas.

Pode falar o que rolou naquela noite em que o Akneton não tocou?

Aconteceu. Foram duas noites com o show *Vá Tudo Pro Inferno*. Se não pôde haver a terceira, coloquei som mecânico, como sempre.

Para acessar o Bar Elo Cultural, você tinha que escalar uma escada íngreme, como daquelas mansões dos filmes de Hitchcock; a escadaria era o terror ver-

tiginoso dos bêbados. Nas estantes do Elo Cultural, li a biografia mais bizarra: diante do trago molhado e gelado, pagino uma biografia de Howard Hughes – o excêntrico milionário americano, que encerrou a vida viajando para o céu de maneira infernal. O passaporte, uma seringa espetada na pele necrosa do braço.

Que fim levaram seus bilhões de dólares? A questão primordial levantada pelo autor junto às alianças entre Hughes e Nixon, sem provar ou desvendar a lenda. Por que miseráveis esboços ficcionais, especulativos e incompletos de biografias fascinam?!

Marcelo Marssal: – Foi na raça aquele show...

E o Elo Cultural?

Lembro-me que tínhamos um show marcado lá pra tocar, além de músicas autorais, tributos a Led Zeppelin, Jimi Hendrix, Deep Purple, dentre outros clássicos do rock and roll... E tínhamos, sim, um baterista que não ficou muito tempo, ainda mais depois desse episódio. Ele morava em Alexânia, e no dia do show, e no horário marcado, ainda não havia dado as caras. Ficamos esperando até a hora do show, sem notícias...

O show rolou?

Pois é! Alguns minutos de atraso, e ficamos sabendo que o excelentíssimo Roger Schwantz, primeiro batera antes do Cláudio Marcelo, havia se envolvido numa briga em Alexânia, e estava no hospital. Deu pontos na boca, porque levou uma ‘nunchakudada’ na cara. Então, decidimos fazer o show assim mesmo, pois a casa estava lotada. E todos esperando pela Marssal, decidi então que tocaria a bateria, e cantaria ao mesmo tempo. Deu certo, o show foi muito louco, e eu fiquei encharcado de suor. Mas conseguimos realizá-lo com muito rock and roll. Isso que me lembro.

■ Amigos dão continuidade ao movimento underground dos anos 1970

Engana-se quem pensa que o Guará é apenas uma cidade "dormitório" e sossegada. O rock está presente desde primórdios da criação da cidade e marca a história de várias bandas consagradas atualmente e músicos reconhecidos no cenário da música.

O movimento underground

chegou ao Guará por volta dos anos 1970 e 1980, com Mario Pacheco e com a banda Matusquelas. Ele organizava eventos e conseguia unir diversas bandas de rock, reunindo jovens e quem mais que curtisse o estilo.

Ricardo Reck, curador da cultura no Guará, recorda as suas produções de shows e a participação em algumas bandas, como Os Canelas de Cachorro e os Paraibas Moicano. Ele trazia os "feras" do rock da época e chegou a fazer 14 shows por ano.

Quando trabalhou com reciclagem, Ricardo construiu um museu recolhendo nas casas discos antigos que eram doados e hoje possui um acervo de 8 mil discos. O museu fica

Guará 42 anos

Jornal de Brasília

8 mai. / 2011 – Ricardo "Retz" havia sido bastante generoso comigo: "O movimento underground chegou ao Guará por volta de 1970 e 1980, com Mário Pazcheco e com a banda Matuskelas (1974). Ele organizava eventos e conseguia unir diversas bandas de rock, reunindo jovens e quem mais que curtisse o estilo."

Ricardo "Retz" recolhe seu lixo precioso dos lares do Guará, há mais de 20 anos. Usava um carrinho de supermercado entupido de coisas legais, entre elas, centenas de LPs – no tempo em que a música girava. Roqueiro estridente não abre mão do volume, cultua quase 10.000 vinis. É a força viva por detrás do Museu do Disco, um aglomerado de aparelhos sonoros inusitados, inclusive um gravador de rolo alemão, de 1970, zerado.

Sua produtora, a Retz Core, chegou a produzir mais de um show por mês durante um ano todo. Sua base de ação é a Praça do Xinxá, na QI 6 – QI 8. Participei de sua produção, no Teatro de Arena do Cave, ao apresentar o "inesquecível" Sabotando o Pop



Quinze anos do Tupanzine, mais de 80 edições espalhadas pelas ruas do Guarã e do mundo

Tupanzine, por Ricardo Tubã

O primeiro exemplar do Tupanzine saiu em outubro de 1994, mas o embrião foi o The Best Of, lista de melhores e piores do ano, tipo uma folha frente e verso, com fotomontagens de bandas de metal, mulher pelada e futebol. Surgiu no final de 1986. A maior tiragem foi 1.000 cópias, quando o Moab – figura folclórica, da geração 84 do rock Guarã, da QI 6 – distribuiu dois números, em off set, pela sua gráfica. A média de tiragem fotocopiada era 150 números. Durante quatro anos, os raçudos Xinxã e “Retz” iniciaram a saga do rock nas quadras com o Ensaio Geral, festival de bandas underground, que se apresentavam mensalmente, na pracinha do Xinxã, QI 6/8/4/10. Podemos destacar o Retz como gerente de shows do antigo Lord Dim Pub, da QI 8, onde aconteceu a primeira apresentação dos Raimundos antes da explosão deles, em 1992-93. Retz Core Production fez parceria com o Tupanzine, quando o ‘Retz’ manteve a coluna ‘Big Trepadas com Retz’ durante quase 16 anos.

La Revolución

...MENOS CULTURA ...MENOS POLÍTICA ...MENOS ENCONTROS

Lembranças e saudades

2

...MENOS CULTURA ...MENOS POLÍTICA

SAIDEIRA

Quando as portas fecham-se, é a hora de dizer adeus, fazer balanço e tomar a saideira.

As mesas atualizam o obituário desses dias turvos.

Sentados e atolados em dívidas estudamos a sinuca enquanto aguardamos uma linha de crédito ou o telefone.

— Onde está Vera? Alguém viu Vera?

Urinando ou molhando os pulsos, nos importamos muito com Vera, que pode ser qualquer um.

Essa fenomenal e bombástica e extraordinária pessoa (que pode ser qualquer uma) pede:

— Primeiro a saideira, depois o fisiologismo e a ideologia.

Mário Pacheco

Novembro, 1997



Lord Jim Pub, nunca peguei aberto e nunca pendurei conta. (Pazcheco)

Melhores amigos, inimigos de família

O Guarã ofereceu a oportunidade de conquistar três amizades especiais. Luiz Ricardo Muniz, divulgador de uma nova comportamentalidade, relativa aos filhos passarem as noites fora de casa a beber. Zenas, beatlemaníaco, o amigo mais trabalhoso, ou “a pior influência que poderia passar pela sua vida”, segundo a minha família. — Será porque ele dividiu tantos sonhos comigo, esses mesmos que nós continuamos a sonhar?! — E também o Ric “Lee”, da mesma nuvem. — Suponho que eu era execrado pela família deles, do mesmo modo como também eles eram pela minha. De algum modo, responsáveis pelo que acontecia na vida um do outro. Assim, nos distanciamos. Ricardo Muniz, excelente estudante, que nunca reprovou, e tinha sua própria velocidade, foi o primeiro da turma a alugar um apartamento — custos e benefícios divididos com Pedro Veras —, e a viajar para o Nordeste.

No segundo grau, à noite, meus melhores amigos eram os cunhados Geraldo e Erlânio. Erlânio morreu precocemente, afogado. Ele era casado com Rosângela, irmã do Geraldo.

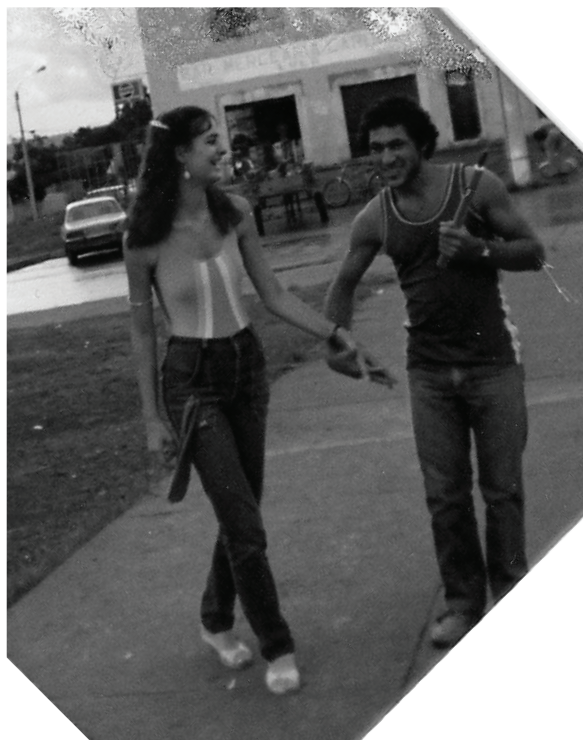


Movimentos Culturais da QE 32 – Guará II: da esquerda, Hugney Geraldo Cristaldo, contrabaixo; Pazcheco, texto; e Véber (†), poesia – assim caminhava a humanidade, a passos largos e cambaleantes, desde 1981! Foto: Ivaldo Cavalcante, 2007

Poderíamos chamar Luís “Padeiro” de “sangue bom”. Em virtude da sua compleição física avantajada, e também da sua proximidade com o pessoal do Sindicato do Reggae, ele impunha respeito nas adversidades. Com ele, ninguém mexia conosco.

Luís não ficava arrumando encrenca. Ele dava duro na Padaria do Mota, QE 32. Depois da ronda noturna, quando voltávamos, pela manhã, gritávamos debaixo da janela: – Luís! E ele mostrava a sua cara parda, com a eterna barba por fazer, os cabelos sem pentear encaracolados. Às vezes, pedíamos para subir, e era aquele festival de roscas e pães de queijo. Mais um litro de leite aberto, claro.

Outras vezes, pela janela, atirava um saquinho com pães. Inesperadamente, um dia, Luís morreu. A comunidade ficou chocada. Não me recordo agora do motivo.



Luís 'Padeiro' (alimentou muita gente...) Foto: Arquivo Mônica Sebba

Surge Edinho

Edinho trabalhou na banca de revistas da QE 9, Guará I. Simpático, divertido, gostei dele na hora. Não se incomodou de me deixar folhear uma revista Rock Brigade.

Meses depois, Edinho reapareceu na QE 32. Alugou um espaço numa casa transformada em prédio de apartamentos, no conjunto R. Neste prédio, aos domingos, fazíamos um churrasco, com um outro amigo nosso, e atravessávamos pro extremo do outro conjunto. Fumávamos um cigarro sem filtro. Este terceiro amigo, policial, era aconselhado a não seguir nossos passos...

Tentamos tirar um som na casa do Djalma (Phú). Edinho era um excelente vocalista, que sabia as letras, e também rápido baterista heavy metal. Kris, um ás na guitarra. Sérgio, também guitarrista, do Rumores de Garagem, se revezava no contrabaixo. E eu, blá-blá-blá... Nunca daria certo, e Kris apagou a fita do ensaio. A banda foi avaliada como "muito ruim". Eu era o único que não sabia

tocar. O problema dos músicos é que os pais atrapalhavam a carreira, com as cobranças. Mas eles estavam interessados no que as namoradas e amigos tinham a dizer. Com um pensamento desses, então, a coisa não poderia ir a lugar algum. Décadas depois, o mesmo comportamento. Ora, tenho que lembrar: produzi o seu primeiro show, e nele você tomava – lembra? – Coca-Cola. Eu, cerveja.

Em 1987, no aniversário do Edinho, tomamos uns copos de vinho. Cheguei em casa na hora do almoço, mas não havia água. Eu tinha que trabalhar, no Conselho Regional, em Taguatinga. Tomei o ônibus (sem tomar banho). Cheguei alto, e meu colega de escritório mandou-me dormir. Ele depois me entregou para a chefe do escritório, no Plano Piloto. “Não tinha só álcool naquela bebedeira...” Uma calúnia mirabolante. A única coisa que conseguiu dizer. Pedi contas.

Um rolo de discos

Íamos às festas que a Sandiz fazia para os funcionários. Edinho indicava os discos a serem adquiridos pela loja, e conseguíamos descontos nos LPs.

Dei-lhe o disco tripla ao vivo do Rush, *All The World's A Stage*, com capa sêxtupla, e o *Sabbath Bloody Sabbath*, capa-dupla, original, da tiragem independente inglesa, com direito a um ingresso do show colado na capa pelo dono original. Para a troca, uma coleção do Emerson, Lake and Palmer, mais outros progressivos.

401

Edinho se mudou para o P. Sul, casa do seu pai, e continuou no seu ofício. Ele tocava bateria e cantava no lendário Sarcastic Death.

Anos se passaram. Edinho morava no Rio de Janeiro. Um dia, Joelzinho o trouxe à chácara. Eu estava casado, alguns dias no apartamento e outros na chácara; ou outra hipótese, eu havia tido desgaste com algum amigo passante. Sei que pensei na hora ser o Edinho problema do Joel. Na minha confusão, não ofereci pousada.

Assim que vi o Edinho, a primeira pergunta foi:

– Você ainda tem os discos?

– Olha o que o cara pergunta...? – foi a sua resposta.

Nunca mais vi Edinho. E entendi a frase de Jimi Hendrix “you sacrifice the things you love”.

A arte não-localizável

O que existe são especulações

Não são exibidos, por isso, especulam-se sobre os filmes Super-8 do Chaguinhas, que nunca vi. Da mesma maneira, é procurada a fita de rolo de quatro canais gravada pelo Extremo no Estúdio do Lincoln, e também os álbuns de fotos do Extremo do Tuca, e ainda o famoso Super-8 com a apresentação do Extremo na 413 Sul.

– Por que estas fitas nunca aparecem no YouTube?

Existem os VHSs editados do lançamento do livro *Balada do Louco*, no Ateliê Pedro Veras, QE 34, 1991, e a fita de vídeo da *Festa da Banana*, 1994. Esses são os registros de imagens corridas mais antigas dos dois coletivos de arte de que fiz parte, durante estes anos. Possuo a imagem do Eli Soares – na sua Tt branca, nova – no motocross, no morro da chácara. Também, mas rapidamente, Os Cabeloduro no lançamento do livro, no Ateliê Pedro Veras.

PROJETO

ARTE POR TODA PARTE

O GUARÁ RECEBE UMA

NOITE BLUES

COM

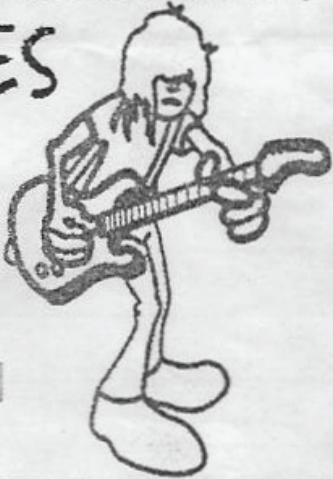
BRAZILIAN

BLUES BAND

E CONVIDADOS:

* AMANITA MUSKARIA

* FARRAPO JOE



DIA 25/09 SÁB. 20:30Hs

TEATRO DE ARENA GUARÁ

ENTRADA FRANCA **MÚSICA SEMPRE**
VIOLÊNCIA NUNCA

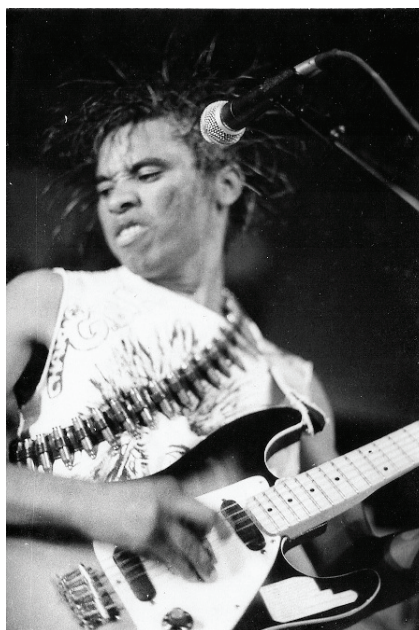


Foto: Wilson Moraes

Grande registro de Wilsinho. O rapaz aqui estava nervoso. Ao descer do palco, tomou uma dura dos porcos, i.e., bavia tocado 'Polícia nas Ruas'... Tã na memória. Quem esteve lá, viveu! (Gilmar Batista, guitarrista do Stuhlzapfchen)

Caramba, meu caro Mário, mais forte que ver a capa do LP assinada por Betinho foi lembrar que ambos fizemos o teste para vaga no Safra. Betinho era supaveloz na datilografia. Fiquei em último lugar, no dia. Ababb... que vida essa nossa... tão fugaz quanto uma nuvem ao vento forte. (Gilmar Batista, guitarrista do Stuhlzapfchen Von "N")

Homenagem a Betinho, baterista do Stuhlzapfchen Von "N" e A. R. D.

Meio abalado, fiquei sabendo que Betinho falecera em dezembro de 2011. Entre agosto de 1985 e março de 1986, eu e Betinho fomos explorados matinalmente no Setor Comercial Sul. Lá no Banco Safra, Betinho era Carlão! Ou, o funcionário Carlos Alberto!

Sua senha: – E aí, moleque!? Que ele distribuía para mim e para os menores "da guardinha", que faziam o serviço externo. "Carlão" era o encarregado pela nossa equipe; gente boa.

O pessoal do banco gostava do seu jeito operário. Com o cinto oliva apertado

no último furo, mantinha a calça lá em cima. Seu sapato preto lustrado lembrava o coturno, e usava uma indispensável camiseta branca. Cabelo rente, o peitoral projetado. Etc.

Betinho gravava com a Stuhlzapfchen Von “N” seu LP de estreia pela Devil Discos, batizado *Ataque às Hordas do Poder*. Na hora do almoço, me municiaava de relatórios repletos de ansiedade sobre viajar para São Paulo para gravar o lado do LP. Também ele dizia coisa como: “rolaram cabeças”, “o gerente fez um desfalque, e não destruiu o doc”. “Abriu uma poupança para o seu filho, pois a promoção era dele, e ele não foi promovido.” A minha observação: o gerente que teria feito isso era o maior vibrador, o maior chato, que vivia de nos vigiar e cobrar.

Tinha informações sigilosas do que acontecia no banco, ou informava as últimas do movimento punk do DF!

Nossa piada comum: Vamos formar uma banda *new wave*, Os Bancários...

Stuhlzapfchen no Guará!

Na vida real, em 1986, o Stuhlzapfchen Von “N” se apresentou na praça da QE 32. Durante um lazer organizado pelo grupo Reação Cultural.

No palco, o vocalista Gilmar Batista, com uma guitarra Gibson, agradeceu o patrocínio da Vidraçaria Pazcheco. Neste show, conheci Ana, com eles, a primeira mina que vi com o corte moicano.

Década depois, ainda no Guará II, no conjunto O, QE 34, me encontrei com Betinho pela última vez. O baterista estava feliz. Ganhava a vida no Detran.

Vá em paz, Guerreiro!



Gilmar Batista, guitarrista do ARD; Félix Amorim, também guitarrista; Pazcheco e Fellipe CD vocal do Death Slam, Terror Revolucionário, e Caligo, 22 set. / 2012 – Slamdancer Festival 2.

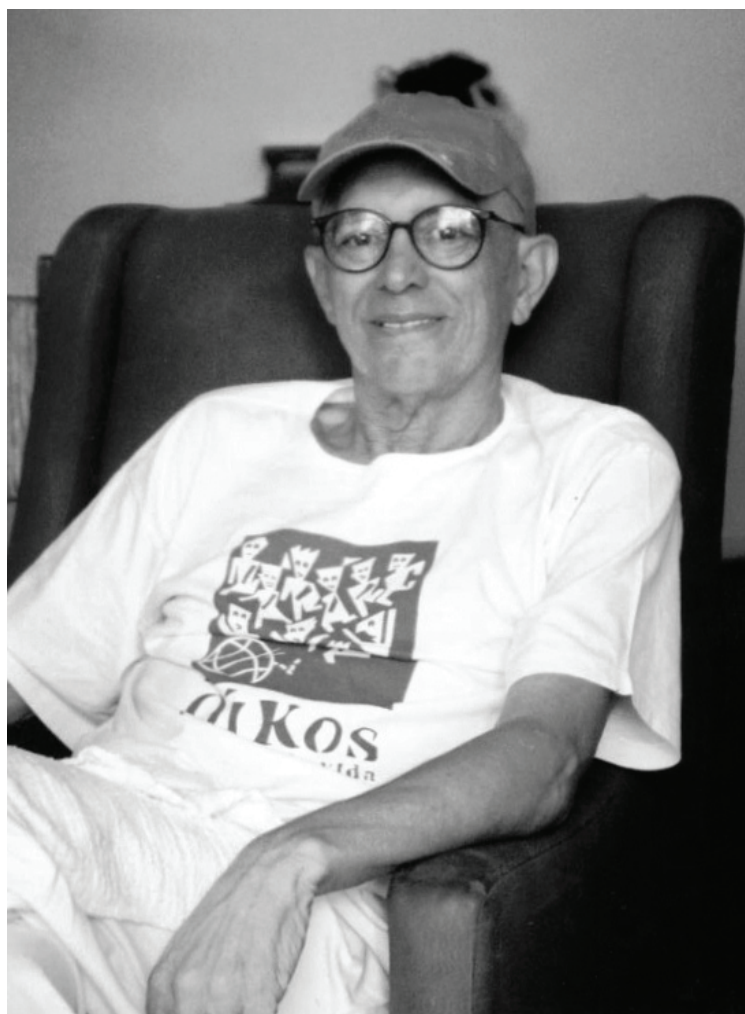
In Memoriam

A morte possuía a capacidade de chocar a ainda pequena comunidade do Guará.

Algumas mortes ficaram na memória: “Michael Jackson” da QE 32, Valdir (“Brechó”), Vanpander, Zenas (deu trabalho até o final, queimava o filme na minha casa), Cláudio “Mola”, “Branquinho”, Roberto Gifone, Dêja, Eliseu, Moisés, Marquinhos, Estevão Júnior do conjunto C da QE 34, Erlânio, que partiu cedo demais; Nando (“Charuto”); Wellington “Mindoin”, Geni Stefanin (mãe do meu segundo filho), “Marrom” (carteiro na QE 28 e professor de artes), Gilberto (Bar Camarim, QE 19), Messias de Oliveira Júnior (Cécé, carnaval em março de 2001), Valtinho (irmão do “Banana”), Edson “Reverendo”, Julho “Page”, Carlinhos Piauí e Marcelo Alexandre de Oliveira.

Ary Pára-raios

O Palhaço



408

Último sorriso



O Palhaço

Paulão de Varadero – Compositor do bloco O Pacotão - Jornal Zombar – único número – Dez. / 2002

*Macacos me mordam! Por Júpiter! Meu Deus, que ironia!
O nosso querido palhaço anda cansado, quem diria? Deste circo federal,
dos meliantes, picaretas e politiqueiros.
Cansou das artimanhas dos falsos saltimbancos nos picadeiros.
Foi insensata armadilha do Poder contra a alegria.
As crianças da cidade exigem urgentemente o retorno.
Desse palhaço-inventor de um esquadrão de verdade.
Eu também, que sou criança, apesar da minha enorme pança.
Pára-raios é profeta de um mundo novo, de amor e fraternidade.
Porta-voz da utopia, da beleza e da mudança.
Artista mambembe, organizou suas quadrilhas.
O XPTO e a “famigerada” tribo do Esquadrão da Vida.*

*Como andorinha não faz verão sozinha (que maravilha!).
O esquadrão com faca afiada de risada e ironia.
Faz nas ruas do País a sua guerra de guerrilha.
O Esquadrão da Vida também assalta à luz do dia.
Nas esquinas, nos sinais, nas ruas, nas praças, na Praça dos Três Poderes.
O Palhaço Pára-raios, que não se submete a nenhum deles.
Concita seus guerrilheiros em defesa do sonho, da poesia, da água e do
meio-ambiente.
Ensaia, encena e ensina canções, peças, poemas e versos como os de Pessoa
e Garcia Lorca: “Verde que te quero verde!”
Ari José de Oliveira – meu irmão Ary Pára-raios!
Nossa terra já não tem tantas palmeiras. Papagaios!
Tu não és apenas ator, o palhaço maior dessa aldeia e vizinhança, és a
paloma verde e branca da natureza, da paz, e da gargalhada. Da alegria
e da nossa incansável esperança!*

Ary Pára-raios

Ivany Neiva

Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Imagem, do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília

Revista O Pioneiro, Clube dos Pioneiros de Brasília. Ano II, n.º5 – 2003

11 set. / 2003 – Ary Pára-raios (1939 – 12 fev. – 2003) sempre nos aprontou surpresas, e nos provocava e provocava a não só enfrentar, mas a criar desafios e buscar caminhos criativos. “É preciso se deixar surpreender sempre”, dizia. Agora, mais uma: sua militância multimídia ambientalista transforma o 11 de setembro em uma data alegre, mensageira de transformação e tomada de posse da Terra. É o dia de seu aniversário, e agora, oficialmente, Dia Nacional do Cerrado, comemorado pela primeira vez esta semana, durante o *III Encontro dos Povos do Cerrado*, em Goiânia.

O paranaense Ary José de Oliveira era – é – um cidadão do mundo, que tem o sertão e a pólis no nome de sua cidade – Sertanópolis –, e foi um desses migrantes de muitas viagens, uma delas para Brasília, onde finalmente se radicou. Saiu de casa ainda menino, e fez de tudo na vida: foi engraxate, datilógrafo, mecânico, pintor de parede, faxineiro, executivo de compra e venda de café, decorador, bancário; ator, diretor de teatro, pensador, dramaturgo, jornalista; trovador, músico, poeta, agente cultural, artista, palhaço.

Chega a Brasília em meados da década de setenta, vindo de Salvador e de uma história já intensa de atuação política marcada pela palavra, pelo gesto, pela arte. Desde então, cria e recria vida na plural e multicultural Brasília, no DF, no cerrado e no Grande-Oeste. Participa do discurso de equilíbrio planetário, leva sua mensagem à *Eco 92*, sempre com os pés no Planalto Central e em Brasília.

O grupo de teatro de rua e sociedade cultural Esquadrão da Vida, sua mais emblemática criação, completou 24 anos neste 2003. Tem início quando ainda se chamava XPTO, e o nome sugerido por TT Catalão fica. E fica Ary, fica o Esquadrão. Hoje, sem Ary, mas com toda sua força, continua nas ruas com sua Folia Real e seu *O Bicho Homem e Outros Bichos*. Ary era multimídia e mostrava que comunicação é arte, é meio de transformação. Em 1976, cria no jornal Correio Braziliense a página Viva Alternativa, que depois dá origem ao jornal independente de mesmo nome, dirigido por Ary de 1988 a 1994, inovador em formato e conteúdo, tendo como eixo a questão ambiental. Inovador foi também o JOU – Jornal Ordem do Universo, que entre 1976 e 1977 trouxe para discussão temas ligados a cultura e ecologia, reforçan-

do movimentos amplos antinucleares e antiglobalização. Em 2001 e 2002, Ary escreve sobre cultura regional na Gazeta Mercantil, e edita o Folha do Cerrado, da Rede Cerrado de ONGs.

Nosso pioneiro da guerrilha do bom humor continua presente para todos os que acreditam que com festa, trabalho e pão – como dizia Ary – podemos construir alternativas vivas.

Acauã cantou para Pezão

Francisco Roberto de Lima

O Poeta Pezão assinava suas obras como Francisco Morojó

Patos/PB – 24 out. / 1959

Olhos D'Água – 6 dez. / 2003

Véspera. Conic, sexta-feira, Pezão (Francisco Morojó) passa no Eudes Bar e vai tomar “uma” com Zéantônio e “Galego” no Bar do Enoque.

Sábado. Dezesete horas. Pezão segue de ônibus para Alexânia. Lá encontra carona com três amigos para Olhos D'Água, dois quilômetros depois o carro “bate/capota”. Pezão morre na estrada, vítima de traumatismo craniano. Partiu na perseguição do que gostava: abandonar o urbano e nos levar às procissões e incursões musicais, noturnas, sentimentais, ébrias, arraigadas em festas e manifestações populares.

Domingo. 7 de dezembro de 2003. No Cemitério de Taguatinga, o Grupo de forró Paraíba, do qual Pezão foi um dos fundadores, conduz o cortejo tocando/cantando “Forró de Brasília”, uma das suas muitas músicas.

*Quando você vier a Brasília
Traga pra mim um pedaço do mar
Quando você visitar essa ilha
Faça fazer eu parar de chorar
Traga o espinho do mandacaru
A areia da praia, os veleiros do mar
A areia da praia, os veleiros do mar
A areia da praia, os veleiros do mar*

*Não suporto mais essa vida fingida
Essa dor mal parida
Essas coisas do bar
Esse amor sem partilha
A prisão dessa ilha*

*A prisão dessa ilha
E a saudade de lá*

Na “UPI\$”, o poeta Manoel Cordeiro de Lima me falou de Pezão, “poeta da Ceilândia”.

Nos bons tempos, nas eleições de 1989, e não raro era excitante e perigoso andar com Pezão, de vez em quando um leão de chácara, ou os “imbecis”, o ameaçavam, “tô lembrando de você”! Pezão carregava a experiência angustiante de Maiakóvski, dos provocadores de embarços. Não me lembro de nenhuma encrenca na minha companhia. Com ele, o tempo fechava, e nunca faltava armamento-argumento. Um guerrilheiro diário, mirava as instituições. E também a conduta dos artistas.

Com esses predados medonhos, o conheci no Conic. Vendia sua apostila *Paraíso dos Fragil/gelados*. Na capa, um desenho do Senado transformava seus anexos numa Serpente-Cérbero, armando o bote pra cima dos flagelados no gramado da Esplanada. Apesar de seus folhetos não priorizarem a elegância de edição da Geração Mimeógrafo e da Geração Coca-Cola.

Pezão tinha verdadeiro repúdio e ojeriza pelo rótulo-predicado “maldito”, e considerava como babacas aqueles que o chamaram de “poeta marginal”. Nisso ele era bem Oswald de Andrade. Seus versos audaciosamente cândidos falavam de Zumbi, de Quilombos, de poetas negros eliminados – e urgentemente, leitor, um seu artigo sobre a negritude de Pezão será oportuno!

413

No final de 1993, Pezão vinha carregado de polêmica, tinha saído sua foto no jornal. Havia aprontado uma insolência com Grande Othelo, ou fora Grande Othelo que aprontara uma insolência com Pezão? Havia uma Pillar na estória.

De sacanagem ou não, me chamava de – “o maior cineasta da América Latina”!

Gostava particularmente do filme *Chuvas de Verão*, de Cacá Diegues, com aquela cena de amor entre Jofre Soares e Miriam Pires.

Vídeo *Conicções*. Em frente ao Cine Ritz, depois de recitar o poema *Rainha do Maracatu*, esculhambou o Sindicato da categoria ao qual era filiado, e perguntou: Ficou pesado? Abriu o largo sorriso de satisfação, passou os dedos alisando os bigodes pretos. Pezão era um vigoroso ator vaidoso, sempre um latino-americano à procura de uma “príncipa”...

No último festival de cinema, onde fomos barrados, Pezão também não entrou – em solidariedade a nós... Ele me disse, então: O Zéantônio acreditou que

você é louco!

– Eu me neguei a fazer uma ponta nesse filme. O cachê era de mil e quinhentos reais. Eu acredito em você!

Outra de suas divergências: considerava Lúcio Costa e Niemeyer como os definitivos poetas concretistas, e Brasília, seu mais belo poema.

Pezão foi aceito, agraciado e levado a sério pela “intelligentsia” de Brasília. Tornava-se melhor, como o vinho.

Seu último livro se chama *A Serenata de Acauã – O Voo do Pássaro de Chumbo*. Trata-se de uma antologia mimeografada com os seus melhores poemas, que conseguem revelar que a sua obra nasceu despida da preocupação de atualização, ou de posterior correção. Desde o princípio, definitivos. – Sem intenção póstuma.

Pezão me explicou que o povo considera o canto da Acauã, a ave do título, de mau agouro, prenunciador de chuvas e males, fatídica.

Semana passada, no Conic, ficou contente, pois vendeu dois livros. O primeiro, para um estudante angolano, e o outro para Luís Paulo Pieri, o autor do livro *Oh! My God!*, roteiro para filme de uma trilogia ficcional, de viagens espaciais, busca da lua jupiteriana, e adiante.

Francisco Morojó, autodidata, costureiro, cartazista, músico, bonequeiro, paraibano, torcedor do Fluminense andava feliz nos dizendo que o senador Eurípedes Camargo produziria o seu novo livro. Que esse último desejo se realize com nossa ajuda.



Conicções: Joanfi, Pezão, Cicinho e Alberto Viegas. Foto: Welber Lume

“Cara, a foto é minha foi um dia que eu tava por ali com o Rafael meu filho e cruzei essa rapaziada. ‘O Cabeludo’ era meu vizinho no Condomínio Mansões Entre Lagos.Valeu!”

415

Patos/PB! Taguatinga/DF! CONIC! Paraíbola! Pacotão! Brasília!

Perdemos as insolências de Pezão, nunca mais os seus versos – que não eram insolentes, e sim oportunos em revelar e criticar a desumanização imposta pela sociedade alienada.

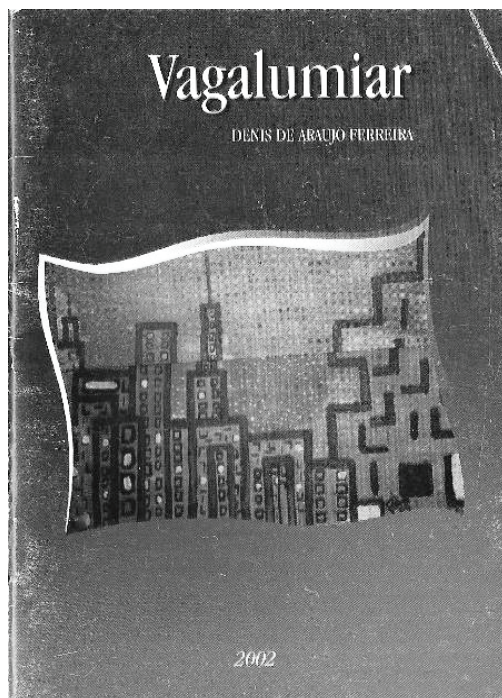
“Mi camarada, é sempre assim, acontece uma vez em cada vida, as teias que a gente tece abrem novas feridas, no bico do peito, ou no fundo da alma.”
(Francisco Morojó)

FONTE: *Paraíso dos Frágil/gelados* – 1990 (Francisco Morojó) Edição do autor
A Serenata da Acauã – *O Voo do Pássaro de Chumbo* – 2003 (Francisco Morojó)
Edição do autor

Dicionário de Escritores de Brasília – 1994 (Napoleão Valadares) André Quicé
– Editor

Tais e quais

(Denis de Araújo Ferreira/Carlos Nayale*)



416

*Taí, pegamos o bonde na poeira da rua
O Sapato enlameou-se nos frutos da geração atroz
Surrupiendo do caos a ignota sabedoria
Sob sol ardente andamos direção ao verso
Antiritmado, enigmático, caótico e hermético;*

*Estrada afora jogamos no homem o peso de ser livre
E bonito, e santo como santa é a natureza da mulher
Livres como bichos sem gaiolas sem capacetes de astronauta
No ar acham-se estampados versos
Cicantes borboletas
Farfalhar da crise humana dia a dia;*

*Na veia a direção dos ventos nos mostra risos de outrora
Colocados nos muros, sacrifícios e papéis da mente.
Queremos desvirginar o profundo da palavra.
Sonhamos com o espaldar da poesia sobre asfaltos e lagos*

*E corações e lados ardentes da vida
O que tem para sentir é muito*

*A palavra sangra o alcance do sentimento
Em cada verso em cada estrofe em cada som em disposição
No diapasão do caldo fervente do ser.
Por isso asas abertas à imaginação e mentes pousadas
Na inventiva do tatear da caneta por sobre guardanapos
Mesas, teclas e bordas de copos de cerveja.*

Vagalumiar me foi presenteado pelo poeta Pezão no distante ano de 2002. Havia acabado de ser solto do prelo e Pezão arrastou 20 exemplares para divulgá-lo pela cidade. No livro, de maneira concisa, Denis narra seus “gritos que se fundem em forma de eco pelos montes e montanhas e se espalham pelos campos em forma de semente germinativa”. Adepto do resgate cultural de Taguatinga, *Vagalumiar* nos joga um pouco de luz sobre o trabalho do falecido poeta Carlinhos Nayale.

Morre um poeta, se foi Mangueira Diniz!

Joanfi

417

*Morreu um poeta, se foi Mangueira Diniz, perdi um amigo!
Nesse sábado, 23 de maio de 2009, morreu Mangueira Diniz.
Ator, diretor, poeta, boêmio, cidadão!
O coração explodiu! Amores demais, tenham certeza.
Amava a vida, os filhos, os amigos.
Reverenciava suas paixões, acariciava nossa alma.
Pôxa, Mangueira! Saindo da cena, de fininho!...
Levantando da mesa, nos deixando falando sozinhos
Copo ainda cheio, e um enorme vazio na alma.
Ainda outro dia, no desfile do Pacotão,
Deu-me um abraço, e uma latinha de cerveja, e
Sumiu na folia; com certeza, em busca da colombina.
Morreu Mangueira Diniz num sábado frio de maio.
Mangueira não merecia! A cidade não podia.
Tantas coisas pra poetar; produzir, amar, denunciar.
Mangueira Diniz dos saborosos “Causos”.
Mangueira do Teatro do oprimido.
Mangueira da Oficina do Perdiz, Mangueira do Dulcina,
Mangueira do Conic, do Beirute e de tantos botequins, lares de vida.
Mangueira dos ‘Paraibolas’, Mangueira gigante dos palcos,
Mangueira da Feira da Ceilândia, Nordestino, Paraíba.*

*Pô, Mangueira! Abandonar a gente, logo agora?
 Antes do próximo Festival de Cinema, que tanto você curtia?
 Da Noite Cultural do T-Bone?
 E 'nóis' agora sem o seu Teatro vivo, e indignado?
 Não deveria ter partido antes de escutar a última
 'Obra-prima' do seu camarada Paulão (de vara curta), como sorrindo você
 dizia.
 E eu, te devendo digitalizar aquela sua velha fita cassete,
 Promessa antiga que nunca cumpri.
 Suas primeiras músicas! Em verdade, poemas delicados, indignados.
 Fragmentos de um poeta, cidadão e matuto paraibano.
 Fita que um dia, não sei como, vi bater em minhas mãos.
 Coisas, como você me dizia: da antiguidade.
 Bonitas, esperançosas, e agora infinitas.
 Tarefa que lhe prometi e que a amizade exigia sem pressa. Perdi!
 Mangueira, por favor, me mande o endereço de onde você estiver.
 Juro que lhe envio seus poemas musicados, em uma caixinha bonita.
 Chegará, porém, molhada pelas minhas lágrimas. Não repare.*

“Figuraça, o velho Manga. Uma figura sempre com o sorriso aberto. Um grande amigo e incentivador. Fica a saudade!”. (Adeilton Lima)

Valeu, Mangueira!

Com muita saudade, do Paulão de Varadero

Pavaroti, você que é mais recente nos palcos, talvez não tenha ouvido falar do ritual que se cumpre toda vez que se sai dos camarins, e se abre o pano que separava o cenário da plateia, antes de começar a peça. Alí atrás os atores se cumprimentam, antes de entrar, dizendo MERDA! um para o outro. Pois é o que eu tenho a dizer sobre essa saída de cena do nosso querido Mangueira Diniz, um paraibano autêntico, que trazia a poesia e a arte no sangue brasileiro-nordestino. Um verdadeiro causídico, como você lembrou, um contador de causos. Porque os causídicos juristas e advogados são um porre, mas os artistas, os atores e os boêmios, mesmo os que tomam muita cachaça, e contam “causos”, esses, ao contrário daqueles, enchem nossa vida de graça, de fantasias, de vitórias, ou de compensações antiderrotas, nos resgatando da merda da realidade para o reino idílico da catarse, da imaginação. De Pasárgada, onde temos “alcalóide à vontade e prostitutas bonitas pra namorar, além da mulher que queremos na cama que escolhermos”, como nos ensinava outro poeta nordestino, nosso lírico e onírico Bandeira, que como nosso Mangueira bebia nas cacimbas, ou nos açudes da poesia que vem daqueles ventos do leste, já que os rios

caudalosos com enchentes amazônicas não são a maior característica daquela região seca, do semiárido, como dizem atualmente os políticos nordestinos. E isso talvez seja também mais uma razão pra eu considerar esses tempos em que vivemos uma verdadeira merda: até a natureza anda se rebelando contra o planeta, mandando enchentes e dilúvios para o Nordeste, seca e erosão p'ro Sul. É isso aí, meu caro Pavaroti, Mangueira saiu à francesa, furando a fila, de fininho. Isso aqui tá ficando uma merda, com cada vez mais Arrudas e Rorizes pra encerrar a nossa farra, a nossa festa, fechar os butiquins e silenciar nossas serestas, nossas violas. Enquanto isso, vão saindo de cena os nossos “Pára-raios, Boal, Zé Rodrix e Mangueira Diniz”. Os burocratas que ficam insistem em nos vilipendiar com “tanto comércio e tanto comerciante”, como diria o saudoso Boca do Inferno. MERDA p'ra esses que querem atravancar o nosso caminho, não é, Quintana? Mangueira vai ser recebido lá em cima por Pára-raios, Pezão, Boal e Zé Rodrix, que chegaram antes, e prepararam uma folia de rei para ele. E com muita cachaça de cabeça, a Caranguejo, da Paraíba, a Mangueira, do Piauí, e a Espanta Brother, fabricada por você, Joka Pavaroti! Adeus, mano Mangueira Diniz!



6 jul. /2006 – Jaguar – O Pasquim, Antologia Vol. I, 1969-1971 – fez dedicatórias especiais para nós. Klebinho cuidou do chopp...

Mangueira Diniz com o inseparável chapéu (à esquerda)

O contador de causos era um poço de simpatia. Lembro de nossos papos no Beira, quando Paulo Iolovitch o desenhou com uma mangueira atrás do rabo. O vi a última vez no Sarau da Asefe. Fez todos rirmos. No Dulcina, durante o exercício, quando o professor o tocava no seu braço, e ordenava: Agora você é um liquidificador... Ele sai e fervilha pela sala, e mói toda a tristeza. – Sentimos falta deste triturador!

Terra de Fome e Sujeira

Mangueira Diniz

Revista "Ponto Literário", n. 8, Maio – 1992

*Meu Brasil brasileiro,
gigante e tropical,
patrimônio do estrangeiro
e do americano filial,
que ostentou o teu nome
com a miséria e a fome
do teu povo patriarcal!*

420

*Veja só o que dita o truste,
O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL,
do país do Senhor Bush
ao nosso Governo Federal:
– o salário tem de ser arrojado
e o trabalhador que fique sufocado,
o que me importa é o capital!*

*É repassada essa ordem
pelo velho plano novo,
da economia em desordem,
do poder que ofende o povo,
de um Brasil apavorado,
vivendo mais apertado
do que pinto no ovo!*

*Brincando como criança na terra,
o Governo sabe o mal que faz
ao brasileiro que se ferra
desde muitos anos atrás!
Esse mal vem desde a colonização,
iludindo e maltratando a nação,
que parece dormir demais!*

*Porém o Estado não está nem aí,
pois sabe que deste povo consegue o que quer,
comprando voto barato na terra do bem-te-vi,
prometendo tudo: tanto ao homem quanto à mulher!
É um festival de demagogias e besteiras,
carregado de maldades e sujeiras,
pra torturar pessoas de boa fé.*

*Educação não se tem,
saúde e moradia, pior,
o povo é pra dizer amém
e ser referência de dó,
do sistema inflacionário
que corrói o seu salário,
conquistado com suor!*

*João Molambo, agricultor,
pensando em reforma agrária,
ao proprietário perguntou:
– Prum home qui trabaia,
na suas terra de prantã,
um pedacín dela o sinhô me dá
pra minha livre bataia?*

*Pra João, que estava só,
o latifundiário respondeu:
– Eu vou ali cortar um cipó
e já, já eu te digo o que é teu!
E se João, que trabalha à meia,
esperasse, morreria na peia,
sem levar o que é seu.*

*Em terra de coronéis,
gente pobre não tem vez,
são multidões de fiéis
seduzidas pela insensatez
de políticos corruptos,
ditadores e estúpidos
imunes do 'xadrez'.*

– Companheiros, vamos à luta!

*Vamos defender o que é nosso!
A reposição salarial é justa,
e conquistá-la sozinho eu não posso!
Não sejamos tolos!
O movimento é de todos!
O sacrifício também é vosso!*

*Não sejamos idiotas!
A vez é agora ou nunca!
A força de patriotas
está na ação conjunta!
Pois a fome, no dia a dia,
só se combate com luta e democracia
da gente, que por isso se junta!*

*Assim continuou o sindicalista,
chamando os companheiros
para uma mobilização grevista
de trabalhadores ordeiros.
Pra com muita dignidade,
participação e seriedade
combaterem empregadores trapaceiros.*

*O trabalhador, dependendo
do reconhecimento patronal,
devagar vai morrendo
ou se tornando marginal!
Em país de terceiro mundo,
quem faz greve é vagabundo,
para o patrão cara-de-pau!*

*Meu Brasil brasileiro,
terra de fome e sujeira,
roubaram o teu dinheiro
e o pobre ficou sem feira.
Com a corda no pescoço,
levado para o alvoreço,
e o rico te passando rasteira!*



Tira a tranca da janela, que de manhã cedo eu quero ver o voo da Juriti

Paulo Tovar: um poeta de “quando não havia torre, lago ou rodoviária”

Em 1969, no ano em que o homem chegou à Lua, Paulo Tovar chegou a Brasília.

Dez anos depois, os poemas de Paulo Tovar participavam da coletânea porreta do Climério.

Hoje, 2009. Paulo Tovar! Está morto! De olhos Fechados! E ouvidos abertos

Wanderley – Ary – Pé – Mangueira – e agora Paulo Tovar, o eterno guerrilheiro das palavras, agita seu fuzil, como naquela cena de Glauber.

Aqui em casa há um canto fúnebre na sala, muito diferente da música do Paulo Tovar. Estou dichavando meu último bagulho, aquele bem verde, da cor da jaqueta do Tovar. Que foi visto ainda ontem em Olhos D'Água.

Sua última apresentação que vi foi no Quiosque Cultural do Ivan “Presença”. Ele usava os recursos do rap, e era só empolgação. Cantou suas letras em cima de uma base eletrônica. Do nada, Toronto Viramundo, seu fiel escudeiro, aparecia com a guitarra, e eles trocavam telegramas elétricos.

Na vida mundana do Conic, é regra passar e falar da vida, deixar registrado naquelas esquinas papos-confissões-impressões – certa vez, Paulo Tovar me sabatinou sobre como era participar de festival, se conhecia músico arranjador em

São Paulo. Eu falei que, se a coisa era vanguarda paulista, procurasse o Paulinho LePetit. E não é que o Paulo Tovar ganhou o primeiro lugar, e melhor letra? Com “Marco Zero”? (...) “quando não havia torre, lago ou rodoviária” (Paulo Tovar e Haroldo Mattos), no 1.º Festival da Nova Canção Brasileira!

O prêmio rendeu polêmica e e-mails. Paulinho me disse das agruras que ele viveu para completar as mixagens daquele disco, só quem passou por isso sabe o que ele estava dizendo. Andava feliz, seu filho havia chegado dos Estados Unidos para viver no Brasil. Começava sua luta silenciosa contra o câncer na cabeça.

Carta Aberta a Paulo Tovar

Joanfi

Prezados amigos e amigas desse escriba de butiquim:

Amigas e amigos do querido Paulo Tovar

31 mar. / 2009 – Estive com o nosso querido Tovar neste último fim de semana, na casa do seu irmão, lá em Catalão, no grande sertão de Goiás. O camarada “Tovarishe” nos recebeu, a mim e ao Joka Pavaroti, com seu sorriso largo e seu abraço terno e apertado, com a emoção de quem resgata uma saudade de longa data, pois havia mais de ano que não nos víamos. Joka Pavaroti e eu conversamos muito com ele, mesmo ele apenas nos ouvindo, sorrindo, e às vezes gargalhando, ainda que não conseguisse falar e estivesse muito debilitado pelo tratamento contra a doença, pelo cortisona, a quimioterapia. Chegamos a sair com ele, por duas vezes, até a padaria e confeitaria da esquina de sua rua, no sábado, e para o mirante no morro mais alto de Catalão, no domingo, mesmo com ele andando com muita dificuldade, e ficando a maior parte do tempo sentado no carro, sorrindo com a nossa conversa. Eu e o Joka tentamos criar um clima de disputa pela música escolhida no carnaval deste ano do Pacotão, eu tentando demonstrar que o Pavaroti tinha feito uma marmelada completa para conseguir ganhar o concurso, enquanto ele me vilipendiava como invejoso, despeitado e outras calúnias maiores. O Tovar se divertia com a história e nos abraçava muito, nos apertava a mão o tempo inteiro, nos olhando nos olhos, com o seu rosto inchado pelo cortisona, mais cheio de ternura e amor pra dar.

Acho que o Tovar está sentindo saudade dos amigos, e que a nossa visita foi muito revigorante e emocionante para ele, pois tentamos passar toda a nossa energia, a nossa estima e o nosso amor por ele, sorrindo, abraçando-o, apertando-lhe a mão e cantando para ele, que ama tanto a vida, a música, e fez da mistura dessas duas a sua razão de viver. O Tovar precisa ainda de repouso

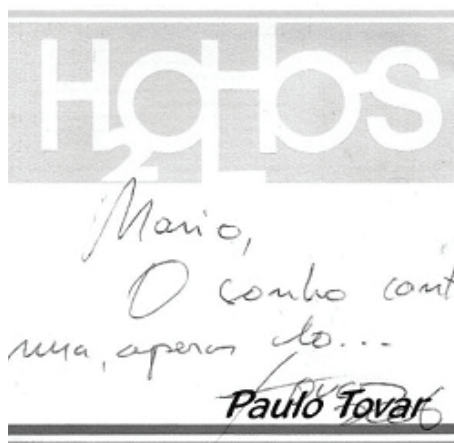
para continuar seu tratamento, mas acredito que a nossa visita lhe deu uma re-energizada, uma alegria, um conforto e a cumplicidade de celebrar conosco as histórias que relembramos. Para mim e Joanfi, a visita foi uma lição de vida, de luta, de dignidade, amor à vida, à arte, aos filhos e aos amigos que o camarada e grande guerrilheiro nos deu.

“Que Deus dê muita saúde e vida longa para o Paulo Tovar, são nossos votos!”
(Paulão de Varadero)

Joanfi

Amigas e amigos, faço minbas as palavras de Paulão. ‘Tovarishe’ me ensinou, e nos ensina muito, em sua luta contra a doença maldita. Já quase sem voz, poucos movimentos, fala com os olhos. Estendendo a mão, nos afaga e nos presenteia com um sorriso silencioso, quase feliz. Ao carinho do irmão, que lhe dedica todas as horas, ele retribui com beijo carinhoso. Ao abraço afetuoso do sobrinho querido, ele aperta-lhe as mãos, e faz cócegas na barriga. Vi seus olhos, por trás dos óculos, verter uma lágrima em direção ao pequeno Felipe, que brincando no computador ignora, e dá bolas à tragédia. Gestos simples de alguém que não perdeu a poesia, nem a vontade de viver. Fui a Catalão visitar um amigo doente, encontrei um guerreiro travando a mais feroz batalha pela vida. Voltei convicto: Tovar vai vencer, vai viver, vai cantar. Seu carinho, seu sorriso, sua gargalhada e o carinho com que é cercado pelos seus são remédio milagroso, o melhor tratamento. “Na casa goiana, grande, cercada de flores, no quintal muitas árvores, frutas e pássaros, e muito, muito carinho, ‘Tovarishe’ descansa. “Uma confidência do irmão, quase um segredo: Em tardes incertas, uma Juriti vem cantar no quintal da casa, perto da janela do quarto de Tovar. Não espalhem, eu acho que é Deus, acho não, tenho certeza!”

Paulo Tovar – H2Olhos



Faixas

- 1 – Marco Zero
- 2 – Rola a Bola
- 3 – As Vacas
- 4 – Nem aqui e nem ali
- 5 – Tudo acaba
- 6 – Periquita perfumada
- 7 – Poeira das estrelas
- 8 – Vidas erradas
- 9 – Semente
- 10 – H₂Olhos
- 11 – Rola a Bola MIX

H₂Olhos é inteligente, vale ouvi-lo! Embarque na geoantropofágica “Marco Zero”, relato da atual civilização do planalto central, ou nos diversos tons de “Rola a Bola”. Nesta faixa, a participação de Gérzinho recupera o espírito dos Cachorros das Cachorras, presente também nas guitarras e violões de Toronto Viramundo. Mas, *H₂Olhos* não se resume a isso, é muito mais!!

Depois das estrofes itinerantes d’As Vacas do Mané Ruço”, há um ótimo arranjo em “Poeiras das Estrelas”.

Em evidência, o reggae

“Tudo Acaba”, “Periquita Perfumada”, “Poeira das Estrelas”, com a imediata participação de Adriano Faquini, explicita a dosada articulação com o reggae. Ao final, o dueto fala do alto de um monte.

“Vidas Erradas” confundem-se com a autobiografia de muitos desconhecidos. A próxima, “Semente”, é uma canção femininamente ecológica.

“H₂Olhos”, a faixa-título, é a trilha da tribo moderna. Suas ligaduras tecem o biótipo do planalto. O arranjo da guitarra viajante e vibrante confirma: o reggae abriga sons épicos.

“Rola a Bola” também pode assumir o áudio de fundo de propaganda de goma-de-mascar.

Que não demore a acontecer outro êxito a Paulo Tovar!

Morre em Brasília Wilson Miranda, o Brother

Moacyr Oliveira Filho

25 jul. / 2012 – Nosso querido amigo Wilson Miranda, o Brother, faleceu na manhã de hoje. Tenho certeza de que será recebido com uma grande festa no céu por nossos parceiros Cláudio Lysias, Chico Barriga, Anibal, Lucas, Mário Eugênio, Fernando Lemos, Carlão, e tantos outros apressadinhos, que já estão lá em cima nos esperando.

O Carnaval, a política e o jornalismo de Brasília estão de luto. A Aruc está de luto! O Pacotão está de luto! O Clube da Imprensa está de luto! O PC do B está de luto! O Salgueiro está de luto! O Flamengo está de luto! Os tambores do Asé Dudu emudeceram. E Brasília está mais triste! Descanse em paz, irmãozinho de fé!



Wilson 'Brother' & Manoel Brigadeiro. Profundamente tristes. Acabamos de perder nosso irmão, jornalista esportivo e parceiro de sinuca do Pacotão!

Foto: Marcelo Dischinger

Blues para Wilson Brother, um beatlemaníaco da pesada!

Paulão de Varadero

Evoé! Rufam e estrondam os tambores no céu de diamantes!

“(...) e no entanto é preciso cantar, mais que nunca é preciso cantar (...)”
Vinícius de Moraes

Wilson dos Santos Miranda. Wilson Miranda. Ou simplesmente Brother, apelido que se tornou o verdadeiro nome. Nada mais adequado e pertinente, mais justo. Mesmo com seu nacionalismo militante e orgulhoso, de brasileiro que tinha suas idiossincrasias à flor da pele negra contra os colonizadores, fossem portugueses, ingleses ou yankees, seu apelido Brother era absolutamente coerente com sua personalidade, de irmão, de amigo dos amigos, de figura alegre, simpática, brincalhona, fraterna, solidária, socialista. É a figura mais emblemática do Carnaval de Brasília, dessa terra seca, do interior, do sertão desse país carnavalesco, do samba, do frevo e do maracatu, mas também da catira, do coco, do xote e do baião. Carnaval que o Pacotão, bloco do qual foi fundador, animou com suas marchinhas iconoclastas, irônicas, debochadas, demolidoras de políticos e governantes corruptos e corruptores. Brother é fundador da Sociedade Armorial Patafísica e Rusticana – O Pacotão, o maior bloco carnavalesco de Brasília, que realiza a festa-evento cultural mais importante da capital dessa República, mais ré do que pública. O desfile carnavalesco é nos domingos e terça-feiras de Carnaval, desde 1978.

O bloco do Pacotão nasceu em 1977, ano do famigerado “Pacote de Abril”, decretos editados pela ditadura militar, que se instalou no país a partir do primeiro de abril de 1964, e que banuiu, torturou, matou, cassou, fechou o Congresso e inventou até políticos biônicos, sem votos. Ditadura que fez o poeta Vinícius de Moraes, referindo-se a ela, dizer premonitivamente: “Acabou nosso carnaval,... pelas ruas o que se vê, é uma gente que nem se vê...” O Pacotão teve em Brother, a meu ver, seu mais importante membro-fundador, juntamente com Cláudio Lysias e Carlos Gouveia, o Carlão, de saudosa memória, todos eles jornalistas, cariocas e fluminenses. Ele soube aparar as arestas, superar rachas, intrigas, as maledicências e até a acomodação de alguns que assomaram o poder, e deixaram de ser atiradores de pedras para serem vidraças. Mas Brother resistiu, até seu último emprego, até o último carnaval, sempre no seu PC do B, partido que, infelizmente, lhe negou legenda para disputar um mandato de deputado distrital, onde queria representar os movimentos negro e cultural da cidade. Mas os partidos passam, as ditaduras passam, a vida passa e o Pacotão também passa, na contra-mão da Avenida W3, há trinta e cinco anos, e vai continuar passando, mesmo sem nós veteranos, que já estamos infartan-

do, tendo AVC, cirrose e mal de Alzheimer, ou de Parkinson, porque, gostem ou não gostem, o Pacotão é “O Papel Higiênico da História”.

Brother era flamenguista doente, como seu grande amigo Cláudio Lysias, e foram os criadores da figura mitológica do presidente vitalício e honorário do Pacotão, o misterioso Charles Preto. Nós, do atual Politburo do bloco, e o escultor Klebinho, criamos o bonecão do Charles Preto com a fisionomia de Brother (inspirados no Homem da Meia-Noite, do carnaval de Olinda), a quem nomeamos porta-voz do venerando presidente, embora Brother sempre chegasse atrasado para as entrevistas, aos encontros e saídas do bloco, com sua tranquilidade de filósofo, pensador, compositor e sambista, do Pacotão, dos Acadêmicos da Asa Norte, da Aruc e do Salgueiro.

Tenho um grande orgulho e uma grande vaidade na vida. Confesso-os publicamente hoje. Embora roxo botafoguense, sou amigo de Brother há quarenta anos. Nos conhecemos na Universidade de Brasília em 1973, quando estudávamos jornalismo. Fizemos greve juntos, combatemos a ditadura militar, que submeteu a imprensa à censura. Paradoxo dos paradoxos, a atual democracia, o seu Poder Judiciário, o seu Supremo Tribunal Federal rasgaram com o diploma de jornalista e limparam o rabo com aquele papel-moeda. Fui parceiro de Brother na porrinha, fechando os botecos da cidade, e de várias marchinhas e sambas-enredo do Pacotão, inclusive o que considero o maior de todos, em que fizemos uma simbiose de duas composições, que dizem assim: “O Pacotão vai detonar toda essa canalha, é o pai, é o filho, é o neto é o avô, e quem prevaricou!...”

Até breve, parceiro Brother!

Meu Brother Amigo

Jorge Amâncio

*embevecido pela africanidade
de uma origem de um exótico
de um gótico de uma magia
de um poema de uma perda
de uma pedra de uma ida
de todo passado construído*

*amor e dedicação
conhecimento e respeito
os laços de uma vida*

*de uma cumplicidade
de uma irmandade*

*pela insensatez
além de briga de criança
ao desfazer a confiança
meu elo, minha origem*

*pelo pacto
nunca selado, nunca quebrado
sempre presente, sempre cumprido
sempre em mim, sempre em ti
ausente em mim, ausente em ti*

*de'u não saber o que é amizade
de'u o quão perto do amor estive*

“Um Brother, que é só coração. Agora em Paz, na passagem para a Paz. Um Axé.” (Jorge Amâncio)

Morre Jota Pingo, o diretor e roteirista



Jota Pingo, Joãozinho da Vila Planalto e o grande 'Girafa' – making of do filme dirigido por Jota Pingo. 'Muito divertido trabalhar com eles'. Foto: Afonso Ligório Araújo Mesquita

431

Primeiro de dezembro de 2012. O ator, roteirista, dramaturgo, diretor teatral e incansável agitador cultural Jota Pingo, 66 anos, morreu nessa noite de sábado, em Brasília. Era portador de marca-passos, e passou mal em um supermercado, onde estava com a esposa, a filha mais nova e dois netos. Não resistiu a uma parada cardíaca.

Pseudônimo de Carlos Augusto de Campos Velho, Jota Pingo é um dos nomes-chave da cultura brasiliense. Irmão do também ator Paulo César Pereio, era natural de Porto Alegre (RS), mas estava radicado na cidade há mais de 35 anos. Aqui teve militante participação na cena teatral, à frente de espetáculos como *Uma Tragédia Atual*, exibido no Teatro Galpão, em 1982.

Terminou a vida trabalhando incansavelmente pela implementação do Mercado Cultural Piloto, um prédio labiríntico, de três andares, onde alugava 40 salas comerciais, em que abrigava várias manifestações culturais. Dentre elas, um cineclube e uma galeria de arte. Às segundas-feiras, exibia filmes. Por último, o copião do seu último. Também fazia reuniões para a remontagem de *O Último Rango*.

Jota Pingo, um grande sonhador anárquico, no Mercado Cultural, no Jardim Botânico, atualizava as falas e ensaiava reestrear *O Último Rango*, sua ópera-ro-

ck. Ao final, pretendia reeditar agora, acontecia na estreia, em 1980, servir sopa para os moradores de rua da cidade.

No velório do Pingo Celeste

3 dez. / 2012 – 508 Sul. Frente ao teatro, espessa cortina de fumaça. Dentro, vinho e mesa farta.

Seu corpo chegou, e o estandarte do Pacotão balançou sinistramente. Joãozinho da Vila Planalto recebia os náufragos. Ivan “Presença” estava ao seu lado, e o cineasta André Luiz Oliveira falava da intenção de exhibir seu filme *Louco por Cinema*. Rênio Quintas não saía de perto do piano, e Alberico Rosa, ator dos filmes de Brazza, sempre afável. De passagem, o secretário de Cultura do DF, Hamilton Pereira, apertou algumas mãos.

A ficar insuportável, ao tocarem o *Álbum Branco*, era como estarmos na tempestade, na companhia da família Manson. Nem na morte de John Lennon ouvi suas músicas. – Naquele velório, era totalmente estranho ouvir *You say it's your birthday / It's my birthday too – yeah*.

Roqueiros e cineastas em ação

Nessa hora, adversários esquecem suas vaidades, e todos formam o coro desconsolado.

– Corta! Close na cara de Pingo! Glauber gritava, na minha cabeça. Se fosse um velório surrealista de Buñuel, Pingo piscaria para a câmara.

– Esquenta não, você será o próximo...!!!

“Cascão”, Afonso Ligório Araújo Mesquita, resolve falar: “E eu, que tive o prazer de gozar da cordial e sempre solidária amizade do querido saudoso Jota Pingo, que tive a honra de me divertir trabalhando por três vezes com ele, espero que, neste momento, já tenha encontrado o Robson Graia, Ary Pára-raios, Cristina Borracha, e tantos outros que já partiram, e estejam encenando mais um espetáculo, com cenário de nuvens e luz de estrelas.”

Sua face serena, de cavanhaque branco, “quando eu estiver com 64 anos”, se parecia com o Ruy Barbosa da cédula do Cruzeiro, ou com a expressão de quem havia abandonado a imortalidade da Academia.

No final, o popular José Garcia Caianno, que todo mundo conhece como Dedé de Olinda, estava com Mauí Ramalho. Ela animadamente recitava as falas atuais

para a nova montagem de *O Último Rango*: – Quando Jota Pingo ia ao secretário, levava um saquinho de amendoins. Na medida em que ia descascando o minuí, e as cascas se acumulavam no carpete governamental, o atendiam rapidamente.

Paulão de Varadero, Cicinho, Renato Matos, “Cascão” (do Detrito Federal), Damata, Miqueias Paz estavam lá. Deu tempo para todo mundo se despedir. – Um dos primeiros a chegar foi um dos moradores das imediações do Teatro Galpão, do Espaço Cultural da 508 Sul, que veio dar seu reconhecimento. Emocionante!

A campanha de Pingo

Plataforma superior da Rodoviária de Brasília, próximo à parada do Conjunto Nacional.

Porta aberta da Kombi. Um estribo ligado ao veículo serve de palanque móvel.

O então candidato a distrital Jesus Pingo Azul, com seus dois metros de “intencões”, agracia aos futuros eleitores.

– Meu povo! Cês tão pensando que depois de eleito darei para vocês casa, saúde, educação e segurança pública? É isso que vocês pensam?

– Porra nenhuma. Desde quando deputado eleito dá alguma coisa pro povão?

Luiz Antônio Sócrates Teixeira, que passava na hora, anotou o número do então candidato: Um cara desses é para votar mesmo. Sua companheira, que desconhecia as estripulias de Jota Pingo, ficou apavorada.

Jota Pingo mirava sua metralhadora na direção do então concorrente Campanella: – Tá vendo aquele ali? Tá com a panela vazia... Todo mundo ria.

No Conic, na eliminatória das marchinhas para o carnaval do Pacotão, em cima do palanque, de terno cítrico, provocava os PMs: – TPM aí?



A pauta do Movimento Invisível: O essencial é invisível aos olhos

Para os gregos, a *arkhé* (princípio invisível da unidade) e a *phýsis* (princípio visível da unidade) – o Uno – se tornam o *kosmos* – o Múltiplo –, e se articulam através de duas dimensões: ordem e caos. Esse jogo dos opostos é a fonte da Harmonia Cósmica, dado que ela, a Harmonia, representa a qualidade de relação, ordenação e organização dessas dimensões.

A origem do termo Underground está no cinema

Filme “underground” foi a expressão utilizada inicialmente pelo crítico Manny Farber para referir os filmes de aventuras masculinas, de baixo custo, feitos nas décadas de 30 e 40. Em 1959, contudo, começou-se a estabelecer uma referência entre a palavra e os filmes pessoais de arte. Em um artigo intitulado *Morning For The Experimental Film*, publicado em *Film Culture* (n.º 19, primavera, 1959), Lewis Jacobs empregou as palavras “filme que durante a maior parte de sua vida teve uma existência subterrânea”. E diz o cineasta Stan VanDerBeek ter empregado a palavra subterrâneo naquele ano para os seus filmes, e para outros, cujas características se lhes assemelhavam.



Na capa deste Greatest Hits, do Country Joe & The Fish, eu conheci a palavra underground – O selo do Terço também é Underground

O Underground é um meio de comunicação do indivíduo para ele mesmo, como pesquisador, como artista.

O produto underground é feito com muito pouco custo.

Você será uma pessoa de sorte se o seu patrocinador tiver objetivos idênticos aos seus!

Psychedelia

In the beginning was the Word and in 1966 the word was dope. Dope of all conceivable kinds arrived and spread very rapidly. It was either instrumental in altering the social climate of the young or was itself the most glaring symptom of change.

After the Beatles, groups did not need three hits before making an album. They secured more power and this began to determine the way their image was projected to the public. Groups' interest in their own covers led them to employ designers, artists and photographers of their choice. The record companies left

them to get on with it because what they got on with was found to be commercially successful.

To some extent, commercial criteria of the old order were forgotten and sleeves became abstract and as colourful and various as the records they wrapped.

The immediate result was a plethora of bizarre and colourful jackets (e.g. “Hapshash And The Coloured Coat” and “their Satanic Majesties Request”), featuring freakish photography (especially infra-red) and weird illustration. All this paved the way for diversity in sleeve design. After psychedelia anything goes. (*Album Cover Album*, Hipgnosis Dean Hamilton – Dragon’s World)

Psicodelia

Tradução de Revero Frank

No começo era a palavra, e em 1966 o mundo era droga. Drogas de todos os tipos inimagináveis, que se espalharam rapidamente. Ou foram fundamentais para alterar o clima social da juventude, ou foram o sintoma mais evidente dessa mudança.

436

Depois dos Beatles, as bandas não precisavam mais de três hits para fazer um álbum. Eles asseguraram mais poder, e isso começou a determinar o caminho da imagem que era projetada ao público. O interesse das bandas em si próprias deixou-as empregar seus designers, artistas e fotógrafos. As companhias de discos deixaram-nos fazer isso, porque havia sucesso comercial.

Até certo tempo, os critérios comerciais da velha ordem foram esquecidos, e as capas de discos tornaram-se abstratas, coloridas e variadas.

O resultado imediato foi uma infinidade de capas bizarras e coloridas (por exemplo, *Hapshash And The Coloured Coat*, “Hapshash e o Casaco Colorido”, e *their Satanic Majesties Request*, “a serviço de Sua Majestade Satânica”), que caracteriza a fotografia (especialmente em infravermelho), e a estranha ilustração. Tudo isso abriu caminho para a diversidade no desenho da capa. Depois, a psicodelia foi tudo.



Final dos anos 70

Quando o assunto são drogas, a sociedade hipócrita dos anos 70 e de outros tempos perdeu o contato com a realidade. Incapaz de políticas públicas para atendimento aos viciados, viu o quadro se tornar mais assustador do que o pintado por eles mesmos.

Os apologistas da liberdade liam William Burroughs (*Almoço Nu*) e demais escritores da Geração beat; a chocante história de Christiane F.; Carlos Castaneda (*A Erva do Diabo*); Walter Benjamin (*Haxixe*); M. Aguêiev (*Romance com Cocaína*); e Jorge Lima Barreto (*Rock & Droga*), que é um estudo de peso sobre os vícios do rock.

Nos anos 70, a sociedade queria um jovem careta. Nada de som ao ar livre e shows à noite, com as luzes do recinto acesas.

A maior repressão de costumes acontecia através da igreja anglicana e seus panfletos, e as lendas urbanas: adolescentes fugiam de casa para viver em Arembepe... à base de água de coco.

Independente deste cenário, nossa maior experiência psicodélica era na tevê, com os inocentes Monkees, em seriados da época, onde procurávamos referências.

Colecionávamos quadrinhos de Crumb e representações gráficas do cristal, mas

nunca nos pronunciávamos abertamente sobre LSD.

Antes de tudo, colecionadores...

Antes de assumir uma iniciativa artística, menos espontânea para nós que o desenho, éramos colecionadores.

Acumulávamos gibis nas estantes, colávamos recortes de jornais e revistas em livros de contabilidade, e guardávamos caixas de documentos avulsos. Particularmente, meu interesse gráfico estava ligado às iluminuras – processo ilustrativo do desbunde, da imprensa nanica, mais logotipos de bandas, e todo o processo de criação da Apple, a gravadora dos Beatles, com seus departamentos de discos, filmes, eletrônicos, butique etc.

Missão Um: conseguir os discos experimentais da Apple, que tinham edições repletas de adereços gráficos.

Missão Dois: assistir aos filmes experimentais, e de alguma forma incorporá-los ao Movimento Invisível.

Pacientemente procuramos os tais discos, com seus rótulos underground, e os verbetes East Coast, West Coast, garagem, *freaks*, Greenwich Village...

Fanzines, as revistas dos fãs

Nos anos 80, no Brasil urbano, vários garotos e garotas faziam fanzines de qualidade. No Guará II, por meio de colagens e letreiros, com letras distorcidas, baseadas nas iluminuras – power flower –, começamos nossos fanzines. E descobrimos que pertencíamos à arte lisérgica.

William “Mancha”, impressor de camisetas, fez os letreiros do primeiro e segundo números do fanzine Oldies but Goldies.

Para a quarta edição do Jornal do Rock, William “Mancha” fez o letreiro Janis Joplin, que foi o maior sucesso das edições desta era do fanzine.

Finalmente Pedro “Balla” colaborava, com a capa punk, na quinta edição do Jornal do Rock, n. 5 mar./abr. – 1983. Ele era conhecido pelas folhas tamanho ofício, com desenhos pintados a caneta bic preta, que evocavam cogumelos. – Este jornal gritava alto, e atraía a atenção!



1982 a 1989 - sete anos, dezenove fanzines. Oldies but Goldies n.º 1 – abril de 1982, fanzine apontado como um dos pioneiros de rock no DF!

No sexto número do Jornal do Rock, William “Mancha” reapareceu – com um letreiro digno da lenda Black Sabbath.

O que é eterno?

Carlos Drummond de Andrade

Eterno, é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade, que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata

Sons de estimação

Nosso cálice bento foi *Pet Sounds*, talvez a derradeira experiência psicodélica auditiva; o tempo parou.

A catarse psicodélica de 1985... Assistir ao Marco Antônio Araújo Grupo!

Em 1986, o psicodelismo ressuscitou. Todo um movimento de 1979 estava no apogeu. Agora queríamos os discos da Elektra, do The Stooges, MC5.

Foi quando surgiu a gravadora californiana Enigma Records. Naquele mar de metal, nos refugiamos na ambivalência e ambiguidade de bandas como a Plasticland.

O Movimento Invisível escreveu e editou as ideias elásticas de Arnaldo Baptista.

Para a edição do livro, foi empregada a grana de um fusca, que nunca retornou, e nunca conseguimos fazer a *Revista Psicodélica* com uma tiragem impressa. É claro, como empreendedor Do Próprio Bol\$o, minha tática para evitar o encalhe: o escambo!

The Pink Floyd lançou um vinil duplo chamado *A Nice Pair* (uma coletânea que reproduzia os dois primeiros trabalhos do conjunto inglês), e inspirou o nosso par de revistas psicodélicas. As fotocópias em preto-e-branco eram de grande qualidade, e a digitação no computador, mais prática. Agora havia a fotocópia colorida, mas que era cara. Na máquina do gabinete do ministro foram feitas as capas coloridas das revistas psicodélicas.

O par de revistas foi costurado, colado e refilado na gráfica.

Quando saiu, não escapou ao comentário: Pensei que seria impressa!

Estávamos definitivamente underground.

Foi quando o Movimento Invisível produziu um dos mais belos CDs poéticos-psicodélicos: *Onde é Que Está o Meu Rock'n'Roll – Arnaldo Baptista Novamente Revisitado*. Com a arte digital de João Del Negro para as históricas fotografias de Grace Lagôa.

O Movimento Invisível, com certeza, ficou menos evanescido, com a certeza de que as bandas que ouviram aquele disco beberam influências.

No meio de 1998, Júpiter Maça lançou *A Sétima Efervescência*, que deflagrou o último ciclo da música psicodélica brasileira.

Em Brasília, surgia uma jovem cena psicodélica: Os Mamutes; Farrapo Joe; Azul Psicodélico. Nos quintais da minha casa nasceu Karniça (um trio punk, que nunca usou este nome), depois virado Submundo Stewart. De São Paulo, vieram Trapp e Effervescing Elephant. Uma única certeza: no repertório destas bandas, canções de Syd Barrett!

O som do ALÉM (Augusto Lima e Messias)

O duo ALÉM (Messias de Oliveira Jr., o Cécé, ex-Extremo, na guitarra, e Ricardo Augusto Lima, também ex-Extremo, na bateria) representou a última experiência psicodélica, de temas longos, do Planalto! – Os dinossauros voltaram a caminhar pela Terra.

Eram longas suítes, temas instrumentais hipnóticos. Alguns ouvintes desconheciam a riqueza da melodia, outros chapavam com o som. – Quando trio, eles encaixavam momentos mágicos. Ainda que tivessem problemas de beat.

O despertar e o lento caminhar na Era Digital

Desiludido com os custos de tintas, chapas, resmas de papel, impressão, horas de gravação, aparelhagem de filmar, o Movimento Invisível seguia. Não foi preciso panfletos ou camisetas.

Sua beleza atraiu. E cegou.

De 2003 a 2014, transformava as revistas psicodélicas em site, com uma capa clássica. Em CD-ROMs. E voltava ao ostracismo. Para novamente voltar à internet, foi uma rotina árdua. Tudo em nome da independência.

Apesar do ataque recente do Ecad, que desdentou o site, nossa popularidade volta por cima.

São trinta e dois anos com o estandarte Do Próprio Bolso à frente.



A maior colaboração de Edvar Ribeiro & Pazcheco: recriação da capa de Sgt. Pepper na colagem Marmalade Skies

A fechadura disse:

- Mil fotos, e mil textos, em todas as gavetas.
- Clique nas carinhas da página de entrada. E leia os textos novos!



Hamilton 'Zen' imprimia as camisetas Do Próprio Bolço

Depois, algumas gravações, apresentações históricas, caóticas, na efemeridade característica.

